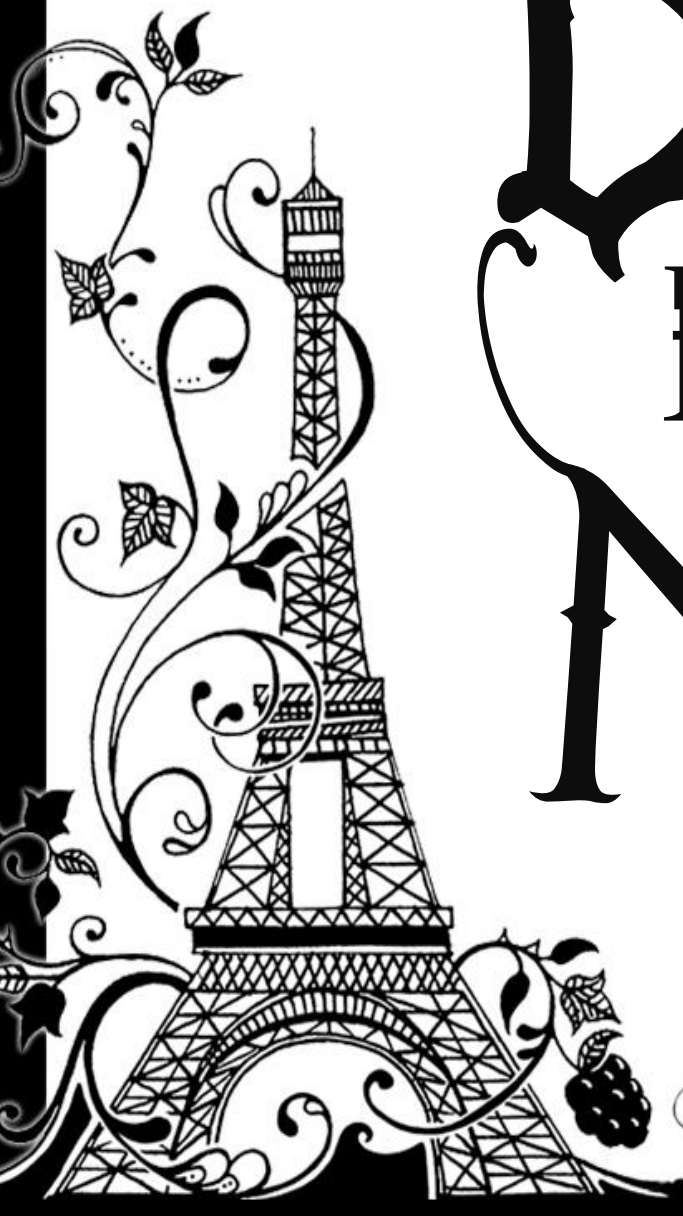
Die for Me

Would you risk your life for love?



Amy Plum

Die for Me





REVENANTS

DIE FOR ME

AMY PLUM



Papyrus

Traduções de Livros



Tradução: Feh&Taísa

Revisão: Feh

Diagramação: Shadow Hunters

Qui sait beaucoup ne craint rien.

“Do muito saber vem o nada a temer.”

NA CIDADE DAS LUZES, dois amantes lutam contra um destino que insiste em separá-los de novo e de novo, pela eternidade.

Quando os pais de Kate Mercier morrem em um trágico acidente de carro, ela deixa sua vida — e memórias — para trás para viver com seus avós em Paris. Para Kate, a única maneira de sobreviver a dor é escapando para o mundo dos livros e da arte parisiense. Até que ela conhece Vincent.

Misterioso, charmoso e devastadoramente bonito, Vincent ameaça derreter o gelo ao redor do guardado coração de Kate com apenas um sorriso. Quando ela começa a se apaixonar por Vincent, Kate descobre que ele é um revenant — um ser morto-vivo cujo destino o obriga a se sacrificar repetidamente para salvar a vida dos outros. Vincent e aqueles como ele estão ligados a uma guerra centenária contra um grupo de revenants do mal que existe apenas para matar e trair. Kate logo percebe que se ela seguir seu coração, ela poderá nunca mais estar segura novamente.

Prólogo

A primeira vez que vi a estátua na fonte, não tinha ideia do que Vincent era. Agora, quando olho para a beleza etérea das duas figuras conectadas — o lindo anjo, com suas fortes e sombrias feições focadas na mulher sendo embalada em seus braços estendidos, que era toda suavidade e luz — não me passa despercebido o simbolismo. A expressão do anjo parecia desesperada. Obcecada, até. Mas também terna. Como se ele estivesse contando com ela para salvá-lo, e não vice-versa. E de repente, o nome de Vincent me chamando veio à mente: *mon ange*. Meu anjo. Estremeci, mas não de frio.

Jeanne tinha dito que ter me encontrado tinha transformado Vincent. Eu o tinha dado uma "vida nova". Mas estava ele esperando que eu salvasse a sua alma?

CAPÍTULO 1

A MAIORIA DOS ADOLESCENTES de dezesseis anos que conheço poderia sonhar em morar numa cidade estrangeira. Mas me mudar do Brooklin[1] para Paris após a morte de meus pais era tudo, menos um sonho se tornando realidade. Estava mais para pesadelo.

Eu poderia estar em qualquer lugar, para falar a verdade, que isso não me importaria — eu estava cega para tudo ao meu arredor. Eu vivia no passado, desesperadamente agarrada a cada fragmento de memória da minha vida antiga. A vida em que cresci pensando que poderia durar para sempre.

Meus pais tinham morrido em um acidente de carro apenas dez dias depois que consegui minha carteira de motorista. Uma semana depois, no dia do Natal, minha irmã, Geórgia, decidiu que nós duas iríamos deixar a América para viver com nossos avós paternos na França. Eu estava ainda em estado de choque para discutir.

Nós nos mudamos em janeiro. Ninguém esperava que voltássemos à escola imediatamente. Então apenas passamos os dias tentando lidar de nossas próprias terríveis maneiras. Minha irmã desvairada bloqueava sua dor saindo todas as noites com os amigos que tinha feito durante nossas férias de verão. Eu me tornei uma confusa agorafóbica[2].

---

[1] Bairro do subúrbio de Nova York.

[2] Agorafóbico é o indivíduo que sofre do transtorno agorafobia, que é o medo de estar em espaços abertos ou no meio de uma multidão.

[2] Agorafóbico é o indivíduo que sofre do transtorno agorafobia, que é o medo de estar em espaços abertos ou no meio de uma multidão.

[3] Lenço molhado.

[4] Vá, filha.

[5] Voyeurismo é a prática de observar à distância e secretamente pessoas em seus atos privados.

Em alguns dias, eu conseguia chegar tão longe quanto andar para fora do apartamento e descer a rua. Então me encontrava correndo a toda velocidade para a proteção da nossa casa e longe do opressivo céu aberto, onde parecia que ele estava se fechando sobre mim. Outros dias raros, eu conseguia acordar com energia suficiente para andar até a mesa do café da manhã e então voltar para a minha cama, onde eu podia passar o resto do dia em um estupor de mágoas.

Finalmente nossos avós decidiram que devíamos passar alguns meses na casa de campo deles. — Para uma mudança de ar. — vovó disse, o que me fez ressaltar que nenhuma diferença na qualidade do ar poderia ser tão drástica quanto de Nova York para Paris.

Mas, como sempre, vovó estava certa. Passar a primavera ao ar livre nos fez um bem enorme e no final de junho nós estávamos, mesmo que por meras reflexões de nós mesmas, funcionais o suficiente para retornar a Paris e a "vida real". Isso é, se a vida poderia ser chamada de "real" de novo. Pelo menos eu estava recomeçando em um lugar que eu amo.

Não há outro lugar em que eu quisesse passar junho senão em Paris. Mesmo tendo passado todo verão lá desde que eu era bebê, nunca me passou despercebido aquele "zumbido de Paris" enquanto descia suas ruas no verão. A luz é diferente da de qualquer outro lugar. Como se tivesse saído direto de um conto de fadas, uma ondulada varinha de condão brilhante que faz você se sentir como se absolutamente qualquer coisa pudesse acontecer a você a qualquer momento e você nem sequer ser surpreendido.

Mas a época era diferente. Paris era a mesma como sempre tinha sido, mas eu tinha mudado.

Até a cidade piscando, o ar brilhante, não conseguia penetrar a mortalha de escuridão que eu sentia impregnada em minha pele. Paris era chamada de Cidade da Luz. Bem, para mim se tornou a Cidade da Escuridão.

Eu passei a maior parte do verão sozinha, caindo rapidamente numa solitária rotina: tomar café da manhã, no antiquado e escuro apartamento do vovô e da vovó, passar a manhã entretida em um dos pequenos cinemas parisienses que projetavam filmes clássicos de hora em hora, ou frequentando um dos meus museus favoritos. Então retornar para casa e ler

pelo resto do dia, jantar, e deitar na cama encarando o teto, meu ocasional sono cheio de pesadelos. Acordar. Repetir.

As únicas intrusões na minha solidão eram os e-mails dos meus amigos da minha residência anterior. — Como é a vida na França? — Eles começavam.

O que eu poderia dizer? *Depressiva*? *Vazia*? *Eu quero meus pais de volta*? Ao invés disso, mentia. Dizia a eles que eu estava realmente feliz vivendo em Paris. Que era uma coisa boa meu francês e o de Geórgia ser fluente, pois estávamos conhecendo muitas pessoas. Que eu mal podia esperar para começar em minha nova escola.

Minhas mentiras não eram com intenção de impressioná-los. Eu sabia que eles sentiam muito por mim, e eu só queria assegurá-los que eu estava bem. Só que toda vez que pressionava enviar e então lia a resposta no meu e-mail, me dava conta do quão vasto era o abismo entre minha vida real e a fictícia que criei para eles. E isso me deixou ainda mais depressiva.

Finalmente entendi que realmente não queria falar com alguém. Uma noite sentei por quinze minutos com as mãos paradas sobre o teclado, procurando desesperadamente por alguma coisa ainda fracamente positiva para dizer a minha amiga Claudia. Eu cliquei fora da mensagem e, após tomar uma profunda respiração, apaguei completamente meu endereço de e-mail da internet. O Gmail perguntou se eu tinha certeza.

— Ah sim. — eu disse enquanto clicava no botão vermelho. Um enorme peso desapareceu dos meus ombros. Depois disso, empurrei meu laptop para dentro da gaveta e não o abri mais até a escola começar.



Vovó e Geórgia me encorajavam a sair e conhecer pessoas. Minha irmã me convidou para ir com ela e seu grupo de amigos tomar sol na sua praia artificial localizada próxima ao rio, ou para bares e ouvir música ao vivo, ou

para clubes onde eles dançavam nos finais de semana à noite. Depois de um tempo, elas desistiram de perguntar.

— Como você pode dançar depois do que aconteceu? — eu finalmente perguntei a Geórgia uma noite em que ela estava sentada no chão do seu quarto, passando maquiagem em frente a um espelho dourado estilo rococó que ela tinha tirado da parede e colocado adequadamente contra a estante.

Minha irmã era dolorosamente bonita. Seu cabelo loiro morango estava num corte curto de fada que apenas faces com maçãs do rosto proeminentes poderiam tê-lo. Sua pele de pêssego e creme era salpicada por finas sardas. E, como eu, ela era alta. Diferente de mim, ela tinha uma imagem arrebatadora. Eu poderia matar pelas suas curvas. Ela parecia ter vinte e um ao invés de algumas tímidas semanas de dezoito anos.

Ela virou seu rosto para mim.

— Me ajuda a esquecer. — ela disse, aplicando uma nova camada de rímel. — Me ajuda a sentir que estou viva. Estou tão triste quanto você está, Katie-Bean[3]. Mas esta é a única maneira que sei lidar com isso.

Eu sabia que ela estava sendo sincera. Eu a escutava no seu quarto nas noites em que ela ficava em casa, soluçando como se seu coração tivesse sido se despedaçado.

— Não faz nenhum bem a você andar deprimida —, ela continuou suavemente. — Você deveria passar mais tempo com as pessoas. Para se distrair. Olha para você —, ela disse, afastando o rímel e me colocando na sua frente. Ela virou minha cabeça para encarar o espelho próximo a ela.

Se nos vissem juntas, jamais conseguiriam adivinhar que éramos irmãs. Meu cabelo castanho comprido estava sem vida; minha pele, que graças aos genes da minha mãe, nunca se bronzeava e estava mais pálida do que o normal.

E meus olhos azul-esverdeados eram tão diferentes dos sensuais da minha irmã de pálpebras pesadas "olhos adormecidos". "Olhos de amêndoas", minha mãe chamava os meus, mais para o meu desgosto. Eu preferiria ter um formato de olho que atraísse encontros fulminantes do que os descritos por uma noz.

---

[3] apelido carinhoso.

— Você é linda. — Geórgia concluiu. Minha irmã... Minha única fã.

— Sim, diga isso à multidão de garotos enfileirados do lado de fora da porta. — eu disse, com uma carranca mal disfarçada.

— Bem, não vai encontrar um namorado passando o tempo todo isolada. Se você não parar de sair para museus e cinemas, vai começar parecer como uma daquelas mulheres do século dezenove de seus livros, que estavam sempre morrendo de consumo ou drogas, ou o que quer seja. — ela se virou para mim — Escute, não irei perturbar você para sair comigo se você me conceder um desejo.

— Apenas me chame de fada madrinha. — eu disse, tentando fazer careta.

— Livre-se dos seus livros irritantes, vá lá fora e sente-se em um café. À luz do dia. Ou à luz da noite, não me importo qual. Apenas vá porta afora e sugue uma boa dose de poluição rodando o ar dentro desses seus desgastados, consumados pulmões do século dezenove. Cerca-se de pessoas, pelo amor de Deus.

— Mas eu *vejo* pessoas. — comecei.

— Leonardo da Vinci e Quentin Tarantino não valem. — ela me interrompeu.

Calei a boca.

Geórgia se levantou e jogou a alça de sua bolsinha chique de mão acima do braço.

— Não é você que está morta —, ela disse — Mamãe e papai estão. E eles iriam querer que você vivesse.

Capítulo 2

— Onde você está indo? — Vovó perguntou, metendo a cabeça para fora da cozinha enquanto eu destrancava a porta da frente.

— Geórgia disse que meus pulmões estavam precisando de poluição de Paris. — respondi, passando minha bolsa de livros atravessada em meu ombro.

— Ela está certa — ela disse, vindo ficar na minha frente. Sua testa mal alcançava meu queixo, mas sua perfeita postura e tamanho do seu salto a fez parecer muito mais alta. Apenas a poucos anos dos setenta, a jovial aparência de vovó reduzia no mínimo uma década da sua idade.

Quando era uma estudante de arte, ela tinha conhecido meu avô, um bem sucedido negociante de antiguidades que a bajulou exageradamente como se ela fosse uma das preciosas estátuas ancestrais. Agora ela passava seus dias restaurando pinturas antigas no seu estúdio de teto de vidro, no andar de cima do seu apartamento.

— *Allez, file*[4]! — ela disse diante de mim, em sua adorável pequena forma. — Vá. Essa cidade poderia usar um pouco de *Katya* para se iluminar.

[4] Vá, filha.

Eu dei a minha avó um beijo na sua bochecha macia e rosada e, pegando minhas chaves na mesa da sala, fiz meu trajeto pelas pesadas portas de madeira, descendo a escada espiral de mármore, para a rua gritante.



Paris é dividida em vinte bairros e cada um é chamado por um número. O nosso, o dezessete, é um velho, saudável bairro. Se você quisesse viver na convergente parte de Paris, não conseguiria não se mudar para o dezessete. Mas desde que meus avós moram a uma curta distância da Avenida Saint-Germain, que é lotada de cafés e lojas, e a apenas quinze minutos da margem do rio Siena, eu certamente não estava reclamando.

Pisei porta afora direto na clara luz do dia e escapei para o parque em frente ao prédio dos meus avós. Ele era cheio de árvores velhas e bancos verdes de madeira, dando a impressão de que se levavam segundos para atravessá-lo, e que Paris era uma cidade pequena e não a capital da França.

Descendo a *Rue Du Bac*, eu passei por um punhado de lojas de roupas muito caras, de decoração de interiores, e lojas de antiguidades. Nem ao menos parei quando passei pelo Café do Vovô: o único ao qual ele tinha nos levado desde que éramos bebes, onde sentávamos e bebíamos água aromatizada com menta enquanto vovô papeava com qualquer coisa que se movia. Sentar próxima a um grupo de amigos dele, ou até mesmo do outro lado do terraço do próprio vovô, era a última coisa que eu queria. Estava focada em descobrir meu próprio café.

Eu estava pesando a ideia sobre outros dois lugares da região. O primeiro era em uma esquina, com um interior escuro e um rol de mesas espalhadas no lado de fora do prédio na calçada. Era provavelmente mais calmo que a minha outra opção. Mas quando pisei dentro, vi uma linha de homens velhos sentados silenciosamente em suas posições ao longo do balcão do bar com copos de vinho tinto em frente a eles.

Suas cabeças giraram vagarosamente para checar o recém-chegado e, quando eles me viram, olharam com choque como se eu estivesse vestindo uma gigante fantasia de galinha. *Eles provavelmente devem ter uma placa na porta "Somente Senhores Idosos".* Pensei, e corri para a minha segunda opção: um movimentado café a poucos quarteirões no final da rua.

Por causa da fachada de vidro, o Café Sainte-Lucie aparentava ser mais espaçoso em seu iluminado interior. O ensolarado pátio ao ar livre continha vinte e cinco mesas, que estavam frequentemente cheias. Enquanto eu fazia o meu caminho em direção a uma mesa vazia no canto distante, eu sabia que esse era o meu café. Eu já sentia como se pertencesse a este lugar. Joguei minha bolsa embaixo da mesa e sentei de costas para o edifício, garantindo uma vista ampla do terraço, bem como da rua e da calçada ao lado.

Uma vez sentada, disse ao garçom que eu queria uma limonada, e então puxei da bolsa uma cópia de *A Idade da Inocência,* que eu tinha escolhido da lista de verão da escola que estaria começando em setembro. Envolvida pelo cheiro de café forte se dissipando por todos os lados, me distrai no distante universo do livro.

— Outra limonada? — a voz francesa veio flutuando pelas ruas de Nova York do século dezenove em minha mente, jogando-me abruptamente de volta ao café parisiense. Meu garçom posicionado ao meu lado, segurando sua bandeja redonda acima do seu ombro e olhando cada parte como um gafanhoto constipado.

— Ah, claro. Um... Eu acho que vou ficar com um chá, na verdade. — disse, me dando conta de que sua intromissão significava que eu estava lendo por cerca de uma hora. Existe uma não pronunciada lei nos cafés franceses que é: uma pessoa pode sentar em suas mesas o dia inteiro se assim quiser, contanto que peça uma bebida por hora. É como estar alugando a mesa.

Eu olhei de relance indiferente ao redor antes de olhar novamente para a página, mas levei o dobro quando notei alguém me encarando do outro lado do terraço. E o mundo ao meu redor congelou quando nossos olhos se encontraram.

Eu tinha uma estranha sensação de que conhecia aquele rapaz. Tinha me sentido desse jeito com estranhos antes, era como se eu tivesse passado horas, semanas, até anos com a pessoa. Mas na minha experiência, sempre

tinha acontecido de um único jeito o fenômeno: a outra pessoa nunca havia me notado.

Esse não era o caso agora. Eu podia jurar que ele sentiu o mesmo.

Pelo jeito que o seu olhar estava posicionado fixamente, eu sabia que ele estava me encarando há um tempo. Ele era de tirar o fôlego, com o seu cabelo preto e comprido balançando para cima e para baixo da sua testa. Sua pele de oliva me fez achar que ou ele passava muito tempo fora de casa ou veio de algum lugar mais ao sul e ensolarado de Paris. E os olhos que encaravam dentro dos meus eram tão azuis quanto o mar, alinhados com espessas sobrancelhas escuras. Meu coração deu um pulo dentro do peito, e pareceu como se alguém tivesse retirado todo o ar dos meus pulmões. E contrariando a mim mesma, eu não conseguia quebrar o nosso olhar.

Alguns segundos se passaram, e então ele se virou para os seus dois amigos, que estavam rindo muito alto. Os três eram jovens, lindos e intensos, com aquele tipo de carisma que justificava o fato de que todas as mulheres no local estavam sob seus encantos. Se eles notaram, não deixaram transparecer.

Sentado próximo do primeiro garoto, estava um cara notavelmente bonito, forte como uma rocha, de shorts, cabelo curto repicado e pele de um chocolate escuro. Enquanto eu o olhava, ele se virou e me deu um brilhante sorriso compreensivo, como se entendesse que eu não podia resistir a observá-lo. Sacudindo fora o meu transe voyeurista[5], meus olhos precipitaram para baixo no livro por pouco segundos, e na hora que me atrevi a olhar de novo, ele tinha desviado o olhar.

Próximo a ele, de costas para mim, estava um garoto magro, de pele clara levemente queimada de sol, costeletas e cabelo castanho cacheado, animadamente contando uma história que fez os outros dois gargalharem.

Eu estudei o primeiro que tinha a princípio pego minha atenção. Apesar de provavelmente ser alguns anos mais velho que eu, supus que ainda não passasse dos vinte. Ele se inclinou para trás na cadeira daquele jeito suave de homem francês. Mas algo um pouco frio e duro no conjunto das suas feições

[5] Voyeurismo é a prática de observar à distância e secretamente pessoas em seus atos privados.

sugeria que aquela pose inofensiva era apenas fachada. Não era como se ele parecesse cruel. Era mais que isso, ele parecia... Perigoso.

Embora tenha me intrigado, eu conscientemente apaguei o rosto do garoto de cabelo escuro da minha mente, convencida de que aparência perfeita mais perigosa era igual a problemas. Eu peguei meu livro e dediquei minha atenção a ele, de volta aos charmes mais seguros do Newland Archer[6]. Mas não pude me conter em dar outra espiada quando o garçom retornou com o meu chá. Irritantemente, não fui capaz de voltar ao ritmo do meu livro.

Quando a mesa dele se levantou meia hora depois, isso chamou minha atenção. Podia-se sentir a concentrada tensão feminina no ar quando os três rapazes andaram pelo terraço. Como se um time de modelo de roupas íntimas da Armani tivesse andando direto para o café e, ao mesmo tempo, tirado todas as roupas.

A senhora mais velha próxima a mim inclinou sua cabeça para a companheira de café e disse: — De repente ficou excepcionalmente quente, você não acha? — Sua amiga riu em concordância, se abanando com o cardápio de plástico e comendo os garotos com os olhos. Eu balancei a cabeça com desgosto — não tinha como esses caras não perceberem as dezenas de olhos atirando setas de luxúria em suas costas enquanto iam embora.

Inesperadamente, provando a minha teoria, o de cabelo preto olhou para mim e, confirmando que eu o estava observando, sorriu pretensiosamente. Sentindo o sangue subir para as minhas bochechas, escondi o rosto no meu livro para que assim ele não tivesse a satisfação de me ver corar.

Tentei ler as palavras na página por mais alguns minutos antes de desistir. Minha concentração se foi, paguei pelas minhas bebidas, e deixando uma gorjeta em cima da mesa, fiz meu caminho de volta para a *Rue Du Bac*.

[6] Protagonista do livro A Idade da Inocência, da autora Edith Wharton.

Capítulo 3

A VIDA SEM PAIS NÃO ESTAVA ficando nem um pouco mais fácil. Tinha começado a me sentir como se estivesse envolvida em uma camada de gelo.

Estava fria por dentro. Mas me agarrei ao frio pela minha querida vida: quem sabia o que poderia acontecer se eu deixasse o gelo derreter e realmente começasse a sentir as coisas de novo? Eu poderia provavelmente me tornar uma idiota chorona e retornar a ser uma completa inútil como estive sendo pelos primeiros dois meses após meus pais morrerem.

Eu sentia falta do meu pai. Seu desaparecimento da minha vida foi insuportável. Aquele homem francês elegante que qualquer pessoa gostava no instante em que olhava dentro dos seus risonhos olhos verdes. Quando ele me via e seu rosto se iluminava em uma expressão de pura adoração, eu sabia que não importava quais coisas estúpidas eu pudesse fazer na vida, sempre teria um fã nesse mundo torcendo por mim da arquibancada.

Quanto à mamãe, sua morte rasgou meu coração para fora, como se tivesse sido uma parte física de mim arrancada com um bisturi. Ela era uma alma gêmea, um "espírito irmão", como ela costumava dizer. Não que nós sempre nos demos bem. Mas agora que ela se foi, eu tinha que aprender a viver com um enorme e queimante vazio que sua ausência deixou dentro de mim.

Se eu pudesse escapar da realidade por apenas algumas horas durante a noite, talvez minhas horas acordada fossem mais suportáveis. Mas dormir era meu próprio pesadelo particular. Eu podia deitar na cama até finalmente sentir meus dedos varrerem o meu rosto com dormência e assim pensar, *Finalmente! E*ntão meia hora depois estaria acordada de novo.

Uma noite eu estava na extremidade da minha sagacidade, cabeça no travesseiro e olhos abertos encarando o teto. Meu relógio despertador mostrava uma hora da manhã. Eu pensei sobre a longa noite a frente e me arrastei para fora da cama, pescando roupas que eu tinha usado no dia anterior e as coloquei. Ao pisar no corredor, vi uma luz que vinha debaixo da porta da Geórgia. Bati e virei a maçaneta.

— Hey —, Geórgia murmurou para mim de cabeça para baixo. Ela estava deitada completamente vestida em sua cama, da cabeça aos seus pés. — Acabei de chegar em casa. — ela acrescentou.

— Você também não consegue dormir —, eu comentei. Isso não era uma pergunta. Nós conhecíamos uma a outra muito bem. — Por que você não vem dar uma caminhada comigo? — eu perguntei. — Não suporto ficar deitada na cama acordada a noite inteira. É apenas julho e eu já li todos os livros que possuo. Duas vezes.

— Você está louca? — Geórgia disse, rolando sobre a barriga. — É plena madrugada.

— Na verdade, é tipo o começo da noite. É apenas uma da manhã. Pessoas ainda estão nas ruas. E, além do que, Paris é a mais segura -

— Cidade na Terra. — Geórgia terminou minha frase. — A frase favorita do vovô. Ele poderia conseguir um emprego como guia turístico. Tudo bem. Por que não? Não irei dormir tão cedo mesmo.

Saímos nas pontas dos pés até a frente do corredor e, com um silencioso *click*, facilitamos a abertura da porta e a fechamos atrás da gente. Uma vez lá embaixo na sala de espera, nós paramos para colocar nossos sapatos e então saímos para dentro da noite.

Uma lua cheia pairava Paris, pintando as ruas com um brilho prateado. Sem uma palavra, Geórgia e eu fomos em direção ao rio. Tinha sido o centro

de todas as nossas atividades desde que começamos a vir aqui quando crianças, e nossos pés sabiam o caminho.

Na margem do rio, nós descemos os degraus de pedra num caminho que se estendia por Paris ao longo da água e pelo leste acima dos ásperos paralelepípedos. A presença massiva achatada do Museu do Louvre apenas visível no lado oposto.

Ninguém estava à vista, nem abaixo do cais ou acima do nível da rua. A cidade estava silenciosa com exceção do bater das ondas e do som ocasional de carros. Nós andamos alguns minutos sem falar antes de Geórgia parar abruptamente e agarrar meu braço.

— Olhe —, ela sussurrou, apontando em direção à ponte *Carrousel* bem acima do nosso caminho a quase quinze metros e meio de altura. Uma garota, que parecia ter a nossa idade, balançou no amplo corrimão de pedra, inclinada perigosamente para a água. — Oh! Meu Deus, ela vai pular! — soprou Geórgia.

Minha mente correu enquanto avaliava a distância. — A ponte não é alta o suficiente para ela se matar.

— Isso depende da profundidade da água — o quanto fundo é. Ela está próxima da margem. — Geórgia respondeu.

Nós estávamos muito longe para ver a expressão da garota, mas seus braços estavam agarrados à barriga enquanto ela olhava para baixo, para as ondas escuras e frias.

Nosso foco rapidamente mudou para o túnel embaixo da ponte. Mesmo durante o dia, era assustador. Pessoas de rua dormiam debaixo dela quando o clima estava frio. Eu nunca tinha realmente visto alguém lá dentro quando eu corria pela umidade pútrida à luz do sol do outro lado. Mas os velhos colchões sujos e as divisórias feitas de caixas de papelão deixavam isso claro que, para algumas infortunadas almas, o túnel era um local privilegiado da real estadia de Paris. E agora, dessa escuridão transcendental veio sons de briga.

Teve um movimento no topo da ponte. A garota ainda se posicionava imóvel no corrimão, mas agora um homem se aproximava dela. Ele andou lenta e cuidadosamente, como se não quisesse alarmá-la. Quando chegou em uma pedra a poucos passos de distância, ele estendeu o braço oferecendo a

garota sua mão. Eu podia ouvir a voz baixa — ele estava tentando fazê-la desistir.

A garota se moveu rapidamente, girando para olha-lo, e o homem esticou sua outra mão, estendendo ambos os braços em direção a ela, suplicando para ela se afastar da beirada. Ela balançou a cabeça. Ele deu outro passo em direção a ela. Ela envolveu os braços mais apertados em seu torso e saltou.

Não foi exatamente um salto. Foi mais como uma queda. Como se estivesse oferecendo seu corpo em sacrifício à gravidade e a deixando fazer o que quisesse com ela. Ela arqueou para frente, sua cabeça batendo na água segundos depois.

Eu senti alguma coisa apertar meu braço e me dei conta de que Geórgia e eu estávamos agarradas uma na outra enquanto assistíamos a horrível cena. — Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus —, Geórgia repetia sem parar entre a respiração.

Um movimento no topo da ponte atraiu meus olhos para cima, na superfície iluminada pela lua, onde estive observando por qualquer vestígio da garota. O homem que tentou persuadi-la a descer, agora estava na margem da ponte, seus amplos braços transformando seu corpo na forma de uma cruz quando ele se jogou poderosamente para frente. O tempo pareceu parar quando ele pairou no ar como um gigante pássaro de rapina entre a ponte e a escura superfície da água.

E naquela fração de segundo, a luz de um poste à beira da água iluminou seu rosto. Reconhecimento se agitou por mim. Era o garoto do Café Sainte-Lucie.

O que no mundo ele estava fazendo aqui tentando influenciar uma garota adolescente a desistir de uma tentativa de suicídio? Ele a conhecia? Ou era apenas um passante que decidiu se envolver?

Seu corpo cortou limpo através da superfície da água e desapareceu de vista.

Um grito irrompeu debaixo da ponte, e silhuetas agachadas apareceram na turva escuridão do túnel. — Mais que-! — Geórgia exclamou. Ela foi interrompida por um flash de luz e um afiado som de metal quando duas figuras começaram a surgir da escuridão. Espadas. Eles estavam lutando com espadas.

Pareceu que Geórgia e eu nos lembramos ao mesmo tempo que tínhamos pernas, e começamos a correr de volta em direção ao caminho da escada por onde tínhamos vindo. Antes que pudéssemos alcançá-la, a forma de um homem se materializou na escuridão. Eu não tive tempo de gritar antes dele me pegar pelos ombros para me impedir de atravessá-lo por baixo. Geórgia congelou em seu caminho.

— Boa noite, damas. — veio uma suave voz de barítono.

Meus olhos tentaram redirecionar no meu objetivo — as escadas — que uma pessoa estava me impedindo de chegar até elas. — Solte-me. — eu consegui gaguejar em meu medo, e ele imediatamente deixou cair o abraço. Andando para trás, eu me encontrei a centímetros de outro rosto familiar. Seu cabelo estava escondido por um boné preto bem preso, mas eu poderia ter o reconhecido em qualquer lugar. Era o amigo musculoso do garoto que tinha acabado de mergulhar dentro do *Sena.*

— Vocês não deveriam estar aqui embaixo sozinhas tão tarde da noite. — ele disse.

— Tem alguma coisa acontecendo ali. — Geórgia ofegou. — Uma luta.

— Procedimento policial —, ele disse, circulando a gente e aplicando uma leve força em nossas costas, nos direcionando rapidamente para o caminho das escadas.

— Procedimento policial com *espadas*? — eu perguntei, incrédula, quando nós alcançamos o nível da rua.

— Atividade de gangue —, ele disse brevemente, já se virando de costa para a escadaria. — Eu ia querer estar tão longe daqui quanto pudesse, assim como vocês podem. — ele disse por cima do ombro quando alcançou as escadas num instante. Ele arrancou em direção ao túnel onde apenas duas cabeças submergiram do rio perto do solo. Senti um imenso alívio quando os vi vivos.

O cara que tinha nos direcionado chegou quando eles alcançaram a terra, e colocou a suicida a salvo.

Um urro de dor quebrou o ar da noite, e Geórgia agarrou meu braço. — Vamos sair daqui.

— Espere. — eu hesitei. — Nós não deveríamos fazer alguma coisa?

— Como o quê?

— Como chamar a polícia?

— Eles *são* a polícia. — ela disse incerta.

— Sim, certo. Eles definitivamente não parecem com a polícia. Eu poderia jurar que reconheci aqueles caras sendo do nosso bairro. — nós ficamos olhando impotentes uma para a outra por um segundo, tentando absorver o que tínhamos acabado de ver.

— Bem, talvez o nosso bairro esteja sobre vigilância de uma equipe secreta da SWAT. — Geórgia disse. — Você sabe, Catherine Deneuve mora logo abaixo da rua.

— Sim, certo, como se Catherine Deneuve tivesse seu próprio cara gostoso do time da SWAT protegendo o bairro de celebridades perseguidas por espadas.

Incapazes de nos conter, explodimos em risadas.

— Nós não deveríamos estar rindo. Isso é sério! — Geórgia gaguejou, uma lágrima escorrendo por sua bochecha.

— Eu sei. — funguei, me recompondo.

Embaixo no rio, a garota e seu salvador tinham desaparecido, e a luta soou longe. — Veja, acabou de qualquer forma —, Geórgia disse. — É muito tarde para fazermos qualquer coisa, mesmo se quiséssemos.

Nós nos viramos em direção à calçada quando duas figuras dispararam escada acima atrás de nós. Fora da minha visão periférica. Eu os vi se aproximando a toda velocidade e agarrando o braço da Geórgia para tirá-la do caminho. Eles passaram correndo nos perdendo por poucos centímetros — dois homens enormes vestidos com roupas escuras, com capuzes cobrindo seus rostos. Um brilho de metal refletiu abaixo de suas longas flanelas. Saltando para dentro do carro, eles arrancaram a máquina com um rugido. Mas antes de partirem, eles puxaram para o lado da minha irmã e do meu, e desaceleraram a um ritmo de lesma. Eu podia senti-los nos encarando através das janelas escuras.

— Está olhando o quê? — Geórgia gritou, e eles dispararam ao longo da estrada. Nós ficamos lá por um tempo, atordoadas. A luz da sinalização de

pedestres ficou verde, e Geórgia entrelaçou seu braço ao meu quando pisamos na rua.

— Noite estranha. — ela disse finalmente, quebrando nosso silêncio.

— Concordo —, eu disse. — Nós deveríamos contar sobre isso para a vovó e o vovô?

— O que? — Geórgia riu. — E estragar a ilusão de "Paris segura" do vovô? Eles nunca mais nos deixariam sair de casa novamente.

Capítulo 4

Quando saí para a confortante e segura luz da manhã no dia seguinte, os eventos da noite anterior pareciam irreais. Não havia nada sobre o que tínhamos visto nos noticiários. Mas Geórgia e eu não pudemos ignorar aquilo assim tão facilmente.

Nós os discutimos algumas vezes, embora não tenhamos chegado perto de entender o que tinha acontecido. Nossas teorias correram sobre coisas banais como fanáticos de Dungeons & Dragons[7] encenando ao ar livre em mais um dramático (e muitas risadas) cenário de tempos remotos com donzelas e cavaleiros.

Embora eu tenha continuado a fazer todas as minhas leituras no Café Sainte-Lucie, não vi mais o misterioso grupo de rapazes deslumbrantes de novo. Após duas semanas, eu já conhecia todos os garçons, bem como os donos, e vários dos clientes regulares se tornaram rostos familiares: velhinhas com suas xícaras de chá carregando em suas bolsas de mão seus Yorkshine terriers[8] comendo em seus pratos. Homens de negócios com ternos aparentemente caros falando sem parar em seus celulares e paquerando toda garota bonita que passava por eles. Casais de todas as idades de mãos dadas debaixo das mesas.

[7] Dungeons & Dragons é um RPG de fantasia medieval.
[8] Raça de cachorro.

Em uma tarde de sábado, eu estava espremida na minha mesa habitual no canto esquerdo do terraço, lendo *Para Matar Um Rouxinol.* Embora essa fosse a terceira vez que o estava lendo, algumas passagens ainda me traziam lágrimas aos olhos. Como a de agora estava fazendo.

Eu usei o truque cravar-unha-na-palma, que, se doesse bastante, poderia me impedir de chorar em público. Infelizmente, hoje não estava funcionando, eu podia sentir que os meus olhos estavam ficando vermelhos e molhados. *Isso é tudo o que eu precisava — chorar na frente da minha plateia regular do café quando justamente estou começando a conhecê-la,* pensei, espiando para cima para ver se alguém tinha me notado.

E lá estava ele. Sentando a algumas mesas de distância, me olhando intensamente como tinha feito da primeira vez. Era o garoto de cabelos negros. A cena do rio, com ele saltando da ponte para salvar a vida de alguém, sentia como se tivesse sido nada mais que um sonho. E aqui estava ele, em plena luz do dia, bebendo café com um de seus amigos.

Por quê? Eu quase disse em voz alta. Por que eu tinha que estar toda chorosa por um livro enquanto esse muito-fofo-para-ser-verdade garoto francês estava me encarando a menos de 5 metros?

Eu bati meu livro ao fechar e deixei um pouco de dinheiro em cima da mesa. Mas assim que comecei a ir em direção à saída, as idosas da mesa próxima a minha se levantaram e começaram a mexer nas suas enormes pilhas de sacolas de compras. Eu me mexi impaciente até que finalmente uma delas se virou. — Sinto muito querida, mas nós vamos levar mais um minuto. Apenas vá pelo lado. — E praticamente me empurrou na direção em que os garotos estavam sentados.

Eu mal tinha dado um passo ao redor da mesa quando escutei uma voz baixa atrás de mim.

— Você não está esquecendo algo? — alguém perguntou em francês.

Eu me virei para ver o garoto parado a centímetros de mim. Ele era ainda mais lindo do que parecia a distância, apesar da sua aparência refletir a mesma insensível frieza que eu tinha notado na primeira vez em que o vi. Ignorei o repentino solavanco no meu peito.

— Sua bolsa. — ele disse, segurando minha bolsa de livros na minha frente, balançando a alça com dois dedos.

— Hum —, eu disse, perturbada por sua proximidade. Então, vendo sua expressão irônica, me recompus. *Ele pensa que eu sou uma total idiota por ter deixado minha bolsa para trás.* — Quanta gentileza sua. — eu disse rispidamente, alcançando a bolsa quando tentava salvar qualquer resquício de confiança dentro de mim.

Ele puxou seu braço de volta, me deixando agarrar o vento. — O que? — ele perguntou divertido. — Por que está com raiva de *mim?* Não é como se eu a tivesse roubado.

— Não, claro que não. — eu bufei, esperando.

— Então... — ele disse.

— Então... Se estiver tudo bem para você, eu só vou pegar minha bolsa agora. — eu disse, alcançando e pegando as alças na minha mão dessa vez. Ele não a soltou.

— Que tal uma troca? — ele ofereceu um sorriso se contraindo nos cantos da boca. — Eu irei te dar sua bolsa se você me disser seu nome.

Eu fiquei embasbacada, incrédula, e então dei um puxão na bolsa — justamente quando ele a soltou. Seu conteúdo se espalhando por toda a calçada. Balancei a cabeça em descrença. — Ótimo! Muito obrigada!

Tão elegantemente quanto podia, eu me agachei de joelhos e comecei a juntar batom, rímel, carteira, celular, e o que parecia ser um milhão de canetas e pequenas sobras de papel dentro da bolsa. Olhei para trás para vê-lo inspecionando meu livro.

— *Para Matar Um Rouxinol. Em inglês!* — ele comentou sua voz entonada com surpresa. E então, com um leve sotaque, porém perfeito inglês, ele disse —, Ótimo livro — você já viu o filme... Kate?

Meu queixo caiu. — Mas... Como você sabe o meu nome? — eu consegui proferir.

Ele estendeu a outra mão me passando minha carteira de motorista, que continha uma foto de rosto extremamente feia. A essa altura minha humilhação era tanta que eu nem sequer podia olhá-lo nos olhos, embora sentisse o seu olhar fixo queimando em mim.

— Escute —, ele disse, se inclinando para perto. — Eu realmente sinto muito. Eu não pretendia deixar sua bolsa cair.

— Pare de exibir sua impecável habilidade linguística, Vincent, ajude a garota a se levantar e deixe-a ir embora. — veio outra voz em francês. Eu me virei para ver meu torturador — o cara de cabelo cacheado — segurando minha escova de cabelo, com uma expressão de leve divertimento enrugando seu rosto mal barbeado.

Ignorando a mão de Vincent que estava estendida para me ajudar a levantar, eu cambaleei para cima e me limpei. — Aqui está. — ele disse me entregando o livro.

Eu o peguei com um embaraçoso aceno de cabeça. — Obrigada —, respondi curtamente, tentando não correr enquanto tentava o mais rápido possível sair do café para a rua. Enquanto eu esperava pela luz do sinal de pedestres mudar, cometi o erro de olhar para trás. Ambos os garotos estavam olhando na minha direção. O amigo de Vincent disse alguma coisa para ele e balançou a cabeça. *Nem posso imaginar o que eles estão falando de mim,* pensei, e grunhi.

Mudando para vermelho o sinal, atravessei a rua sem olhar na direção deles novamente.



Nos dois dias seguintes, eu vi o rosto de Vincent em todos os lugares. Na mercearia da esquina, subindo os degraus do metrô, sentado em todo terraço de café em que eu passava. Claro, quando eu dava uma melhor olhada em cada um desses caras, nunca era realmente ele. Para me irritar ainda mais, eu não conseguia parar de pensar nele, e ainda pior, meus sentimentos eram igualmente divididos entre a prudente autopreservação e paixão descarada.

Para ser honesta, eu não estava chateada com a dúvida. Pela primeira vez eu tinha outra coisa para pensar além de acidentes de carro fatais e o que diabos iria fazer da vida. Eu tinha pensado ter descoberto antes do acidente, mas agora meu futuro se estendia diante de mim como um ponto de interrogação de quilômetros de extensão. Ocorreu-me que minha fixação

pelo “cara misterioso” possa ser apenas uma maneira da minha mente se dar uma folga da minha confusão e luto. E finalmente decidi que se esse fosse o caso, eu não me importava.



Quase uma semana tinha se passado desde o meu impasse com Vincent no Café Sainte-Lucie, e apesar de ter feito das minhas sessões de leitura ali um hábito diário, eu não tinha visto um traço dele ou de seus amigos. Eu estava agora no que eu considerava a minha mesa de canto particular, terminando ainda outra novela de Wharton do programa de estudos da escola (meu futuro professor de inglês era obviamente um grande fã), quando notei uma dupla de adolescentes sentados do outro lado do terraço. A garota tinha um corte de cabelo loiro curto e uma risada tímida e, a maneira natural como ela se mantinha inclinada em direção ao garoto ao lado dela, me fez pensar que eles eram um casal. Mas ao completar meu exame sobre ele, percebi como suas feições eram parecidas, apesar do cabelo dele ser um dourado avermelhado. Eles tinham que ser irmãos. E uma vez que a ideia surgiu em minha cabeça, sabia que estava certa.

A garota de repente levantou sua mão para fazer o garoto parar de falar e começou a olhar pelo terraço, como se procurando por alguém. Seus olhos pararam em mim. Por um segundo ela hesitou, e depois acenou urgentemente para mim. Eu apontei para mim mesma com um olhar questionador. Ela acenou com a cabeça e gesticulou me chamando.

Perguntando o que ela poderia possivelmente querer comigo. Lentamente, comecei a fazer o caminho até a mesa deles. Ela se levantou alarmada, fazendo sinal para eu me apressar.

Assim que deixei meu cantinho seguro e contornei a minha mesa, uma colisão enorme veio por trás de mim, e eu estava caída achatada no chão. Senti picadas no meu joelho e levantei a cabeça para ver sangue no chão sob meu rosto.

— Mon Dieu! — gritou um dos garçons, e se embaralhou sobre as mesas e cadeiras derrubadas para me ajudar a ficar em pé. Lágrimas de choque e dor encheram meus olhos.

Ele arrancou uma toalha do seu avental de cintura e limpou meu rosto com ela. — Você tem apenas um pequeno corte em sua sobrancelha. Não se preocupe. — eu olhei para a minha perna ardendo e vi que meu jeans estava rasgado e meu joelho completamente esfolado.

Enquanto eu procurava por mais lesões, ficou claro para mim que o terraço estava completamente silencioso. Mas ao invés de estarem focadas em mim, as faces atônitas do Café Sainte-Lucie olhavam algo às minhas costas.

O garçom parou de limpar minha sobrancelha ao olhar de relance por acima do meu ombro, seus olhos se arregalaram. Seguindo o seu olhar, vi que a minha mesa tinha sido demolida por um grande pedaço esculpido de alvenaria que tinha caído da fachada do prédio. Minha bolsa estava deitada ao lado, mas a minha cópia de *Casa da Alegria* ficou presa sob o peso da enorme pedra, exatamente onde eu tinha estado sentada.

Se eu não tivesse me movido, poderia estar morta, pensei, e meu coração bateu tão forte que meu peito doeu. Eu me virei de novo para a mesa onde os irmãos estavam sentados. Exceto por uma garrafa de Perrier[9] e dois copos cheios descansando no meio de um punhado de escombros, ela estava vazia. Meus salvadores tinham ido embora.

[9] Água mineral originária da França e conhecida mundialmente por sua característica única.

Capítulo 5

Eu estava tão atordida que não consegui ir embora por um tempo. Finalmente, depois de permitir que o pessoal do café usasse o kit de primeiros socorros em mim, insisti que eu poderia chegar em casa por conta própria e cambaleei para trás. Vovó estava chegando na porta da frente quando cheguei.

— Oh, minha querida Katya! — ela gritou depois que expliquei o que tinha acontecido e, jogando sua bolsa Hermes preferida no chão, ela jogou seus braços ao meu redor. Então, pegando as nossas coisas e me conduzindo para dentro de casa, ela me botou na cama e insistiu cuidar de mim como se eu fosse uma tetraplégica ao invés de sua neta levemente machucada.

— Agora, Katya, você tem certeza que está confortável? Eu posso trazer mais travesseiros se você quiser.

— Vovó, eu estou bem, sério.

— Seu joelho ainda dói? Eu posso colocar alguma coisa nele. Talvez devesse ser elevado.

— Vovó, eles me trataram com um milhão de coisas da caixa de primeiros socorros lá no café. Foi apenas um arranhão, sério.

— Oh! Minha querida criança. Só de pensar no que poderia ter acontecido. — ela pressionou minha cabeça contra o seu peito e acariciou meu cabelo até que alguma coisa em mim se quebrou e comecei a chorar.

Vovó balbuciou e me segurou enquanto eu chorava. — Estou chorando apenas por que estou abalada. — protestei entre lágrimas, mas a verdade era que ela estava me tratando justamente como mamãe teria tratado.

Quando Geórgia chegou em casa, escutei vovó contando a ela sobre a minha "experiência de quase morte". Minha porta se abriu um minuto depois, e minha irmã correu procurando tão branca quanto um fantasma. Ela se sentou silenciosamente na beirada da cama, me olhando de olhos arregalados.

— Está tudo bem, Geórgia. Eu apenas estou um pouco arranhada.

— Oh! Meu Deus, Katie-Bean, se alguma coisa acontecesse a você... você é tudo o que me resta. Lembre-se disso.

— Estou bem. E nada irá acontecer comigo. Eu me manterei bem longe de prédios se desfazendo de agora em diante. Prometo.

Ela forçou um sorriso e estendeu a mão para tocar a minha, mas o olhar assustado permaneceu.

No dia seguinte, vovó se recusou a me deixar sair de casa, insistindo para eu relaxar e "me recuperar das minhas lesões". Eu obedeci para animá-la, e passei a metade da tarde lendo na banheira. Não foi, até que eu me perdesse na água morna e em um livro, meu nervosismo melhorar, sentei lá e fiquei tremendo como uma folha.

Não tinha percebido o quanto assustada com o quase acidente do edifício em ruínas tinha ficado até cobrir o topo da banheira várias vezes com água quente para me acalmar. Finalmente, adormeci entre as pequenas plumas de vapor subindo da água em torno de mim.

Quando passei pelo café no dia seguinte, ele estava fechado, e a calçada do lado de fora do prédio estava cercada por uma fita amarela plástica da polícia. Eletricistas em seus macacões azuis estavam erguidos em andaimes próximos à construção a fim de estabilizarem a fachada. Eu teria que encontrar outra localização para minha leitura ao ar fresco. Senti uma pontada de decepção quando me dei conta de que esse era o único lugar que eu tinha tido a chance de ver minha recente obsessão. Quem saberia quanto tempo iria levar até dar de cara com Vincent de novo?

Minha mãe começou a me levar a museus quando eu era bem pequena. Quando vínhamos à Paris, ela, vovó e eu podíamos tirar a manhã para uma "pequena prova de beleza", como minha mãe dizia. Geórgia, que ficava entediada na hora em que alcançávamos a primeira pintura, geralmente optava em ficar para trás com meu pai e avô, que sentavam nos cafés e conversavam com amigos, colegas de trabalho, e quem mais passasse vagando pelo lugar. Mas juntas, vovó, mamãe e eu, vasculhávamos museus e galerias de Paris.

Então não foi surpresa quando Geórgia me deu a vaga desculpa "já tenho planos" quando perguntei se ela iria ao museu corrico comigo uns dois dias depois. — Geórgia, você tem reclamado que eu nunca faço nada com você. Isso é um convite válido!

— Sim, tão válido quanto eu te convidar para um rally de caminhões monstros. Pergunte-me de novo quando você planejar fazer alguma coisa realmente interessante. — para mostrar sua boa vontade, ela me deu um amigável aperto em meu braço antes de bater a porta do seu quarto na minha cara. *Touché*[10].

Eu parti sozinha para o Le Marais, um bairro do outro lado da cidade do da casa dos meus avós. Trançando meu caminho pelas pequenas ruas medievais, finalmente cheguei ao meu destino: um edifício em forma de palácio que abriga o Museu Picasso.

Além do universo paralelo oferecido por um livro, o espaço tranquilo de um museu era meu lugar preferido para ir. Minha mãe disse que eu era uma escapista de coração... Que preferia mundos imaginários a um real. É verdade que eu sempre tinha sido capaz de me arrancar desse mundo e me colocar dentro de outro. E me senti pronta para uma relaxante sessão de arte hipnótica.

Enquanto eu andava pelas gigantes portas do Museu Picasso em suas salas brancas divinas, sentia meu coração bater devagar. Deixei o calor e a paz do lugar vir até mim como um suave cobertor. E como de hábito, andei até encontrar a primeira pintura que realmente chamasse minha atenção, me sentei em um banco para olhá-la.

[10] Touché (tocado em francês), na esgrima é usado para reconhecer um golpe. É falado pelo esgrimista golpeado.

Deixei as cores absorverem em minha pele. A composição torcida, formas misturadas me lembraram de como eu me sentia por dentro, e minha respiração desacelerou quando comecei a me desapegar do zoneamento. As outras pinturas no cômodo, o guarda perto da porta, o cheiro de tinta fresca ao meu redor, até os passantes turistas, caíram dentro de um plano de fundo circundando esse único quadro de cor e luz.

Eu não sei quanto tempo fiquei sentada ali antes da minha mente vagarosamente emergir do meu transe até escutar vozes baixas atrás de mim.

— Venha aqui. Apenas olhe essas cores.

Longa pausa. — Que cores?

— Exatamente. É justamente o que eu falei para você. Ele vai do claro, paleta em negrito de alguma coisa como *Les Demoiselles d'Avignon* para esse quebra-cabeça cinza e marrom monótono em meros quatro anos. Que excepcional! Pablo sempre tinha que ser o melhor em tudo que punha suas mãos e, como eu estava dizendo a Gaspard no outro dia, o que realmente me incomoda é que...

Eu me virei curiosa para ver a origem dessa fonte de conhecimentos, e congelei. Apenas a quatro metros e meio de distância de mim estava o amigo de cabelo cacheado do Vincent.

Agora que eu o vi direito, eu estava presa em quão atrativo ele era. Tinha alguma coisa friccionada sobre ele. Despenteado, cabelo desalinhado, barba por fazer, e grandes mãos ásperas que gesticulavam apaixonadamente na direção da pintura. Pela condição de suas roupas, que estavam sujas de tinta, chutei que ele poderia ser um artista.

Isso veio a mim em uma fração de segundos. Pois depois disso, tudo o que eu conseguia ver era a pessoa parada ao lado dele. O garoto de cabelos negros. O garoto que tinha feito residência permanente nos cantos mais escuros da minha mente desde o primeiro momento em que o vi. Vincent.

Por que você tem que se apaixonar pelo mais improvável, inacessível garoto de Paris? Ele era muito bonito — e muito indiferente — para sequer realmente me notar. Eu rasguei meu olhar para longe, inclinando para frente, e descansei a minha testa nas mãos. Isso não melhorou em nada. A imagem de Vincent queimava inapagável dentro da minha cabeça.

Percebi que o que quer que fosse sobre ele o fazia parecer um pouco frio, quase perigoso, na verdade aumentando o meu interesse ao invés de pular fora. O que estava errado comigo? Nunca tinha me apaixonado por garotos maus antes — essa era a especialidade da Geórgia! Meu estômago revirou quando me perguntei se eu tinha coragem de me levantar e falar com ele.

Mas eu não tive a chance de me colocar em teste. Quando levantei minha cabeça, eles já tinham ido. Andei rapidamente para a entrada da sala ao lado e olhei dentro. Estava vazia. E então praticamente pulei para fora da minha pele quando uma voz baixa detrás de mim disse —, Oi, Kate.

Vincent pairava sobre mim, seu rosto seis bons centímetros acima do meu. Minha mão voou para o meu peito em alarme. — Obrigada pelo ataque cardíaco! — ofeguei.

— Então é um hábito seu deixar a bolsa para trás só para iniciar uma conversa? — ele sorriu e acenou com a cabeça para a bancada onde eu estava sentada. Deitada em cima, estava minha bolsa de livros. — Não seria mais fácil apenas andar até o cara e dizer oi?

Um leve traço de zombaria na sua voz evaporou o meu nervosismo. Substituído por uma furiosa indignação que surpreendeu a ambos. — Ótimo! Oi. — rosnei minha garganta cheia de raiva. Marchando até a bancada, peguei minha bolsa e rumei para fora da sala.

— Espere! — ele chamou, correndo até mim e andando ao meu passo. — Eu não quis dizer isso daquela forma, o que eu quis dizer...

Eu parei e o encarei, esperando.

— Sinto muito —, ele disse, exalando profundamente. — Nunca fui conhecido pela minha brilhante comunicação.

— Então por que ao menos se dar ao trabalho? — desafiei.

— Por que. Você é — eu não sei — engraçada.

— Engraçada? — eu pronunciei cada sílaba vagarosamente e o atirei meu olhar *Você é um completo maluco*. Meus punhos cerrados automaticamente descansaram na minha cintura. — Então, Vincent, você veio aqui com o expresso intuito de me ofender ou tem mais alguma coisa que você queira?

Vincent colocou a sua mão na testa. — Escute, me desculpe. Eu sou um idiota. Nós podemos... Nós podemos apenas começar do zero?

— Começar *o que* do zero? — perguntei na dúvida.

Ele hesitou por um segundo e então estendeu a mão. — Oi, sou Vincent.

Eu senti meus olhos se estreitarem enquanto eu pesava sua sinceridade. Coloquei minha mão na dele, balançando de forma mais áspera do que eu pretendia. — Sou Kate.

— Prazer em conhecê-la, Kate —, disse Vincent confuso. Houve quatro segundos de silêncio, durante os quais continuei a encará-lo. — Então, você vem sempre aqui? — ele murmurou inseguro.

Eu não pude conter a risada. Ele sorriu, obviamente aliviado.

— Hum, sim, na verdade. Eu meio que tenho uma coisa por museus, não apenas por Picasso.

— Uma "coisa"?

O inglês de Vincent era tão bom que era fácil esquecer que não era sua primeira língua. — Quer dizer que eu gosto de museus. Muito. — expliquei.

— Ok, entendi. Você gosta de museus, mas não de Picasso em particular. Então... Você vem aqui apenas quando quer meditar?

Eu sorri para ele, dando-lhe mentalmente pontos por tentar tão duramente. — Para onde o seu amigo foi? — perguntei.

— Foi embora. Jules realmente não gosta de conhecer novas pessoas.

— Encantador.

— Então, você é britânica? Americana? — ele disse, mudando de assunto.

— Americana. — respondi.

— E a garota com quem você tem sido vista pelo bairro seria a sua...

— Irmã —, eu disse devagar. — Você tem me espiado?

— Duas garotas bonitas se mudam para a área — o que eu deveria fazer?

Uma onda de prazer fluiu através do meu corpo com suas palavras. Então ele me achava bonita. Mas também achava Geórgia bonita, lembrei. A onda desapareceu.

— Hey, o café do museu tem uma máquina expressa. Quer tomar um pouco de café enquanto me conta que outras coisas você tem "uma coisa"? — ele tocou o meu braço, a onda estava oficialmente de volta.

Nós nos sentamos em uma pequena mesa em frente aos cappuccinos cremosos. — Então, agora que eu já revelei meu nome e minha nacionalidade para um completo estranho, o que mais você quer saber? — eu perguntei, mexendo na espuma do meu café.

— Oh, eu não sei... tamanho de sapato, filme favorito, proezas atléticas, o momento mais embaraçoso, me surpreenda.

Eu ri. — Hum, tamanho de sapato dez[11], *Bonequinha de Luxo*, absolutamente nenhuma habilidade atlética até agora, e muitos momentos embaraçosos para listar antes do museu fechar.

— Só isso? Isso é tudo o que eu ganho? — ele brincou.

Senti minhas defesas se derrerem para longe com esse surpreendente, charmoso e, decididamente, não perigoso lado dele. Com o encorajamento de Vincent, contei a ele sobre a minha antiga vida no Brooklyn, com Geórgia e meus pais. Dos nossos verões em Paris, dos meus amigos com quem, por hora, tinha perdido todos os contatos. Do meu amor sem limites por arte e meu desespero por descobrir que não possuía absolutamente nem o mínimo de talento para criar alguma coisa.

Ele me estimulou para mais informações, e eu preenchi as lacunas para ele com bandas, comidas, filmes, livros, e tudo mais que eu poderia contar. E, não como a maioria dos garotos da minha idade que eu tinha conhecido na minha outra residência, ele pareceu genuinamente interessado em cada detalhe.

O que não lhe disse era que meus pais estavam mortos. Eu me referia a eles no presente e disse que eu e minha irmã tínhamos nos mudado para os nossos avós para estudar na França. Não era uma completa mentira. Mas eu não sentia à vontade para lhe contar toda a verdade. Não queria a pena dele. Eu só queria parecer como qualquer outra garota que não tinha passado os últimos sete meses se isolando do mundo em luto profundo.

[11] Lembrando que lá é outra medida.

Suas perguntas relâmpagos tornaram impossível perguntar alguma coisa de volta. Então quando nós finalmente saímos, eu o censurei por isso. — Ok, agora eu me sinto completamente exposta — você sabe praticamente tudo sobre mim e eu nada sei sobre você.

— Aha, isso faz parte do meu plano diabólico. — ele sorriu, enquanto o guarda do museu trancava a porta atrás de nós. — Como eu poderia esperar que você dissesse sim para me encontrar novamente se eu tivesse jogado tudo na mesa na primeira vez em que nos falamos?

— Essa não é a primeira vez em que nos falamos. — Eu o corrigi, tentando gentilmente ignorar o fato de que ele parecia estar me convidando para sair.

— Ok, na primeira vez em nos falamos sem eu insultá-la sem querer. — Ele reformulou.

Atravessamos o jardim do museu em direção às piscinas rasas onde crianças escandalosas estavam celebrando o fato de que ainda estava quente e ensolarado às seis da tarde espirrando água para todo lado.

Vincent andava ligeiramente curvado com as mãos nos bolsos. Pela primeira vez, senti nele uma pequena insinuação de vulnerabilidade. E tirei vantagem disso. — Eu não sei nem quantos anos você tem.

— Dezenove. — ele disse.

— O que você faz?

— Estudo.

— Sério? Porque o seu amigo disse alguma coisa sobre você estar na força policial. — Eu não pude conter um traço de sarcasmo na minha voz.

— O que? — ele exclamou, parando completamente.

— Minha irmã e eu vimos você resgatar aquela garota.

Vincent me encarou pálido.

— A garota que pulou da ponte Carrousel durante a briga de gangue. Seu amigo nos escotou para longe e nos disse que era um procedimento policial.

— Oh, ele disse? — Vincent murmurou, sua expressão assumindo um olhar endurecido que eu tinha visto da primeira vez que o encontrei. Ele colocou suas mãos de volta em seus bolsos e continuou andando. Nós

estávamos chegando perto da estação do metrô. Diminui meu passo para ganhar um pouco mais de tempo.

— Então o que são vocês, policiais disfarçados? — não acreditei naquilo nem por um momento, mas tentei parecer sincera. Ele repentinamente mudou para o humor que tinha me intrigado.

— Alguma coisa do tipo.

— O que, tipo como uma equipe da SWAT?

Ele não respondeu.

— Aquilo foi realmente bravo, por sinal. — insisti. — Você caindo dentro do rio. O que aquela garota tinha a ver com a briga de gangue debaixo da ponte, de qualquer maneira? — perguntei, cavando mais ainda.

— Hum, eu não deveria falar sobre isso. — Vincent disse, estudando o concreto a poucos centímetros em frente aos seus pés.

— Oh sim, claro. — eu disse suavemente. — É só que você parece muito jovem para ser um policial. — eu não consegui impedir um sorriso brincalhão de surgir em meus lábios.

— Eu te disse... sou um estudante. — ele disse, me dando um sorriso incerto. Ele poderia dizer que não o comprei.

— Sim. Ok. Eu não *vi* nada. Eu não *escutei* nada. — eu disse dramaticamente.

Vincent riu, seu bom humor retornando. — Então... Kate, o que você vai fazer nesse final de semana?

— Hum... Sem planos. — eu disse, silenciosamente amaldiçoando a vermelhidão das minhas bochechas.

— Você quer fazer alguma coisa? — ele perguntou, com um sorriso tão charmoso que meu coração se esqueceu de bater.

Eu acenei com a cabeça, incapaz de falar.

Levando meu silêncio como hesitação, ele rapidamente acrescentou. — Não como um encontro formal ou alguma coisa do tipo. Apenas sair. Nós podemos... Fazer uma caminhada. Excursão ao redor do Marais.

Eu acenei com a cabeça de novo e então acrescentei. — Isso seria ótimo.

— Ok, que tal sábado à tarde? Luz do dia. Em público. Uma coisa perfeitamente segura de se fazer com um cara que você mal conhece. — Ele estendeu suas mãos como para mostrar não estar escondendo nada.

Eu ri. — Não se preocupe. Mesmo que você *seja* da equipe da SWAT, não estou com medo de você. — Tão rapidamente quanto saiu da minha boca, dei-me conta de que eu *estava* com medo. Apenas um pouco. Fiquei imaginando mais uma vez se aquilo era sua atração que exercia em mim. Talvez a morte dos meus pais tenha me deixado com falta de autopreservação e isso era uma implicação de perigo para o qual eu estava indo. Ou talvez eu fosse atraída pela vaga aura da intocável indiferença que ele tinha transpirado. Talvez tudo o que ele fosse para mim era um desafio. Qualquer que fosse a razão, era eficaz. Eu realmente gostava desse cara. E eu queria vê-lo de novo. Noite, dia, eu não me importava, eu estaria lá.

Ele levantou uma sobrancelha e riu. — Sem medo de mim. Tão... Engraçado. — Não pude conter de rir junto.

Acenando com a cabeça para a outra direção da avenida, ele disse —, Jules está provavelmente esperando por mim. Até sábado. Encontro você na estação de metrô da *Rue Du Bac* às três?

— Sábado, às três horas. — confirmei quando ele se virou e foi embora. Não acho que estaria exagerando muito em dizer que meus pés não tocaram o chão o caminho todo de volta para casa.

Capítulo 6

VINCENT ESTAVA ESPERANDO por mim na entrada do metrô. Meu coração parou na garganta quando me perguntei (não pela primeira vez) porque esse muito-maravilhoso-para-ser-verdade garoto tinha qualquer interesse na simples antiquada... Ok, talvez um pouco bonita, mas de jeito nenhum bonita no nível dele... Eu. Minha insegurança desmoronou quando vi seu rosto se iluminar enquanto eu me aproximava.

— Você veio —, ele disse, enquanto se inclinava para me dar os *beijos*, aqueles duplos beijos com ar nas bochechas pelos quais os europeus são famosos. Embora eu tremesse quando sua pele tocou a minha, minhas bochechas ficaram quentes por uns bons cinco minutos depois disso.

— Claro —, eu disse, com base em cada gota da minha reserva de "calma e confiança", desde que, para dizer a verdade, eu estava um pouco nervosa. — Então, para onde nós vamos?

Nós começamos a descer os degraus para o metrô. — Você já esteve na Vila Saint-Paul? — ele perguntou.

Balancei a cabeça. — Não que eu me lembre.

— Perfeito. — ele disse, parecendo satisfeito consigo mesmo, mas não dando nenhuma explicação mais profunda.

Nós mal nos falamos no trem, mas não foi por falta de assunto. Eu não sei se é apenas uma coisa cultural ou porque os trens são mesmo silenciosos,

mas assim que as pessoas pisam no vagão vindas da plataforma, elas se calam.

Vincent e eu ficamos de frente um para o outro, segurando o poste de aço central para nos equilibrarmos, e checando os outros passageiros que estavam ocupados nos checando. Eu mencionei que checar as pessoas é um passatempo nacional francês?

Quando nós viramos a esquina e o trem sacudiu para um lado, ele colocou seu braço ao redor dos meus ombros para me estabilizar.

— Nós ainda nem chegamos lá e você já está fazendo uma jogada? — Eu ri.

— Claro que não. Eu sou um completo cavalheiro. — ele respondeu com uma voz suave. — Poderia jogar meu casaco em cima de uma poça d'água para você qualquer dia desses.

— Não sou uma donzela em perigo. — eu me recompus quando o trem parou.

— Ufa — bem, essa é uma coisa boa —, ele disse, respirando em uma falsa simulação de alívio. — Que tal abrir a porta para mim então?

Eu ri enquanto empurrava o metal da alavanca da porta e saia para a plataforma.

Saímos da parada Saint-Paul diretamente em frente da enorme igreja clássica chamada Église Saint-Paul. — Eu costumava vir aqui quando eu era criança. — disse a Vincent quando espiei a decorativa fachada.

— Sério?

— Sim. Quando vinha visitar os meus avós durante o verão, tinha uma garota com quem eu costumava brincar que morava justamente ali. — apontei para um prédio algumas portas depois. — O pai dela nos disse que essa rua era usada para batalhas na época medieval. Sandrine e eu costumávamos sentar nos degraus da igreja e fingíamos estar na idade média no meio dos torneios medievais. — eu fechei meus olhos e estava de volta há dez anos, revivendo os sons e cores do nosso imaginário torneio. — Você sabe, eu sempre pensei que se os fantasmas de séculos e séculos de Paris pudessem se materializar todos de uma só vez, você poderia se encontrar cercado pelas pessoas mais fascinantes. — eu parei de repente embaraçada

sobre o que eu estava jorrando para fora, para esse cara que eu mal conhecia, detalhes dos meus vários mundos imaginários.

Vincent sorriu —, Se eu estivesse cavalgando para um desafio, você me daria a honra de ostentar-se em meu braço, minha senhora?

Fingi pegar alguma coisa dentro da minha bolsa. — Não tenho um lenço de renda. Que tal um lenço de papel?

Rindo, Vincent colocou um braço ao redor dos meus ombros e me guiou suavemente. — Você é maravilhosa. — disse.

— Isso é definitivamente um passo a mais que "engraçada". — eu o lembrei, incapaz de prevenir minhas bochechas de se ruborizarem de prazer.

Nós nos dirigimos para um lado da rua que ia na direção do rio. Na metade do caminho, Vincent entrou por uma larga porta de um edifício de quatro andares me puxando atrás dele.

Como vários prédios de apartamentos de Paris, esse tinha sido construído ao redor de um pátio interno protegido da rua. Os mais modernos pátios são raramente tão grandes como uma cama king-size, com apenas espaço suficiente para deixar os sacos de lixo do prédio. Outros são largos, alguns até tem árvores e bancos, formando um calmo paraíso para os residentes longe das movimentadas ruas.

Esse pátio era bem grande e tinha pequenas lojas, e até um café ao ar livre, espalhados entre os apartamentos do andar térreo, uma coisa que eu nunca tinha visto antes. — O que é esse lugar? — perguntei.

Vincent sorriu e tocou meu braço, apontando para outra porta aberta no lado distante do pátio. — Isso é só o começo —, ele disse —, Tem mais ou menos cinco desses pátios todos ligados paralelos com rua, então você pode passear o quanto quiser sem ver ou ouvir o mundo lá fora. São todas galerias de artes de lojas de antiquarias. Pensei que você iria gostar.

— Gostar? Eu amei! Isso é incrível! — eu disse. — Não posso acreditar que não tinha estado aqui antes.

— É fora das rotas comuns. — Vincent pareceu orgulhoso do seu conhecimento sobre os caminhos de fora das luzes. E eu estava apenas feliz que ele me queria ao seu lado para explorá-los com ele.

— Eu que o diga. — concordei. — É quase completamente escondido lá de fora. Então... Você esteve aqui antes. Por onde começamos?

Nós passeamos por lojas e galerias lotadas com tudo, desde pôsteres antigos até cabeças de Buda ancestrais. Para uma cidade cheia de turistas no verão, as lojas tinham surpreendentemente poucos visitantes, e passeamos pelos espaços como se fossem nossos próprios lugares privados.

Quando passamos por uma loja de roupas antigas, Vincent parou em frente a uma caixa de vidro que exibia joias. — Hey, Kate, talvez você possa me ajudar. Eu preciso comprar um presente para uma pessoa.

— Claro. — eu disse, inclinando para a caixa quando o vendedor levantou a tampa para nós. Eu peguei um bonito anel de prata com um conjunto de flores curvadas na superfície.

— O que poderia alguém da sua idade gostar? — ele disse, tocando uma cruz vintage cheia de joias.

— Minha *idade?* — eu ri. — Sou apenas três anos mais nova que você. Talvez menos, dependendo do seu aniversário.

— Junho. — ele disse.

— Ok, então dois anos e meio.

Ele riu. — Tudo bem, você me pegou. É só que eu não tenho certeza do que ela poderia gostar. E o seu aniversário está chegando.

Eu senti como se alguém tivesse me dado um soco no meu estômago. Que idiota eu fui: entendi totalmente errado as intenções dele. Ele obviamente só me via como uma amiga... Uma amiga com gosto suficientemente bom para ajudá-lo a escolher um presente para a sua namorada.

— Hmm —, eu disse, fechando meus olhos e tentando esconder meu desânimo. Eu os forcei a abrirem de novo e encarei a caixa. — Eu acho que isso depende do gosto dela. Ela se veste mais feminina, roupas floridas, ou ela é mais para... Um... Jeans e camiseta como eu?

— Definitivamente não florida. — ele disse, sufocando um sorriso.

— Bem, eu acho que esse aqui é muito bonito —, eu disse, apontando para um cordão de couro com um pingente de prata no formato de uma

única gota pendurado nele. Minha voz vacilou quando tentei, sem sucesso, esconder o caroço na minha garganta.

Vincent se inclinou para perto da peça. — Eu acho que você está certa. É perfeito. Você é uma gênia, Kate. — ele pegou o colar da caixa e o entregou para o vendedor.

— Vou apenas esperar por você lá fora. — eu disse, e sai quando ele apanhou dentro do bolso a carteira.

Tenha controle, eu me repreendi. Parecia muito bom para ser verdade, e *tinha* sido. Ele era apenas um cara muito amigável. Que tinha dito que eu era bonita. Mas que deveria apenas gostar de sair com garotas bonitas enquanto comprava joias *vintages* para a namorada. *Eu me perguntei como ela se parecia.* Minhas mãos estavam tão apertadas que minhas unhas deixaram pequenas marcas dentro das palmas. A dor fez eu me sentir melhor. Aliviou um pouco da ardência em meu peito.

Vincent saiu da loja carregando um pequeno envelope dentro do bolso do jeans quando ele fechou a porta atrás de si. Vendo meu rosto, ele parou de repente. — O que há de errado? — ele perguntou.

— Nada —, eu disse, balançando a cabeça. — Eu apenas precisava de um pouco de ar.

— Não —, ele insistiu —, Alguma coisa está chateando você.

Eu balancei a cabeça resolutamente.

— Tudo bem, Kate —, ele disse, atrelando seu braço ao meu. — Não te forçarei a falar. — A pressão do braço dele contra o meu me inundou de calor, mas eu mentalmente afastei. Eu estava tão acostumada a me proteger que agora isso era quase um reflexo.

Nós passeamos por esse pátio e por outro, andando em silêncio por alguns minutos até que paramos para olhar dentro das vitrines de uma loja. — Então —, finalmente eu disse. Eu sabia que não deveria dizer, mas não podia me segurar. — Quem é a sua namorada?

— Como? — ele perguntou.

— Sua namorada. Para quem você comprou o colar.

Ele parou e me encarou. — Kate, esse colar é para uma amiga... que por acaso é uma garota. Uma muito boa amiga. — ele soou desconfortável. Eu

me perguntei por um segundo se era verdade, então decidi lhe dar um voto de confiança.

Vincent estudou meu rosto. — Você pensou que eu estava pedindo pra você me ajudar a escolher um presente para minha namorada? E isso fez você se sentir... — pelo sorriso que se estendeu em seus lábios, presumi que ele estava prestes a dizer alguma coisa que me deixaria embaraçada, então comecei a me afastar.

— Espere Kate! — ele disse, me alcançando e laçando seu braço de volta ao meu. — Me desculpe.

Decidi jogar indiferente sobre isso. — Você me disse que esse não era um encontro formal quando me convidou para vir. Por que eu iria me importar se você tem uma namorada?

— Realmente —, ele disse me dando um falso olhar sério. — Sim, eu e você somos só amigos... em uma caminhada amigável. Nada mais, nada menos.

— Exato! — concordei, meu coração dando uma batida dolorosa.

Ele abriu um largo sorriso e, se inclinando, me beijou na bochecha. — Kate —, sussurrou —, Você é ingênua demais.

Capítulo 7

Fui capaz de aquecer o significado dessas palavras por exatos três segundos antes dele colocar um braço firmemente em torno dos meus ombros e começar a me guiar em direção à saída. — O que... — eu comecei, mas sua expressão de aço me calou e eu acompanhei seus passos — andando rapidamente, mas não quase correndo, na direção de uma porta.

Uma vez na rua, ele seguiu na direção do metrô. — Para onde estamos indo? — eu perguntei, sem fôlego pelo ritmo acelerado.

— Eu vi alguém por quem não queria passar. — ele pegou seu celular do bolso e ligou para alguém da discagem rápida. Não tendo resposta, ele desligou e tentou outro.

— Você se importaria em me dizer o que está acontecendo? — perguntei confusa pela sua repentina mudança de personalidade. Em um instante o príncipe charmoso se transformou num agente secreto.

— Nós temos que encontrar Jules —, Vincent disse, falando mais para ele do que para mim. — O estúdio de pintura dele é logo ali na esquina.

Eu parei, e desde que ele tinha tirado o braço dele do meu, eu o coloquei de volta. — De quem nós estamos fugindo?

Levou muito esforço para Vincent se recompor. — Kate. Por favor, me deixe explicar depois. É realmente importante que nós encontremos um dos meus... Amigos.

O maravilhoso sentimento de cinco minutos atrás tinha desaparecido. Agora eu me via falando para ele ir em frente sem mim. Mas lembrando do que meus dias consistiam ultimamente, decidi jogar a cautela (e tédio) ao vento e o seguir.

Ele me levou para um apartamento em um prédio que praticamente fluía como o charme antigo de Paris perto da igreja de Saint-Paul. Nós subimos uma estritamente sinuosa escada de madeira que rumava para o segundo andar. Vincent bateu uma vez antes de empurrar a porta aberta.

As paredes do estúdio estavam cheias com pinturas de todas as formas penduradas até o teto. Nus reclinados pendurados ao lado de semelhantes paisagens urbanas geométricas. O visual sobrecarregado de cores e formas estava tão esmagador quanto o forte cheiro de solvente de tinta.

No canto distante da sala estava uma mulher lindíssima envolvida em um sofá verde-esmeralda. Vestida com um robe de banho que mal a cobria, ela devia também ter estado nua. — Oi, Vincent. — ela chamou do outro lado da sala com uma voz baixa, e esfumaçada, que não poderia combinar mais com a sua aparência sedutora do que se os tivesse comprado como um único conjunto.

O amigo de Vincent, Jules, saiu de um pequeno banheiro próximo ao sofá. Limpando alguns pinceis gotejando num pano, ele disse ao olhar para cima de relance —, Vincent, cara. Apenas estava começando com Valerie aqui. Você recebeu a ligação de Jean-Baptiste?

— Jules, nós precisamos conversar —, Vincent disse num tom de urgência que fez Jules levantar a cabeça.

Ele olhou para mim surpreso e então, olhando o rosto de Vincent, o seu próprio escureceu. — O que está acontecendo?

Vincent pigarreou, encarando inexpressivamente Jules. Ele pronunciou suas palavras com cuidado. — Kate e eu estávamos andando em torno da Vila Saint-Paul quando vi *alguém* lá.

A palavra código significou alguma coisa para Jules. Seus olhos se estreitaram. — Lá fora. — ele disse, olhando de canto de olho para mim, e saiu pela porta.

— Já volto, Kate —, Vincent disse. — Oh, e esta é a Valerie, uma das modelos de Jules. — E tendo feito a apresentação, seguiu Jules até a escadaria, a porta batendo atrás dele.

Um cavalheiro até durante uma crise, pensei espantada com o sangue frio de Vincent ao se certificar que eu tinha sido apresentada a Garota Nua antes de nos deixar sozinhas juntas. — Oi —, eu disse. — *Bonjour* —, ela replicou entediada. Pegando uma folha de papel, ela se sentou voltando a ler. Eu fiquei perto da porta, olhando para as pinturas enquanto tentava ouvir o que estava acontecendo lá fora.

As vozes deles eram apressadas, mas consegui pegar algumas palavras. —... Não podia fazer nada sem ajuda. — Vincent estava dizendo, um pouco de arrependimento na sua voz.

— Estou com você agora. Ambrose pode ser nosso terceiro. — Jules respondeu.

Teve um silêncio, então Vincent estava falando com alguém ao telefone. Ele desligou e disse —, Ele está a caminho.

— Por que diabos você teve que trazê-la com você? — Jules soou incrédulo.

— Eu não estou a serviço vinte e quatro horas, sete dias por semana. Ela está comigo porque nós tivemos um encontro. — A voz baixa de Vincent atravessou pela fina porta de madeira facilmente.

Ele chamou aquilo de encontro, eu pensei com tanto prazer quanto podia ter nessas circunstâncias.

— Isso é exatamente o porquê ela não deveria estar aqui. — Jules continuou.

— JB apenas disse que nós não podíamos levar pessoas *para casa*... não sei porque ela não poderia vir aqui.

Suas vozes foram ficando mais baixas. Eu me aproximei mais da porta, mantendo um olho em Valerie, que tinha me olhado de relance e voltado para o livro dela. Ela obviamente não se importaria menos se eu estivesse espionando.

— Cara. Qualquer lugar em que nós tenhamos um endereço fixo está fora dos limites para... "encontros". Ou o que quer que seja. Você sabe as regras. De qualquer forma, o encontro acabou!

Houve um silêncio esmagador, que imaginei estar cheio de encarações de homem-para-homem debaixo da ação, e então a porta se abriu e Vincent entrou parecendo apologético. — Kate, me desculpe, eu tenho que cuidar de algumas coisas. Eu irei acompanhar você até o metrô. — Esperei ele me dar alguma explicação, mas nenhuma veio.

— Está tudo bem —, eu disse, tentando soar como se não me importasse. — Mas não se preocupe em me levar ao metrô. Eu irei fazer um passeio sozinha. Andar até a Rua das Rosiers para algumas compras ou algo assim.

Ele me olhou aliviado, como se essa fosse a resposta pela qual ele estava esperando. — Pelo menos vou até lá embaixo com você.

— Não, sério, está tudo bem —, eu disse, sentindo uma pontada de raiva dentro de mim. Alguma coisa estava realmente acontecendo que eu não sabia. Mas ainda era rude de Jules exigir que eu fosse embora. Sem mencionar a covardia de Vincent em ceder.

— Eu insisto. — ele disse, e abrindo a porta para mim, me seguiu para o corredor. Jules ficou de braços cruzados acima do peito, olhando furiosamente para nós.

Vincent me acompanhou até embaixo, nas escadas, dentro do pátio. — Sinto muito —, ele disse —, tem algo acontecendo. Algo que eu tenho que cuidar.

— Como negócios da polícia, você que dizer? — eu disse incapaz de esconder meu sarcasmo.

— Sim, algo desse tipo. — ele disse evasivamente.

— E você não pode falar sobre isso.

— Não.

— Ok. Bem, eu acho que irei te ver ao redor do nosso bairro... —, eu disse, tentando mascarar meu desapontamento com um sorriso.

— Eu irei te ver em breve —, ele disse e estendeu sua mão até a minha. Embora eu não estivesse muito feliz com ele, seu toque me aqueceu entre os

dedos. — Prometo. — ele adicionou, me olhando como se quisesse dizer mais. Então, dando uma sacudida na minha mão, ele voltou a andar para dentro do prédio. Meu mau humor diminuiu um pouco com o gesto, e eu passei pelo portão não me sentindo muito abandonada, mas tampouco muito satisfeita com o rumo que as coisas acabaram se tornando.

Comecei andando para norte, tentando decidir entre visitar lojas na Rua das Rosiers ou passear sob as arcadas sombrias da praça do século dezessete chamada Place des Vosges. Eu não estava nem na metade do quarteirão quando decidi que meu coração não estava para aquilo. Eu queria saber o que estava acontecendo com Vincent. A curiosidade estava me matando, e se eu não estava indo obter nenhuma resposta, eu só queria ir para casa.

Eu parei no estande de crepe fora do Dome Café e esperei enquanto o vendedor passava a massa na chapa quente circular. Eu não conseguia deixar de desejar que Vincent estivesse aqui pegando um crepe comigo enquando eu via pessoas ir e vir da parada do metrô do outro lado da rua. Como se atendida pelo meu pedido, vi Vincent se aproximando da entrada com Jules. Eles começavam a descer as escadas.

Essa é a minha chance de descobrir o que está acontecendo com a charada de policial. Pensei. Vincent tinha dito que havia algo que ele tinha que cuidar. Baseado no seu comportamento na Vila Saint-Paul, parecia mais como se fosse *alguém* que ele tivesse que cuidar. Eu queria saber quem era. Eu raciocinei que se eu iria continuar vendo Vincent, ou o que quer que fosse que estávamos fazendo. Eu deveria ficar alerta de qualquer atividade misteriosa em que ele estava envolvido.

— *Et voilà, mademoiselle*[12] —, disse o vendedor, segurando um papel toalha envolvendo um crepe. Apontei para o dinheiro que eu tinha colocado no canto e disse — *Merci* —, enquanto me espreitava para a entrada da estação de metrô.

Depois que atravessei a catraca, vi os garotos descendo o túnel em direção ao trem. Quando alcancei o piso dos degraus, eu os vi ficando na metade do caminho. Antes que um deles pudesse me notar, deslizei num dos bancos de plástico que revestiam a parede.

[12] E aqui está, senhorita.

Isso foi quando vi o homem.

A poucos passos de Vincent e Jules, um homem de trinta e poucos anos vestindo um terno escuro de corte limpo estava parado na beirada da plataforma, segurando uma pasta em uma mão e pressionando a outra contra a sua testa abaixada. Parecia que estava chorando.

Em todos os meus anos passando pelo metrô de Paris, eu tinha visto coisas estranhas: moradores de rua nos cantos. Loucos avaliando sobre a repercussão governamental. Bandos de crianças se oferecendo para ajudar turistas com suas bagagens e então indo embora com elas. Mas nunca tinha visto um homem adulto chorando em público.

A lufada de ar que precede a vinda do trem rajou pela plataforma, e o homem olhou para cima. Calmamente colocando sua pasta no chão, ele se agachou e, usando uma mão para se estabilizar na margem da plataforma, pulou para os trilhos. — Oh meu Deus! — senti as palavras saírem da minha boca em um grito, e olhei ao redor freneticamente para ver se alguém mais tinha notado.

Jules e Vincent se viraram na minha direção, sem nem olhar direito para o homem nos trilhos, embora eu estivesse apontando para ele com as duas mãos. Sem falar, eles acenaram com a cabeça um para o outro antes de cada um se mover rapidamente em direções diferentes. Vincent se aproximou de mim e, me pegando pelos ombros, tentou me virar para longe dos trilhos.

Lutando contra ele, eu estiquei minha cabeça ao redor para ver Jules se jogando da plataforma para os trilhos e empurrando agora o soluçante homem para fora do caminho. Com o trem vindo a apenas um metro e meio de distância, ele olhou em cima para Vincent e, dando um leve aceno, tocou com o dedo indicador a testa em uma saudação casual.

O som foi terrível. Houve o ensurdecedor rangido de freios do trem, muito tarde para evitar o desastre, e então o alto baque do metal atingindo carne e osso. Vincent tinha me prevenido de ver o acidente real, mas o exato penúltimo segundo se alojou na minha mente: o rosto calmo de Jules acenando para Vincent enquanto o trem batia atrás dele.

Eu senti meus joelhos cederem e dobrarem para frente com apenas os braços de Vincent para me impedir de cair. Gritos vieram de todos os lados, e o som do choro alto de um homem vinha dos trilhos. Eu senti que alguém

me levantou e começou a correr. E então tudo estava tão silencioso e escuro quanto um túmulo.

Capítulo 8

EU ACORDEI COM O CHEIRO de café forte E levantei minha cabeça que estava entre os meus joelhos dobrados. Eu estava na rua, sentada na calçada, com minhas costas apoiada na parede de um prédio. Vincent se agachou na minha frente, segurando uma pequena xícara fumegante de café expresso a poucos centímetros do meu rosto, agitando-o como sais aromáticos.

— Vincent —, eu disse, sem pensar. Seu nome pareceu natural saindo da minha boca, como se eu o tivesse dito por toda a minha vida.

— Então você me seguiu. — ele disse, parecendo aborrecido.

Minha cabeça começou a girar quando uma palpitante dor de cabeça se materializou logo acima da nuca. — Ow —, eu grunhi, alcançando atrás e a massageando com a minha mão.

— Beba isso, então ponha sua cabeça de volta entre seus joelhos. — Vincent instruiu. Ele colocou a xícara em meus lábios e eu a virei em um só gole.

— Assim está melhor. Só vou levar essa xícara de volta ao café ao lado. Não se mova, eu já volto. — ele disse quando fechei meus olhos.

Eu não poderia ter me movido se quisesse. Eu não conseguia nem sentir minhas pernas. *O que aconteceu? Como eu cheguei aqui?* E então voltou a memória, me batendo com horror.

— Você se sente forte o suficiente para pegar um táxi? — Vincent estava de volta, se abaixando para deixar seu rosto na mesma altura que o meu. — Você teve um grande choque.

— Mas... O seu amigo! Jules! — eu disse sem acreditar.

— É, eu sei. — ele franziu suas sobrancelhas. — Mas nós não podemos fazer nada sobre isso agora. Precisamos te tirar daqui. — ele se levantou e sinalizou para um táxi. Erguendo-me em pé e me apoiando com um braço forte em meus ombros, ele pegou a minha bolsa e andou até o carro que aguardava.

Vincent me ajudou a entrar, e se colocando ao meu lado, deu ao motorista um endereço de uma rua não muito longe da minha.

— Para onde estamos indo? — perguntei, de repente preocupada. Minha parte racional me cutucou no ombro para lembrar-me de que estava em um carro com alguém que tinha não apenas visto seu amigo morrer em frente a um trem, mas que parecia tão calmo como se isso acontecesse todo dia.

— Eu poderia te levar para sua casa, mas prefiro levá-la para a minha até que você se acalme. São apenas algumas ruas de distância.

Eu posso provavelmente me "acalmar" melhor em minha própria casa do que na sua. Meu pensamento foi interrompido quando o significado das palavras dele bateu. — Você sabe onde eu moro? — sussurrei.

— Já confessei seguir pelo nosso bairro as novas importações americanas. Lembra? — ele piscou para mim com um desarmado sorriso. — Além disso, quem seguiu quem dentro do metrô hoje?

Eu ruborizei quando me perguntei quantas vezes ele tinha me visto enquanto eu passeava, esquecendo que eu estava sendo observada.

E então a memória de Jules no metrô retornou em um tremor que me sacudiu. — Apenas não pense. Não pense. — Vincent murmurou. E naquele momento, minhas emoções se prenderam em duas direções opostas. Eu estava assustada e confusa pela indiferença do Vincent com a morte de Jules, mas também queria desesperadamente que ele me confortasse.

Sua mão estava pousada casualmente em seu joelho, e eu tive o forte desejo de pegá-la e pressioná-la em meu rosto frio. Para segurá-lo e evitar

deslizar profundamente embaixo da onda de medo que ameaçou me afundar. O destino de Jules ecoou demasiadamente alto sobre o acidente dos meus próprios pais. Eu senti como se a morte tinha me seguido através do Atlântico. Estava se arrastando por minha vigília, ameaçando pegar todos que eu conhecia.

E como se Vincent tivesse lido meus pensamentos, sua mão deslizou pelo assento e pegou os meus dedos de onde eles estavam apertados entre meus joelhos. E os cruzou entre os dele, instantaneamente fiquei envolvida por um sentimento de segurança. Eu inclinei minha cabeça para trás contra o encosto de cabeça e fechei meus olhos pelo resto da corrida.



O táxi veio a parar em frente a um muro de pedra de três metros de altura com enormes portões de ferro. Suas grades foram montadas pela parte detrás com folhas pretas de metal que, com muito bom gosto, bloqueavam qualquer visão do que estava dentro. Espessos cipós de glicínias cobriam acima da margem do muro, e um casal de majestosas árvores estava visível detrás da barreira.

Vincent pagou o taxista, então veio ao meu lado e abriu a porta para mim. Ele me encaminhou até uma coluna embutida com um sistema de segurança audiovisual de alta tecnologia.

A trava abriu após ele digitar o código de segurança em um teclado. Ele pressionou o portão aberto com uma mão e me pegou gentilmente com a outra. Eu ofeguei quando examinei as nossas redondezas.

Eu estava parada num pátio de paralelepípedos de um *hôtel particulier*[13], um daqueles dentro dos castelos que os saudáveis parisienses construíram quando a cidade deles habitava os séculos dezessete e dezoito. Esse aqui foi construído com massivas pedras cor de mel e culminava num telhado preto

[13] Mansão.

de ardósia com janelas espaçadas uniformemente ao longo do seu comprimento. A única vez em que realmente vi uma dessas construções de perto foi quando mamãe e vovó me levaram com elas em um tour com guia.

No meio do pátio havia uma fonte circular esculpida no granito, sua bacia cinza-escuro grande o suficiente para nadar alguns cursos de diâmetros. Sobre a água espirrando, havia uma figura de pedra de um anjo em tamanho real carregando uma mulher deitada em seus braços. O corpo dela era visível através do tecido do vestido, que foi trabalhado tão detalhadamente pelo escultor que a pesada pedra foi transformada no mais fino de gaze[14]. A beleza frágil da mulher era compensada pela força do anjo masculino que a segurava, suas asas enormes curvadas protetoramente sobre as duas figuras. Era um símbolo combinando beleza e perigo, e lançava uma aura sinistra por todo o pátio.

— Você mora aqui?

— Eu não sou o dono do lugar, mas sim, eu moro aqui —, Vincent disse, me guiando através do pátio para a porta de entrada. — Vamos te colocar para dentro.

Lembrando-me da razão pela qual nós estávamos ali, o som do corpo de Jules sendo esmagado por uma tonelada de metal ressoou em meus ouvidos. As lágrimas que eu estava segurando começaram a cair.

Vincent abriu a porta ornamentada e me levou a um enorme hall de entrada com uma escadaria dupla que terminava também em uma parede com uma varanda com vista para o aposento. Um lustre de cristal do tamanho de um Fusca estava pendurado sobre nossas cabeças, e tapetes Persas pelo chão de mármore incrustados por pedras de flores e videiras. *Que lugar é esse?* - Eu pensei.

Eu o segui até outra porta para uma sala de teto alto que parecia não ter sido tocada desde o século dezessete, e me sentei num sofá duro e antigo. Segurando minha cabeça entre mãos, me inclinei para frente e fechei meus olhos. — Eu já volto. — Vincent disse, e eu ouvi a porta se fechar quando ele saiu do cômodo.

[14] Tipo de tecido.

Após alguns minutos, me senti mais forte. Descansando minha cabeça no sofá, estudei a majestosa sala. Pesadas cortinas nas janelas bloqueavam a luz do dia. Um delicado candelabro, que parecia originalmente ter sido preenchido com vela ao invés de lâmpadas elétricas em forma de chamas agora detidas, lançava apenas luz suficiente para iluminar as paredes que estavam lotadas com pinturas. Uma dúzia de faces de mau-humor, aristocratas franceses de séculos atrás franzindo a testa para mim.

Uma porta de empregados escondida na parede dos fundos se abriu e Vincent a atravessou. Ele colocou um enorme bule de porcelana no formato de um dragão e uma xícara combinando sobre a mesa diante de mim, próximo a um papel fino de cookies. A fragrância de chá forte e de amêndoas flutuava acima da bandeja de prata.

— Açúcar e cafeína. O melhor remédio do mundo —, Vincent disse, enquanto se sentava de uma poltrona estofada a poucos metros de distância.

Eu tentei pegar o pesado bule, mas minhas mãos estavam tão tremulas que só consegui fazer barulho na xícara. — Aqui, me deixe fazer isto —, ele disse quando se inclinou e derramou. — Jeanne, nossa governanta, faz o melhor chá. Ou assim ouvi falar. Eu sou mais um homem de café.

Eu empalideci com a sua conversa fiada. — Ok, basta. Apenas pare aí. — Meus dentes estavam batendo: eu não saberia dizer se eram meus nervos abalados ou o medo de que alguma coisa estava muito errada. — Vincent... Quem é você? — *Eu estou na casa dele e nem sei seu sobrenome*, percebi um segundo antes de continuar. — Seu amigo morreu agora pouco, e você está me falando sobre... — minha voz falhou —, Sobre café?

Uma expressão defensiva registrou em seu rosto, mas ele permaneceu calado.

— Oh meu Deus —, eu disse suavemente, e comecei a chorar de novo. — O que há de errado com você?

A sala estava silenciosa. Eu podia escutar os segundos tiquetaqueando em um enorme relógio de pêndulo num canto. Minha respiração se acalmou, e eu abri meus olhos, tentando me recompor.

— É verdade. Eu não sou muito bom em mostrar minhas emoções —, Vincent concedeu finalmente.

— Não mostrar suas emoções é uma coisa. Mas correr após seu amigo ser demolido por um trem subterrâneo?

Em um baixo tom cuidadosamente medido, ele disse —, Se nós tivéssemos ficado teríamos que falar com a polícia. Eles teriam interrogado ambos, como devem ter feito com a garçonete que ficou lá. Eu queria evitar isso — ele pausou — a todo custo.

A aparência fria de Vincent tinha voltado, ou eu estava começando a notar isso de novo. Um formigamento se espalhou pelos meus braços e por todo o meu corpo enquanto me dava conta do que ele estava dizendo. — Então você é — eu engasguei — você é o que? Um criminoso?

Seus pensativos olhos escuros ficavam me atraindo para ele enquanto minha mente gritava para fugir. Para longe.

— O que você é? Um procurado? Procurado pelo que? Você roubou todas as pinturas desta sala? — percebi que estava gritando e abaixei minha voz. — Ou é algo pior?

Vincent limpou sua garganta para ganhar tempo. — Vamos apenas dizer que não sou o tipo de cara que a sua mãe gostaria que você saísse por aí.

— Minha mãe está morta. Meu pai também. — As palavras escaparam dos meus lábios antes que eu pudesse detê-las.

Vincent fechou os olhos e pressionou as mãos na testa como se estivesse com dor. — Recentemente?

— Sim.

Ele assentiu solenemente, como se tudo fizesse sentido.

— Sinto muito, Kate.

Entretanto, mesmo sendo uma pessoa ruim, ele se importa comigo. O pensamento veio a minha mente tão subitamente que não consegui parar a reação desencadeada. Meus olhos se encheram de lágrimas. Peguei a xícara de chá e a levantei aos lábios.

O líquido quente escorreu da minha garganta para o meu estômago, e o efeito calmante foi imediato. Meus pensamentos clarearam. E de forma bastante estranha, me senti mais no controle da situação. *Ele sabe quem eu sou agora, mesmo que eu não saiba nada sobre ele.*

Minhas revelações pareceram tê-lo abalado. *Vincent ou estava lutando para se controlar juntamente,* pensei, *ou segurar algo do passado.* Decidi tirar vantagem de seu aparente momento de fraqueza para descobrir alguma coisa. — Vincent, se você está em alguma... Situação perigosa, por que no mundo iria tentar ser meu amigo?

— Eu disse a você, Kate, eu tinha te visto nas redondezas do bairro — ele pesou suas palavras seriamente — e que parecia ser alguém que eu iria querer conhecer. Isso provavelmente foi uma má ideia. Mas eu obviamente não estava pensando.

Enquanto ele falava, sua voz passou de aquecedora para verdadeiramente fria. Eu não podia dizer se ele estava zangado com ele mesmo por ter me envolvido em qualquer que seja a bagunça em que estava metido — ou comigo por trazer isso à tona. Não importava. O efeito da sua repentina frieza foi o mesmo. Eu estremeci, me sentindo como alguém que tivesse andando por cima da gravidade. — Estou pronta para ir. — eu disse, ficando em pé de repente.

Ele girou sobre os pés e acenou com a cabeça. — Sim, vou te levar para casa.

— Não, está tudo bem. Eu sei o caminho. Eu iria... preferir que você não fosse. — As palavras vieram de uma parte racional de mim. A parte que estava insistindo para eu sair da casa o mais rápido possível. Mas a outra parte de mim se arrependeu assim que as disse.

— Como quiser. — ele disse, e voltando ao grande hall de entrada, ele abriu a porta que dava para o pátio.

— Você tem certeza que ficará bem? — ele insistiu enquanto bloqueava a porta, esperando por qualquer resposta antes de me deixar ir embora. Eu mergulhei por baixo dos seus braços me espremendo por ele, passando a centímetros da sua pele.

Meu erro foi inalar quando passei. Ele cheirava a carvalho, erva e lenha. Ele cheirava como memórias. Como anos e anos de memórias.

— Você parece estranha de novo. — Sua dura aparência sumiu por tempo suficiente para mostrar um brilho de preocupação.

— Estou bem. — eu rebati, atenta para soar segura, e então o vendo ali, calmo e controlado, refiz minha resposta. — Eu estou bem, mas você não deveria estar. Você acabou de perder um amigo em um acidente horrível e está aí parado como se nada tivesse acontecido. Eu não me importo com quem você seja ou o que tenha feito para que fugisse daquele jeito. Mas para isso não te afetar... Você tem que ser seriamente perturbado.

Um surto de emoção atravessou o rosto escuro de Vincent. Ele pareceu chateado. Bem, que bom.

— Eu não entendo você, e nem quero. — meus olhos se estreitaram em desgosto. — Eu espero nunca mais te ver de novo. — eu disse, e comecei a andar em direção ao portão.

Senti uma forte mão agarrar meu braço, e virei minha cabeça para ver Vincent parado centímetros atrás de mim. Ele se inclinou até que sua boca estivesse próxima ao meu ouvido. — As coisas nem sempre são como aparentam ser, Kate. — ele murmurou, e cuidadosamente soltou o meu braço.

Eu corri para frente do portão, que já estava se abrindo para me deixar passar. Uma vez que eu estava do lado de fora, ele começou a se fechar. Um estrondo como porcelana sendo esmagada contra o mármore veio de algum lugar de dentro da casa.

Eu permaneci imóvel, olhando de volta para o gigante portão de metal. Minha intuição me dizia que eu tinha feito algo errado. Que tinha julgado mal o caráter de Vincent. Mas todos os sinais apontavam para o fato de que ele era algum tipo de criminoso. E pelos esmagadores sons que ainda emanavam da casa, talvez até um violento. Balancei minha cabeça me perguntando como eu poderia ter perdido minha capacidade de raciocinar apenas por um lindo rosto.

CAPÍTULO 9

PELAS DUAS SEMANAS SEGUINTES, eu não conseguia parar de reprisar os eventos daquele dia na minha cabeça, de novo e de novo, como um disco riscado. Por fora eu devia ter parecido isso mesmo. Eu me levantava, fazia minhas leituras num café alternativo, ia ao cinema ocasionalmente, e tentava acompanhar Geórgia e meus avós nas conversas na mesa de jantar. Até então, eles pareciam saber que eu estava aflita. Mas não tinham motivos para atribuir o meu humor negro a nada novo.

Toda vez que Vincent abria caminho em minha mente, eu o empurrava para fora. Como eu podia ter estado tão equivocada? O fato que ele era parte de algum tipo de atividade criminosa fazia mais sentido agora que pensava de novo naquela noite do rio. Ali devia ter sido algum tipo de guerra entre gangues do submundo acontecendo. *Mesmo que ele fosse um mau garoto, ao menos ele salvou a vida daquela garota,* minha consciência me atormentava.

Mas o que quer que fosse que seu passado continha, eu não conseguia justificar seu frio distanciamento após Jules ter sido atingido pelo trem. Como poderia alguém deixar a cena da morte de um amigo para garantir a sua própria segurança da lei? Tudo isso me gelava os ossos. Especialmente sabendo que já tinha começado a sentir alguma coisa por ele.

A sedutora maneira com que ele tinha brincado comigo no Museu Picasso. Sua intensa expressão quando segurou minha mão no pátio de Jules. O conforto que eu tinha sentido quando ele colocou sua mão em cima da

minha no táxi. Aqueles instantes continuavam piscando na minha memória, me lembrando do porque gostei dele. Eu as afastava de lado de novo e de novo, aborrecida comigo mesma por ter sido tão ingênua.

Finalmente Geórgia me encurralou uma noite em meu quarto. — O que tem de errado com você? — ela perguntou com sua usual diplomacia. Ela se jogou no meu tapete e se inclinando de costas na minha inestimável penteadeira Empire que eu nunca tinha usado por medo de quebrar as alças.

— O que você quer dizer? — respondi, evitando seus olhos.

— Quero dizer, que diabos há de errado com você? Sou sua irmã. Eu sei quando tem alguma coisa errada.

Eu estava ansiando para falar com Geórgia, mas não podia nem imaginar por onde começar. Como poderia contar a ela que o cara que tínhamos visto se jogar da ponte era na verdade um criminoso que eu estava saindo — isso é, até eu o ver ir embora da cena da morte do seu amigo sem derramar uma lágrima?

— Ok, se você não quer falar eu posso simplesmente começar a chutar. Mas eu *vou* conseguir arrancar isso de você. Você está preocupada sobre começar em uma nova escola?

— Não.

— É sobre amigos?

— Que amigos?

— Exatamente!

— Não.

— Garotos?

Alguma coisa no meu rosto deve ter me entregado, porque ela imediatamente se inclinou em minha direção, cruzando suas pernas numa pose me-conte-mais. — Kate, porque você não me contou sobre... quem quer que ele seja... Antes de chegar a isso?

— Você não fala comigo sobre os seus namorados.

— Isso é porque existem muitos deles. — Ela riu, e então, se lembrando do meu desanimo, acrescentou —, Mas, nenhum deles é sério o suficiente para mencionar. *Ainda.* — Ela esperou.

Não tinha como escapar do anzol. — Ok, tem esse cara que mora no bairro, e nós meio que saímos algumas vezes até eu descobrir que ele era uma notícia ruim.

— Quão ruim é a má notícia? Casado?

Não pude deixar de rir. — Não!

— Drogado?

— Não, quer dizer, acho que não. É mais para... — assisti a reação da Geórgia. — É mais para ele estar com problemas com a lei. Como um criminoso ou algo do tipo.

— Sim, eu diria que é uma notícia ruim —, ela admitiu pensativamente. — Soa mais como alguém para se ir atrás, na verdade.

— Geórgia! — gritei, jogando um travesseiro nela.

— Me Desculpe. Desculpe. Eu não deveria brincar sobre isso. Você está certa. Ele não parece ser um bom material de namorado, Katie-Bean. Então por que você apenas não dá palmadinhas nas suas costas por ter recuado antes de ter ido mais afundo ao descobrir, e ser feliz em seu caminho de volta para Guyland[15]?

— Apenas não consigo acreditar que eu estava tão errada sobre ele. Ele parecia tão perfeito. E tão interessante. E -

— Bonito? — minha irmã interrompeu.

Eu me deitei de volta na cama e encarei o teto. — Oh, Geórgia. Bonito não. Maravilhoso. Como um incrível de parar o coração. Não que isso importe agora.

Geórgia parou e olhou para mim. — Sinto muito que não tenha dado certo. Teria sido legal ver você saindo e se divertindo com algum homem gato francês. Eu não continuarei a te perturbar sobre isso, mas assim que você estiver pronta para viver de novo, me avise. Existem festas praticamente todas as noites.

— Obrigada, Geórgia. — eu disse, estendendo a mão para tocar a dela.

— Qualquer coisa para a minha irmãzinha.

E então, sem ao menos perceber, o verão estava oficialmente acabado e era hora de começar a escola.

---

[15] Quer dizer “Terra dos garotos”. Também é o título de um livro.

Geórgia e eu falamos francês fluentemente. Papai sempre falou com a gente, e passamos tanto tempo em Paris durante nossas férias, que o francês vem tão facilmente quanto o inglês. Então nós poderíamos ter ido a uma escola francesa de ensino médio. Mas o sistema francês é tão diferente do americano que nós teríamos que fazer todas as matérias faltantes da grade para podermos nos formar.

A escola americana de Paris era um daqueles lugares esquisitos nas cidades estrangeiras onde expatriados se amontoavam juntos num círculo defensivo e tentavam fingir que ainda estavam em suas terras. Eu vi esse lugar como sendo para almas perdidas. Minha irmã viu isso como uma oportunidade de fazer mais amigos internacionais que conseguiria visitar em seus países nativos durante as férias escolares. Geórgia trata amigos como roupas, alegremente negociando uma pela outra quando for conveniente — não de uma forma ruim, mas apenas não muito próxima.

Quanto a mim, sendo uma caloura, eu sabia que tinha dois curtos anos com essas pessoas, alguns deles poderiam voltar para seus países de origem antes do ano escolar ter ao menos terminado.

Então, depois de andar pelas grandes portas de entrada no primeiro dia de escola, fui diretamente para a secretaria pegar meu horário, e Geórgia andou diretamente para um grupo intimidante de garotas e começou a conversar como se as conhecesse por toda a vida. Nossos dados sociais foram lançados nos primeiros cinco minutos.



Eu não tinha estado em um museu desde que tinha visto Vincent no Museu Picasso, então foi com uma sensação de trepidação que me aproximei do Centro Pompidou uma tarde depois da escola. Meu professor de história

tinha nos passado um projeto sobre os eventos que aconteceram no século vinte em Paris, e eu tinha escolhido as revoltas de 1968.

Diga "Maio de 1968" e toda pessoa francesa irá imediatamente pensar na greve geral por todo o país que fez a economia francesa parar. Eu estava focando nas longas semanas de lutas violentas entre a polícia e os estudantes universitários em Sobornne. Nós deveríamos escrever nossas redações em primeira pessoa, como se tivéssemos experimentado os eventos por nós mesmos. Ao invés de olhar nos livros de história, decidi procurar jornais contemporâneos para encontrar histórias pessoais.

Os materiais que eu precisava estavam numa biblioteca imensa localizada no Centro Pompidou, no segundo e terceiro andar. Mas, uma vez que os outros andares abrigavam o Museu Nacional de Arte Contemporanea de Paris, eu planejei seguir o meu trabalho de escola contemplando algumas bem merecidas artes.

Uma vez instalada em uma das cabines de visualização da biblioteca, eu folheei carretéis de microfilmes dos dias das revoltas mais agitadas. Tendo lido que em 10 de maio foi um dia de luta aquecida entre a polícia e estudantes, escaneei a frente da página do dia, peguei algumas notas, e então folheei pelas páginas a fim de ler os editoriais. Foi difícil de imaginar esse tipo de violência acontecendo apenas do outro lado do rio na Latin Quarter, a quinze minutos andando do lugar onde eu estava sentada.

Tirei o carretel e o substitui por outro. As revoltas tinham esquentado de novo em 14 de julho, dia da independência francesa. Vários estudantes, assim como turistas que estavam visitando Paris para as festividades, foram levados aos hospitais próximos. Eu fiz notas das primeiras duas páginas, e então rolei de volta para as duas páginas de obituários e suas fotos em preto-e-branco. E lá estava ele.

Na metade da primeira página. Era Vincent. Ele tinha o cabelo comprido, mas parecia exatamente como há um mês. Meu corpo congelou enquanto eu lia o texto.

Bombeiro Jacques Dupont, dezenove anos de idade, nascido em La Baule, Pays de La Loire, foi morto em serviço em um prédio pegando fogo, que se acredita ter sido provocado por um coquetel Molotov pelos

estudantes revoltosos. O prédio residencial, na Rua Chapollion 18, estava em chamas quando Dupont e seu colega, Thierry Simon (óbito na sessão S), correram para dentro do prédio e começaram a evacuar os moradores, que tinham tomado à cobertura dos combates na adjacente Sorbonne. Preso sob as tábuas incendiadas, Dupont faleceu antes que pudesse ser levado ao hospital e seu corpo foi dado como morto. Doze cidadãos, incluindo quatro crianças, devem suas vidas a esses heróis locais.

Não pode ser ele, eu pensei. *A não ser que fosse a imagem cuspida do pai, que aconteceu de ser pai antes de morrer aos...* (Eu olhei de relance novamente o obituário) *dezenove. O que* não era *impossível.*

Com o meu raciocínio em curto-circuito, avancei para a próxima página e examinei os Ss de "Simon". Lá estava ele: Thierry Simon. O cara musculoso que tinha escoltado Geórgia e eu da luta no rio. Thierry tinha um volumoso Afro na foto, mas estava com o mesmo sorriso confiante que tinha me dado no dia do café no terraço. Era definitivamente o mesmo cara. Mas a mais de quarenta anos atrás.

Eu fechei meus olhos sem acreditar, e então os abri novamente para ler o parágrafo abaixo da foto de Thierry. Era o mesmo do de Jacques, exceto pela idade dada, vinte e dois anos, e local de nascimento em Paris.

— Eu não entendo —, sussurrei, quando eu, entorpecida, pressionei o botão da máquina para imprimir ambas as páginas. Depois de retornar os carretéis de microfilmes na mesa da frente, deixei a biblioteca espantada e hesitei antes de pisar na escada rolante indo para o próximo andar. Eu poderia me sentar no museu até que decidisse o que fazer depois.

Meus pensamentos estavam começando a arrancar para dez direções diferentes quando passei pela catraca, para dentro do teto alto da galeria com bancos posicionados no meio da sala. Ao sentar, coloquei a cabeça entre as mãos enquanto tentava clarear minha mente.

Finalmente olhei para cima. Eu estava numa sala dedicada à arte de Fernand Leger, um dos meus pintores favoritos do início do século vinte. Estudei as duas dimensões da superfície cheia de cores primárias em tons claros e formas geométricas, e senti uma sensação de normalidade retornar.

Olhei de relance acima do canto onde a minha pintura favorita de Leger estava exposta: uma com aparência robótica de soldados da Primeira Guerra Mundial, sentados ao redor de uma mesa, fumando cigarros e jogando cartas.

Um homem jovem ficou na frente dela, suas costas de frente para mim enquanto ele se inclinava para perto, inspecionando alguma coisa na composição. Ele tinha uma estatura mediana, cabelo castanho com um corte rente a cabeça e a roupa suja. *Onde eu o tinha visto antes?* Pensei, me perguntando se ele era alguém da escola.

E então ele se virou, e fiquei boquiaberta em descrença. O homem parado do outro lado da galeria era Jules.

Capítulo 10

MEU CORPO SE DESLIGOU da minha mente. Eu me levantei e andei em direção ao fantasma. *Ou eu estou tendo um colapso nervoso, que começou na biblioteca*, pensei, *ou o cara parado na minha frente é um fantasma*. Ambas as explicações pareceram mais prováveis que a alternativa: de que Jules tinha realmente sobrevivido à colisão com o metrô, não apenas em parte, mas aparentemente ileso.

Quando eu estava a alguns metros de distância, ele me viu chegando, e por uma fração de segundos, ele hesitou. Então se virou para mim com um olhar completamente em branco no seu rosto.

— Jules! — eu disse com urgência.

— Oi —, ele disse calmamente. — Eu te conheço?

— Jules, sou eu a Kate. Eu visitei o seu estúdio com Vincent, lembra? E te vi na estação de metrô no dia do... Acidente.

Sua expressão mudou de neutra para divertida. — Receio que você deva ter me confundido com outra pessoa. Meu nome é Thomas, e eu não conheço ninguém chamado Vincent.

Thomas, nem a pau, pensei, querendo sacudi-lo. — Jules, eu sei que é você. Você sofreu aquele acidente horrível quando... Apenas um mês atrás?

Ele balançou a cabeça e deu de ombros. Como se isso dissesse, *me desculpe.*

— Jules, você tem que me dizer o que está acontecendo.

— Escute, hum, Kate? Eu não tenho ideia sobre o que você está falando, mas me deixe ajudá-la a ir até aquele banco. Você deve estar muito nervosa. Ou muito exausta —, ele me pegou pelo cotovelo e começou a me direcionar de volta aos bancos.

Eu puxei meu braço com tudo e fiquei o encarando com os punhos cerrados. — Eu sei que é você. Não sou louca. E não sei o que está acontecendo. Mas acusei Vincent de ser insensível por fugir depois da sua morte. E agora vejo que você está vivo.

Eu me dei conta que a minha voz tinha se elevado quando vi o guarda da segurança virar a cabeça na nossa direção. Eu dei ao Jules um olhar enfurecido quando o homem de uniforme andou até nós e perguntou: — Algum problema aqui?

Jules calmamente olhou o guarda nos olhos e disse —, Nenhum problema, senhor. Ela parece ter me confundido com outra pessoa.

— Eu não me enganei! — sibilei sob minha respiração, então me afastei, andando rapidamente em direção à saída. Virando apenas para ver Jules e o guarda encarando na minha direção, sai do museu e corri descendo as escadas rolantes.

Havia só um lugar onde eu poderia ir.



O metrô me levou de volta ao meu bairro parecendo uma eternidade, mas finalmente me vi subindo os degraus da saída do metrô para a desvanecida luz do dia e indo em direção à Rua Grenelle. Parando em frente ao muro cheio de grades, toquei a campainha. Uma luz acendeu acima da minha cabeça, e olhei para uma câmera de segurança em cima.

— *Oui*? — uma voz perguntou depois de uns segundos.

— É a Kate, sou... — dei uma pausa, momentaneamente perdendo a coragem. Mas me lembrando da crueldade das minhas últimas palavras para Vincent, falei com renovada determinação. — Eu sou uma amiga do Vincent.

— Ele não está. — A voz masculina quebrou metalicamente pelo pequeno alto-falante do interfone.

— Preciso falar com ele. Não posso deixar um bilhete?

— Você não tem o número do celular dele?

— Não.

— E você é uma amiga? — a voz soou cética.

— Sim, quer dizer não. Mas eu preciso falar com ele. Por favor.

Teve um momento de silêncio e, então, ouvi o *click* que significava que o portão tinha sido destrancado. Ele se mexeu lentamente para dentro. Do outro lado do pátio, um homem estava na porta de entrada. Meu coração se partiu um centímetro quando vi que não era Vincent.

Andei rapidamente através dos paralelepípedos para encarar o homem, tentando elaborar alguma coisa a dizer que não me fizesse soar como uma pessoa louca. Mas quando eu o alcancei, todas as palavras me escaparam. Embora ele parecesse estar nos seus sessenta, seus claros olhos verdes pareciam ter séculos de idade.

Seu cabelo grisalho estava esticado para trás com gel e seu rosto era pontuado por um longo e curvo nariz de aparência nobre. Eu imediatamente reconheci em seu rosto e em suas roupas a marca da aristocracia francesa.

Se eu já não tivesse reconhecido o seu tipo como os dos clientes de antiguidades do vovô, certamente teria reconhecido suas feições em retratos da nobreza pendurados em cada castelo francês e museu. Família antiga. Dinheiro antigo. Essa mansão tinha que ser dele.

Sua voz me cortou no meio do pensamento. — Você está aqui para ver o Vincent?

— Sim... Quero dizer, sim, *monsieur*.

Ele assentiu com aprovação quando corrigi minhas maneiras ao beneficiar sua idade e posição. — Bem, eu sinto muito lhe informar que, como eu disse antes, ele não está aqui.

— Você sabe quando ele estará de volta?

— Dentro de poucos dias, presumo.

Eu não sabia o que dizer. Ele se virou para ir embora e, me sentindo completamente estranha, perguntei —, Bem, eu poderia ao menos deixar um bilhete a ele?

— E o que seria essa mensagem? — ele perguntou secamente, ajustando o lenço de seda amarrado no pescoço da sua impecável camisa cottom.

— Eu poderia... Poderia escrevê-lo? — gaguejei, lutando contra a urgência de ir apenas embora. — Me desculpe importunar o seu tempo, senhor, mas você se importaria se eu mesma escrevesse a ele o bilhete?

Ele ergueu suas sobrancelhas e estudou o meu rosto por um momento. E então, abrindo a porta para eu passar, ele disse —, Muito bem.

Andei para dentro do magnífico hall de entrada e esperei enquanto ele fechava a porta atrás de nós. — Me siga —, ele disse, me guiando até a porta que dava para a mesma sala onde Vincent tinha me levado chá. Ele gesticulou para uma mesa e uma cadeira e disse —, Você irá encontrar papel e caneta na gaveta.

— Tenho algumas comigo, obrigada. — eu disse, pegando a minha bolsa de livros.

— Deseja que eu mande um chá?

Acenei com a cabeça, pensando que iria levar alguns minutos para pensar no que queria escrever. — Sim, obrigada.

— Então Jeanne irá trazer o seu chá e lhe mostrar a saída. Você poderá entregar o bilhete ao Vincent por ela. *Au revoir, mademoiselle*[16]. — Ele me deu um curto aceno de cabeça e então fechou a porta ao passar. Suspirei de alívio.

Tirando uma caneta e um caderno de notas da minha bolsa, arranquei um pedaço de papel e encarei por um minuto completo antes de começar a escrever. *Vincent* - eu comecei.

Estou começando a entender o que você quis dizer quando me disse que as coisas não eram como pareciam ser. Descobri a sua foto e a do seu amigo nas páginas dos obituários de 1968. E então, logo após isso, vi Jules. Vivo. Eu não consigo imaginar o que tudo isso quer dizer, mas quero me desculpar pelas coisas duras que eu disse —

[16] Adeus, senhorita.

depois de você me tratar tão gentilmente. Eu disse a você que nunca mais queria vê-lo novamente. Retiro isso. Pelo menos me ajude a entender o que está acontecendo, então não irei acabar em um hospício em algum lugar por aí, tagarelando sobre pessoas mortas pelo resto dos meus dias.

Sua decisão.

Kate.

Eu dobrei a mensagem e esperei. Jeanne não veio. Eu observei os minutos tiquetaqueando longe no relógio de pêndulo, aumentando mais o meu nervosismo com cada segundo passado. Finalmente comecei a me preocupar que talvez devesse ir encontrar Jeanne. Talvez ela estivesse esperando na cozinha com o meu chá. Andei para o hall de entrada. A casa estava silenciosa.

Notei, no entanto, que a porta do outro lado estava entreaberta. Andei lentamente até ela e espiei dentro. — Jeanne? — chamei suavemente. Nenhuma resposta. Empurrei a porta aberta e entrei em uma sala que era quase idêntica a que eu tinha vindo. Tinha a mesma portinha no canto como aquela por onde o Vincent passou com o meu chá. *A entrada de empregados, eu pensei.*

Eu a abri. Vi uma passagem longa e escura. Com o coração na garganta, caminhei em direção a uma porta com janelas no final, com luz iluminando seus painéis. Ela se abriu em uma cozinha grande e cavernosa. Ninguém estava lá. Dei um suspiro de alívio, e percebi que tinha medo de topar com o dono da casa mais uma vez.

Decidindo deixar o bilhete na caixa de correspondência na saída, corri de volta para o espaço em forma de túnel. Agora que aquela luz da cozinha estava nas minhas costas, vi várias portas sendo iluminadas ao longo do corredor e notei que uma estava levemente aberta. Uma luz cálida estava brilhando dentro. Talvez aquele fosse o quarto da governanta. — Jeanne? — chamei em voz baixa. Não houve resposta.

Fiquei imóvel por um instante antes de avançar com um impulso irresistível. *O que estou fazendo?* Pensei quando pisei na entrada. Pesadas cortinas bloqueavam a luz de fora como nos outros cômodos. A única

iluminação vinha de pequenas lâmpadas espalhadas ao redor de mesas baixas.

Entrei no quarto e fechei a porta suavemente atrás de mim. Eu sabia que era insano. Mas a parte racional do meu cérebro tinha perdido a batalha e eu estava agora em piloto-automático, invadindo a casa de alguém a fim de satisfazer a minha curiosidade. Minha pele parecia estar sendo picada por milhões de dardos de adrenalina quando comecei a olhar ao redor.

À minha direita, estantes de livros cercavam uma lareira de mármore cinza. Acima da cornija, duas espadas penduradas cruzadas uma na outra. As outras paredes estavam preenchidas com fotografias emolduradas, algumas em preto-e-branco e outras coloridas. Todas eram retratos.

Parecia não haver padrão para uma coleção. Algumas pessoas nelas eram velhas, outras novas. Algumas fotos pareciam como se tivessem sido tiradas há cinquenta anos e outras pareciam contemporâneas. A única coisa que as ligavam era que todas elas eram desinteressadas: os indivíduos não sabiam que fotos suas estavam sendo tiradas. *Coleção estranha.* Pensei, mudando meu olhar para o outro lado do quarto.

Em um canto havia uma enorme cama dossel com tecidos brancos translúcidos pendurados. Andei na sua direção para dar uma olhada. Através do tecido transparente dava para ver a forma de um homem deitado na cama, meu coração congelou.

Sem ousar respirar, puxei a cortina de lado.

Era Vincent. Ele estava deitado sobre as cobertas, totalmente vestido, de costas, com os braços em cada lado. E ele não parecia como se estivesse dormindo.

Parecia estar morto.

Levantei uma mão e toquei o seu braço. Estava tanto frio como duro, como um manequim de loja. Recuando, choraminguei —, Vincent? — Ele não se moveu. — Oh meu Deus —, murmurei horrorizada, e então meus olhos se fixaram na foto emoldurada sobre criado-mudo ao lado da cama. Era uma foto minha.

Meu coração parou no peito e, segurando minha mão na garganta, recuei até que meus ombros bateram no mármore da chaminé e deixei sair um grito aterrorizado. Neste momento a porta se abriu e a luz do quarto foi acesa.

Jules estava na porta. — Oi, Kate —, ele disse sinistramente, e então, apagando a luz, acenou com a cabeça e disse —, Parece que o jogo acabou Vince.

Capítulo 11

— VOCÊ TERÁ QUE VIR COMIGO. — Jules vestia uma expressão risonha. Quando ele percebeu que eu era incapaz de me mover, ele pegou o meu braço e me guiou em direção à porta.

— Mas Jules —, eu disse, meu choque se foi o suficiente para me permitir falar —, Vincent está morto!

Jules se virou e me encarou. Devo ter parecido como uma vítima de trauma. Sei que soei como uma, minha voz saindo de forma estremecida.

— Não, não está. Ele está bem. — ele pegou a minha mão e me puxou para o corredor. Eu puxei de volta.

— Me escute, Jules —, eu disse, começando a soar histérica. — Eu toquei nele. Sua pele está fria e dura. Ele esta morto!

— Kate —, ele disse parecendo quase chateado —, Não posso falar com você sobre isso agora. Mas você tem que vir comigo. — ele pegou meu pulso gentilmente e começou a me guiar pelo corredor.

— Para onde está me levando?

— Onde eu deveria levá-la? — perguntou a si mesmo. E não era um tom de reflexão, como as pessoas costumam usar quando se perguntam uma questão que já tenham a resposta. Pareceu como se não soubesse e esperava que alguém respondesse.

Meus olhos se arregalaram. Jules estava louco. Talvez tivesse ficado com alguma sequela mental depois do acidente do metrô, pensei. Talvez fosse um criminoso insano que tinha assassinado Vincent e o deixado em sua própria cama, e agora estava me levando a algum lugar para me matar também. Meus pensamentos estavam saindo do controle: estava agora como num filme de terror. Aterrorizada, tentei puxar minha mão da dele, mas seu aperto aumentou.

— Vou te levar para o quarto da Charlotte —, disse, respondendo sua própria pergunta.

— Quem é Charlotte? — perguntei, minha voz alerta.

— *Não* estou tentando assustá-la! — Jules disse, vindo a parar. Ele se virou para mim, olhando exasperado. — Escute, Kate, sei que teve um choque lá, mas estar naquele quarto é completamente sua culpa. Não minha. Agora vou te levar para algum lugar onde você possa se acalmar, e não irei machucá-la.

— Posso apenas ir embora?

— Não.

Uma lágrima rolou pela minha bochecha. Não podia evitar. Estava muito confusa e assustada para ficar calma, e muito horrorizada por estar chorando para olhá-lo: parecer fraca ou frágil era a última coisa que queria. Encarei o chão.

— E agora? — ele disse, deixando cair a minha mão. — Kate? Kate? — seu jeito áspero se suavizou. — Kate.

Encontrei seus olhos quando limpava minhas lágrimas com dedos trêmulos.

— Oh meu Deus, assustei você —, disse, dirigindo seu primeiro olhar bondoso para mim. Ele andou para trás. — Fiz tudo errado. Sou um idiota. — *Seja cuidadosa.* Disse a mim mesma. *Ele pode estar apenas atuando. Mas certamente está fazendo um excelente trabalho com o remorso.*

— Tudo bem, me deixe explicar... — hesitou —, tanto quanto eu puder. Não vou machucar você. Juro, Kate. E prometo que Vincent ficará bem. Não é o que parece. Mas preciso falar com os outros — as outras pessoas que moram aqui — antes que possa te deixar ir embora.

Concordei com a cabeça. Jules estava agindo de forma mais sã que alguns minutos atrás. E estava me olhando tão sentido que quase (mas não completamente) tive pena dele. *Mesmo que eu quisesse correr,* pensei, *não conseguiria passar pela segurança do portão lá de fora.*

Ele esticou sua mão para mim, dessa vez de uma maneira pacífica, como se quisesse colocá-la confortavelmente no meu antebraço, mas recuei.

— Tudo bem, está tudo bem —, ele suavizou, erguendo as mãos no ar num gesto de rendição. — Não irei tocar em você de novo.

Ele parecia muito chateado agora. — Eu sei —, ele disse, falando para o ar. — Sou um completo débil mental —, e começou a andar pelo corredor na direção da sala de estar. — Por favor, me siga, Kate. — ele disse com uma voz desanimada.

Eu o segui. Que outra escolha eu tinha?

Ele me levou pela escadaria dupla até o segundo andar, saindo em um corredor. Abrindo uma porta de um quarto escuro, ele ascendeu as luzes e ficou no corredor enquanto eu entrava. — Fique à vontade. Posso demorar um pouco. — Ele disse, evitando meus olhos. Ele fechou a porta atrás de mim. A fechadura clicou.

— Hey! — gritei, agarrando a maçaneta e a girando. Estava definitivamente trancada.

— Eu *tive* que trancar. Não podemos simplesmente tê-la passeando ao redor da casa. — Jules estava falando consigo mesmo de novo, enquanto seus passos cresciam fracamente.

Não havia mais nada que eu pudesse fazer, exceto saltar pela janela do segundo andar e escalar a frente do portão. *Isso apenas* não *vai acontecer.* Pensei, e me resignei ao fato de que estava sem poderes para fazer qualquer coisa antes que alguém destrancasse a porta.

Você poderia ter recebido coisa pior para uma prisão, pensei, olhando ao redor. As paredes estavam revestidas com seda estampada cor-de-rosa, e pesadas cortinas verde-hortelã estavam atadas em cada lado da janela, que tinha os painéis superiores em forma de corações. Delicadas mobílias pintadas estavam organizadas nos cantos do quarto. Eu me sentei num divã estofado de seda.

Minha agitação acalmou, depois de um tempo me estiquei e coloquei a cabeça numa almofada, erguendo minhas pernas do chão. Fechei meus olhos só por um momento, e o efeito do stress e medo tinham feito seus caminhos para o meu cérebro. Eu estava de fora como a luz.

Deveria ter se passado horas quando acordei. Eu podia ver o céu da noite se aproximando pela janela, e por um delirante momento pensei que estava de volta ao meu quarto no Brooklyn.

Então meus olhos se ergueram para o grande candelabro com braços terminando em flores incrivelmente delicadas. O teto foi pintado para parecer como um céu nublado, com bebês anjos gordinhos carregando fitas e flores.

Por um segundo, não soube onde eu estava. Então, lembrando, me sentei.

— Você está acordada —, disse uma voz do outro lado do quarto. Eu olhei para cima para descobrir a fonte. Era a garota do café com o cabelo loiro curto, a que tinha me salvado de ser esmagada pela pedra. *O que ela está fazendo aqui?* Pensei.

Ela estava sentada e curvada numa poltrona perto de uma ornamentada lareira de pedra. Devagar e hesitante, ela se levantou e andou cuidadosamente na minha direção.

A luz do candelabro brilhou em seu cabelo, fazendo-o brilhar como bronze polido. Suas bochechas e lábios eram da cor das rosas aveludadas do jardim da casa de campo da vovó.

A garota estava perto de mim agora e, de forma acanhada, esticou a mão para a minha. — Kate —, ela disse numa voz tímida, balançando minha mão e a soltando. — Sou Charlotte. — Ela sentou-se na beirada do divã, me olhando com admiração.

— Você foi quem salvou a minha vida —, murmurei.

Rindo, ela pegou uma cadeira para se sentar na minha frente. — Aquilo não foi realmente eu. — Ela sorriu. — Quero dizer, era eu, mas não sou a responsável por salvar a sua vida. É um pouco complicado —, ela disse, cruzando suas pernas sedutoramente. Ao redor do seu pescoço pendia uma corda de couro com um pingente em forma de gota.

Então essa é a garota de quem Vincent era muito próximo. Pensei com desalento, meus olhos viajando do colar de volta para o seu rosto elegante. Ela tinha em torno da minha idade, mas um pouco mais nova. Vincent tinha dito que ela era apenas uma amiga. Eu não podia parar de imaginar o quão próximo eles eram.

— Bem-vinda ao meu quarto —, ela disse.

Meu coração parou. *Ela mora na casa dele?*

— É deslumbrante. — Consegui colocar para fora.

— Eu gosto de me cercar com beleza —, ela disse, me dando um sorriso tímido.

Seu corte de cabelo de menino e a figura alta e esguia, vestida num jeans preto justo e camisa desbotada, não podiam disfarçar a sua marcante beleza feminina. Embora parecesse que ela estava tentando fazer justamente isso. *Ela nem sequer tem que tentar, ela é de tirar o fôlego,* pensei, mentalmente me rendendo enquanto percebia que nunca seria capaz de competir com Charlotte.

Capítulo 12

CHARLOTTE ME LEVOU para baixo e, pela passagem de empregados, ao quarto do Vincent. Ela bateu na porta e, não esperando por uma resposta, me guiou diretamente até a cama dele. Meus passos vacilaram quando eu o vi sentado, apoiado nos travesseiros. Ele parecia muito fraco e tão pálido quanto o lençol. Mas estava vivo. Meu coração saltou em meu peito — tanto pela excitação de vê-lo vivo como por medo. Como era possível?

— Vincent? — perguntei cautelosamente. — É você? — o que pareceu um pouco estúpido. Parecia ser ele, mas talvez ele tivesse sido possuído por... Eu sei lá, algum tipo de ser alienígena ou algo assim. Nesse ponto, as coisas estavam estranhas o suficiente para eu acreditar em quase tudo.

Ele sorriu e eu soube que era realmente ele.

— Você não está... Mas você estava morto! — eu tive que forçar as palavras irracionais para fora da minha boca.

— E se eu te dissesse que sou apenas um dorminhoco profundo? — sua voz baixa veio, devagar e com grande esforço.

— Vincent, você estava morto. Eu vi você. Eu toquei você. Eu sei... — meus olhos se encheram de lágrimas quando tive um flashback do necrotério do Brooklyn e os corpos dos meus pais deitados nas macas. — Eu sei como um "morto" se parece.

— Venha aqui —, ele disse. Eu avancei meu caminho em direção a ele, não sabendo o que esperar. Ele esticou seu braço vagarosamente e tocou a minha mão. Ele não estava frio como antes, mas não parecia muito humano, também.

— Vê? — ele disse, os cantos dos seus lábios se curvando para cima. — Vivo.

Dei um passo para trás, puxando minha mão da dele. — Eu não entendo —, eu disse, minha voz desconfiada. — O que há de errado com você?

Ele parecia resignado. — Sinto muito ter te metido nisso. Foi egoísmo. Mas não pensei que acabaria desse jeito. Não pensei... em tudo. Obviamente.

Meu sentimento de total alarme foi substituído por uma estranha sensação de medo do que poderia vir a seguir. Eu não conseguia imaginar que tipo de revelação ele estava prestes a por para fora. Mas uma pequena voz dentro de mim disse, *Você sabia.* E percebi que já sabia.

Eu sabia que havia alguma coisa diferente em relação a Vincent. Eu tinha sentido isso mesmo antes de ver sua foto nos obituários. Tinha alguma coisa um pouco fora do normal, mas muito obscura para eu colocar meu dedo nela. Então tinha a ignorado. Mas agora iria descobri-la. Um calafrio de expectativa me causou um tremor. Vincent me viu tremer e franziu a testa com pesar.

Nós fomos interrompidos por uma batida na porta. Charlotte se levantou para abri-la e ficou de lado, uma por uma, as pessoas entraram no quarto.

Jules andou primeiro na minha direção e, gentilmente tocando meu ombro, perguntou —, Você está se sentindo melhor?

Eu assenti.

— Estou tão, tão arrependido por como lidei com as coisas antes —, ele disse com remorso. — Foi uma reação instintiva, tentando te levar pra longe do Vince o mais rápido possível. Fui grosseiro com você. Não estava pensando.

— Sério. Está tudo bem.

Uma figura familiar chegou por trás dele e, de forma brincalhona, o empurrou para o lado. O garoto musculoso do rio se virou para Jules e disse

—, Tentando pegá-la para si mesmo? — e então, curvando-se à minha altura, ele estendeu a mão e disse —, Kate, encantado em conhecê-la. Eu sou o Ambrose —, ele disse, em uma voz de barítono que era tão grossa quanto melaço. Então, mudando para um perfeito sotaque inglês, ele disse —, Ambrose Bates de Oxford, Mississipi. É legal encontrar um compatriota nessa terra de loucas pessoas francesas!

Claramente apreciando o fato de que tinha me surpreendido, Ambrose riu profundamente e me deu uma palmada no braço antes de se sentar próximo a Jules no sofá, dando uma piscadela amigável.

Um homem que eu nunca tinha visto antes entrou e, parando na minha direção, me deu um pequeno arquejo nervoso. — Gaspard —, ele se introduziu simplesmente. Ele era mais velho que os outros, nos final de seus trinta ou início dos quarenta. Alto e magro, de olhos profundos e um cabelo que parecia ter tomado um choque, era preto, curto, mal cortado e espetado para todas as direções. Ele se virou e andou na direção dos outros.

— Este é o meu irmão gêmeo, Charles —, disse Charlotte, que tinha ficado ao meu lado enquanto as apresentações eram feitas. Ela puxou para frente uma cópia avermelhada de si mesma. Arqueando e me dando na mão um beijo de gozação, ele disse sarcasticamente —, Prazer em conhecê-la de novo, agora que não está chovendo tijolo. — Sorri desconcertantemente para ele.

Eu não sei se foi a minha imaginação, ou se todos realmente deram um passo para trás, mas de repente pareceu como se as únicas pessoas no quarto fosse eu e o homem que estava me encarando. Era o cavalheiro aristocrático de ontem — o dono da casa. Apesar de todos os outros terem me cumprimentando de forma amigável, o meu anfitrião não estava sorrindo.

Diante de mim, ele se curvou rigidamente a partir da cintura. — Jean-Baptiste Grimod de La Reyniere —, ele disse, olhando friamente dentro dos meus olhos. — Embora o resto da minha tribo possa residir aqui, essa é a *minha* casa, e eu, por só, acho a sua presença aqui muito imprudente.

— Jean-Baptiste —, veio a voz de Vincent atrás de mim. — Nada disso foi intencional. — Ele se deitou no travesseiro e fechou os olhos, parecendo ter usado toda a sua energia com essas seis palavras.

— Você, meu jovem... Você foi quem quebrou as regras a trazendo para dentro da nossa casa, em primeiro lugar. Eu nunca tinha permitido a qualquer um de vocês trazerem seus amantes humanos aqui, e você desrespeitou a minha regra mais notória.

Senti minhas bochechas queimarem com suas palavras, mas não tinha certeza a que eu estava respondendo: a parte "humanos" ou a parte "amantes". Nada mais fazia sentido.

— O que eu deveria ter feito? — Vincent argumentou —, Ela apenas tinha visto Jules morrer! Estava em choque.

— Aquilo era seu próprio problema para resolver. Você não deveria ter se envolvido com ela em primeiro lugar. E agora você terá que limpar a sua própria bagunça.

— Ah, alivia essa, JB —, disse Ambrose, se inclinando para trás e casualmente esticando seus braços por todo o comprimento do sofá. — Não é o fim do mundo. Nós a verificamos e ela, definitivamente, não é uma espiã. Além do mais, ela não é a primeira humana a saber o que nós somos.

O homem mais velho lhe lançou um olhar fulminante.

O que tinha se apresentado como Gaspard falou em uma tímida voz. — Se me permite esclarecer... A diferença aqui é que todo outro humano que interagiu conosco era... Ah... Era individualmente escolhido de famílias que tem servido Jean-Baptiste por gerações.

Gerações? Pensei com espanto. Um dedo gélido roçou ao longo da minha espinha.

— Ao contrário de você —, Jean-Baptiste continuou com uma indisfarçável aversão —, que a conheço a menos de um dia, e você já está se intrometendo na privacidade da minha família. Você é mais do que indesejada.

— Xiii! — exclamou Jules. — Não esconda seus verdadeiros sentimentos, Grimod. Vocês dos velhos tempos realmente precisam aprender a se abrir e se expressar. — Jean-Baptiste agiu como se não tivesse escutado.

— Bem, o que devemos fazer então? — Charlotte disse, se dirigindo ao nosso anfitrião.

— Ok, pare. Todos. — Vincent disse com a respiração fraca. — Vocês são a minha família. Quem vota que contemos a Kate?

Ambrose, Charlotte, Charles e Jules levantaram as mãos.

— E o que vocês querem que façamos? — Vincent direcionou sua pergunta para Jean-Baptiste e Gaspard.

— Isso é problema seu —, Jean-Baptiste disse. Ele me encarou de cima a baixo por mais alguns segundos e, então, se virando em seu calcanhar, rumou rapidamente para fora do quarto, batendo a porta atrás de si.

Capítulo 13

Então —, Ambrose disse com uma risadinha, esfregando as mãos. — Regras majoritárias. Vamos começar a festa.

— Aqui —, disse Charlotte, colocando duas das grandes almofadas do sofá no chão. Sentando em uma dela em estilo indiano, ela sorriu para mim e bateu na outra convidativamente.

— Está tudo bem —, Vincent me assegurou quando hesitei e soltou a minha mão.

— Kate —, Jules disse —, você compreende que o que falamos aqui não vai para fora dessas paredes.

As palavras do Vincent foram baixas e precisas. — Jules está certo. Nossas vidas estão em suas mãos uma vez que você saiba, Kate. Odeio forçar esse tipo de responsabilidade para qualquer pessoa, mas a situação foi longe demais. Você promete guardar nosso segredo? Mesmo se você... — soou como se ele estivesse ficando sem fôlego —, Mesmo se você for embora hoje e decidir nunca mais voltar?

Eu assenti com a cabeça. Todos esperaram. — Prometo —, sussurrei, o que foi o melhor que pude fazer com um caroço na minha garganta do tamanho de uma uva. Alguma coisa extremamente bizarra estava acontecendo, e eu tinha poucas pistas para adivinhar o que era. Mas com o uso superficial de *Jean-Baptiste* da palavra "humano" e Vincent e Jules, ambos aparentemente terem sido ressuscitados, eu sabia que estava metida

em algo profundo. E não saber o que esse *profundo* significava — me assustava ao ponto de quase fazer xixi nas calças

— Jules... Você começa —, Vincent disse, fechando seus olhos e parecendo mais morto que vivo.

Jules mediu a situação e decidiu ter piedade. — Talvez seja mais fácil se deixarmos a Kate nos perguntar o que ela quer.

Por onde começar mesmo? Pensei, e então lembrai o que tinha colocado tudo dentro de um espiral em primeiro lugar. — Eu vi uma foto sua e do Vincent num jornal de 1968 que dizia que vocês morreram em um incêndio. — eu disse, me virando para Ambrose.

Ele assentiu para mim com um pequeno sorriso, me incitando.

— Então como vocês podem estar aqui agora?

— Bem, estou agradecido que estejamos começando com as perguntas fáceis —, ele disse, esticando seus poderosos braços e então se inclinando na minha direção. — A resposta seria... Porque nós somos zumbis! — e ele soltou um horrível rugido, escancarando bem a boca e arreganhando seus dentes enquanto curvava as mãos em garras.

Vendo minha expressão aterrorizada, Ambrose começou a se rachar de rir e deu um tapa no seu joelho. — É zoeira —, ele riu, e então se recompondo, me olhou serenamente. — Mas não, sério. Nós somos zumbis.

— Nós *não* somos zumbis —, disse Charlotte, sua voz aumentando com aborrecimento.

— O termo correto, acredito, seria, ah, morto-vivo —, disse Gaspard numa voz vacilante.

— Fantasmas —, disse Charles, sorrindo maliciosamente.

— Parem de assustá-la, vocês rapazes —, disse Vincent —, Jules?

— Kate, é muito mais complicado que isso. Nós nos chamamos de *revenants*.

Eu olhei em torno deles, um por um.

— *Ruh-vuh-nahnt* —, Jules pronunciou, devagar, claramente pensando que eu não tinha entendido.

— Eu conheço a palavra. Significa "fantasma" em francês. — Minha voz vibrou. *Estou sentada num quarto com um bando de monstros.* Pensei.

Indefesa. Mas não podia me dar ao luxo de enlouquecer agora. O que eles poderiam fazer comigo se eu surtasse? O que podiam fazer comigo mesmo se eu não surtasse? A menos que eles fossem o tipo de monstro que podia apagar a memória das pessoas, eu estava no segredo deles agora.

— Se você voltar à origem da palavra, na verdade significa "aquele que retorna" ou "aquele vem de volta". — ofereceu Gaspard presunçosamente.

Embora o quarto estivesse quente, me encontrei tremendo. Todos eles me encaravam cheios de expectativas, como se eu fosse o projeto de ciência do grupo deles: será que eu explodo ou apenas borbulho? Charles sibilou —, Ela irá pirar e fugir, como eu disse.

— Ela *não* irá pirar e nem fugir —, argumentou Charlotte.

— Ok, todos fora —, veio a voz de Vincent, mais poderosa do que tinha estado até agora. — Sem ofensas, mas prefiro falar com a Kate eu mesmo. Vocês estão fazendo uma confusão da coisa toda. Obrigado pelos seus votos de confiança, mas, por favor... Vão.

— Impossível. — O quarto ficou em silêncio enquanto todos encaravam Gaspard. Sua voz perdeu a autoridade e ele começou a cutucar a unha. — Quero dizer, se me permite —, ele gaguejou conscientemente —, Vincent, você não pode assumir a tarefa de informar a humana, quero dizer, Kate, você mesmo. Nós fomos todos afetados por essa violação. Todos nós precisamos ser alertados sobre quais informações ela tem... e não tem. E eu irei dar um completo relatório ao Jean-Baptiste mais tarde. Antes que ela tenha permissão para sair.

Minha tensão relaxou apenas um instante. *Eles vão me deixar ir embora.* Aquele conhecimento se tornou minha luz no fim de um aterrorizador tunel escuro.

— Posso, ah, também ressaltar que você está muito fraco até mesmo para se sentar —, Garpard continuou. — Na sua condição, como você está pretendendo lidar com a explicação de algo tão importante para todos nós?

O silêncio durou um momento enquanto todos olhavam Vincent. Finalmente ele suspirou. — Tudo bem. Eu entendo. Mas pelo amor de Deus, tentem se comportar. — Ele olhou para mim e disse —, Kate, por

favor, venha sentar aqui comigo. Pelo menos isso me dará a ilusão de ter algum controle sobre a situação.

Levantando, andei até cama e olhei quando Vincent, com esforço, esticou seu braço e envolveu minha mão com a sua. No instante em que nossas peles se tocaram, senti a mesma paz que tive quando Charlotte me tocou em seu quarto. Eu estava nadando em uma maré de calma e segurança, como se nada de ruim pudesse acontecer desde que Vincent segurasse a minha mão. Dessa vez eu soube que tinha que ser algum tipo de truque sobrenatural.

Sentei cuidadosamente na lateral da cama, observando o rosto do Vincent enquanto eu me sentava. — Não estou com dor —, ele me tranquilizou, segurando a minha mão enquanto eu me ajeitava mais próxima a ele.

— Tudo bem, Kate, primeiro de tudo, você está me tocando —, Vincent disse para o quarto escutar. — Então não sou um fantasma.

— E não somos zumbis *de verdade* —, Charles disse com um sorriso —, Ou ele poderia já ter comido a sua cara.

Vincent o ignorou. — Não somos vampiros, lobisomens ou qualquer outra coisa que te assuste. Nós somos revenants. Não somos humanos —, ele fez uma pausa, reunindo suas forças —, mas não vamos machucar você.

Tentei me recompor antes de dizer para o quarto com a voz mais firme que pude reunir — Então vocês estão todos... Mortos. Mas vocês parecem vivos. Exceto você —, eu disse, hesitando, quando olhei de relance para Vincent. — Embora pareça melhor do que ontem à noite. — reconheci.

Vincent estava sério. — Jules, você poderia contar a Kate sua história? É provavelmente a melhor maneira de explicar. Gaspard tem razão: não posso lidar com isso sozinho.

Jules prendeu o meu olhar e não o deixou. — Beleza, Kate. Eu sei que isso irá soar inacreditável, mas eu nasci em 1897. Em uma pequena vila não muito longe de Paris. Meu pai era médico e minha mãe uma parteira. Mostrei talento artístico, então aos dezesseis anos eles me mandaram para estudar pintura em Paris. Meus estudos foram interrompidos quando fui

recrutado para a guerra, em 1914. Lutei contra os alemães por dois anos, até que, em setembro de 1916, fui morto em ação. Batalha de Verdun.

— E esse seria o fim da minha história... se eu não tivesse acordado três dias depois.

O quarto ficou em silêncio enquanto eu tentava embrulhar minha mente em volta do que ele tinha dito. — Você acordou? — finalmente falei. O rapaz que eu encarava não parecia nem ser mais velho que vinte, mas estava afirmando ter mais de cem anos de idade.

— Tecnicamente, ele "animou" —, ofereceu Gaspard, segurando para cima um dedo para fazer seu ponto. — não "acordou".

— Eu voltei à vida —, Jules clareou.

— Mas como? — perguntei em descrença. O aperto do Vincent na minha mão sustentou minha coragem. — Como você poderia simplesmente voltar à vida? A não ser que não estivesse realmente morto em primeiro lugar.

— Oh, eu estava morto. Sem dúvidas quanto a isso. Você não pode ficar em tantos pedaços e viver depois disso. — O sorriso de Jules tornou-se um olhar de arrependimento quando me viu pálida.

— Dê um tempo à dama —, disse Ambrose. — Nós estamos despejamos tudo isso sobre ela de uma só vez. — ele olhou para mim. — Tem esse especial... Como eu deveria chamar? Que não soe muito *Twilight Zone,* mas "lei do universo", certo? Ela diz que se, sob algumas circunstâncias, você morre no lugar de outra pessoa, subsequentemente irá voltar à vida. Você fica morto por três dias. E então acorda.

— Anima —, corrigiu Gaspard.

— Você *acorda* —, insistiu Ambrose —, e, exceto por estar tão faminto como o inferno, você é exatamente como era antes.

— Exceto que depois disso você não dorme —, acrescentou Charles.

— Você já ouviu falar alguma vez de TMI, Chucky? — Ambrose perguntou, apertando as mãos em exasperação.

— Kate —, Charlotte disse suavemente —, morrer e animar são realmente difíceis no corpo humano. É um tipo de nos dar um pontapé dentro do nosso ciclo de vida. "Animado" é uma boa maneira de colocar, na verdade. Nós somos tão animados quando acordamos que ficamos assim por

três semanas sem parar. Então nosso corpo se desliga e nós "dormimos como os mortos" por três dias. Como Vincent há pouco fez.

— Você quer dizer, *estamos* mortos por três... — Charles começou, corrigindo-a.

Charlotte o interrompeu. — Nós não estamos mortos. Nós chamamos de "estar dormente". Nossos corpos apenas estão num tipo de hibernação, mas nossas mentes ainda estão ativas. E uma vez que nossos corpos despertam, nós voltamos por mais algumas semanas de absoluta, mas sem dormir, normalidade.

Charles murmurou —, Sim, certo.

— Bem, pode se dizer que isso lhe dá o básico da história —, Gaspard disse prestativamente.

— Você estava... Dormente ontem? — perguntei a Vincent.

Ele acenou com a cabeça. — O fim dos três dias —, ele disse —, Agora eu ficarei bem por quase um mês.

— Você não parece muito bem para mim —, respondi, encarando a palidez de cera da sua pele.

— Leva várias horas para se recuperar da dormência —, Vincent disse com um fraco sorriso. — Para um humano seria o equivalente a uma cirurgia cardiovascular. Você não pode simplesmente sair da cama de hospital assim que a anestesia passa.

Aquilo fazia sentido. Se ele continuasse com a analogia humana, eu poderia ser capaz de digerir todo esse cenário bizarro um pouco melhor. Da maneira que eles estavam discutindo, claramente eles não estavam acostumados a ter que explicar a situação deles. Cabia a mim, dar conta das coisas.

Eu me virei para Jules. — Você tem mais de cem anos de idade.

— Tenho dezenove —, ele disse.

— Então você nunca envelhece? — perguntei.

— Oh sim, nós envelhecemos tudo certinho. Olhe para Jean-Baptiste — ele morreu aos trinta e seis, mas está nos seus sessenta! — disse Charles.

— E quantos anos ele teria se não tivesse... Você sabe? — me atrapalhei com as palavras.

— Duzentos e trinta e cinco —, respondeu Gaspard sem hesitação e, olhando para os outros, continuou —, Eu posso?

Charles assentiu e os outros permaneceram quietos.

— Depois que animamos, nós envelhecemos no mesmo ritmo de qualquer outra pessoa. Contudo, cada vez que nós morremos, subsequentemente reanimamos com a mesma idade em que morremos da primeira vez. Jules morreu quando ele tinha dezenove, portanto, cada vez que morre, começa novamente aos dezenove. Vincent tinha dezenove quando morreu, mas não ter morrido por, quanto tempo agora? Pouco mais de um ano? — ele direcionou sua pergunta a Vincent, mas eu o interrompi.

— O que você quer dizer com "cada vez que nós morremos"? — perguntei. O arrepiante dedo gelado estava fazendo outra aparição. Vincent segurou firme minha mão.

— Vamos apenas dizer que existe um grande número de pessoas que precisam ser salvas —, disse Jules, piscando.

Eu o encarei, lutando para entender o que ele estava sugerindo. Então meus olhos se arregalaram. — O homem do metrô! — ofeguei. — Você salvou a vida dele!

Ele confirmou com a cabeça.

— Mas como — quero dizer, não... — explodi para fora, incapaz de formular um único pensamento ao mesmo tempo em que dúzias enchiam a minha cabeça simultaneamente. Eu me lembrei de Vincent se jogando depois da garota, e Charlotte me salvando da morte-por-esmagamento.

— Você morreu salvando alguém e continua fazendo isso após a morte —, eu disse finalmente. Talvez eu estivesse declarando o óbvio, mas a lâmpada tinha finalmente sido acesa acima da minha cabeça.

— Essa é toda a razão do que somos —, Vincent disse. — Nós estamos ligados a essa missão pelo resto da nossa existência.

Eu o encarei, não sabia nem ao menos como reagir. Minha mente estava em branco.

— Eu acho que está na hora de encerrar essa sessão de perguntas e respostas —, Vincent disse aos outros. — Kate já está ficando no limite de sobrecarga de informações. E eu estou muito cansado para continuar.

— Você não pode dizer a ela... — começou Gaspard.

— Gaspard! — Vincent gritou, e então fechou seus olhos pelo esforço. — Eu... Juro que eu não irei contar a Kate qualquer coisa... Importante... sem consultar você primeiro. Prometo de coração. — Vincent desenhou um X no peito e olhou para o homem.

— Bem, então —, Ambrose disse, se levantando. — Agora que nós acabamos de assustar a humana — quero dizer, Kate-Lou aqui —, ele se levantou e me deu um tapinha no ombro carinhosamente —, É hora de algum desbravamento —, e saiu pela porta.

Charlotte tocou o meu braço delicadamente enquanto os outros saiam. — Venha tomar café-da-manhã conosco. Você provavelmente não será permitida a — ela olhou de relance para Vincent —, ir embora logo, de qualquer forma.

— Que horas são? — perguntei me dando conta que eu não tinha nenhuma noção de quanto tempo dormi.

Charlotte olhou para o seu relógio. — Quase sete.

— Sete da manhã? — perguntei atônita por ter caído no sono na casa de um estranho sob tais circunstâncias perturbadoras. — Obrigada, mas eu acho que irei ficar e falar com o Vincent.

— Você deveria comer —, disse Vincent suavemente. — Jean-Baptiste virá atacado pela porta em alguns minutos, de qualquer maneira, depois de Gaspard dar a ele suas atualizações.

— Me deixe ficar com você até lá —, pedi. — Irei me encontrar com você quando Jean-Baptiste me chutar daqui —, eu disse a Charlotte.

— Certo! — ela disse com um sorriso encorajador e fechou a porta atrás de si.

Eu me virei para Vincent. Mas antes que eu pudesse abrir a boca para falar, ele roubou minhas palavras. — Eu sei —, ele disse. — Nós precisamos conversar.

Capítulo 14

ESTÁVAMOS SOZINHOS. Finalmente. E o que poderia ter sido uma situação aterrorizante — eu... Sozinha... Em um castelo antigo... Sentada perto de alguém que eu tinha apenas descoberto que era um monstro — bem, isso não era nem um pouco aterrorizante.

Inacreditavelmente, isso parecia mais esquisito que qualquer outra coisa.

Eu me sentei de frente para ele em sua cama, desse rapaz que parecia estar à beira da morte. Até mesmo em seu estado enfermo ele era bonito. Eu tinha todas as razões para ficar com medo, mas ao invés disso, estava tomada por uma entranha emoção. Sentia como se estivesse protegendo-o.

— Então... — Vincent disse.

— Então... Você é imortal?

— Temo que sim.

Ele parecia cansado, preocupado e, pela primeira vez, muito vulnerável. De repente senti como se eu tivesse segurando todo o poder em minhas mãos. O que, no quesito *nós,* eu supostamente tinha.

— Como isso a faz se sentir? — ele perguntou.

— Hum. É muita coisa para absorver de uma vez. Mas isso definitivamente explica as coisas. — Senti seus dedos apertarem os meus. — O motivo pelo qual não estou com medo agora é porque você está segurando a minha mão?

— O que você quer dizer? — ele disse com um sorriso torto.

— Isso é um dos seus superpoderes, não é? O que é? O toque tranquilizante ou algo assim?

— Superpoderes! — ele riu. — Um. Sim, senhorita perceptiva. Como você descobriu isso?

— Charlotte usou isso em mim mais cedo. E duvido que eu teria conseguido passar por essa reunião informativa sem alguma das sensações que você me deu.

Os cantos da sua boca levantaram levemente. Seus dedos afrouxaram e se curvaram de volta em torno da minha mão. — Entendi. E não, apesar de estar tocando você, eu não estou fazendo o "toque tranquilizante" como você chamou. Não acontece toda vez que te toco. Tenho que direcionar. Mas no momento, você parece estar lidando bem por conta própria.

Eu olhei de relance para o criado-mudo ao lado da cama e vi que minha foto tinha sido colocada para baixo. Descansando em cima do que era a carta que eu tinha escrito a ele no dia anterior. Isso já parecia como anos atrás.

— Você recebeu meu bilhete —, eu disse.

— Sim. E isso ajudou a explicar porque você veio toda a me perseguir. — Ele riu. — Eu ainda não consigo acreditar que Jean-Baptiste deixou você entrar. É tanto culpa dele por você ter me encontrado quanto minha por te trazer aqui da primeira vez. Eu definitivamente não vou deixar que ele jogue tudo isso em cima de mim. Como você o contornou para convencê-lo a te deixar passar pela porta da frente, nunca irei entender.

A risada do Vincent estava afiada com alguma coisa que soou como vitória. — Você é maravilhosa —, ele disse seus olhos radiando calor. Fiquei lá, deleitando-os, até que ele os fechou e deitou sua cabeça de volta no travesseiro.

— Você está bem? — perguntei, preocupada.

— Sim, estou bem. Só estou me sentindo realmente fraco. Você se importaria em me trazer alguma coisa daquela mesa? — ele acenou com a cabeça em direção a uma bandeja dobrável arrumada próxima a cabeceira da cama dele, contendo uma variedade de frutas e nozes.

Peguei um prato de tâmaras e então me sentei de volta próxima a ele com o prato.

— Obrigado —, ele disse, tocando minha mão de novo antes de pegar uma fruta e jogá-la dentro da boca.

— Então o colar era para a Charlotte —, eu disse, observando a sua face cuidadosamente.

Ele sorriu. — Viu? *Amiga.* Não namorada. Apenas alguém que eu conheço por o que... A última metade do século?

— Não que isso importasse —, eu disse rapidamente, embaraçada.

— Claro que não —, Vincent disse, fingindo estar sério e concordando com a cabeça solenemente.

Eu olhei para baixo, para as minhas mãos. — Você disse que leva um tempo para se recuperar do... O que quer que seja. Quando você vai estar se sentindo bem?

— Isso depende da condição em que se está quando se torna dormente. Eu não estava lesionado ou qualquer outra coisa, então hoje à noite eu estarei tão bom quanto novo. Melhor, na verdade.

Eu poderia dizer que ele estava tentando suavizar o clima, mas ele parecia tão exausto que eu não podia deixar de sentir muito por ele. — Oh, Vincent.

— Não é ruim, sério, Kate. Na verdade, é bom ter um tempo de inatividade... Para recarregar um pouco, desde que depois eu não irei dormir de novo por semanas.

Minha carranca o fez parar. — Nós não precisamos falar sobre isso agora. Não se preocupe comigo, apesar de tudo. Sou eu quem está preocupado com você. Como — como você está?

Eu rolei meus olhos e sorri. — Bem, se você não está fazendo a coisa calmante e eu não pirei, nem sai correndo da sua casa gritando, acho que estou me saindo muito bem.

— Maravilhosa —, ele disse de novo.

— Está bem. Pare com a bajulação —, brinquei. — Guarde isso para a próxima vítima que você arrastar, sem ajuda, ao seu leito.

A risada do Vincent foi cortada pelo curto som da porta se abrindo. Virei para ver Jean-Baptiste caminhando a passos largos para dentro do quarto, com Gaspard se arrastando ao longo do seu rastro.

— Kate, vá encontrar Charlotte e os outros—, Vincent disse suavemente —, mas, uma vez que for dito que você pode ir, não vá embora sem voltar para me ver. Por favor.

Gaspard me acompanhou até a porta aberta. — Eles estão na cozinha —, disse ele, indicando o final do corredor. Então, deixando-me lá fora, fechou a porta atrás de si.



Eu segui o cheiro delicioso de pão fresco até a cozinha, mas hesitei na frente da porta. Dando uma respirada nervosa, empurrei a porta para abri-la e entrei. O grupo todo estava sentado em torno de uma enorme mesa de carvalho. Ao mesmo tempo, eles olharam para cima e esperaram que eu fizesse alguma coisa.

Ambrose quebrou o gelo. — Entre, humana! — disse em uma voz *Star Trek*, abafada ligeiramente por causa da boca cheia.

Charlotte e Charles riram, e Jules acenou para mim uma cadeira vazia próxima a ele. — Então você sobreviveu à ira de Jean-Baptiste —, ele disse. — Muito bravo.

— Muito estúpido de vir aqui —, Charles adicionou, sem desviar o olhar do seu prato.

— Charles! — Charlotte repreendeu.

— Bem, foi! — Charles disse defensivamente.

— O que você gostaria, querida? — interrompeu uma voz materna de cima do meu ombro.

Eu me virei para ver uma mulher gordinha de meia idade vestindo um avental. Ela tinha bochechas suavemente rosadas e seu cabelo loiro-grisalho estava amarrado em um coque.

— Jeanne? — perguntei.

— Sim, querida Kate —, ela respondeu. — Sou eu. Tenho escutado tudo sobre a sua eventual noite através dos outros. Sinto muito não conseguir conhecê-la antes, mas diferente dos outros aqui, eu preciso de uma boa noite de sono.

— Então você não é... — hesitei.

— Não, ela não é uma de nós —, Jules respondeu. — Porém a família da Jeanne tem estado a serviço de Jean-Baptiste há...

— Mais de duzentos anos —, Jeanne disse, terminando a sentença dele enquanto escorregava uma montanha de ovos fritos no prato de Ambrose. Ele deu a ela um radiante sorriso e disse —, Case-se comigo, Jeanne —, se inclinando para cima e beijando a mão que segurava a espátula.

— Em seus sonhos —, ela sorriu, e lhe bateu de brincadeira na mão com a colher.

Colocando a mão em seus quadris, ela olhou para o teto como se estivesse tentando lembrar um poema que tinha memorizado. — Meu tata-tata-tata-tataravô (mais alguns) era o criado particular do Monsieur Grimod de La Reyniere, e foi para a guerra com ele quando lutou por Napoleão. Foi aquele ancestral, com apenas quinze anos na época, quem o Senhor Grimod salvou, o empurrando do trajeto de uma bala de canhão que tirou sua própria vida. É uma boa coisa que o garoto estava determinado a trazer o corpo do Monsieur de volta da Rússia para o enterro, porque ele estava lá três dias depois quando o Monsieur acordou e assim foi capaz de cuidar dele. E minha família está com o Monsieur desde então.

Ela contou essa incrível história como se estivesse descrevendo seu passeio ao mercado aquela manhã. Deveria parecer natural para ela, ter sido criada por uma mãe e avó que lhe contaram a mesma história. Mas me senti sobrecarregada, como se minha mente tentasse de algum jeito dar a volta por essas repercussões.

— Obrigado, Jeanne. Kate parecia quase normal de novo até que você começou a falar. — Jules disse.

— Estou bem —, respondi, sorrindo para ela. — Vou só ficar um pão e café, obrigada.

Jeanne tirou uma jarra de café de uma cafeteira de alta tecnologia e a virou antes de voltar para o forno e pegar uma bandeja de croissants.

— Vou sair —, Charles disse, empurrando sua cadeira para debaixo da mesa e, friamente, depois de bater punhos com Jules e Ambrose, marchou para fora da cozinha sem um segundo olhar de relance para mim.

Olhei para os outros. — Foi algo que eu disse?

— Kate —, Ambrose disse, encolhendo os ombros —, Você tem que se lembrar de que embora o corpo do Charles deva ser de dezoito anos, o seu nível de maturidade está preso aos quinze.

— Irei com ele —, Charlotte gorjeou, parecendo embaraçada pela rudeza de seu irmão gêmeo. — Tchau, Kate. — se inclinou para me beijar nas duas bochechas. — Tenho certeza que nos veremos em breve.

— Então, o que acontece agora? — perguntei quando a porta se fechou atrás dela. Senti-me estranhamente dividida entre a urgência de voltar para a casa dos meus avós e ver a minha real, viva e respirante família, e o desejo de ficar aqui, em torno dessas pessoas que, apenas algumas horas após terem me conhecido, já pareciam me aceitar. Ou pelo menos a maioria delas parecia. Não importa que não fossem humanos.

Antes que alguém pudesse responder, Gaspard pendeu seu cabelo porco-espinho na porta. — Você já pode ir, Kate. Mas Vincent pediu para te ver antes de sair. — Então desapareceu novamente dentro do corredor.

Quando girei e fiquei em pé, Jules parou e disse —, Quer que eu te acompanhe até em casa?

Ambrose acenou com a cabeça e com a boca cheia disse —, Ande com ela até em casa.

— Não, está tudo bem, posso chegar em casa sozinha.

— Te acompanharei até a porta então —, Jules disse, empurrando sua cadeira para debaixo da mesa.

— Tchau, Jeanne. Obrigada pelo café da manhã. Tchau, Ambrose —, falei, enquanto Jules educadamente abria a porta para eu passar primeiro, andou comigo ao longo de todo o corredor até a porta de Vincent. Entrei e ele fechou a porta atrás de mim, esperando do lado de fora.

— Então, o que eles disseram? — perguntei, me aproximando da cama. Vincent estava com a mesma aparência pálida e fraca de antes, mas sorrindo levemente.

— Está tudo bem. Tive que prometer tomar total responsabilidade sobre você.

Embora não soubesse o que isso significasse, me senti arrasada pensando que não precisava de uma babá em uma mão, e muito menos da ideia de ser a custódia de Vincent na outra.

— Você pode ir para casa agora —, continuou —, Mas como Jean-Baptiste disse antes, não pode falar sobre nós para ninguém. Não que fossem acreditar em você de qualquer maneira, mas tentamos ficar tão debaixo do radar quanto possível.

Olhei para ele zombeteiramente.

— Já ouviu falar de vampiros? — perguntou, sorrindo misteriosamente.

Confirmei balançando a cabeça.

— Já ouviu falar de lobisomens?

— Claro.

— Alguma vez já ouviu falar de nós?

Balancei a cabeça.

— Isso se chama "ficar debaixo do radar", querida Kate. É que somos bons nisso.

— Entendi. — Peguei sua mão estendida.

— Posso te ver em uns dois dias? — ele perguntou.

Confirmei com a cabeça, repentinamente incerta quando pensei no que o futuro podia reservar. Parando na porta, falei —, Cuide-se —, e então me senti imediatamente estúpida. Ele era imortal. Não tinha que *se cuidar*. — Quero dizer... Descanse. — corrigi.

Ele sorriu divertido com a minha confusão, e me saudou.

— Minha senhora. — Jules se postou na minha frente, como um porteiro de um filme de Merchant-Ivory e colocou minha mão em seu braço. — Podemos? — não pude deixar de rir. Ele estava se fazendo todo para recompensar por me ter perturbado.

De volta ao hall de entrada, peguei minha bolsa de livros. Quando sai ao pátio, ele tocou o meu braço e disse —, Escute. Desculpe-me se fui rude hoje mais cedo, você sabe... No meu estúdio e no museu. Juro que não era nada pessoal. Estava apenas tentando proteger Vincent e você... E todos nós. Agora é muito tarde para isso, bem, por favor, aceite minhas desculpas.

— Entendo totalmente —, disse a ele. — O que mais você poderia ter feito?

— Ow... Ela me perdoou —, ele disse, mão no coração, a brincadeira obviamente retornando. — Então, você tem certeza que ficará bem? — Ele me perguntou, chegando mais perto com um olhar que me prendeu, que era mais do que apenas preocupação amigável pelo meu bem-estar. Ele me viu ler seu rosto e sorriu provocantemente, levantando uma sobrancelha como se fazendo uma pergunta.

— Ficarei bem, sério. Obrigada —, respondi, ruborizando, e pisando sobre o paralelepípedo.

— Vince irá te ver assim que puder —, disse, colocando suas mãos dentro dos bolsos do jeans e acenando com a cabeça um tchau.

Acenei de volta e andei lentamente para fora do pátio a caminho da rua, sentindo como se estivesse em um sonho.

Capítulo 15

O final de semana passou num borrão, com meu corpo fazendo uma coisa e minha mente lá na casa da Rue de Grenelle.

Não sabia quanto esperar por notícias de Vincent. Na manhã de segunda, quando Geórgia e eu saímos para a escola, vi um envelope debaixo da porta da frente do nosso prédio com o meu nome impresso em caligrafia de curvas bonitas à moda antiga. Eu o abri e de dentro tirei um cartão branco de papel grosso, no qual estava escrito em letras deitadas "Em breve. V.".

— Quem é V? — perguntou Geórgia, com as sobrancelhas levantadas.

— Oh, só um cara.

— Que cara? — perguntou, parando morta em seu rastro e agarrando meu braço. — O criminoso?

— Sim —, ri, me livrando do seu aperto e a colocando de volto no caminho para o metrô. — Exceto que ele não é um criminoso. Ele é... — *É um fantasma, como um anjo guardião morto-vivo do tipo de monstro que corre ao redor salvando vidas humanas.* — Ele apenas sai com algumas pessoas duvidosas.

— Hmm... Acho que eu devia conhecê-lo.

— De jeito nenhum, Geórgia não sabe nem ao menos se irei continuar a vê-lo. Tudo o que não preciso é da sua interferência complicando as coisas antes de realmente decidir se gosto dele.

— Oh, você gosta dele, isso certo.

— Ok. Eu gosto dele. Quero dizer, se eu for continuar a vê-lo.

Ela me olhou com ceticismo.

— Não posso explicar, Geórgia. Apenas não vamos falar sobre isso. Prometo deixar você saber se qualquer coisa acontecer.

Andamos em silêncio por uns dois segundos antes de ela dizer —, Não se preocupe. Não irei tentar roubá-lo de você.

Bati nela com a minha bolsa de livros enquanto corríamos escada abaixo para o metrô.



Vincent tinha dito que queria me ver em "dois dias", mas nós estávamos no quarto dia, já tinha começado a me perguntar quando e se iria mesmo poder vê-lo de novo. Talvez tivesse mudado de opinião sobre mim assim que ficou mais forte. Ou talvez Jean-Baptiste a tinha mudado para ele. Apenas pensei sobre a sua nota e torci para que ele pudesse aparecer.

Após o último sinal na terça-feira, passei pelos portões da frente do colégio e fui em direção à parada de ônibus. Meu passo diminuiu quando vi uma figura familiar parada do outro lado da rua. Era Vincent.

Seu cabelo preto brilhava sob o sol de final de setembro e ele irradiava energia e vida. Parecia como algum tipo de criatura mitológica perfeita. *Ele é um tipo de criatura mitológica perfeita,* me lembrei. Fiquei sem ar. Embora seus olhos estivessem escondidos atrás das lentes dos óculos de sol, vi seus lábios se curvarem em um sorriso quando me viu saindo pelos portões.

Uma Vespa[17] vintage vermelha estava estacionada perto dele, e quando atravessei a rua indo na sua direção, ele estendeu um capacete vermelho da mesma cor. Após quatro dias de espera, eu me vi jogando os meus braços em torno dele aliviada. Mas quando cheguei a um metro de distância, hesitei, relembrando como ele aparentava na última vez em que o vi.

[17] Modelo clássico de moto.

Parecia que estava próximo da morte. Deitado lá, quase sem vida em sua cama, como uma cena de um filme antigo de terror em preto-e-branco. E agora aqui estava ele, quatro dias depois, cada poro do seu corpo exalando saúde. O que tinha de errado comigo? Deveria estar correndo *para longe* dele tão rápido quanto fosse possível, não para dentro de seus braços. *Monstro, não humano,* me lembrei.

Ele me viu hesitar e, embora estivesse se inclinado para me cumprimentar, deu um passo para trás e esperou eu dar o primeiro passo.

— Hey. Você parece bem mais... Vivo. — disse, dando a ele um tenso sorriso, enquanto dentro de mim a batalha entre impulso e cautela continuava.

Ele riu e esfregou a parte de trás do pescoço com uma mão, sua expressão era uma mistura de timidez e remorso. — Sim. Andando, falando... — Sua voz sumindo enquanto observava minha expressão cuidadosamente.

Decida-se. Pensei, me estimulando a agir. Esticando-me, peguei o capacete reserva da sua mão. — Então, a coisa de-volta-da-morte... Belo truque de festa —, disse, colocando o capacete.

A expressão de Vincent se aliviou imediatamente. — Sim, terei que te mostrar como se faz qualquer dia desses —, riu e, jogando uma perna por cima da moto, esticou uma mão para mim.

Eu a peguei meio vacilante. Estava quente. Suave. Mortal. Eu me coloquei atrás dele e empurrei todas as duradouras duvidas para um canto distante da minha mente. — Para onde estamos indo? — perguntei finalmente, me deixando sentir a excitação que estava lutando para se libertar.

— Apenas uma pequena volta ao redor da cidade —, disse, dando o impulso inicial na Vespa e indo para dentro da rua.

Segurando Vincent, me senti como se estivesse no paraíso e, passeando por Paris numa Vespa vintage, senti como se fosse a melhor aventura que tinha tido em anos. Atravessamos a ponte acima do rio Sena em Paris, ficamos do outro lado da cidade para seguir ao longo da margem do rio. A água brilhava na luz de outono.

Após vinte minutos de passeio, fomos à Ilha Saint-Louis, uma das duas ilhas naturais no meio do Sena que são conectadas ao continente por pontes e ligadas uma a outra por uma passarela.

Vincent trancou a moto em uma passagem e então, segurando minha mão, me levou para baixo por um lance de degraus de pedra até a beira da água.

— Escute, me desculpe se não pude vir até você mais cedo —, ele disse, andando ao longo do cais comigo de mãos dadas. — Tinha um trabalho para fazer para Jean-Baptiste. Vim tão rápido quanto pude.

— Está tudo bem —, respondi, abstendo-me de lhe fazer perguntas. Preferi esquecer sobre todos aqueles eventos de novelas fantasiosas do final de semana anterior. Queria fingir que éramos apenas um garoto e uma garota passando a tarde às margens do rio. Mas tinha um incomodo sentimento de que o sonho não iria durar muito tempo.

Quando nós nos aproximamos do cume da ilha, a calçada estreita se abriu em um largo terraço de pedras cobalto. — Esse lugar é sempre lotado durante o verão, mas ninguém nem mesmo pensa em vir aqui no resto do ano. O que o deixa vazio para nós —, Vincent disse enquanto me levava para o lado norte.

Se abaixando na beira do terraço, ele estendeu seu casaco na pedra e levantou a mão para que eu a segurasse. Senti como se nós fossemos as últimas duas pessoas na Terra. Esse cavaleiro de armadura brilhante tinha me varrido para a sua pequena ilha de paz no meio da ocupada cidade e queria se sentar comigo para alguns momentos de contos de fadas. *Isso não pode ser real.*

Observamos as pequenas ondas brilharem e piscarem como espelhos sob o sol na superfície de um rio viridiano de forte correnteza. Enormes nuvens derivarem na vasta extensão do céu, que raramente se vê quando se está andando no meio dos prédios da cidade. As ondas dobrarem altas contra a base do muro, o som delas se amontoando em uma crescente interrupção quando os barcos passavam por elas. Fechei meus olhos e deixei a tranquilidade do lugar fluir por mim.

Vincent tocou a minha mão quebrando o encanto. Sua testa estava revestida de preocupação enquanto parecia procurar pelas palavras.

Finalmente falou. — Você sabe o que eu sou, Kate. Ou pelo menos sabe o básico.

Assenti com a cabeça, me perguntando o que poderia possivelmente vir depois.

— O problema é... Quero chegar a conhecer você. Tenho um sentimento em relação a você que não tenho há muito, muito tempo. Mas ser o que sou torna as coisas — fez uma pausa —, complicadas.

Vendo sua expressão de agonia, me vi tocando-o, reconfortando-o, mas exerci cada fibra de autocontrole para me manter parada e segurar a minha língua. Ele tinha, obviamente, pensado sobre o que queria dizer e eu não queria distraí-lo.

— Você acabou de passar por uma grande perda. E a última coisa que quero é fazer com que as coisas sejam mais dolorosas para você do que já são. Se eu fosse um cara normal, vivendo uma vida cotidiana, não iria nem ao menos estar falando com você sobre isso. Nós poderíamos apenas sair, ver como isso ia acontecendo e se as coisas funcionassem, ótimo. Se não, podíamos ir cada um para o seu próprio caminho.

— Mas não posso fazer isso com a consciência tranquila. Não com você. Não posso deixar alguém que sinto que poderia me importar profundamente estar nesta jornada sem saber as consequências. Sabendo que sou diferente. Que não tenho ideia do que isso poderia significar se prolongar... — ele parecia ambos, consternado pelas suas próprias palavras e determinado a colocá-las para fora. — Odeio até ter que falar com você assim. É muita coisa, muito rápido.

Ele parou por um momento e olhou para baixo para nossas mãos, separadas por meros centímetros de pedras cobalto.

— Kate, eu não posso parar de querer estar com você. Então estou colocando tudo sobre a mesa para que você considere. Para decidir o que quer. Eu quero tentar. Para ver como podemos ficar. Mas vou embora agora se me der à palavra — apenas você sabe o que pode suportar. O que acontece depois, conosco, é com você. Não tem que decidir logo agora, mas seria bom saber como se sente a respeito do que estou dizendo.

Tirando meus pés de onde pendiam fora da beira do cais, passei meus braços em torno das minhas pernas. Balancei pra trás e para frente por alguns minutos e fiz uma coisa que raramente me permitia fazer. Pensei sobre os meus pais. Sobre minha mãe.

Ela me aborrecia por eu ser impetuosa, mas sempre me disse para seguir o meu coração. — Você tem uma alma antiga —, disse uma vez. — Não poderia dizer isso à Geórgia e, pelo amor de Deus, não diga a ela que eu te disse isso. Mas ela não tem a mesma intuição que você tem. A mesma habilidade de ver as coisas pelo o que elas são. Não quero que você tenha medo de ir atrás das coisas que realmente quer na vida. Porque penso que irá querer as coisas *certas.*

Se ela pudesse apenas ver o que eu queria agora, iria engolir suas palavras.

Mudando meus olhos dos passantes barcos para Vincent, sentado sem movimento ao meu lado, estudei seu perfil enquanto ele olhava para a água perdido em seus próprios pensamentos. Isso não era ao menos uma escolha. Quem eu estava tentando enganar? Tinha tomado minha decisão da primeira vez em que o vi, o que quer que seja que a minha mente racional tenha tentado me convencer desde então.

Eu me inclinei na direção dele. Alcançando em cima com uma mão, varri meus dedos em uma descida pelo seu braço, com as extremidades percorrendo ao longo da sua pele quente. Rocei meus lábios contra a bronzeada superfície de sua bochecha e me apoiei para ter a força de dizer as palavras que sabia que devia. — Eu não posso, Vincent. Não posso dizer sim.

Seus olhos mostraram dor, aflição até, mas não surpresa. Minha resposta tinha sido a que ele esperava.

— Também não estou dizendo não —, continuei, e ele visivelmente relaxou. — Vou precisar de algumas coisas se vamos ficar nos vendo.

Ele deixou sair uma baixa e sexy risada. — Então está fazendo exigências, não é? Bem, vamos ouvi-las.

— Quero acesso ilimitado.

— Agora isso soa interessante. A que, exatamente?

— Informações. Não posso fazer isso se não entendo no que estou me metendo.

— E precisa saber de tudo imediatamente?

— Não, mas não quero sentir como se você estivesse escondendo qualquer coisa também.

— Muito justo. Contanto que isso sirva para ambos os lados.

Um leve sorriso se elevou nos cantos dos seus lábios perfeitamente esculpidos. Olhei para longe, antes que perdesse a coragem.

— Preciso saber quando não irei te ver por um tempo. Quando faz a coisa do sono-morto. Assim não irei me preocupar que eu esteja te deixando louco com a minha mortalidade. Ou minhas incessantes perguntas.

— De acordo. Isso é fácil o suficiente de planejar, quando as coisas são normais. Mas se alguma coisa vier a acontecer... fora do normal...

— Alguma coisa tipo o que?

— Se lembra de ter sido falado sobre como permanecemos jovens?

— Oh. Certo. — A terrível imagem de Jules pulando na frente do trem retornou aos olhos da minha mente. — Quer dizer, se você vier a "salvar alguém".

— Então me assegurarei de que você seja informada por alguém da minha tribo.

Eu me lembrei de ter sido usada essa palavra antes. — Por que você diz "tribo"?

— É como nos chamamos.

— Soa meio medieval, mas tudo bem —, eu disse ceticamente.

— Mais alguma coisa? — perguntou, parecendo cada vez mais como um aluno desobediente esperando para ser dada sua punição.

— Sim. Não tem que ser imediatamente, mas... tem que conhecer a minha família.

Vincent riu descaradamente, um rico som, que me assustou, com divertimento e alívio.

Se inclinando na minha direção, me pegou em seus braços e disse —, Kate, sabia que você era uma garota à moda antiga. Uma garota para o meu próprio coração.

Deixei-me derreter dentro do seu abraço por alguns segundos, e então me puxei de volta e assumi a mais seria expressão que podia mostrar. — Não estou me comprometendo à coisa alguma, Vincent. Apenas ao próximo encontro.

De repente, senti que a antiga eu — a eu do Brooklyn pré-acidente-de-carro — estava lá fora procurando dentro da nova eu, o eu que tinha, a menos de um ano atrás, sido forçada a crescer instantaneamente. Um eu que estava em uma batalha do medo pela tragédia. Eu era testemunha de mim mesma sentando próxima a esse cara de tirar o fôlego e falando aquelas palavras cautelosas a ele. Como na Terra eu tinha me transformado tão rapidamente nessa pessoa equilibrada? Como podia estar sentada aqui, estoicamente impondo condições para aquilo que queria mais do que qualquer coisa que já tinha tido?

Autopreservação. Aquela palavra veio a minha mente, e sabia que o que estava fazendo era o certo. Toda a minha existência tinha sido despedaçada quando perdi meus pais. Não queria me abrir para me apaixonar por Vincent e arriscar perdê-lo, também. Lá no fundo, eu sabia que mal tinha sobrevivido ao "sumiço" dos meus pais. Poderia não sobreviver a outro.

Capítulo 16

— VAMOS ANDAR —, Vincent disse e, me ajudando a levantar, estendeu seu braço para eu me segurar. Caminhamos enquanto assistíamos a vários barcos passarem por nós pela escura água verde, deixando espumosas ondas atrás deles e mandando largas, cilíndricas ondas batendo contra as pedras debaixo de nossos pés.

— Então, como você... Morreu? Quero dizer, da primeira vez —, perguntei.

Vincent limpou a garganta. — Posso esperar até mais tarde para te contar a minha história? — perguntou, soando desconfortável. — Não quero te assustar completamente falando sobre como eu costumava ser antes de ter a chance de mostrar a você quem sou agora. — Me atirou um sorriso esquisito.

— Isso quer dizer que não tenho que contar a você sobre o meu passado também? — me joguei para trás.

— Não —, gemeu. — Especialmente sendo que mal comecei a entender você. — Ele parou. — Apenas, por favor, não me pergunte ainda. Qualquer outra pergunta, apenas não essa.

— Ok. Que tal sobre... Por que você tem uma foto minha próxima a sua cama? — cutuquei.

— Aquilo te assustou? — disse rindo.

— Sim, um pouco —, admiti —, Embora tenha visto isso cerca de um segundo depois de ter te encontrado morto na cama, então o fator assustador já estava bastante alto.

— Bem, Charlotte e eu tivemos que brigar por ela —, disse. — Você notou as fotos nas minhas paredes?

— Sim. Nas de Charlotte também. Ela disse que eram pessoas que tinha salvado.

Ele assentiu. — São nossos "resgates". E depois que salvamos você, ambos reivindicamos sua foto.

— Como assim? — perguntei confusa.

— Bem, sabe aquele dia no café quando você quase virou um pedaço da história de Paris?

Assenti.

— Charlotte acenou para você, que foi o porquê de você ter se movido a tempo de evitar a queda da pedra. Mas fui eu quem disse a ela sobre o que iria acontecer.

— Você estava lá? — perguntei, parando no meu caminho e o encarando.

— Sim... Em espírito. Não em corpo —, Vincent disse, me puxando junto a ele.

— Em espírito? Pensei que disse que não são fantasmas.

Vincent colocou sua mão na minha e comecei a sentir como se tivesse sido pega por uma pequena dose de tranquilizante.

— Pare com a coisa do "toque-calmante". Apenas explique. Posso aguentar. — Vincent deixou sua mão na minha, mas o difuso sentimento aquecedor foi embora. Ele sorriu culposamente, como se tivesse sido pego colando em uma prova.

Sem eu estar me dando muitos tapinhas nas costas, senti que estava aguentando as coisas muito bem. Menos em aprender que o cara que gostava era imortal, pensei em levar as lições de como as coisas sobrenaturais funcionam com calma. Não tinha pirado. Muito. Ok, exceto quando vi Jules ser morto. E descobri as fotos no obituário. E me deparei com Vincent

"morto" em sua cama. *Todas essas eram ocasiões enlouquecedoras totalmente aceitáveis,* afirmei para mim.

Vincent estava falando, então tentei me focar. — Irei voltar para a coisa do espírito. Mas o que estava dizendo sobre estar com Charlotte e Charles — isso é tipo como nosso *modo operante* como revenants. Nós geralmente viajamos em três quando estamos "andando". Isso é o que chamamos quando estamos... Um... Em patrulha. Desse jeito, se alguma coisa acontecer...

— Como o que fez Jules no metrô?

— Exatamente. Então os outros vão alertar Jean-Baptiste, que irá garantir que consigamos o corpo.

— E como ele faz isso? Tem conexões com o necrotério da cidade?

Disse isso brincando, mas Vincent sorriu e assentiu com a cabeça. — E com a polícia, além de outras organizações.

— Conveniente.

— Muito —, concordou. — Provavelmente pensam que Jean-Baptiste é algum tipo de gangster ou necrófilo, mas o montante de dinheiro que paga pelos serviços que precisa parece fazer com que as pessoas esqueçam suas perguntas.

Fiquei quieta, pensando sobre quão complicado todo o negocio de morto-vivo/salvador-de-vidas devia ser. E aqui tinha eu batido involuntariamente na festa cuidadosamente planejada deles. Não me admira não estar na lista A de Jean-Baptiste.

— Charlotte explicou sobre como quando estamos dormentes nossos corpos estão mortos, mas as mentes ainda estão ativas?

Afirmei com a cabeça.

— Ela estava super simplificando um pouco. Na verdade, durante o primeiro dia dos nossos três de dormência, estamos mortos de "corpo-e-mente". Tudo está desligado, como se fossemos qualquer outro cadáver.

— Mas no dia dois mudamos para outro modo — estamos apenas mortos de "corpo". Se tivermos sido lesionados desde nossa última dormência, nosso corpo começa a se curar. E nossa mente acorda. Por dois dias nossas consciências podem, tipo... Se separar dos nossos corpos. Podemos viajar. Podemos falar um com o outro.

Não conseguia acreditar. Essas eram mais "regras revenants". *Isso não pode ficar mais estranho,* pensei. — Flutuando por aí fora de seus corpos? Agora entendi porque Charles disse que eram fantasmas.

Vincent sorriu. — Quando nossas mentes deixam os corpos, chamamos isso de ser *volante.*

— *Volante* como "flutuante"?

— Exatamente. E, enquanto somos volantes, temos esse tipo de sexto sentido refinado. Não é exatamente uma premonição, mas podemos sentir quando alguma coisa está prestes a acontecer, assim os outros podem usar para salvar alguém. É como ver dentro do futuro, mas apenas para o que esta acontecendo perto da nossa localização imediata, e só um minuto ou dois antes de onde nós estamos.

Cada vez... Fica mais estranho.

Vincent deve ter notado a hesitação nos meus passos e corretamente adivinhou que eu estava ficando sobrecarregada. Ele me puxou para um banco de pedra de um lado do cais e sentou-se comigo, me dando tempo para processar toda aquela história impossível. Atrás de nós, os reflexos dos prédios por todo o rio, na superfície da água.

— Sei que soa estranho, Kate. Mas isso é um dos dons que possuímos como revenants. Um de nossos "super-poderes" únicos, como você colocou. Como quando viu Jules e eu no metrô: estavam na verdade três de nós lá. Ambrose era volante, e nos deixou saber apenas um pouco antes daquele homem pular. Jules disse que o pegaria, enquanto eu blindava você de ver.

Vincent deu um sorriso levemente envergonhado. — Ambrose é também a razão de esbarrarmos com você no Museu Picasso. Ele te viu do lado de fora e sugeriu a Jules que entrássemos para uma "lição de cubismo".

— Mas como Ambrose ao menos sabia quem eu era? — perguntei incrédula.

— A ideia de Ambrose de me fazer esbarrar com você foi uma brincadeira. Eu tinha estado falando de você para os outros, até mesmo antes de te salvarmos no café. — Ele pegou uma folha morta e começou a despedaçá-la entre os dedos.

— Você tinha? — ofeguei atônita. — Sobre o que andou falando?

— Ah... Agora você gostaria de saber, não é? — sorriu maliciosamente. — Não posso dar de presente todos os meus segredos em uma única sessão. Deixe-me guardar ao menos um pouquinho da minha dignidade!

Rolei meus olhos e esperei pelo o que poderia vir depois. Mas estava secretamente entusiasmada com essa revelação.

— Em todo caso. O dia em que quase foi esmagada pela pedra que desabou, eu era volante com Charlotte e Charles e vi o prédio caindo aos pedaços antes que acontecesse. Eu disse a Charlotte que você tinha que ser movida e ela gesticulou para que se aproximasse. Esse é o porquê de nós dois reivindicarmos sua foto para nossa "Parede da Fama". — sorriu e mudou o olhar fixo da agora desintegrada folha para os meus olhos, avaliando minha reação.

— Mas por que as fotos? Elas são — murmurei — troféus?

— Não. Não é como se estamos exultando. Ou competindo. É mais profundo que isso —, Vincent disse, seu sorriso substituído por um olhar aflito. — É difícil não ficar meio que... Obcecado... Com os nossos resgatados, especialmente aqueles por quem morremos. Morrer repetidamente não é fácil. E é difícil não querer saber o que aconteceu com a pessoa por quem você morreu no lugar. Se a experiência de quase-morte mudou a vida deles. Se o sacrifício que fez teve um efeito borboleta neles, suas famílias, as pessoas que os conhecem, e assim por diante.

Riu desconfortavelmente. — Se não formos cuidadosos, podemos acabar por persegui-los. E isso acontece. É um artifício fácil para aqueles que não estão avisados. Felizmente, Jean-Baptiste tem algumas centenas de anos de existência como morto-vivo sob controle. Ele nos mantém no "Plano de Reconstrução Triplo". — Vincent sorriu. — Podemos voltar e fotografar nossos resgates depois de salvá-los. Depois podemos ir na forma de volante duas vezes checá-los, mas nenhuma outra comunicação é recomendada. Depois disso, temos que nos satisfazer pesquisando-os através do Google para o contentamento de nossos corações.

— Então Ambrose praticamente jogou essa regra pela janela quando nos forçou para dentro da mesma sala no museu.

Ele sorriu. — As regras já estavam um pouco ferradas. Como disse, minha fascinação por você começou bem antes do acidente do desmoronamento do prédio.

Vincent evitou meus olhos. Jogando os restos da amassada folha dentro da água, esticou o braço e cobriu a minha mão com a dele. Escutei uma campainha de alarme soar detrás da minha mente quando peneirei a informação que tinha me dado. E então alguma coisa bateu.

— Vincent, está me dizendo que, mesmo que não tenha morrido no meu lugar, você se tornou "obcecado" por mim depois de salvar a minha vida?

— *Mais* obcecado —, Vincent admitiu, continuando a olhar para longe.

— Então se a obsessão é inevitável, o que me faz diferente de qualquer outro dos seus resgates? Talvez a razão pela qual goste de mim é que acontece que eu apenas moro na rua debaixo da sua e atravesso seu caminho com mais frequência que a maioria. Você me salvou, mas ao invés de desaparecer da sua vida como todos os outros, continuei aparecendo e alimentei a obsessão. Como sabe que isso não é o que existe por trás de tudo?

Ele ficou em silêncio. — É isso, não é? — balancei a cabeça em descrença. Meu estômago se revirou em um nó de desespero.

— Estava me perguntando como alguém como você poderia se apaixonar por alguém como eu. Como foi de agir como se eu fosse apenas uma admiradora estúpida, até as primeiras vezes em que o vi olhando para mim como se fosse a garota dos seus sonhos. E aqui está a resposta. Não tem nada a ver comigo. É apenas algum tipo de adição não natural de salva-vidas que vai ao longo da existência de um revenant.

Sabia que não podia ser verdade, pensei comigo mesma.

Vincent abaixou a cabeça dentro das mãos e sentou assim por um minuto, massageando a testa antes de falar. — Kate, tenho salvado centenas de mulheres e nunca senti isso por nenhuma delas. Estava interessado por você antes de salvar a sua vida. Admito, a parte de salvá-la te fez mais inesquecível. É como se selasse minha decisão de conhecer você. Talvez eu tenha agido como um babaca da primeira vez em que nos falamos, mas tem sido um longo tempo desde que me deixei sentir alguma coisa por qualquer

pessoa. Estou apenas sem prática de ser um humano. Você tem que acreditar em mim.

Procurei por qualquer traço de decepção em seu rosto. Parecia completamente sincero. — Você tem que ser honesto comigo então, Vincent —, disse. — Se de repente se der conta de que isso é tudo o que sou — um resgate de quem decidiu se aproximar — então quero saber imediatamente.

— Serei honesto, Kate. Nunca irei mentir para você.

— Ou guardar coisas de mim que eu deveria saber.

— Tem a minha palavra.

Concordei. O sol já tinha se posto, e as luzes começaram a aparecer nos prédios acima de nós, seus reflexos batendo na água como chamas oscilantes.

— Kate, o que você está sentindo?

— Honestamente?

— Honestamente.

— Medo.

— Deixe-me te levar para casa —, Vincent disse, arrependimento preenchendo sua voz. Girou em seus pés e me puxou para o seu lado.

Não! Pensei. E em voz alta gaguejei —, Não... ainda não. Não vamos terminar hoje desse jeito. Vamos fazer alguma outra coisa. Alguma coisa normal.

— Quer dizer, alguma coisa além de falar sobre mortes, espíritos flutuantes e imortais obsessivos?

— Isso seria legal —, disse.

— Que tal jantar? — Vincent disse.

— Certo. — concordei. — Deixe-me apenas avisar a Geórgia que não irei comer em casa, então. — Tirei meu celular da bolsa e digitei: Saindo para jantar. Por favor, diga a vovó e vovô que não chegarei muito tarde.

Vincent pegou a minha mão e entrelaçou seus dedos com os meus, enviando pequenas ondas de choque ao meu coração. Meu celular tocou quando chegamos ao topo dos degraus. Era Geórgia.

— Sim?

— Então, com quem você está indo jantar fora?

— Então, por que você quer saber? — sorri, olhando de esguelha para Vincent.

— Vamos apenas dizer que estou levando minha função de sua guardiã legal muito a sério. — ronronou.

— Você não é *mesmo* a minha guardiã legal.

Geórgia riu. — Com quem está?

— Um amigo.

— V?

— Na verdade, sim.

— Oh meu Deus, para onde estão indo? Vou passar por lá e apenas fingir que estava na área, assim posso dar uma olhada nele.

— De jeito nenhum e, além disso, não sei ao menos para onde estamos indo ainda.

Vincent me deu um malicioso sorriso. — Geórgia? — perguntou. Acenei com a cabeça e ele alcançou meu celular.

— Alô, Geórgia? É Vincent aqui. Deveria ter esclarecido esse encontro com você antes de levar sua irmã para sair? — ele riu, e eu poderia dizer que Geórgia já estava trabalhando o seu irresistível charme sobre ele.

Finalmente ele disse —, Não, não acho que uma sessão de conhecer-pessoas estava nos planos desta noite, mas tenho certeza que iremos nos esbarrar em breve. Por que não, você pergunta? — Piscou para mim e estremeci. Era incrível como ele me afetava. De um jeito perigoso.

— Terá que perguntar a sua irmã. Ela é quem está dando as ordens.

Capítulo 17

NÓS NOS SENTAMOS, de frente um para o outro, em uma mesinha num cavernoso restaurante nas Marais. Dúzias de oscilantes velas iluminavam o espaço ao nosso redor. Nossas pernas estavam cruzadas debaixo da mesa, as minhas descansando entre as dele, e a sensação do seu corpo tocando o meu manteve meu sangue em uma constante baixa ebulição do momento em que entramos até nós sairmos.

Continuei tentando lutar com o sentimento de que Vincent e eu já éramos um casal. Esse era o nosso primeiro encontro real, depois de tudo, e, exceto pela quase não acreditável informação que Vincent tinha me dado sobre seu capuz de monstro, eu não sabia qualquer coisa sobre ele. Aquilo não era hora para deixar minha guarda baixa. Resolvi manter as coisas light.

— Você falou inglês comigo toda a tarde e não cometeu um erro ainda —, eu o elogiei, enquanto esperávamos pela nossa comida chegar.

— Quando se dorme tão pouco como dormimos, você tem muito tempo para coisas como livros e filmes. Prefiro ler na língua original e assistir filmes sem ter que ler as legendas. Então me direcionei a aprender as minhas favoritas: inglês, italiano e um pouco de línguas escandinavas.

— Ok, estou começando a me sentir intimidada.

— Tenho certeza que se você tivesse décadas suficientes para trabalhar nisso, teria absolutamente me mostrado superior —, respondeu, seus olhos vívidos na oscilante luz das velas.

O garçom colocou nossos pratos nas nossas frentes. — *Bon appétit* —, disse Vincent, esperando eu pegar meu garfo e faca antes de tocar os seus.

— Então você come comida normal —, comentei, assistindo Vincent cortar um pedaço do seu *magret de canard.*

— O que? Você estava esperando eu pedir cérebros crus? Pensei que fossemos ficar longe dos tópicos não-deste-mundo da conversa de hoje à noite —, ele disse, sorrindo.

— Não é toda noite que tenho um jantar com um imortal —, brinquei. — Me dê um pouco de luz.

— Comemos coisas normais. Não dormimos, exceto quando estamos dormentes, o que realmente não conta como dormindo. De qualquer maneira, todas as outras coisas funcionam do mesmo jeito... — seus olhos estreitaram descaradamente e seus lábios formaram um sorriso sexy. — Ou pelo menos é o que tenho ouvido.

Ruborizei e me concentrei intencionalmente em meus talheres.x

— Kate?

— Mmm?

— Qual é o resto do seu nome?

Encontrei seus olhos. — Kate Beaumont Mercier. Beaumont é o nome de solteira da minha mãe.

— É francês.

— Sim. Peguei rotas francesas de ambos os lados da minha família. De qualquer maneira, dar aos seus filhos o nome de solteira é uma coisa sulista. E o sul foi onde minha mãe cresceu. Na Geórgia, para ser mais exata.

— Está tudo se encaixando agora. — Vincent sorriu.

— E quanto a você?

— Vincent Pierre Henri Delacroix. Nós pegamos dois nomes do meio na França. Pierre era o nome do meu pai e o do meu avô era Henri.

— Soa muito aristocrático.

— Talvez muito, muito antes —, Vincent riu. — Mas minha família não era nada como Jean-Baptiste. É fácil dizer de qual tipo de lugar ele vem.

— Jean-Baptiste —, murmurei. -Ele não parece gostar muito de mim.

O rosto do Vincent escureceu. — Quero que você saiba que, embora Jean-Baptiste seja como minha própria família, a opinião dele sobre você não importa para mim. Se quiser que ele goste de você, então devo te assegurar: irá acontecer. Você tem que ganhar a confiança dele... ele não dá isso facilmente. Mas até lá, você está comigo. Ele irá respeitar a minha escolha e ser civilizado de agora em diante.

Vincent viu a dúvida no meu rosto e disse rapidamente. — Isso é claro, se nós continuarmos nos vendo. O que espero que continuemos.

Assenti para mostrar que entendi e Vincent, aparentemente aliviado por eu não ter tentado fugir dele depois de sua mais séria diatribe, mudou de assunto. — Então, você e sua irmã são muito próximas?

— Sim, ela não é nem dois anos mais velha que eu, então sempre brincamos sobre sermos gêmeas. Mas somos completamente diferentes.

— Como assim?

Eu mordi o lábio e pensei sobre como descrever minha irmã, a borboleta social, sem fazê-la parecer superficial.

— Geórgia é uma extrovertida total. Não como eu — uma violeta encolhida —, mas não me importo de passar um tempo comigo mesma. Minha irmã tem que estar com pessoas vinte e quatro por dia, sete dias por semana. Em Nova York todo mundo a conhecia. Ela sempre se direcionava a encontrar as melhores festas e estava continuamente cercada pela sua comitiva: membros de bandas, DJs, artistas performáticos.

— E me deixe adivinhar... Você está sempre muito ocupada lendo e indo a museus para acompanhá-la. — Eu ri quando vi o torto sorriso de Vincent.

— Não, eu fui com ela algumas vezes. Mas não era o centro das atenções como Geórgia. Era apenas a irmã caçula da Geórgia, por onde ia. Ela tomou conta de mim. Sempre nomeava alguém em seu grupo para ter certeza que eu tinha tido um bom tempo.

Não expliquei como ela podia sempre escolher um "encontro" para mim: caras maravilhosos e descolados que sempre, para o meu espanto, pegavam o desafio de entreter a irmã da Geórgia. Alguns desses arranjos tinham se transformado em algo mais. Não muito mais, na verdade, mas se acontecesse de um desses caras estar na festa em que Geórgia e eu estávamos, eu tinha

alguém com quem dançar, sentar perto e talvez até beijar em algum canto escuro de uma sala tarde da noite. Geórgia os chamava de meus "garotos festas".

Agora, com Vincent sentando do outro lado da mesma mesa, maior que a vida, eles pareciam como fantasmas. Sombras em comparação a ele.

— Eu me perguntava como ela lidaria dando um passo para baixo do trono de rainha da vida noturna quando nos mudamos —, continuei —, mas a subestimei. Ela está bem em seu caminho de alcançar o mesmo nível aqui.

— Diferente cidade, mesma cena?

— Ela está basicamente fora todas as noites que vovô e vovó não a forçam a ficar em casa. Mas não como em Nova York, eu não vou com ela.

— Eu sei —, ele disse, espetando a batata com o seu garfo, e então parou e olhou rapidamente para cima para ver se eu tinha notado seu deslize.

— O que? — perguntei surpresa, e então as palavras do Ambrose de repente voltaram para mim. *Nós a verificamos e ela, definitivamente, não é uma espiã.* — Você tem estado nos seguindo! — Sentindo simultaneamente lisonjeada e chocada, tirei minhas pernas em torno das dele e as mantive do meu lado da mesa.

— Ninguém estava seguindo Geórgia, apenas seguindo você. E não era eu. Pelo menos não depois do dia em que nos falamos no Museu Picasso. Depois daquilo, senti que devia a você alguma privacidade. Foram Ambrose e Jules; uma vez que souberam que eu estava... interessado por você, insistiram em ter certeza que você não era um perigo para nós. Nunca duvidei de você, no entanto. Honestamente.

— Um "perigo"? — perguntei descrente.

Vincent confirmou. — Nós temos inimigos.

— O que você quer dizer?

— Vamos mudar de assunto —, Vincent disse. — A última coisa que quero fazer é te envolver em alguma coisa que poderia colocá-la em risco.

— *Você* corre risco?

— Não entramos em contato com eles tão frequentemente. Mas quando entramos, termina com cada lado tentando destruir o outro. Então, desde que você me pediu para ser honesto, tenho que dizer que sim. Mas tenho

décadas de experiência protegendo a mim mesmo. Não quero que se preocupe.

De repente me lembrei da minha caminhada de madrugada com Geórgia ao longo do quarteirão. — A noite em que vi você se jogar dentro do Sena depois daquela garota. Pessoas estavam lutando debaixo da ponte. Com espadas.

— Bem, então você já os viu. Aqueles são os numa.

Até mesmo a palavra soava demoníaca. Encolhi os ombros. — O que são eles?

— São a mesma coisa que nós, mas em sentido contrário. Eles são revenants, mas seus destinos não são salvar vidas. São destruí-las.

— Não entendo.

— Nós nos tornamos imortais quando morremos salvando a vida de alguma pessoa. Eles ganham as suas imortalidades tirando vidas. O universo parece gostar de equilíbrio. — Seu sorriso foi amargo.

— Quer dizer que são assassinos ressuscitados? — senti uma fria lâmina cortar caminho do meu estômago ao coração.

— Não *apenas* assassinos. Todos eles traíram alguém para suas mortes.

Inalei acidamente. — O quê? Espere um minuto. Quer dizer que qualquer pessoa que morre depois de trair alguém, causando assim sua própria morte, se torna um cara imortal ruim?

— Não, não todos. Apenas alguns. É como a gente. Nem todos que morrem salvando a vida de outra pessoa é ressuscitada. Irei explicar outra hora — está ficando um pouco complicado. Tudo o que você precisa saber é que os numa são maus. São perigosos. E nunca morrem porque continuam matando. O que é facilitado pelas suas linhas de trabalho: são basicamente proclamados mafiosos, executando prostituição, tráfico de drogas e, a fim de terem uma face legal para seus acordos de negócios, eles têm bares e clubes. Não surpreendentemente, no mundo deles, a oportunidade para a morte e traição chegam juntas suficientemente frequentes.

— E essas são as... Coisas que estavam lutando debaixo da ponte aquela noite?

Vincent assentiu. — A garota que pulou. Estava envolvida com eles. Eles conduziram para ela decidir se matar e então foram juntos para ter certeza que ela seguiu adiante.

— Mas ela parecia tão nova. Quantos anos tinha?

— Quatorze.

Encolhi. — E por que você estava lá? — perguntei.

— Charles e Charlotte estavam caminhando com Jules volante. Jules viu isso antes que acontecesse e correu para casa para pegar eu e Ambrose. Quando chegamos à cena, os gêmeos seguraram alguns dos numa embaixo da ponte enquanto a garota... Bem, você viu o que aconteceu. Eu a alcancei apenas antes de ela pular.

— Você pegou os... Caras maus? — não queria dizer aquela palavra, ela tinha um inquietante efeito sobre mim.

— Dois deles, sim. Alguns outros foram embora.

— Então você não apenas salva pessoas. Você mata pessoas também.

— Numa não são pessoas. Se tivermos a chance de destruir qualquer demônio revenant, nós destruímos. Humanos podem sempre mudar; é por isso que evitamos matá-los se podemos. Há sempre uma possibilidade de redenção aos seus futuros. Mas não os numa. Eles começaram nesse caminho enquanto eram humanos. Uma vez que são revenants, estão fora de qualquer esperança de salvação.

Então Vincent era um assassino, pensei. Um assassino de caras ruins, mas ainda assim assassino. Não estava certa de como lidar com isso.

— E a garota que se jogou da ponte?

— Está bem.

— Está obcecado por ela?

Vincent riu. — Agora que sei que ela está bem, não. — Debaixo da mesa, ele colocou minhas pernas de volta entre as dele, e um pouco do calor voltou. — Tenho sorte que os revenants não conseguem ler a mente uns dos outros, pois Jean-Baptiste poderia me matar se soubesse que te contei sobre os numa.

— Quebra de segurança? — ri.

Vincent sorriu. — Sim, mas confio em você, Kate.

— Sem problema —, disse. — Você provavelmente já sabe disso pela sua rede de espionagem, mas não tenho ninguém para contar mesmo se quisesse. Não é como se tivesse um monte de amigos esperando ao redor para ouvir minha fofoca não morta.

Vincent riu. — Não. Mas você tem a mim.

— Serei extremamente cuidadosa para não falar demais sobre monstros perto de você, então.

— Como é que nós acabamos de conversar por duas horas e ainda não sei qualquer coisa sobre você? — reclamei quando nós saímos do restaurante.

— Como assim? — Vincent respondeu, ligando a moto. — Despejei toneladas sobre nós.

— Sobre vocês como um grupo, muito, mas você como pessoa, nada —, gritei por cima do barulho da ignição. — Não me deixou te perguntar qualquer coisa. Me deixou em desvantagem.

— Suba —, ele disse, rindo. Subi na garupa e entrelacei meus braços ao se redor, sentindo-me próxima do êxtase.

Atravessamos o rio e começamos a seguir em direção a nossa parte da cidade. Com o vento chicoteando meu cabelo descontroladamente sob a base do capacete e o quente corpo do meu... potencialmente namorado pressionado contra o meu, desejei que ele pudesse continuar dirigindo até chegarmos no oceano atlântico, mais de quatro horas de distância. Mas quando o museu do Louvre apareceu à vista do outro lado do Sena, Vincent desacelerou e estacionou na beira do rio. Ele desligou a moto e a prendeu a um poste antes de pegar a minha mão e me conduzir para frente do rio.

— Ok, me pergunte algo —, ele disse.

— Para onde está me levando?

Vincent riu. — Você ganha uma pergunta e a está gastando com isso? Ok, Kate. Só porque tem sido tão paciente, vou responder. — pisamos na Pont des Arts — uma passarela de madeira que leva ao outro lado do rio — e começamos a atravessá-la.

A cidade estava acesa como uma árvore de natal e as pontes brilhando com pontos de luz que as faziam parecer majestosas e de outro mundo. A

Torre Eiffel brilhava à distância e o reflexo da lua apareceu na superfície da água agitada abaixo de nós.

Alcançamos o centro da ponte. Vincent me levou gentilmente para a grade lateral e, ficando atrás de mim, me envolveu em seus braços e me aproximou dele. Fechei meus olhos e inalei, enchendo meus pulmões com o cheiro distinto do rio, que eu tinha, ao longo dos anos, vindo a equiparar com um estado de tranquilidade. Meu coração abrandou e, em seguida, quando os músculos de Vincent flexionaram ao redor dos meus ombros, acelerou.

Ficamos ali, olhando para a Cidade da Luz juntos por alguns eufóricos momentos antes de ele inclinar a cabeça para baixo e sussurrar —, A resposta à sua pergunta de para onde eu estava levando você seria... para o lugar mais bonito de Paris. Com a garota mais linda que tive sorte suficiente para botar meus olhos em cima e que, desesperadamente, espero que irá concordar em se encontrar comigo novamente. O mais rápido possível.

Olhei por cima do ombro e registrei sua sincera expressão. Ele me virou lentamente para eu encará-lo. Ele me olhou fixamente por um minuto completo com seus grandes olhos escuros, como se tentando memorizar cada centímetro do meu rosto.

Então levantou a mão para tirar um punhado de cabelo do meu rosto, colocando-o delicadamente atrás da minha orelha enquanto levava seus lábios aos meus.

Nossas peles mal se tocaram. Ele estava hesitante, como se soubesse o que queria, mas com medo de me assustar. Nossos lábios roçaram, e senti como se um acorde tivesse sido preso dentro de mim e meu corpo cantarolando com uma pura nota musical. Vagarosamente, levantei meus braços para deixá-los em torno do seu pescoço, com medo de que um movimento repentino pudesse quebrar o encanto. Mas quando seus lábios encontraram os meu de novo, uma vez mais, a magia se intensificou e a nota cresceu a um nível arrebatador que bloqueou todos os outros sons.

Paris desapareceu. O movimento das ondas debaixo de nós, o barulho dos carros passando em ambos os lados do rio, os sussurros dos casais passando por nós de mãos dadas... Todos desapareceram, e Vincent e eu éramos as únicas pessoas deixadas na Terra.

Capítulo 18

Alguma coisa farfalhou ao pé da minha cama. Forcei um olho a abrir, e pela neblina de um interrompido sonho, vi minha irmã na beirada do meu colchão. Ela parecia muito animada para essa hora da manhã. Ou ainda era noite? Levantando uma sobrancelha, ela soltou —, Me conte tudo! — e então, puxando de volta os cobertores que joguei em cima da minha cabeça, tentou soar severa. — Se você não me contar, não vou te autorizar a vê-lo novamente.

Gemendo, ampliei meus olhos turvos e me apoiei nos cotovelos. — Que horas são? — bocejei, notando que Geórgia estava completamente vestida.

— Você tem exatamente quinze minutos para ficar pronta para a escola. Eu deixei você dormir.

Olhei acima para o meu relógio e vi que ela estava certa. Em pânico, joguei meus cobertores para fora e comecei a saltar ao redor do quarto, pegando um sutiã e calcinha de uma gaveta e escavando uma pilha de roupas limpas dobradas em uma cadeira. — Pensei que depois de chegar tão tarde, você deveria precisar de um sono extra —, ela balbuciou.

— Muito obrigada, Geórgia —, grunhi, passando uma camisa vermelha por cima da cabeça e rumando pelo meu closet atrás de um par de jeans. E então, tendo um repentino flashback da noite anterior, afundei na cama sentada. — Oh meu Deus —, disse, enquanto sentia meus lábios formarem um revelador sorriso sonhador.

— O que aconteceu? Ele te beijou?

Meu brilhante rosto deve ter me denunciado, pois minha irmã pulou e disse —, É isso, tenho que conhecê-lo!

— Pare, Geórgia, você está me embaraçando. Me dê um pouco de tempo para descobrir se pelo menos gosto do cara —, disse e empurrei meu pés pelas pernas da calça e me levantei para puxá-la para cima dos meus quadris.

— Nós passamos por isso antes —, minha irmã disse, me agarrando pelo ombro e varrendo meu rosto, procurando por um segundo. — E sinto muito informá-la, Katie-Bean, mas pelo jeito que vão as coisas, é muito tarde para isso. — E dançou para fora do meu quarto, rindo e batendo as mãos.

— Grata por fornecer o entretenimento matutino —, resmunguei, e me inclinei para amarrar os cadarços do tênis.



O dia passou rapidamente — sentia-me dentro de um estado sonhador assim que me sentava em cada classe, e passava as horas refletindo sobre a noite passada. Parecia muito bom para ser verdade: Vincent confessando seus sentimentos por mim no rio, o jantar à luz de velas, e então... meu coração cambaleava toda vez que pensava sobre o beijo na Pont des Arts. E como depois daquilo Vincent me levou para casa e me deu outro beijo, breve, mas incrivelmente terno, em frente ao meu prédio.

O olhar de total devoção que eu tinha visto em seus olhos quando me tomou em seus braços, me balançou. Não sabia se tinha que estar com medo ou retribuir da mesma forma. Mas não podia me deixar corresponder. Eu não estava pronta para deixar a minha guarda baixa.

No almoço, liguei meu celular para checar minhas mensagens. Geórgia sempre me mandava mensagens fúteis durante o dia e, com certeza, aquelas

eram duas mensagens dela: uma reclamando sobre seu professor de física e a segunda, também obviamente enviada do seu celular:

Eu amo você, baby. V.

Escrevi de volta:

Pensei ter dito a você para cair fora ontem à noite, seu esquisito perseguidor francês.

Sua resposta veio de volta imediatamente:

Ah tá! Suas bochechas beterrabas essa manhã sugeriram outra coisa... Mentirosa! Você está tão na dele.

Eu gemi e estava para desligar o celular, quando vi que tinha lá uma terceira mensagem de DESCONHECIDO. Clicando nela, li:

Posso te pegar na escola? Mesmo lugar, mesmo horário?

Enviei a mensagem de volta:

Como você conseguiu meu número?

Liguei-me do seu celular quando você estava no banheiro do restaurante ontem à noite. Alertei você que nós éramos perseguidores!

Eu ri e agradeci as minhas estrelas da sorte que os revenants não podiam ler mentes, embora tivesse de me lembrar de prestar atenção ao que fiz nos dias em que eles estavam flutuando ao redor da cidade como espíritos que tudo vê.

Sim x 3. Vejo você então, escrevi, e pelo resto do dia desisti de todo o fingimento de prestar atenção nas aulas.

Ele estava esperando por mim, quando eu sai pelos portões. Meu coração bateu acelerado quando o vi inclinado casualmente contra uma árvore próxima ao ponto de ônibus. Não pude impedir um imenso sorriso de se espalhar em meu rosto.

— Hey, maravilhosa —, ele disse, segurando um capacete para mim quando me aproximei da Vespa. Ele tirou seus óculos e se inclinou na minha direção para me beijar em ambas as bochechas. E aquele insignificante gesto que é repetido dúzias de vezes por dia na França — toda vez que se diz oi ou tchau, toda vez que se é apresentado a alguém, ou esbarra em um amigo — aquelas duas bitoquinhas que fazem os *bises* (beijos), de repente tomaram um significado completamente diferente para mim.

No que parecia em câmera lenta, a bochecha do Vincent tocou a minha, foi aí que meus pulmões se esqueceram de trabalhar. Ele se afastou um pouco e nossos olhos se encontraram enquanto ele se inclinava na direção da minha outra bochecha, então roçou seus lábios gentilmente contra a minha pele. Abri minha boca para inalar, tentando enviar um pouco de oxigênio para o cérebro.

— Humm —, ele disse com um brilho nos olhos. — Isso foi interessante. — Seu sorriso foi contagiante, e me encontrei rindo, quando peguei o capacete das suas mãos e coloquei em minha cabeça, agradecida pela chance de esconder meu rosto enquanto me recompunha.

— Desde que está anormalmente frio hoje, estava me perguntando se você gostaria de tomar o melhor chocolate quente de Paris —, ele disse enquanto passava sua perna sobre a moto.

— Então agora você está seduzindo estudantes com promessas de chocolate? Você é um cara mau, Vincent Delacroix —, eu ri, quando ele deu a partida na moto.

— Então o que isso faz de você por aceitar minha oferta? — gritou por cima do barulho da Vespa quando nós arrancamos.

— Culpada intencionalmente —, eu disse, passando meus braços em torno do seu corpo quente e fechando meus olhos com prazer.

Capítulo 19

NAQUELA NOITE, GEÓRGIA me encurralou no meu quarto após o jantar.

— Então, para onde você desapareceu depois da escola? Fiquei te esperando.

— Vincent me pegou depois da escola e me levou ao *Les DeuxMagots*.

Os olhos da Geórgia se ampliaram. — Você o viu dois dias seguidos?

— Bem, hoje não conta realmente, ao total foram quinze minutos. Eu tinha que correr, desde que tenho que estudar para a prova de amanhã.

— Não importa! Santa vaca, isso está ficando sério! — Ela se acomodou no pé da cama. — Então. Fale sobre esse homem ex-criminoso misterioso.

— Bem —, disse, procurando por coisas que poderia realmente dizer. — Ele é um estudante.

— Onde?

— Um, na verdade não sei.

Geórgia olhou para mim duvidosamente. — O que ele está estudando?

— Ah... literatura? Eu acho —, arrisquei.

— Você não sabe o que ele está estudando também? Bem, sobre o que vocês falam?

— Oh, apenas outras coisas. Você sabe. Arte. Música. — *Os mortos-vivos. Imortalidade. Zumbis demoníacos.* Não havia jeito de conseguir contar a Geórgia coisa alguma sobre ele.

Geórgia me encarou de cima a baixo por um momento e então explodiu — Tudo bem. Se você não quer me contar sobre ele. Está tudo bem. Você não sabe muito sobre a minha vida *também*, mas não é por falta de esforço em tentar incluir você. Parei de te chamar para sair, pois sei que você dirá não.

— Tudo bem, Geórgia. Quem você está vendo?

Minha Irmã balançou a cabeça. — Não dou informação a você se você não me dá alguma também.

Alcancei sua mão e confessei —, Geórgia, não estou intencionalmente tentando excluir você da minha vida. Você sabe, tenho tido um tempo difícil com... Bem, tudo. Estou finalmente botando os pés no chão e prometo fazer mais do que um esforço.

— Então você irá sair comigo neste fim de semana?

Eu parei. — Tudo bem.

— Com Vincent?

— Um...

Geórgia me atirou um olhar que dizia, *e aí*?

— Certo, certo. Nós vamos sair com Vincent. Mas nada de clubes, Geórgia, por favor.

O mau humor de Geórgia se transformou instantaneamente e ela saltou alegremente da cama. — Nada de clubes. Tudo bem. Que tal um restaurante?

— Claro. Irei checar se ele estará por aí. — *Mais como, se ele estará vivo.*

— Ligue para ele agora.

— Alguma privacidade, por favor?

— Ok —, Geórgia concedeu, se inclinando e me dando um beijo na testa. Ela andou para a porta e então se virou. — Obrigada, irmã. Sério. Será bom ter você de volta.

As luzes da rua estavam apenas começando a acender quando andamos para a estação de metrô. Vincent e Ambrose, que estavam inclinados contra a banca de jornal e conversando, se endireitaram quando nos viram. Meu coração se derreteu em uma bagunça sentimental quando Vincent andou e me beijou nas bochechas e então, olhando para Geórgia, deu a ela o seu mais arrebatador sorriso. — E você deve ser a guardiã legal da Kate... quero dizer, irmã. Geórgia, certo?

Geórgia riu e exclamou toda coquete —, Bem, apenas olhe para você! Kate certamente sabe como escolher homens! — ela olhava como se quisesse ficar bem ali a noite toda, encarando dentro dos olhos dele.

— Geórgia! — exclamei, balançando a cabeça.

Ignorando-me, Geórgia olhou sobre o ombro do Vincent para Ambrose e deu a ele uma piscada de olho sedutora. — Não se preocupe Katie-Bean. Parece que Vincent trouxe alguém pelo caminho para me manter ocupada. E você seria...

— Ambrose. Encantado em conhecer a adorável irmã da Kate —, ele disse em francês, me dando um breve olhar de canto de olho. Eu entendi. Se ela soubesse que ele era americano, iria começar a fazer perguntas. Talvez muitas perguntas, embora eu tivesse certeza de que ele estava acostumado a inventar histórias. — Então, para onde vocês estão nos levando, senhoritas?

— Pensei que poderíamos ir a um pequeno restaurante que conheço no bairro quatorze —, ela disse.

Vincent e Ambrose se deram olhar fugaz, justo quando o celular da Geórgia tocou. — Com licença —, ela disse, e se virou para responder a ligação.

— Não é o nosso bairro favorito —, disse Ambrose em voz baixa.

— Por quê? — perguntei.

— É uma espécie de território "deles". Você sabe, aquelas pessoas sobre as quais contei a você. O "outro time" —, Vincent disse, olhando de relance para Geórgia para ter certeza de que ela não tinha ouvido.

— O que eles podem fazer conosco do lado de fora, em um bairro lotado, com duas humanas junto? — perguntou Ambrose. Ele encarou o

espaço por um segundo e então acenou com a cabeça e se virou para mim. — Jules me disse para te dizer, "Olá linda".

— Hey, cuidado aí! — Vincent disse.

— Ele disse, "O que você vai fazer a respeito disso?" — Ambrose disse, cutucando Vincent.

— Jules é volante... aqui? Agora? — eu disse surpresa.

— Sim —, Vincent disse. — Nós não estamos em negócios oficiais hoje à noite, claro, mas ele insistiu em vir junto. Disse que não queria perder toda a diversão.

— Posso falar com ele? — perguntei.

— Quando somos volantes só podemos ser ouvidos por outros revenants — não humanos. Então Jules pode ouvir o que você diz em voz alta, mas só pode responder por mim ou Ambrose —, Vincent disse. — Mas você vai querer ser cuidadosa. — ele gesticulou em direção à Geórgia, que estava desligando o celular.

— Muito ruim —, ela disse. — Eu tinha um casal de amigos que iria se juntar a nós, mas não será capaz de vir.

— Podemos? — perguntou Ambrose, segurando seu braço formalmente para Geórgia pegar. Ela riu prazerosamente, entrelaçando seu braço ao dele e rumou escada abaixo.

Uma vez que estavam fora do alcance auditivo, eu disse —, Oi, Jules!

Vincent riu e disse —, Parece que alguém pegou um pouco de paixonite.

— O que você quer dizer? — perguntei.

— Jules quer que eu te diga que é uma vergonha você ter que se apaixonar por alguém tão chato como eu. Ele desejava que pudesse pegar o meu lugar e mostrar a você quão bem um homem antigo pode tratar uma dama. — ele falou de volta para o ar. — Sim, certo, companheiro. O que você é, uns vinte anos mais velhos que eu? Bem, no momento temos ambos dezenove, então desista.

Fiz um rápido cálculo mental. Jules tinha me dito que nasceu no final do século dezenove. Então Vincent devia ter nascido em 1920. Sorri enquanto guardava essa informação para mais tarde. Se Vincent não iria me dizer coisa alguma, talvez eu pudesse descobrir algo sozinha.

Nós saímos do metrô, próximos ao extenso cemitério Montparnasse e andamos por rua exclusiva para pedestres que estava lotada de bares e cafés. Nós paramos em frente a um restaurante que tinha uma aglomeração de umas vinte pessoas paradas ao redor do lado de fora. — É esse! — Geórgia disse muito entusiasmada.

— Geórgia, olha quantas pessoas estão esperando. Isso vai levar uma eternidade até conseguirmos uma mesa.

— Tenha um pouco de fé em sua grande irmã —, ela disse. — Um amigo meu trabalha aqui. Aposto que consigo uma mesa para nós imediatamente.

— Vá em frente. Nós vamos esperar por você aqui fora, eu disse, direcionando Vincent e Ambrose para o outro lado da rua, fora da multidão. Nós nos apoiamos em uma loja fechada em frente e assistimos quando Geórgia trabalhou seu caminho pelo formigueiro de pessoas.

— Sua descrição sobre ela foi certeira. — Vincent sorriu, enquanto colocava seu braço em volta de mim e apertava meu ombro carinhosamente.

— Minha irmã, o fenômeno —, disse, aproveitando o toque.

Ambrose ficou do meu outro lado, assistindo a multidão e mexendo a cabeça para cima e para baixo com algum ritmo em sua mente, quando repentinamente parou e olhou duro para Vincent. — Vin, Jules disse que viu o Homem na vizinhança. Apenas alguns quarteirões longe.

— Ele sabe que nós estamos aqui? — Vincent perguntou.

Ambrose balançou a cabeça. — Eu acho que não.

Vincent afastou seu braço e disse —, Kate, nós temos que sair daqui. Agora.

— Mas Geórgia! — Eu disse, olhando na direção da porta de vidro. Eu podia ver a minha irmã conversando com o garçom.

— Vou pegá-la —, disse Vincent, e começou a empurrar seu caminho pela multidão.

Justamente aí, dois homens que estavam andando por lá colidiram duramente em Ambrose, o empurrando violentamente contra a parede. Ele gemeu e tentou se arrancar deles, mas os homens se esquivaram e caminharam rapidamente para longe quando ele caiu no chão.

— Hey! Parem! — gritei para eles, quando viraram a esquina. — Alguém pare. Eles! — gritei para a multidão de pessoas do outro lado da rua. Pessoas viraram e olharam na direção que eu estava apontando, mas os homens já tinham desaparecido de vista. A coisa toda tinha acontecido tão rápido que ninguém tinha sequer notado.

— Vincent! — chamei sobre a multidão. Vincent virou e, vendo meu alarme, começou a trabalhar seu caminho de volta para mim.

— Ambrose, você está bem? — eu disse, ficando de cócoras próxima a ele. — Aquele cara... —, comecei, mas parei, vendo que a sua camisa estava rasgada do pescoço ao peito e encharcada de sangue. Ele não estava se movendo.

Oh, por favor, ajude-o a não estar morto, pensei.

Eu vi mais violência no último ano do que tinha visto na minha vida inteira. Perguntei, não pela primeira vez, *por que eu?* Garotas adolescentes não deveriam estar em tais íntimas circunstâncias com a mortalidade, raciocinei amargamente, enquanto um sentimento de pânico levantou-se da boca do meu estomago. Eu me ajoelhei próxima a sua forma sem movimento. — Ambrose, você pode me escutar?

Alguém começou a andar na nossa direção da multidão. — Hey, ele está bem?

Bem nessa hora Ambrose estremeceu e, se inclinando para frente com as duas mãos, começou a se levantar do chão. Enquanto se levantava, fechou a jaqueta, efetivamente escondendo o sangue na camisa, mesmo que já tivesse uma grande poça no chão. — Oh meu Deus, Ambrose, o que aconteceu? — perguntei. Coloquei um braço para apoiá-lo e ele se apoiou pesadamente em mim.

— Ambrose não. É o Jules. — As palavras vieram dos lábios de Ambrose, mas seus olhos olhavam cegamente para frente.

— O quê? — perguntei confusa.

Vincent finalmente nos alcançou. — É o Ambrose —, eu disse. — Ele foi esfaqueado ou baleado, ou algo assim. E está delirando. Ele me contou justamente agora que era o Jules.

— Nós temos que tirá-lo daqui antes que eles voltem com reforços pelo corpo dele —, Vincent me disse em voz baixa, e então disse mais alto —, Ele está bem, ele está bem... obrigado! — para um pequeno grupo de pessoas que estava agora vindo para nos ajudar. Ele agarrou um dos braços do Ambrose e o colou ao redor do seu ombro.

— Mas e a Geórgia? — ofeguei.

— Quem quer que tenha feito isso viu você com Ambrose. É muito perigoso para você aqui.

— Não posso deixar a minha irmã —, eu disse, virando para fazer meu caminho pela multidão para buscá-la.

Vincent me agarrou pelo braço e me puxou de volta para ele. — Ela estava dentro do restaurante quando eles atacaram. Ela está a salvo. Venha comigo! — ele ordenou, e eu peguei o outro braço do Ambrose e o coloquei pelas minhas costas. Ele estava andando, mas parecia muito fraco. Nós chegamos ao final do quarteirão, e Vincent chamou um táxi e nos moveu para dentro antes de bater a porta. Olhei para baixo da rua quando fomos embora. Nenhum sinal de Geórgia.

— Ele está bem? — perguntou o motorista, olhando em seu retrovisor e checando o grande homem caído em seu banco traseiro.

— Bêbado —, Vincent respondeu simplesmente, tirando seu casaco enquanto falava.

— Bem, certifique-se de que ele não vomite no meu táxi —, o homem disse, balançando a cabeça em desgosto.

— O que aconteceu? — Vincent me perguntou rapidamente em inglês, olhando de relance para cima para ver se o motorista podia entender. Estendeu seu casaco para Ambrose, que abriu sua jaqueta e a colocou debaixo da camisa. Ele apoiou a cabeça contra o banco a sua frente.

— Apenas estávamos lá quando dois caras o empurraram contra a parede. Eles correram antes de eu ao menos saber o que estava acontecendo.

— Você viu quem fez isso? — perguntou.

Balancei a cabeça.

Ambrose disse —, Foram dois *deles.* Não vi isso acontecendo antes do tempo ou poderia ter alertado vocês.

— Está tudo bem, Jules —, Vincent disse, colocando a mão confortavelmente nas costas do Ambrose.

Por que você acabou de chamá-lo de Jules?

— Ambrose não está aqui. É o Jules —, Vincent disse.

— O quê? Como? — perguntei, tomada pelo horror enquanto me empurrava para longe da forma caída próxima a mim.

— Ambrose ou está inconsciente ou... Morto.

— Morto —, respondeu Ambrose.

— Ele vai... Voltar à vida? — eu disse, horrorizada.

— O ciclo recomeça quando somos mortos. O dia um de nossa dormência começa assim que morremos. Não se preocupe — Ambrose irá reanimar em três dias.

— Então o que é isso que Jules está fazendo? Possuindo?

— Sim. Ele queria tirar Ambrose de lá antes que nossos inimigos pudessem voltar e pegar o corpo.

— Você pode fazer isso, quero dizer, possuir alguém?

— Outros revenants, sim, sob certas circunstâncias.

— Tipo?

— Tipo se o corpo ainda está em uma forma suficientemente boa para se mover. — Vendo meu espanto, ele esclareceu. — Se nós não estivermos em pedaços. E no geral as mortes não são assim.

— Eww. — Fiz uma careta.

— Você perguntou! — ele olhou de relance para o motorista que, julgando pelo seu leque de interesse, estava obviamente de fora da conversa.

— E sobre os humanos? — perguntei.

— Se eles estão vivos, sim, mas apenas com a permissão deles. E levando-se em conta que é muito perigoso para o estado mental humano ter duas mentes ativas de uma vez só. — ele disse, batendo na testa. — Eles poderiam ficar loucos se isso fosse por um longo tempo.

Estremeci.

— Não pense nisso, Kate. Raramente isso acontece. É algo que só fazemos nas mais extremas circunstâncias. Como essa aqui.

— O que... Eu estou te assustando, minha querida Kate? — As palavras vieram dos lábios de Ambrose.

— Sim, Jules —, respondi, franzindo meu nariz. — Posso dizer honestamente que eu estou completamente assustada agora.

— Legal —, ele disse, um sorriso se formando nos lábios de Ambrose.

— Jules, péssima hora para fazer piadinhas —, Vincent disse.

— Desculpe, cara. Não é com frequente que consigo fazer meus truques de mágica para uma humana, entretanto.

— Você pode apenas se concentrar em diminuir o sangramento se for possível? Esse motorista vai enlouquecer se bagunçarmos seu banco traseiro —, Vincent sussurrou.

— Então, se já o mataram, por que aqueles caras iriam querer voltar pelo corpo dele? Por que quiseram até mesmo matá-lo em primeiro lugar, se sabem que ele apenas iria voltar à vida três dias depois? — perguntei a Vincent, ignorando a conversa surreal entre eles.

Vincent pareceu pesar se deveria ou não me dizer. E então, olhando para o corpo do Ambrose meio caído sobre o meu, sussurrou —, É a única maneira que podemos ser destruídos. Se eles nos matam e então queimam nossos corpos, nós vamos para sempre.



Geórgia estava furiosa. E eu não a culpava.

Durante o tempo que nós chegamos à casa de Vincent, nós tínhamos brigado quanto a isso por mensagens.

Geórgia: Onde estão vocês, pessoal?

Eu: Ambrose está doente. Teve que ser levado para casa.

Geórgia: Por que você não veio e me buscou?

Eu: Tentei. Não consegui passar pela multidão.

Geórgia: Eu de verdade odeio você este momento, Kate Beaumont Mercier.

Eu: Eu SINTO MUITO.

Geórgia: Vi alguns amigos aqui que me resgataram da completa humilhação. Mas eu ainda odeio você.

Eu: Desculpa.

Geórgia: Você NÃO está perdoada.

Vincent e eu tentamos ajudar Ambrose, mas ele se endireitou depois de sair do táxi e afastou nossas mãos. — Eu consigo agora. Droga, esse cara é pesado. Como ele consegue ao menos se mover com todos esses músculos inchados por toda parte?

Quando chegamos à porta, Vincent se virou para mim, parecendo conflituoso.

— Acho que vou para casa —, eu disse, dando nele com um soquinho.

Ele pareceu aliviado. — Posso caminhar com você se puder esperar apenas alguns minutos, até o deixarmos estabilizado.

— Não, ficarei bem. Sério —, eu disse. E curiosamente, eu quis dizer isso. Ape de todo o horror e esquisitice da noite, eu me sentia estranhamente bem. *Posso aguentar isso,* pensei comigo mesma, enquanto andava para longe dos portões, em direção à casa dos meus avós.

Capítulo 20

GEÓRGIA EMBURRADA NÃO é um bom sinal. Embora eu tenha me desculpado um milhão de vezes, ela não estava falando comigo.

As coisas estavam bem desconfortáveis em casa. Vovô e vovó tentaram ignorar o fato de que alguma coisa estava errada, mas no quinto dia após o meu imperdoável crime, vovô me puxou e disse —, Por que você não vem me ver no trabalho hoje? — ele olhou de relance para a pensativa silhueta da Geórgia e me deu um olhar significativo, como se dissesse, *Não posso falar aqui.* — Faz meses desde que você parou por lá e eu tenho muito estoque novo que você não viu.

Depois da escola me dirigi diretamente para a galeria do vovô. Andando dentro de sua loja, era como estar em um museu. Nas luzes silenciadas, estátuas antigas estavam alinhadas uma de frente para a outra em ambos os lados da sala, e caixas de vidro exibiam artefatos feitos de cerâmica ou cheios de metais preciosos.

— *Ma princesse*[18] —, vovô cantou quando me viu, quebrando o silêncio opulento da sala. Eu encolhi. Aquele era o apelido favorito do meu pai para mim e ninguém havia me chamado assim desde sua morte.

— Você veio. Então, o que parece novo para você?

— Ele, para começar —, eu disse, apontando para uma estátua em tamanho real de um jovem de aparência atlética avançando com um pé e

[18] Minha princesa.

segurando um punho cerrado firmemente para baixo ao seu lado. O outro braço e o nariz estavam faltando.

— Ah, meu Kouros —, vovô disse, andando até a estátua de mármore. — Século cinco a.C., um verdadeiro prêmio. O governo grego nem sequer teria deixado sair do seu país hoje em dia, mas o comprei de um colecionador suíço cuja família o adquiriu no século dezenove. — Ele me direcionou a passar por um relicário de joias em uma caixa de vidro. — Você nunca sabe o que está recebendo nesses dias, com todas essas providências duvidosas.

— O que é esse aqui? — perguntei, parando em frente a um grande vaso preto. Sua superfície era decorada com dúzias ou mais figuras humanas avermelhadas em poses dramáticas. Dois grupos armados se enfrentavam e, no meio, um homem nu de aspecto feroz ficava na cabeça de cada exército. Eles seguravam as lanças na direção um do outro em combate. — Soldados nus. Interessante.

— Ah, a ânfora. É mais ou menos cem anos mais jovem que o Kouros. Mostra duas cidades em batalha, lideradas pelos seus numina.

— *Seus* o quê?

— *Numina*. Singular, n*umen*. Um tipo de deus romano. Eles eram meio-humano, meio-divindade. Podiam ser feridos, mas não mortos.

— Então por serem deuses, lutam nus? — perguntei. — Sem armadura necessária? Soa como exibicionismo para mim.

Vovô deu de ombros.

Numina, pensei, e murmurei baixinho. — Soa como numa.

— O que você disse? — Vovô exclamou, balançando a cabeça verticalmente do vaso para me encarar. Pareceu como se alguém tivesse lhe dado um tapa.

— Eu disse que numina soa como numa.

— Onde ouviu essa palavra? — perguntou.

— Eu não sei... tv?

— Eu sinceramente duvido muito disso.

— Eu não sei, vovô —, eu disse, quebrando seu olhar fixo e procurando por outra coisa na galeria que pudesse me tirar da situação. — Provavelmente a li num livro velho.

— Hmm. — Ele assentiu, hesitantemente, aceitando minha explicação, mas mantendo seu questionador olhar.

Acredito que vovô tenha ouvido falar de cada deus arcaico e monstro que já existiu. Eu deveria falar a Vincent que os revenants, ou pelo menos a arte demoníaca dos revenants, não estava tão "debaixo do radar" como eles pensavam. — Então obrigada pelo convite vovô —, disse, aliviada por mudar de assunto. — Tem alguma coisa sobre a qual queira me falar? Além de estátuas e vasos, é isso.

Vovô sorriu palidamente. — Pedi para você vir até aqui para checar você e Geórgia. Isso é apenas um conflito —, ele disse, olhando para o vaso —, Ou uma completa guerra? Não que isso seja da minha conta. Só estou me perguntando quando você está planejando levantar uma trégua e restaurar a paz ao nosso lar. Se isso for muito mais adiante, deverei ter que partir em uma imprevista viagem urgente a negócios.

— Sinto muito, vovô —, disse. — É totalmente minha culpa.

— Eu sei. Geórgia disse que você e um jovem rapaz a deixaram abandonada no restaurante.

— Sim. Teve um tipo de emergência e nós tivemos que ir embora.

— E não teve tempo suficiente para levar sua irmã com você? — perguntou ceticamente.

— Não.

Vovô pegou o meu braço e gentilmente me direcionou na direção da entrada da loja. — Não soa como o tipo de coisa que você faz, *princesse*. E não soa muito cavalheiresco da parte dos seus acompanhantes.

Balancei a cabeça, concordando, mas não havia nada que eu pudesse falar para me defender.

Nós chegamos à porta da frente. — Seja cuidadosa com quem você escolhe passar o tempo, *chérie.* Nem todo mundo tem um coração tão bom como o seu.

— Desculpa, vovô. Irei por as coisas em ordem com Geórgia imediatamente. — Dei a ele um abraço e sai da escurecida sala, intermitente a luz do sol. E após pegar um buque de genebras margaridas de uma floricultura do bairro, fui para casa num esforço de última hora para fazer as

pazes com a minha irmã. Não sei se foram as flores que fizeram o truque, ou se ela estava apenas pronta para me perdoar e esquecer. Mas dessa vez, meu pedido de desculpa funcionou.



Ao invés de me desencorajar a ver Vincent, o discurso do vovô me deixou ainda mais ansiosa para vê-lo. Tinham sido cinco longos dias e, embora tenhamos planejado nos ver no final de semana, falado por mensagens e celular todos os dias, ainda parecia uma eternidade. Depois da minha missão de paz com Geórgia, peguei meu celular para ligar para ele. Mas antes que eu pudesse terminar de discar, vi seu nome aparecer na tela e meu celular começou a tocar.

— Estava justamente ligando para você —, eu disse, rindo.

— Oh, isso é bom —, sua voz aveludada veio do outro lado da linha.

— Ambrose já se levantou? — Perguntei. A meu pedido, ele começou a me dar atualizações da recuperação do seu parente. No dia seguinte em que foi esfaqueado, tinha começado a se curar e Vincent me assegurou que, como de costume, Ambrose estaria novo em folha uma vez que "acordasse".

— Sim, Kate. Eu te disse que ele estava bem.

— Sim, eu sei. Ainda é difícil acreditar, só isso.

— Bem, você pode ver por si mesma se quiser vir aqui. Mas você quer sair primeiro? Já que conseguimos passar pelo Les DeuxMagors sem ninguém ser morto ou mutilado, pensei que eu deveria te levar lá de novo.

— Claro. Tenho algumas horas antes do jantar.

— Pego você em cinco minutos?

— Perfeito.

Vincent estava esperando do lado de fora na sua Vespa pelo tempo que levei para descer as escadas.

— Você é rápido! — eu disse, pegando o capacete dele.

— Tomarei isso como um elogio —, replicou.



Era o primeiro dia frio de Outubro. Nós nos sentamos do lado de fora do café, na Alameda Saint-Germain, debaixo de um aquecedor alto tipo lâmpada, que se espalhava por todo o terraço do café assim que começava a esfriar ali fora. O ar aquecido esquentava meus ombros, enquanto o chocolate quente aquecia meu interior.

— Agora *isso* é um chocolate —, Vincent disse, quando derramou a espessa lava de chocolate derretido em sua xícara e adicionou leite fervido ao vapor de uma segunda jarra. Nós nos sentamos e observamos as pessoas passarem com casacos esportivos, chapéus e luvas pela primeira vez no ano.

Vincent se inclinou para trás no seu assento. — Então, Kate, minha querida —, começou. Levantei minhas sobrancelhas e ele riu. — Ok, apenas boa e velha Kate. Em nosso harmônico espírito de informação, pensei que eu poderia oferecer uma resposta a alguma pergunta sua.

— Que pergunta?

— Qualquer uma, contanto que pertença ao século vinte e um e não ao vinte.

Pensei por um momento. O que eu realmente queria saber é quem ele era antes de morrer. A primeira vez. Mas, obviamente, ele não estava pronto para me contar.

— Ok. Quando você morreu pela última vez?

— Um ano atrás.

— Como?

— Um resgate de fogo.

Parei, imaginando o quão longe ele poderia me deixar ir. — Isso dói?

— Isso dói o quê?

— Morrer. Quero dizer, suponho que a primeira vez não seja a mesma que qualquer outra morte. Mas depois disso, quando você morre para salvar alguém... Dói?

Vincent estudou minha expressão cuidadosamente antes de responder. — Tanto quanto se você, como humana, fosse atingida por um vagão de metrô. Ou asfixiada debaixo de uma pilha de madeira pegando fogo.

Minha pele se arrepiou quando tentei imaginar me colocar na pele de algumas pessoas... Ou revenants... O que seja... Que experimentam a dor da morte não apenas uma vez, mas repetidamente. Por escolha. Vincent viu meu mal-estar e alcançou minha mão. Seu toque me acalmou, mas não da maneira sobrenatural.

— Então por que você faz isso? É apenas sobre ter um demasiado senso de serviço comunitário? Ou reparar seu débito com o universo por fazer você imortal? Quero dizer, eu respeito o fato de que você está salvando as vidas das pessoas, mas depois de alguns resgates, por que apenas não se deixar envelhecer, como Jean-Baptiste, até que finalmente morre de velhice? — fiz uma pausa. — Você *morre* de velhice?

Ignorando a minha última pergunta, Vincent se inclinou para mim e disse seriamente, como se fazendo uma confissão. — Porque, Kate. É como uma compulsão. É como uma pressão se acumulando dentro de você até que tenha que fazer alguma coisa para conseguir alívio. Os "filantrópicos" ou "imortais" motivos não poderiam fazer a dor e o trauma valerem a pena por si só. É contra a nossa natureza *não* fazer isso.

— Então como Jean-Baptiste tem resistido isso por... o que? Trinta anos direto?

— Quanto mais tempo você é um revenant, mais fácil consegue resistir. Mas mesmo com um par de séculos no seu currículo, toma dele uma gigantesca quantidade de autocontrole. Ele tem uma razão realmente boa, no entanto. Ele não só abriga nosso pequeno clã, mas também oferece suporte a outros grupos de revenants pelo país. Ele não pode ficar morrendo direto por aí e ainda gerenciar essa tamanha responsabilidade.

— Tudo bem —, cedi. — Entendo que você tem uma compulsão de morrer. Mas isso não explica por que, entre todas as mortes, você faz coisas como se jogar no Sena após uma tentativa de suicídio. Você obviamente não ia morrer com aquilo.

— Você está certa —, Vincent disse. — As ocasiões onde realmente morremos salvando alguém são raras. Uma... Duas vezes por ano, no máximo. Geralmente estamos apenas fazendo coisas como prevenir garotas bonitas de serem esmagadas por desmoronamentos de prédios.

— Muito suave —, eu disse, o cutucando. — Mas isso é exatamente o que quero dizer. Onde está a recompensa nisso? Isso é uma compulsão também?

Vincent pareceu desconfortável.

— O que? Essa é uma pergunta válida. Estamos falando ainda do século vinte e um aqui —, eu disse defensivamente.

— Sim, mas estamos indo um pouco além da pergunta original. — Enquanto ele estudava minha teimosa expressão, seu celular tocou.

— Ufa, salvo pelo gongo —, disse, piscando para mim enquanto atendia. Escutei uma voz aguda e apavorada vindo do outro lado da linha. — Jean-Baptiste está com você? Bom. Apenas tente se acalmar Charlotte —, suavizou. — Estarei logo aí.

Vincent pegou sua carteira e deixou uns trocados na mesa. — É uma emergência familiar. Tenho que ir ajudar.

— Não posso ir com você?

Ele balançou a cabeça quando nos levantamos para sair. — Não. Houve um acidente. Deve estar um pouco — ele parou, pesando suas palavras —, bagunçado.

— Quem?

— Charles.

— E Charlotte está lá com ele?

Vincent assentiu.

— Então quero ir. Ela soou triste. Posso ajudá-la enquanto você toma conta do... Do que quer que seja que você precisa fazer.

Ele olhou para o céu, como se esperando por uma ajuda divina para poder explicar as coisas para mim. — Isso não é como as coisas geralmente são. Como eu estava dizendo — normalmente morremos por alguém apenas uma vez ou duas por ano. Foi uma casualidade que Jules e Ambrose tenham morrido justamente quando você e eu começamos a sair.

Nós alcançamos a moto. Vincent a destrancou e colocou o capacete.

— Essa é a sua vida, certo? E você prometeu não esconder coisas de mim. Então, talvez, isso seja algo em que eu pudesse ver para saber o que sair com revenants verdadeiramente significa. — Uma pequena voz dentro de mim estava me dizendo para desistir, para ir para casa e ficar fora dos negócios "familiares" de Vincent. Eu a ignorei.

Ele tocou o meu maxilar teimosamente cerrado com um dedo. — Kate, eu realmente não quero que você venha. Mas se insiste, não vou te impedir. Esperava que levasse mais tempo antes de você ter que ver o pior disso, mas você está certa — não devo esconder de você a nossa realidade.

Colocando meu capacete, me prendi atrás dele na moto. Vincent deu a partida na ignição e dirigiu em direção ao rio. Passamos pela torre Eiffel e estacionamos em um pequeno parque em frente à ponte Grenelle. Conhecia o lugar por que era o ponto final para os barcos turísticos antes de partirem de volta para o centro de Paris.

Um dos barcos turísticos estava ancorado na margem do rio e, na frente, uma inquieta multidão observava do lado de fora de uma barreira policial de proteção. Duas ambulâncias e um caminhão de bombeiro estavam estacionados no gramado próximo ao rio, suas luzes piscando.

Vincent apoiou a moto em uma árvore sem se preocupar em trancá-la e, segurando a minha mão, jogou a faixa para cima para falar com um policial parado atrás dela. — Sou da família —, disse ao homem, que não se moveu, mas olhou de relance, questionando o seu superior.

— Deixe-o passar. Ele é meu sobrinho —, veio uma voz familiar, e Jean-Baptiste caminhou por um grupo de paramédicos e empurrou a barreira para o lado para nos deixar passar. Vincent manteve seu braço envolvido firmemente ao redor da minha cintura, mostrando ser óbvio que eu estava com ele.

Agora que tínhamos uma visão desobstruída, vi três corpos na beira do rio. Um estava a uma boa distância dos outros. Era um garotinho, provavelmente de cinco ou seis anos de idade, e estava deitado em uma maca, envolvido com um cobertor. Uma mulher sentada perto da sua cabeça, chorando silenciosamente enquanto esfregava seu cabelo molhado com uma toalha. Após um momento, dois paramédicos, que acompanhavam sua forma pequena e trêmula, o ajudaram a se levantar a uma posição sentada de costas para os outros dois corpos, enquanto faziam a ele e a mulher perguntas. Ele estava claramente bem.

Diferente do corpo estendido a poucos metros de distância. Era uma garotinha, provavelmente da mesma idade que o garoto. A cabeça deitada numa poça de sangue. Uma mulher perturbada sentada próxima a ela, gritando ininteligivelmente.

Oh não, pensei, *Não sei se vou ser capaz de aguentar isso.* Levou toda a minha força para ficar calma e não cair em lágrimas eu mesma. Eu sabia que não poderia servir de ajuda se eu começasse a perder isso.

E finalmente, a três metros de distância, estava o terceiro corpo — esse adulto. Não conseguia dizer se era um homem ou uma mulher, pois a face estava coberta de sangue. Um cobertor de emergência foi colocado em cima do corpo, que nem de longe estava precisando disso para se aquecer. *Eles devem estar escondendo alguma coisa ensanguentada,* pensei, e então meus olhos se fixaram na garota ajoelhada próxima a ele.

Ao contrário dos outros sobreviventes, Charlotte não estava histérica. Estava chorando amargamente, mas sua linguagem corporal comunicou derrota ao invés de choque. Suas mãos estavam no topo do cobertor, pressionando o cadáver do seu irmão, como se estivesse tentando impedi-lo de sair voando pelo ar. Ela olhou ao redor quando Vincent chamou seu nome e, nos vendo, levantou-se.

— Vai ficar tudo bem, Charlotte —, Vincent sussurrou uma vez que seus braços estavam ao redor dela. — Eu sei que vai.

— Eu sei —, ela soluçou —, Mas isso não torna mais fácil...

— Shh —, Vincent a cortou, a segurando contra ele num poderoso abraço antes de deixá-la ir e a entregando gentilmente para mim. — Kate

veio para ficar com você. Ela pode te levar para casa em um táxi agora se você quiser.

— Não —, Charlotte balançou a cabeça, ao mesmo tempo alcançando minha mão como se fosse uma rede de segurança. — Vou esperar até que vocês rapazes o coloquem na ambulância.

Vincent se virou para mim. *Você ficará bem?* Murmurou. Eu assenti, e ele nos deixou ao caminhar em direção a Jean-Baptiste. Os dois homens se aproximaram da terceira ambulância que tinha acabado de chegar. Ambrose saiu do lado do passageiro da cabine, parecendo tão forte e saudável quanto um modelo de um panfleto de academia.

Charlotte tinha sentado de novo no chão e estava correndo sua mão sobre o cobertor de Charles, como se tentando aquecê-lo com a fricção. — Então —, eu disse gentilmente —, Se você não quiser fala sobre isso, apenas diga. Mas o que aconteceu?

Ela exalou profundamente, seu rosto contorcido, me dando uma noção do que ela poderia parecer se estivesse em sua verdadeira idade. Ela levantou uma mão tremula e apontou na direção do deserto barco turístico. — O barco. Estava alugado para uma festa de aniversário infantil. Charles e eu estávamos andando nas proximidades, com Gaspard volante, e ele nos deixou saber antes das duas crianças caírem. Charles pulou e alcançou o garoto logo depois que ele afundou. E nadou com ele até a costa para mim, onde fiz boca-a-boca na criança. E então ele voltou para a menininha quando foi puxada para baixo. Ele tentou pegá-la, mas a hélice a pegou primeiro. E então o pegou também.

Sua voz estava entorpecida enquanto recontava a história, mas assim que terminou, começou a chorar levemente de novo, seus ombros balançando contra o meu braço. Senti lágrimas escorrerem dos meus olhos e me reprimi duramente. *Controle-se,* pensei. *Charlotte não precisa de mim chorando junto com ela.*

Olhei para baixo na direção da margem da água, onde dois mergulhadores de polícia emergiram. O paramédico parado próximo a Ambrose os notou também e andou rapidamente na direção deles. Não foi até que ele chegasse a poucos passos de distância e eles segurarem um objeto na direção dele que eu comecei a adivinhar o que estava acontecendo.

Charlotte sentiu meu corpo tenso e olhou para cima na direção dos mergulhadores. — Oh, bom. Eles encontraram —, ela disse calmamente, enquanto o paramédico alcançava a sacola de plástico, metade cheia de água ensanguentada.

Não consegui parar as lágrimas dessa vez e, apesar do borrão, vi o que estava dentro. Meu corpo ficou entorpecido e a respiração deixou meus pulmões tão violentamente quanto se eu tivesse sido chutada no estômago. Na sacola estava um braço humano.

Capítulo 21

Foi quando os paramédicos ziparam Charles em um saco de corpo que eu perdi a batalha. Enquanto assistia, o saco de corpo se replicou e lá estavam dois. E agora eram meus próprios pais que eu estava olhando nos sacos, meu corpo voou para o outro lado do Atlântico e de volta no tempo para o necrotério da cidade de Nova York em menos de um ano atrás.

Eles nem ao menos podiam me mostrar meu pai. Mas eu tinha insistido em ver a minha mãe, que, com "apenas" um pescoço quebrado, foi julgada mais apresentável que meu mutilado pai. E agora eu estava de volta nessa sala, encarando as unhas coloridas de coral nos pés nus da minha mãe. Geórgia próxima a mim chorando enquanto eu arrancava fios do meu cabelo e os trançava com os da minha mãe. Eu sabia que ela seria cremada e queria parte de mim para acompanhá-la. Naquele pensamento, minhas memórias vieram ao fim, mas eu fiquei na cena, relutante em deixar minha mãe no ofuscante quarto branco.

— Kate, Kate? — mãos fortes me viraram até que o rosto de Vincent estivesse a centímetros do meu. — Você está bem?

Assenti, atordoada.

— Por que você não vai à ambulância? Eu vou levar a moto para casa e te encontro lá.

Assenti de novo e tentei para me manter firme quando me encravei entre Charlotte e o motorista na cabine do veículo.

Quando nós chegamos à casa de Jean-Baptiste, Jeanne nos encontrou na porta da frente. Ela levou Charlotte para longe de mim, a encaminhando escada acima para o seu quarto de uma maneira familiar que deixou claro que eles tinham passado por isso antes. Pela janela do corredor, vi Jean-Baptiste segurar um maço de notas para o motorista da ambulância enquanto Jules carregava o pesado saco de corpo pela porta da frente e gentilmente colocando-o no chão. Consegui ir até o quarto do Vincent oscilando em meu caminho, onde me joguei de bruços na cama e me deixei chorar.

Eu sabia que não estava chorando pela morte de Charles. Aquilo tinha apenas me desligado. Ou me jogado de volta ao passado, mais assim. E agora eu me sentia empoleirada na borda do mesmo abismo que eu tinha conseguido me arrastar para longe poucos meses antes. Senti a irresistível tentação de me inclinar para frente, apenas um centímetro, e me deixar cair de cabeça ao longo da reconfortante escuridão. O pensamento de deixar a minha mente largar o meu corpo para trás era tentadora. Não iria ao menos precisar estar ao redor para limpar a bagunça.

Alguém se sentou na cama, mas mantive meu rosto enterrado no travesseiro. A aquecida voz de Vincent veio de cima de mim. — Está tudo bem, Kate. Eu sei que é muito difícil ver algo como aquilo e eu gostaria que você não tivesse visto. Você só tem que se lembrar de que aquilo não é real — mortal — morte. E aquilo é por uma razão. Charles salvou a vida de um garotinho dando a sua própria. Temporariamente.

Suas palavras entraram em meus ouvidos, mas não pararam em meu cérebro. Eu não podia processar o que ele estava dizendo. Aquilo somente não fazia sentido de acordo com tudo o que eu já tinha aprendido ou experimentado na vida. Não conseguia apenas cortar meus sentimentos fora, sabendo que alguém estava mutilado por uma hélice de um barco — mesmo que só estivesse "temporariamente" morto. — Charles está.. —, comecei.

— Todo mundo está bem. O corpo do Charles está de volta ao seu quarto. Ele estará em perfeita forma em poucos dias. Charlotte está bem agora que o tem de volta aqui em casa e pode observá-lo se curar. — Ele parou. — Você é a única com quem estou preocupado.

Tentei peneirar tudo o que tinha visto e o que ele tinha dito para pensar sobre aquilo racionalmente, mas tudo dentro de mim rejeitou isso. Deslizei para longe dele e tirei minha mão da sua. Não conseguia olhá-lo.

— Como você consegue viver desse jeito? — perguntei finalmente, minha voz vacilante.

— Bem, eu tive um longo tempo para me acostumar —, disse, mordendo o lábio inferior.

— Exatamente quanto tempo? — minha voz soou vazia. Sabia que Vincent tinha estado guardando coisas de mim por alguma razão, mas me ressenti com o fato de que ainda sabia tão pouco sobre ele.

— Você quer escutar isso agora? — perguntou, e suspirou.

— Eu *tenho* que escutar isso agora —, respondi calmamente.

— Eu nasci em 1924.

Fiz a conta. — Você tem oitenta e sete anos.

— Não, eu tenho dezenove. Morri em 1942, quando tinha dezoito. Passou-se um ano desde que morri resgatando alguém, então tenho dezenove agora. E o mais velho que já fui foi vinte e três. Nunca fui casado. Nunca tive filhos. Nunca experimentei qualquer coisa que pudesse fazer eu me sentir muito mais velho do que sou agora.

— Mas você tem visto oitenta e sete anos se passarem. Você já teve oitenta e sete anos de vida.

— Se isso é o que você chama de *vida.* — Ele disse, balançando a cabeça. — É mais um compromisso. Começo a agir como um anjo da guarda com desejo de morte e em troca consigo uma certa versão de imortalidade. — Sua voz estava tingida com algo um pouco abaixo da amargura. Arrependimento, talvez.

Ele tentou sorrir, e então me olhou suplicante. — Por favor, Kate. Isso pode ser verdade o suficiente para dizer por agora? Esse tem sido um dia difícil o bastante para você sem eu chateando-a com mais ficção científica.

Concordei. Ele correu seus dedos pelo meu cabelo e colocou um punhado solto para trás, prendendo-o atrás da minha orelha. Estremeci ao seu toque. — O que foi Kate? Por favor, fale comigo.

Meus pensamentos voaram em dúzias de direções diferentes. Finalmente, eu o olhei de frente, me armando para dizer as difíceis palavras.

— Tenho que ser honesta. Nunca me senti desse jeito antes. Nunca... — meus olhos vasculharam o teto por algo que pudesse me dar coragem para continuar, e achando nada, suspirei profundamente antes de encontrar o seu olhar. — Nunca senti algo forte por alguém. E se continuar a deixar eu me sentir desse jeito por você...

O rosto de Vincent estava sereno, mas seus olhos estavam cheios de tormenta enquanto esperava pelo meu veredito, que ele sabia que estava vindo.

Eu me forcei a continuar.

— Não consigo imaginar tendo que viver com o que aconteceu hoje como base regular. E quando for a sua vez será ainda pior, não posso suportar a ideia de ver você morrer de novo e de novo. Isso lembra muito a morte dos meus pais.

Engasguei com minhas palavras e comecei a chorar, e Vincent se moveu na minha direção, mas segurei uma mão no alto para impedi-lo. — Se fosse para acabar amando você, eu não conseguiria viver desse jeito. Em constante agonia. Sabendo que você estaria indo ser ressuscitado, ou o que quer que seja isso que você faz depois, não seria o suficiente ter uma vida através da sua morte repetidas vezes. Você não pode me pedir para fazer isso. Eu *não posso* fazer isso.

Girei abruptamente em meus pés, limpando as lágrimas para longe, e tropecei em direção à porta. Ele me seguiu silenciosamente pelo corredor até o hall de entrada e ficou imóvel quando peguei o meu casaco do banco e comecei a lutar com a maçaneta da porta. Vincent a abriu para mim e, colocando uma mão em meu ombro, gentilmente me virou de frente para ele.

— Kate, por favor, olhe para mim. — eu não conseguia levantar meus olhos para o seu rosto. — Eu entendo —, ele disse.

Finalmente, olhei para cima e sustentei o seu olhar. Seus olhos estavam ocos. Vazios. — Sinto muito pela dor que te causei —, ele sussurrou e deixou cair sua mão do meu ombro.

Eu me virei para ir enquanto ainda tinha forças para deixá-lo e, quando o portão se fechou atrás de mim, comecei a correr.

Capítulo 22

CONSEGUI CHEGAR AO meu quarto sem ver meus avós ou Geórgia, e me fechei dentro dele. Quando me enrolei num canto da minha cama, o tempo pareceu parar e permaneceu assim. Eu me senti despedaçada entre a certeza de ter feito a coisa certa e a incomoda dúvida que no espaço de dez minutos eu tinha arruinado qualquer chance de poder ter tido um futuro brilhante e esperançoso. De amor.

Embora eu não o conhecesse há muito tempo, sabia que se as coisas continuassem do jeito que vinham sendo, eu poderia ter me apaixonado por Vincent. Não havia dúvidas disso. E se isso era só o começo, eu sabia que não seria apenas um romance passageiro. Meu coração poderia ser varrido. Eu estava certa disso.

E sentindo isso sobre ele, não podia arriscar a dor de vê-lo várias vezes lesionado, morto ou até mesmo destruído. Ele tinha dito que é possível: Sua imortalidade tinha seus limites. Após perder mamãe e papai, recusei perder outra pessoa que eu amava.

O antigo ditado estava em sentido contrário, deveria ser "Melhor não ter amado em tudo, do que ter amado e perdido." Eu tinha feito a coisa certa, me assegurei. Então por que parecia que eu tinha cometido o maior erro da minha vida?

Eu me envolvi num casulo de cobertor e avancei mais profundamente na minha miséria. Deixei a dor me consumir. Merecia isso. Nunca deveria ter me aberto.

Horas depois, vovó bateu para me dizer que estava na hora do jantar. Levei um segundo para recompor a minha voz e então gritei —, Sem fome, vovó. Obrigada! — poucos minutos depois escutei uma gentil batida na porta.

— Nós podemos entrar? — A voz de Geórgia veio do outro lado, e sem esperar por uma resposta, minha irmã e minha avó, cautelosamente, na ponta dos pés, entraram no quarto. Sentando em ambos os lados de mim, elas colocaram seus braços ao meu redor e esperaram.

— É sobre mamãe e papai? — Geórgia finalmente perguntou.

— Não, por uma vez isso não é sobre mamãe e papai —, gaguejei, meio sorrindo —, pelo menos, não só sobre mamãe e papai.

— É o Vincent? — perguntou.

Assenti em lágrimas.

— Esse... Vincent — senti vovó e Geórgia olharem uma para outra por cima da minha cabeça —, fez alguma coisa para machucar você? — vovó disse, correndo seus dedos ao longo das minhas costas.

— Não, fui eu. Apenas não consigo... — Como possivelmente eu ia explicar isso a elas? — Não posso me deixar aproximar dele. Isso parece muito arriscado.

— Sei o que quer dizer —, Geórgia disse. — Você está com medo de amar alguém de novo. No caso deles desaparecerem também.

Coloquei a cabeça no ombro de vovó e respirei —, É muito complicado.

Alisando meu cabelo com a sua mão e plantando um beijo no topo da minha cabeça, ela respondeu calmamente —, Isso sempre é.

Comprei uma sacola cheia de livros na livraria English e depois me retirei para a escura caverna do meu quarto, dizendo a vovó que eu estaria "hibernando" pelo final de semana. Ela entendeu e, depois de deixar uma bandeja com água, chá, frutas e uma seleção de queijos e biscoitos na minha cômoda, me deixou sozinha.

Passei o resto do dia dentro da história de outra pessoa. Nos raros momentos em que deixei o livro de lado, minha própria dor retornou em punhaladas ardentes. Eu me senti como o alvo da faca circense do atirador. Se eu segurasse minha mente imóvel, poderia evitar ser atingida pelas lâminas que passavam a toda velocidade pela minha cabeça. De tempos em tempos eu adormecia, mas era imediatamente acordada pelos sonhos sombrios e torturantes que, uma vez que eu acordava, se dissolviam sem deixar rastros.

Não podia me conter em olhar sobre o ombro as vezes, me perguntando se iria ver Vincent a espreita nas sombras. *Ele vem me ver quando é volante?* Eu me perguntei. Ele podia estar flutuando ao redor do meu quarto por tudo o que eu sabia. Ou talvez não. Talvez esse fosse o caso de "fora de vista, fora da mente" para ele, e minha explosão tivesse sido efetiva o suficiente para pará-lo de tentar me ver de novo. *Isso era o que eu queria,* disse a mim mesma. Não era?

Se eu me deixasse pensar, isso poderia ser o fim. Então desconectei meu cérebro e deixei meu corpo seguir sem uma mente para dirigi-lo. Com tudo, parecia que eu estava o retirando. Podia viver sem ele. Eu era autônoma. Autossuficiente. Talvez eu não estivesse feliz, mas não estava triste. Eu estava apenas... Ali.

A escola era um bem-vindo alívio. Isso ajudou os dias a passarem em uma entorpecida monotonia. Finalmente, retornando para casa um dia, me dei conta em um choque de clareza que mal se tinha passado duas semanas desde que deixei Vincent parado na sua porta de entrada. Isso tinha parecido como meses. Tinha estado me parabenizando por ter completado uma maratona quando mal tinha passado a linha de partida.

Quando subi as escadas do metrô da minha rua, fui surpreendida ao ver uma figura apoiada em uma cabine telefônica próxima. Era Charlotte. Quando ela me viu, seu belo rosto se iluminou. — Kate! — gritou, pulando e se inclinando para me beijar em ambas as bochechas.

— Charlotte. Que surpresa! — sorri, olhando de relance ao redor, curiosamente para ver se ela estava com outra pessoa.

— Esperando Charles. E aqui está ele —, ela disse, seus olhos fixando nas escadas do metrô atrás de mim.

Charles caminhou até nós, todos os seus membros intactos, parecendo mais saudável que nunca e em um mais negro humor. Ele fez uma careta quando me viu. — O que a humana está fazendo aqui? — perguntou.

— Um, tenho um nome. E para responder a sua pergunta, eu moro aqui —, respondi defensivamente. — Você não é a única pessoa em Paris que usa a rua du Bac Métro.

— Não, quero dizer, o que você está fazendo aqui com Charlotte?

— Apenas esbarrei nela. Acidentalmente. — *Por que estou inventando desculpas para esse desagradável adolescente?* Eu me perguntei, aborrecida comigo mesma.

— Pensei que desde que você abandonou Vincent, nós não iríamos nunca mais te ver de novo.

— Bem —, eu disse, passando um sorriso falso pelo meu rosto —, Aqui estou. Então, Charlotte, foi bom te ver. Tenho que ir.

Eu me virei para ir embora, mas Charles gritou atrás de mim. — Você apenas não pode obter o bastante de nós caras mortos, huh? O que quer agora? Quer que salvemos a sua vida de novo? Ou está indo nos levar para uma armadilha mortal como fez com Ambrose?

— Do que você está falando? — gritei, fuzilando seu rosto.

— Nada, não estou falando nada. Apenas esqueça que eu algum dia disse uma palavra —, cuspiu. Colocando as mãos nos bolsos do jeans, se virou e, desengonçado, foi embora. Charlotte olhou para mim se desculpando.

— Sobre o que foi isso? O que eu fiz? — ofeguei.

— Nada, Kate. Você não fez coisa alguma. Não se preocupe, é tudo problema do Charles.

— Bem, então por que ele me atacou desse jeito? — eu ainda estava sem reação pelo choque.

— Hey, você quer andar até o rio? — perguntou, ignorando a minha pergunta. — Eu estava meio que esperando esbarrar em você em algum momento, sendo que somos vizinhas e tudo. Não que eu não tenha te visto por aí, claro. Só não achei que era apropriado correr rua abaixo até você.

— Não me diga que você estava me seguindo —, disse, meio brincando.

Charlotte não respondeu, mas sorriu para mim como um gato.

— O que? Você *tem* me seguido?

— Não se preocupe, Vincent não me pediu nada. É só que seguir pessoas é o que fazemos e quando estamos sem o que fazer, é difícil não seguir pessoas que nos interessam.

— *Eu* interesso a *você?*

— Sim.

— Por quê?

— Vejamos. Bem, você é a primeira garota que Vincent se apaixonou desde que se tornou um revenant. O que já te qualifica como fascinante para o resto de nós.

— Eu não posso falar sobre... ele —, comecei a protestar.

— Ok. Iremos evitar o tópico Vincent completamente. Prometo.

— Obrigada.

— Você também me interessa porque... — pela primeira vez, ela pareceu mais jovem que seu corpo de quinze anos. — Eu tinha meio que esperado que você fosse uma amiga. Antes de partir, é claro. É um pouco solitário sair com rapazes o tempo todo. Felizmente, Jeanne está lá ou eu provavelmente estaria perdida.

Minha expressão deve ter sido zombeteira, pois ela rapidamente foi se explicar. — Não é como se eu pudesse sair e fazer amizade com qualquer humano. Eles não iriam entender. Mas desde que você já conhece o que nós somos...

Eu gentilmente a cortei. — Charlotte, estou extremamente lisonjeada que você queira ser minha amiga. Eu realmente gosto de você, também. Mas ainda estou muito chateada sobre Vincent e, se eu sair com você e encontrarmos com ele, isso seria muito difícil para mim.

Ela desviou o olhar e assentiu desinteressadamente, como se já tivesse se afastando de mim.

— Pensei que você saía com Charles a maior parte do tempo —, disse.

— Oh, ele está por conta própria muito ultimamente —, ela disse, tentando soar superficial, mas não conseguindo muito bem. Sua voz tremeu quando continuou —, Então, recentemente, tenho me encontrado um pouco mais sozinha do que estou acostumada. — Sua intenção de parecer corajosa foi arruinada por uma lágrima que notei escorrendo por sua bochecha quando ela se virou para longe.

— Espere! — eu disse, pegando sua mão e a puxando de volta para me olhar.

Encarando o chão, ela afastou outra lágrima. — Me desculpe. Só que as coisas têm estado um pouco... Difíceis ultimamente.

Acho que não sou a única com problemas, disse a mim mesma, minha determinação ficou em ruínas quando vi a tristeza em seu rosto. — Está bem, sim. Vamos andar até o rio. — Seus olhos vazios encontraram os meus e ela conseguiu uma sombra de um sorriso quando pegou o meu braço e nós andamos rua abaixo juntas.

A medida que nos aproximávamos da água, apontei para uma loja antiga de taxidermia[19]. — Minha mãe e eu costumávamos ir lá sempre —, disse. — É como um zoológico, exceto que todos os animais estão mortos. Agora mal posso passar por ali sem pensar em mamãe. Nem me atrevo a entrar, no caso de ter um colapso bem no meio de todos os esquilos de pelúcia.

Charlotte riu — a resposta que eu estava esperando. — É assim que eu me sentia após meus pais terem morrido. Tudo me lembrava eles. Paris pareceu como uma cidade fantasma para mim por anos depois —, ela disse, enquanto descíamos os degraus para o cais.

[19] Taxidermia é a arte de conservar ou reproduzir animais mortos para exibição ou estudo.

— Seus pais morreram? Quero dizer, antes de você? — perguntei, o buraco no meu coração começando a doer de novo. Nós começamos a passear por uma longa linha de casas flutuantes que estavam ancoradas na margem do rio.

Charlotte assentiu. — Foi na Segunda Guerra Mundial. Durante a Ocupação. Meus pais dirigiam uma imprensa clandestina dentro do nosso apartamento, próxima ao Sorbonne, onde meu pai ensinava. Os alemães encontraram e atiraram neles. Charles e eu estávamos na casa da nossa tia aquela noite, ou eles provavelmente teriam nos matado também.

— Nós estávamos orgulhosos dos nossos pais e quisemos continuar seus passos. Então, quando começamos a ouvir sobre as rondas... — Ela parou, então explicou —, Quando a polícia rondava os judeus para mandá-los para os campos de concentração. — Eu assenti para mostrar a ela que entendi, e ela continuou —, Nós escondemos alguns amigos da escola e seus pais em nosso apartamento, num quarto com uma parede falsa, onde a imprensa tinha sido ocultada. Garantimos suprimentos suficientes para alimentar e vestir nós seis por mais de um ano antes de um vizinho pegar e nos reportar.

Parei no lugar. — Quem poderia fazer uma coisa dessas? — disse horrorizada.

Ela encolheu os ombros e continuou, pegando meu braço e forçando eu me mover de novo. — Nós éramos capazes de levar a família em segurança para outro esconderijo, mas Charles e eu fomos pegos no dia seguinte e baleados.

— Mal posso acreditar que isso aconteceu aqui em Paris.

Charlotte assentiu. — Eles dizem que trinta mil de nós "resistentes" foram fuzilados durante o período da Ocupação. Pelo menos, esse é o número oficial. Alguns eram na verdade infratores da lei. Mas outros eram espectadores inocentes que foram levados como reféns e assassinados para vingar os atos de seus compatriotas resistentes.

— Isso foi tão corajoso da sua parte e de Charles, ajudar aquela família.

— Bem, você não teria feito a mesma coisa? Como poderíamos ter agido diferente?

Nós nos aproximamos de um banco de pedra e sentamos.

— Não sei —, Respondi, finalmente. — Gostaria de esperar que eu tivesse agido como você agiu. Mas deve haver pouquíssimas pessoas que são realmente corajosas. Talvez seja por isso que você tenha se tornado uma deles. Quero dizer, uma revenant —, disse.

— Isso é o que Jean-Baptiste pensa. Que salvar vidas estava programado para nós. Que isso veio naturalmente. Quem sabe? — Ela fez uma pausa, pensativa. — O que eu *sei* é que, agora que posso poupar outros da dor que passei quando meus pais foram mortos — salvando vidas — isso torna o trauma contínuo da nossa existência mais fácil de suportar.

Concordei e fiquei assistindo enquanto ela distraidamente cutucava as unhas. — Então, o que está acontecendo com Charles? — perguntei, finalmente.

— É tudo parte da mesma história —, disse. — Ele tem tido um tempo difícil lidando com o seu fracasso em salvar a vida daquela garotinha, no acidente de barco. Durante as duas últimas semanas, ele tem estado... — Pareceu como se ela estivesse pesando o quanto me contar e esclarecer —, ...obcecado com isso.

— Ele vai superar com o tempo? — perguntei.

Ela deu de ombros. — Finalmente contei a Jean-Baptiste sobre isso esta manhã. Ele vai ter uma conversa com Charles.

— Talvez isso vá ajudar —, ofereci.

Ela balançou a cabeça, como se não estivesse convencida. — Vamos mudar de assunto.

— Certo —, disse, procurando um novo tópico de conversação. — Então, o que é tão ruim em viver numa casa cheia de homens gatos? Excluindo Gaspard e Jean-Baptiste, digo, acho que poderiam ser chamados de "gatos" de um jeito próprio... — parei.

Ela caiu na gargalhada. — Definitivamente não gatos —, concordou. — Há tanta testosterona espalhada pelo ar que estou surpresa de não ter crescido um bigode em mim apenas por respirá-lo!

Agora era a minha vez de rir. Isso pareceu estranho para mim, como se de repente eu estivesse falando chinês. Não pareceu natural, mas tampouco pareceu ruim.

Charlotte me atirou um torto sorriso, orgulhosa de ter quebrado minha armadura. — Honestamente —, ela admitiu —, Eles são todos como uma família para mim. Nós temos vividos juntos por décadas.

— Os revenants fora do nosso campo têm que constantemente se recolocarem para que as pessoas locais não os reconheçam uma vez que tenham morrido salvando alguém. Estão sempre mudando de uma das casas de campo de Jean-Baptiste para outra. Isso atende a eles bem, mas eu não conseguiria fazer isso. Esses homens são toda a família que consegui e eu não conseguiria nunca deixá-los.

— Você alguma vez... — parei, incerta de quão invasiva minha pergunta poderia ser.

— O quê? — Charlotte perguntou, intrigada.

— Você tem um namorado?

Charlotte suspirou. — Seria apenas tão difícil ter um namorado quanto é ter amigas. Acho que no início eu poderia inventar desculpas por desaparecer três dias todo mês, mas não iria funcionar por muito tempo. E então desaparecer por alguns dias toda vez que morresse. Não, isso apenas não daria certo. E eu não arrumo relações casuais como Jules e Ambrose fazem. Quando eu me apaixono, isso gruda.

— Então você já esteve apaixonada antes?

Ela ruborizou e olhou para as mãos abaixo. — Sim. Mas ele não... ele não se sentia da mesma forma. — Suas palavras eram quase inaudíveis.

— Então por que não namorar um revenant?

Ela se inclinou para frente, um triste sorriso se formando nos lábios quando envolveu os braços em torno de si mesma e olhou à distância sobre a água. — Não existem muitos de nós ao redor, então as opções são bastante limitadas.

Não sabia como responder, então peguei a sua mão e dei nela um aperto encorajador, ela sorriu, e então disse —, É melhor eu voltar para casa. Para Charles. Obrigada pela conversa. Não posso dizer a você quão legal é sair com uma garota.

Eu me senti da mesma forma. Não tinha feito amigos aqui em Paris. E mesmo que isso significasse passar um tempo com alguém que era

praticamente um membro da família de Vincent, tive que admitir que realmente eu tinha gostado de estar com Charlotte. — Nós faremos isso de novo —, Prometi.

Se você é amiga da Charlotte, será obrigada a passar por Vincent em algum momento ou outro, uma pequena voz em minha cabeça me cutucou. *Oh, cala boca,* disse, me perguntando se a dor em meu coração iria alguma vez diminuir. Tinha que diminuir, decidi. Quanto mais tempo passava longe de Vincent, melhor eu me sentiria. Estava certa disso.

Capítulo 23

AO INVÉS DE MELHORAR, na semana seguinte eu me senti ainda pior, e na sexta-feira um rastejante desespero começou a me engolir quando me dei conta de que o final de semana inteiro se estendia a frente sem uma única atividade planejada como distração.

No almoço, liguei meu celular para ver minhas mensagens diárias de Geórgia:

Você já viu o equipamento de você-sabe-quem?

Cálculo é uma droga.

Saindo hoje à noite, quer vir?

Hesitei, e então me forcei a responder a última mensagem:

Onde?

Ela me escreveu de volta imediatamente:

Encontro você depois da escola.

Às quatro horas, Geórgia estava esperando por mim no portão vestindo uma expressão de pura surpresa. — Sem chance, Katie-Bean... Você vai sair de verdade comigo hoje à noite?

— Depende —, disse alegremente, tentando não soar tão desesperada quanto me sentia. — Onde você vai?

— Há uma festa dance nessa boate underground. O dono é *muito* amigo meu. — Ela mostrou um sorriso malicioso. Minha irmã, a incorrigível flerteira. — Sério, é um lugar muito legal, naquele labirinto de adegas antigas que fica embaixo de um par de prédios próximos a Oberkampf. Está sempre cheio de músicos e artistas, você vai amar.

Embora meu coração não estivesse afim de boates, essa era minha única oferta para o final de semana. Na verdade, para o mês, se eu fosse realista. — Estou dentro —, Disse. — A que horas você vai sair?

— Pelas nove.

Pegamos o ônibus no centro e então mudamos para o metrô. Uma vez na nossa rua eu disse a Geórgia —, Não estou afim de ir para casa ainda. Acho que vou zanzar por aí. Não saia sem mim.

— Vou escolher as roupas —, ela disse e, sorrindo, se dirigiu para a nossa rua. Eu me virei na outra direção e fiz meu caminho passando a agitada avenida Saint-German, flutuando pelas pequenas ruas sinuosas que cruzam a área próxima ao rio.

Em uma esquina movimentada estava um café com um grande terraço onde minha avó me levava quando criança para um delicioso *tarte tain*, uma torta de maça assada com uma calda caramelizada. O Café foi chamado *La Palette*, como a paleta de um artista, seu nome remonta quando ainda era um ponto de encontro de pintores e escultores locais. Era muito longe de casa para ter escolhido como meu café local, mas com certeza valia uma visita eventual.

Um vento gélido soprava nas ruas e o normalmente cheio terraço estava quase deserto. Abri caminho pela porta da frente para o aquecido e deliciosamente cheiroso café. Um garçom me chamou a atenção e gesticulou em direção a uma mesa vazia posicionada num nicho quase escondido atrás da porta da frente. Perfeito. Anonimato era exatamente o que eu queria hoje.

Sentei, arrumei minha bolsa de livros debaixo da mesa e comecei a checar a clientela do café enquanto esperava o garçom retornar. Um grupo de estudantes conversando num canto. Várias mesas com pessoas de negócios com bebidas ajustadas sobre seus documentos. Uma mulher de impressionante aparência em seus vinte e poucos anos sentada sozinha.

Foquei na última dessas. Cabelo loiro, quase branco, caindo abaixo dos ombros, maçãs do rosto altas e os olhos azuis claros a faziam parecer vagamente escandinava.

Um homem de costas para mim se aproximou dela saindo do bar do café. Ele se sentou de frente para ela, pegou a xícara próxima a dela e tomou o líquido com um movimento rápido. Então ele alcançou o outro lado para segurar sua mão que estava deitada delicadamente sobre a mesa.

Ele disse alguma coisa para ela e o olhar caiu dele para a mesa. Eu vi uma lágrima correr pelo seu belo rosto e a mão do homem subiu automaticamente para limpá-la de lá. Ele alisou uma mecha solta de seu cabelo platinado, colocando de volta para trás da orelha num movimento que eu reconheci.

E com uma súbita descoberta, meu coração parou. Como se um frio gelado me atravessasse. Agarrei minha bolsa, e o saleiro de vidro bateu no chão onde se despedaçou com um barulho alto. Os olhos da mulher voaram para mim, então disse alguma coisa para a sua companhia.

Ele se virou na minha direção e então congelou com um olhar de devastação que deformaram seu lindo rosto. Meus instintos não estavam errados. Era Vincent.

Neste momento o garçom se materializou na minha frente, segurando uma vassoura e uma pá de lixo. — Desculpe —, Consegui deixar escapar quando peguei meu casaco da cadeira e o empurrei, tropeçando para fora do café.

Corri todo o caminho para casa, minha face tão entorpecida que parecia que tinha sido atingida por dardos de Novocaína[20]. *Eu o deixei,* lembrei a mim mesma, *não o contrário. Por que ele não podia ter encontrado outra pessoa?*

[20] Anestésico atóxico, sem efeito narcótico, usado principalmente para anestesia local.

O pensamento seguinte que veio para mim foi que ele poderia ter mentido sobre não ter se apaixonado por alguém desde seu romance de infância. Ele pode ter estado com a maravilhosa loira o tempo todo. Meu destruído coração me disse que aquilo estava errado, no entanto. Vincent não iria mentir para mim. E nem Charlotte, quando disse que eu era a primeira garota por quem Vincent tinha ficado caído desde que se tornou um revenant.

Infelizmente, mesmo admitindo que ele estivesse livre de culpa e que eu era a pessoa que tinha ido embora, não fez a dor em meu peito doer nem um pouco menos.

Quando cheguei em casa, fui direto para o quarto da Geórgia e abri a porta sem bater. — Vamos —, eu disse sem fôlego. Ela sorriu e ergueu um vestido curto e rendado.

Capítulo 24

NÓS SAÍMOS PELAS NOVE de casa e entramos em um carro que nos aguardava do lado de fora. Eu me espremi no banco traseiro com duas garotas que reconheci da escola, enquanto Geórgia saltou para o assento do passageiro e deu a um cara maravilhoso que eu nunca tinha visto um beijinho na boca.

Sabia que esse era o jeito de Geórgia dizer oi para os caras que ela gostava, então decidi perguntar por detalhes mais tarde. Ela fez apresentações.

— Lawrence-britânico, Mags-irlandesa, Ida-sueca, essa é a minha irmã, Kate, que está na desesperada necessidade de uma boa noitada. Se ela for para casa chateada, vou me entender com todos os responsáveis pessoalmente. — Ela aumentou o rádio, Lawrence dirigiu o carro em direção ao rio, e nós estávamos fora.

A boate ficava em um bairro ligeiramente ao lado leste de Paris, em uma área popular entre os artistas, modelos e músicos que ainda não tiveram seus grandes momentos. Vários bares da moda surgiram lá nos últimos dois anos e as calçadas estavam lotadas de grupinhos de pessoas descoladas e tremendo de frio, enquanto fumavam do lado de fora.

Nós paramos em frente a um prédio num beco que parecia estremecer como marteladas por causa da batida da música do lado de dentro. Um porteiro grande estava na porta, vestindo apenas jeans e um top branco,

linhas esticadas firmemente através de seus impressionantes músculos do peito. Lawrence gritou alguma coisa acima da estridente música, e o homem escancarou a porta aberta para nos deixar entrar.

O espaço era tão grande quanto um salão de baile, mas apenas com dois metros e meio de altura. Uma cabine de DJ ficava num canto, com um bar fluorescente iluminando todo o comprimento da parede oposta. O lugar era cinzelado de pedras brutas, com colunas de concreto dispersas, suportando o teto. Enquanto pontos de luz estabelecidos nos cantos faziam as desiguais paredes da caverna assustadoramente teatrais.

— Bebidas! — gritou Geórgia, e nós fomos na direção do bar. Em um sotaque britânico amanteigado, Lawrence me perguntou o que eu queria e pegou para nós duas Cocas. — Motorista designado —, ele disse, piscando para mim e sorrindo. Batemos nossos copos num brinde e então viramos para nos apoiarmos no bar.

— Então, você e Geórgia...? — Perguntei a Lawrence, o deixando completar o espaço vazio.

— Não —, respondeu, seu sorriso crescendo em suas bochechas com covinhas. — Eu gosto de homens.

— Entendi —, Eu disse, bebericando meu canudo, e voltamos a delimitar o ambiente.

Nunca deixei de admirar o impecável talento de Geórgia por encontrar o mais novo e quente lugar para sair. Belas pessoas dançavam no meio da pista, enquanto outras se misturavam aos redores. Uma jovem atriz famosa sentada num canto, com um bando de admiradores fingindo não a bajular, esparramada em uma pilha de almofadas num nicho cravado para fora da parede, vi uma cantora de uma banda britânica da moda.

Minha irmã ficou a poucos metros de distância de mim, beijando um cara de aparência de modelo fotográfico, quando vi uma figura ríspida andando lentamente, mas firmemente pelo salão em nossa direção. Pessoas o bateram nas costas enquanto fazia seu caminho através da multidão.

Quando ele estava a poucos passos de distância, Geórgia pousou seu copo no bar e jogou as mãos ao ar quando ele a pegou pela cintura.

— Geórgia, minha *belle* sexy sulista —, ele disse, abaixando-a para o chão. Sorri. O fato de que nós nunca tínhamos vivido no sul era um ponto

discutível. Geórgia tinha usado dúzias ou mais de feriados que passamos no país de origem de mamãe para cultivar um sotaque melado de tal espessura que Scarlett O'Hara poderia ter trocado sua anágua por ele. Quando ela estava no clima, usava sua fala arrastada, junto com o seu nome, para implicar que nós viemos de algum lugar mais "exótico" que o Brooklyn. Estrangeiros, pelo menos aqueles que falavam inglês bem o suficiente para notar sotaques, engoliam tudo.

O homem se inclinou para dar-lhe um beijo nos lábios. O fato de que esse durou um segundo a mais que todos os outros que ela esteve concedendo pra lá e pra cá, me fez suspeitar que esse devia ser alguém especial.

Pegando-o pela mão, ela o arrastou à minha frente. Finalmente, tendo uma vista desimpedida de gente, vi que ele era tudo o que Geórgia sempre foi, mas combinado num homem. Pelo menos um metro e oitenta e cinco, ele parecia uma mistura entre surfista e jogador de futebol: cabelo loiro todo espalhado e pele bronzeada, mas suficientemente grande para construir, sozinho, a formação de toda a linha defensiva de um time de rugby. Seus olhos castanhos eram tão claros e cristalinos que pareciam caramelo congelado. E o jeito como segurou Geórgia, como se fosse uma posse, confirmou que eles eram um item.

— Finalmente nos conhecemos! A irmãzinha da Geórgia, Kate. Ouvi falar de você. Você não me disse que ela era tão bonita, Geórgia.

Minha irmã falou lentamente —, Agora, por que eu deveria fazer uma coisa dessas? — Virando para mim, ela disse —, Kate, esse é Lucien. Ele é o dono da boate.

— Prazer em conhecê-lo —, disse.

Ele apertou os ombros de Geórgia e se inclinou para sussurrar alguma coisa em seu ouvido. Então, se endireitando à sua altura total, fez um sinal ao barman indicando nosso grupo.

— Doce Geórgia Brown —, assobiou Lawrence ao meu lado. — Bebidas grátis a noite toda. Sua irmã tem o toque mágico.

— Eu sei —, admiti, quando vi Lucien beijar a mão da minha irmã antes de deixar ser puxado para longe por um gerente de aparência frenética. Enquanto ele desaparecia pela multidão, sorriu e me deu uma piscadinha.

Um grupo de rapazes de aspecto desleixado andou pelo local, vindo em nossa direção. Lawrence se abaixou e disse —, Banda alerta. Esses caras são o novo grupo mais quente da cidade.

— Então eles devem ser amigos da Geórgia —, suspirei.

Ele sorriu e assentiu enquanto eles se aproximavam. Um andou direto para a Geórgia e, sem dizer uma palavra, a puxou para a pista de dança. Ela se esticou e gritou alguma coisa em sua orelha, e então sorriu para mim quando um dos amigos dele veio e pegou a minha mão. — Alex —, o cara gritou, roçando os longos cabelos em meus olhos.

Nós dançamos perto de Geórgia e seu amigo pelas duas músicas seguintes. Os brilhantes olhos azuis de Alex e seu sorriso flertante definitivamente pegaram meu coração batendo de novo. O jeito que ele sorria apreciativamente para mim me mostrou que ele não se importava de ter sido assinalado como o meu "garoto festa". Ele era maravilhoso. Era humano. Então por que eu não era capaz de relaxar e me divertir?

Finalmente, me inclinei para dizer a Alex que eu estava indo pegar uma bebida. Ele me olhou pesarosamente e imitou um beijo sexy quando sai. Mentalmente me chutei pela estupidez, mas sabia que não conseguiria fazer qualquer outra coisa. Não hoje à noite. Não por um tempo. Não até que o rosto de Vincent deixasse meu dolorido cérebro em paz.

Lawrence tinha saído pelo tempo que voltei ao bar, mas, ao me ver, o barman automaticamente derramou outro copo de coca. Eu o peguei e fui me sentar numa gigante almofada de couro encostada na parede.

Apoiando-me na pedra fria, apertei meus olhos enquanto assistia os ondulatórios movimentos da repleta multidão antes de fechá-los completamente. Deixei a música trabalhar o transe da batida em meu cérebro. Poucos segundos depois, escutei uma voz baixa e suave dizer —, Cansada?

Abrindo meus olhos, vi que Lucien tinha agarrado uma almofada e estava sentado próximo a mim. Sorri para ele. Ele não parecia tão agressivo agora que não estava lutando para se livrar dos muitos agarrões, mas havia uma leve áurea de gelo permanente pairando sobre ele. Possuindo um dos bares mais modernos da cidade, tinha que ter um efeito sobre o ego de alguém, disse a mim mesma.

— Não realmente cansada, apenas não no espírito de dança.

— Então. A irmã da Geórgia tem namorado?

Ok, esse cara é realmente direto. — Ah, não —, disse. — Não no momento.

— Bem —, ele disse, esfregando as mãos para dar efeito. — Isso é uma boa notícia para os meus amigos!

— Um. Eu... não estou realmente no mercado.

— Mas também não se oporia a conhecer pessoas. — Ele levantou uma espessa sobrancelha loira.

— Na verdade...

Relutante em ouvir minha resposta, ele se levantou e levou meu copo vazio de volta ao bar, retornando com um cheio. — Você terá que vir com Geórgia para a festa que estarei dando daqui poucas semanas. Todos estarão lá. — Ele se agachou e me entregou o copo. — E você também!

Seu tapinha brincalhão em meu ombro me deu uma inesperada reação visceral: eu recuei. Do jeito que seu corpo ficou tenso quando parou, eu podia dizer que ele tinha notado. *O que há de errado com você?* Repreendi-me, surpresa pela minha reação. Ele estava apenas tentando ser amigável — mas devo estar extremamente sem prática de interação social. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa para reparar meu não intencional frio no ombro, ele se virou para falar com alguém que tinha estado impacientemente esperando pela sua atenção. Bebi minha Coca e verifiquei meu celular: ainda não era nem ao menos meia-noite.

Ficando em pé, trancei meu caminho entre os dançarinos até que alcancei Geórgia. Ela me deu um sorriso preocupado e balancei a cabeça. — Sinto muito, Geórgia. Só não posso entrar nessa. Estou indo para casa —, gritei acima da música, gesticulando em direção a porta de entrada no caso de não ter conseguido me escutar.

Ela acenou. — Você vai ficar bem voltando sozinha?

— Vou pegar um táxi.

Geórgia me deu um abraço e então disse alguma coisa para o cara com quem estava dançando. Sorrindo, ele pegou a minha mão e me guiou através da pista para a entrada. Enquanto eu pegava meu casaco, ele puxou seu

celular e pediu um táxi para mim, andando comigo para rua e esperando comigo até que o táxi chegasse. — Obrigada —, agradeci. Ele acenou, já andando de volta para o clube.

Enquanto abria a porta do táxi, olhei de relance para o beco e vi Lucien do lado de fora falando em seu celular. Quando ele olhou para cima e pegou o meu olhar, levantei minha mão para acenar um tchau. Ele me atirou um sorriso confiante e saldou.

Um garoto magro de cabelo avermelhado que estava com ele virou-se para ver para quem Lucien estava acenando, mas rapidamente desviou o olhar.

Respirei avidamente e continuei a encarar enquanto o carro ia embora. Um segundo tinha sido o suficiente para reconhecer o garoto com um olhar amargo no rosto. Era Charles.

Capítulo 25

Não escutei Geórgia chegar em casa aquela noite e dormi até tarde. Quando acordei, foi com um sentimento de expectativa.

Meio dormindo, o rosto de Vincent do dia anterior flutuou pela minha mente. Quando ele examinou o café com uma expressão pensativa, eu fui bombardeada com uma mistura de saudade e orgulho. O garoto moreno e maravilhoso era meu. Neste pensamento, um delicioso sentimento me envolveu e eu lentamente abri meus olhos.

E então minha mente consciente me chutou e meu coração despencou. Vincent não era meu. Ele era de outra pessoa. E eu estava de volta diretamente ao buraco negro de tristeza e arrependimento que tinha sido minha prisão pelas últimas três semanas.

Resolvendo sair de casa, decidi tomar meu café da manhã no Café Sainte-Lucie, que notei ter sido reaberto no dia anterior.

Na minha passada pela sala de estar, vi vovô em sua poltrona, lendo um jornal e olhando cada parte como uma versão mais velha do meu pai. Ele ainda ostentava a cabeça cheia de cabelo aos setenta e um. Seu olhar nobre, que tinha sido herdado por Geórgia, infelizmente tinha escapado direto para mim.

Ele olhou sobre o jornal. — Como está a minha princesa? — perguntou, empurrando seus óculos de leitura para acima da sua testa.

— Bem, vovô. Apenas estou saindo para tomar café da manhã com J.D. — Levantei minha cópia de *The Catcher in the Rye* antes de empurrá-lo para dentro da bolsa. Ele pegou minha mão e a colocou ao seu lado na poltrona, usando a linguagem de sinal do vovô de *Fique por um minuto.*

Vovô falou suavemente. — Vovó disse que está preocupada com você. Quer conversar?

Balancei a cabeça e dei a ele um sorriso de agradecimento.

— Você sabe que eu estou aqui sempre que precisar de mim —, ele disse, levando seus óculos de volta ao nariz.

— Obrigada, vovô —, murmurei, apertando sua mão antes de me virar para partir.

Eu nunca poderia dizer a ele sobre meus problemas. Mesmo se eu tivesse apenas terminado com um normal namorado humano. Vovô não poderia realmente entender. Ele e vovó viviam em um perfeitamente funcional mundo de sonhos. Eles ainda estavam insanamente apaixonados e passavam seus tempos fazendo coisas que ambos gostavam. Eles tinham uma vida normal. Uma vida estável. Tinham tudo o que eu queria.

O dono do café me recebeu de volta pessoalmente, me sentando no canto dianteiro da sala, onde eu poderia ter alguma privacidade. Beberiquei meu *café crème* e comi um croissant enquanto me perdia no livro. Devia ter se passado meia hora quando percebi que a cadeira do outro lado da mesa estava ocupada. Jules se sentou na minha frente com um perverso brilho no rosto, seus olhos castanhos faiscavam com humor.

— Então, Miss América, pensou que poderia apenas dar um chá de sumiço e simplesmente abandonar a todos nós. Não com tanta sorte.

Quase ri de felicidade ao vê-lo novamente, mas joguei frio perguntando —, Qual é o problema de vocês mortos? Você está me seguindo ou o quê? Ontem à noite Charles e agora você!

— Você viu Charles?

— Sim, ele estava no clube que fui perto de Oberkampf. — Minha voz baixou quando vi o espanto de Jules.

— Que clube?

— Honestamente, não faço ideia como se chama. Não tinha um letreiro ou qualquer outra coisa.

— Ele te disse alguma coisa?

— Não, eu estava indo embora quando eu o vi parado do lado de fora. Por quê?

Jules considerou o que eu tinha dito a ele, então levou nossa conversa para uma direção diferente. — Então... Quando vai voltar?

Meu sorriso desvaneceu. — Eu não posso, Jules.

— Não pode o quê?

— Não posso voltar. Não posso me deixar ficar com Vincent.

— Que tal ficando comigo, então? — vendo sua piscada provocante, eu ri. — Não pode me culpar por tentar —, disse, agarrando minha mão do outro lado da mesa e entrelaçando seus dedos nos meus.

Atirei-lhe um sorriso envergonhado e disse —, Você é incorrigível.

— E você está vermelha.

Revirei meus olhos e disse —, Sendo um jovem e arrojado artista, Jules, tenho certeza que você tem várias garotas batendo na sua porta.

— Sim, nós caras mortos realmente pontuamos com as franguinhas. — Ele soltou minha mão e recostou-se na cadeira, vestindo uma expressão convencida. — Na verdade, já que você tem tão veemente recusado minhas atenções, eu me sinto livre para te dizer que tenho várias namoradas que vejo em rodízios, só para garantir que nada fique muito sério.

— Uma delas é a modelo pouco vestida que vi no seu estúdio aquele dia?

— *Aquela* é uma relação puramente profissional. Não como a nossa poderia ser se você pudesse apenas me dar uma chance. — Ele franziu seus lábios num sorriso sexy.

— Oh, Jules. Pare! — gemi e dei-lhe um soquinho no braço.

— Ow! — ele disse, esfregando o lugar com a mão. — Droga, você não é apenas bonita, é um tanto impactante, também!

— Se você vai ficar sentado aí me torturando, então pode simplesmente se levantar e voltar para aquele mortuário velho onde todos vocês vivem —, eu disse.

— Ooooh! Ela ousa mandar o pobre garoto zumbi ir embora, que vergonha! E se eu trouxesse novidades?

Olhei para ele. — Novidades de que?

— Novidades de que Vince está definhando por você. Que está inconsolável. — O tom de Jules era sério agora. — Que ele não é apenas *tecnicamente* um "homem morto andante"... Agora é um emocionalmente também.

Meu estômago se remoeu e lutei para manter a minha voz firme. — Olha, Jules. Eu realmente sinto muito. Gostaria de dar a isso uma chance, mas depois de ver Charles ser carregado para casa num saco preto... — Parei. Jules estava me encarando com desafio em seus olhos. Isso me deu força.

— Não posso me deixar apaixonar por Vincent se isso significa ter um constante lembrete da morte. Já tive o suficiente disso para lidar no ano passado.

Ele assentiu. — Eu sei sobre isso. Sinto muito pelos seus pais.

Respirei fundo e meu coração dolorido endureceu quando falei. — E, além disso, eu não acho que você esteja sendo honesto comigo. Vi Vincent ontem compartilhando um momento muito afetuoso com uma loira belíssima.

Jules agiu como se não tivesse me escutado. Virando seu papel toalha, tirou um lápis artístico de carvão vegetal do bolso de sua camisa e começou a rabiscar nele. Ele falou enquanto desenhava.

— Vince quis que eu checasse você. Não se atreve a se aproximar ele mesmo. Disse que não quer causar mais sofrimento. Após ver você cair fora do La Palette ontem, ele ficou com medo de que você pudesse ter chegado à conclusão errada. O que claramente você fez.

Senti meu temperamento incendiar. — Jules, eu vi o que vi. Quanto mais óbvio poderia ter sido?

Jules prendeu meu olhar. — Kate, você obviamente não é estúpida, então estou presumindo que você deve estar incrivelmente cega. Geneviève é uma de nós. É uma antiga amiga que é como uma irmã para nós. Vincent está apaixonado, mas não por ela.

Minha respiração ficou presa na garganta.

Satisfeito por ter prendido a minha atenção, ele olhou calmamente de volta para o seu papel, se concentrando intencionalmente em seu rascunho quando continuou. — Ele está tentando entender as coisas. Para encontrar uma maneira de contornar a situação. Ele me pediu para te dizer isso.

O olhar de Jules cintilou para mim e então abaixou de volta para o papel toalha. — Nada mal —, ele disse. Rasgou uma parte e então, estendendo-o, segurou para mim.

Era um esboço meu, sentada ali no café. Eu parecia como uma Vênus de Botticelli, radiando serenidade e natural beleza. — Eu pareço linda —, eu disse com admiração, olhando por cima do desenho para o seu rosto sério.

— Você *é* linda —, ele disse, se inclinando e me beijando suavemente na testa, antes de se virar e caminhar para fora do café.

Capítulo 26

QUANDO EU CHEGUEI em casa na tarde seguinte depois de outra sessão de leituras no Café Sainte-Lucie, vovó estava saindo do apartamento com um visitante. A maior parte de sua clientela — negociantes de pinturas e conservadores de museus — parava por lá nos dias de semana durante as horas de trabalho. Então se alguém veio no final de semana, você podia ter certeza que era um colecionador privado.

O homem bem vestido ficou no corredor de costas para mim, segurando um pacote grande e fino embrulhado num papel marrom, observando vovó trancar a porta da frente. — Você pode pegar o elevador e eu irei carregar a pintura para cima pelas escadas —, ela estava dizendo quando o homem se virou. Era Jean-Baptiste.

— Oh! — exclamei. Meu corpo congelou enquanto a minha mente lutava contra essa colisão de frente entre meus dois mundos: o clã morto-vivo com o qual eu tinha quase me misturado e minha própria confortável família mortal.

— Minha querida menina, eu a assustei. Minhas desculpas! — Sua voz veio suave e monótona, como se estivesse lendo um roteiro. Ele estava vestido como da primeira vez em que o vi, usando um terno caro com um lenço de seda estampado no pescoço, o cabelo grisalho cuidadosamente lubrificado e penteado para trás de seu rosto aristocrático.

— Katya, querida, esse é um novo cliente meu: Senhor Grimod de La Reyniere. Senhor Grimod, minha neta, Kate. Você chegou em casa

exatamente no momento certo, querida. Poderia carregar essa pintura lá para cima pelas escadas para o meu estúdio? Tenho medo de colocar no elevador já que é muito grande.

Jean-Baptiste continuou me encarando com divertimento enquanto vovó abria a porta do estreito elevador. Podia sentir minha raiva se amontando quando ele levantou uma presunçosa sobrancelha. Sua invasão ao meu mundo parecia uma violação.

Como em vários prédios parisienses. Nosso elevador era pequeno. Mal cabiam duas pessoas lado a lado, quanto mais uma terceira ou um grande quadro, nesse caso, era impossível.

Levantei a pintura embrulhada no papel cuidadosamente pelas bordas e comecei a avançar meu caminho pelos outros três lances de escadas. A pintura tinha cerca de metade do meu tamanho em altura, mas a moldura tinha sido removida, então não estava pesada.

Cheguei ao topo das escadas na hora em que vovó destrancou a porta do estúdio, conversando animadamente com Jean-Baptiste quando entraram. Encarei a forma de suas costas mantida rigidamente e me perguntei justamente o que o "tio" do Vincent estava fazendo aqui em casa. *Primeiro Jules, agora Jean-Baptiste!* Pensei. Como eu poderia seguir em frente se a "família" de Vincent continuava a pular na minha vida? Minhas emoções tinham estado no modo montanha-russa desde que conversei com Jules, mas estava determinada a seguir com a minha decisão original — estaria colocando meu coração em perigo se continuasse a ver Vincent.

Quando passei pela porta, respirei o odor reconfortante de tintas a óleo e vernizes profundamente com os meus pulmões. O estúdio da vovó sempre tinha sido um dos meus lugares favoritos para passear.

Seis quartos de empregada que pegavam todo o andar superior do nosso prédio tinham sido combinados para deixar um grande espaço de trabalho, e a maior parte do teto e telhado tinha sido derrubada para instalar claraboias de vidro fosco que enchiam a sala com difusa luz solar.

Os atuais projetos de restauração de vovó estavam dispersos pela sala em cavaletes. A pintura escurecida pelo tempo de um antigo mestre de rebanho de vacas no campo posicionada ao lado de uma pintura pós-impressionista com cores-vivas de uma dançarina de cancan chutando alto suas saias numa

linha de dança de salão, que dava a impressão de estar chocando uma mulher espanhola vestida de preto, que pudicamente segurava um fã em frente aos seus lábios na próxima tela.

— Vamos dar uma olhada nisso —, Vovó disse, pegando o pacote comigo e o deitando em uma larga mesa de trabalho no centro da sala. Ela cuidadosamente removeu o papel, e então virou a pintura para cima e a segurou para inspecioná-la. Era um retrato do tamanho real de um homem jovem da cintura para cima, vestindo uniforme de soldado azul escuro de aparência napoleônica e um alto chapéu preto plumoso. O sujeito era obviamente o próprio Jean-Baptiste.

— Meu, pode-se certamente notar o semblante familiar —, Vovó disse com admiração, olhando da pintura para o seu cliente e de volta a ela de novo.

Se inclinando para frente, ele tocou um pequeno rasgo na tela, no nível da testa do homem. — O corte é aqui —, ele disse.

— Bem, é um pedaço limpo, então será fácil de reparar. Apenas um remendo no verso e podemos nem mesmo precisar tocar em cima. O que disse que fez a incisão?

— Eu não disse, mas foi uma faca.

— Oh —, exclamou vovó surpresa.

— Nada com o que se preocupar. Algazarra de netos, você sabe. Eles foram proibidos de brincar no estúdio de agora em diante —, ele disse, olhando calmamente para mim enquanto falava.

— Bem, se você puder esperar um pouco aqui, deixei meu livro de recibos lá embaixo no apartamento. Kate, poderia, por favor, fazer ao Senhor Grimod um café? Ela acenou em direção à cafeteira em cima de uma mesa no canto e movimentou-se porta afora, deixando-a aberta atrás de si.

O idoso revenant e eu ficamos sem ação até que ouvimos o som do antigo elevador balançando em movimento. E então ele deu um passo em minha direção.

— O que você está fazendo aqui?

— Precisamos conversar —, disse, sua voz autoritária dissonante com meus nervos. — Jules me disse que você viu Charles. Por favor, me diga onde.

Decidi que quanto mais cedo dissesse a Jean-Baptiste o que ele queria ouvir, mais cedo ele poderia ir. — Ele estava parado do lado de fora de um clube que fui, era próximo a Oberkampf. Sexta-feira, por volta da meia-noite.

— Com quem ele estava lá? — embora ele não parecesse nada além de composto pela superfície, eu podia dizer pela contração muscular no canto de sua boca que as coisas não estavam bem.

— Parecia que tinha chegado ali sozinho. Por quê?

Ele olhou de relance para a porta como se calculando o tempo que tinha para falar.

— Vim aqui por duas razões. — Falou suave e rapidamente. — A primeira foi para perguntar a você sobre Charles. Ele desapareceu há poucos dias depois de... — ele olhou de relance para seu retrato com desgosto — Desossar suas habilidades em atirar facas.

— E a segunda era para pagar uma discreta visita a sua família. Precisava ver de onde você vem.

Minha raiva retornou em um segundo. — O que, você está me espionando? O que você quer dizer "de onde você vem"? Se meus avós têm dinheiro? — Balancei a cabeça com desgosto. — Bem, eles têm sim, não tanto quanto você. Não vejo por que isso importa de qualquer forma. — Comecei a andar para longe dele, em direção à porta.

— Pare! — ele mandou, e eu fiz. — Dinheiro não importa para mim. Caráter sim. Seus avós são honráveis. E seguros.

— O que, honráveis o suficiente para consertar sua pintura?

— Não. Honráveis o suficiente para serem de minha confiança. Se a necessidade for alguma vez apresentada.

Quando o significado de suas palavras começou a fazer sentido, minhas costas se enrijeceu. Ele estava espiando minha família para ver se eu era boa o bastante para Vincent. Ele devia não ter recebido o memorando de que isso estava definida e decididamente *acabado.* — Nunca vai haver uma necessidade. Não se preocupe Senhor Grimod, não vou invadir a sua vida

doméstica novamente. — Terrivelmente, senti uma lágrima correr por minha bochecha e eu a enxuguei raivosamente para longe.

As linhas acentuadas de seu rosto se suavizaram. Tocando meu braço levemente com os dedos, ele disse —, Mas querida menina, você deve voltar. Vincent precisa de você. Ele está inconsolável.

Olhei para o chão e balancei a cabeça.

Jean-Baptiste colocou seus perfeitamente bem cuidados dedos debaixo do meu queixo e o levantou até que meus olhos encontrassem os dele. — Ele está disposto a fazer extremos sacrifícios para estar com você. Você não deve a nós — ele — coisa alguma, mas eu poderia implorar a você para, por favor, vir e escutá-lo.

Minha resolução começou a cair. — Vou pensar sobre isso —, sussurrei finalmente.

Ele assentiu, satisfeito.

— Obrigado. — Sua voz falhou quando seus lábios proferiram palavras que raramente ele devia falar. Ele andou rapidamente em direção à porta e começou a fazer seu caminho escada abaixo, quando escutei o elevador subir.

Vovó saiu olhando para baixo o seu notebook, e então acima para mim quando passou pela porta. Olhando ao redor para o estúdio vazio, confusa perguntou —, Bem, para onde ele foi?

Capítulo 27

ESTAVA CHOVENDO. Forte. Observei as gotas de chuva atingirem do chão ao teto da janela, com uma força que as fazia ricochetear de uma lagoa que estava se formando na minha varanda.

Eu tinha estado pensando em Vincent desde que Jean-Baptiste tinha falado comigo poucas horas antes, comparando o que ele tinha dito com o que Jules falou no Café. Vincent estava tentando dar um jeito nas coisas. Encontrar uma solução. Eu deveria dar a ele uma chance de explicar, ou isso poderia apenas me abrir para o risco de mais dor?

O que é melhor, pensei, *estar segura e sofrer sozinha, ou arriscar a dor e realmente viver?* Embora minha cabeça e meu coração estivessem me guiando em duas diferentes direções, eu estava certa de que não queria que minha vida se assemelhasse com o que tinha sido as últimas três semanas: uma monótona existência vazia de cor, calor e vida.

Fui até a janela e olhei o céu escurecido, desejando que a resposta para a minha pergunta pudesse estar escrita em letras simples através das nuvens de chuva. Meu olhar foi para o parque abaixo, e eu vi a forma de um homem apoiado no portão do parque. Ele estava embaixo da torrente chuva, sem guarda-chuva, olhando para a minha janela. Saí para a varanda.

Uma rajada de ar frio me pegou e eu estava imediatamente encharcada pela rajada de chuva, mas fui capaz de ver a face virada para cima três andares abaixo. Era Vincent. Nossos olhos se encontraram.

Hesitei por um segundo. *Eu deveria?* Eu me perguntei, antes mesmo de perceber que já tinha feito minha escolha. Mergulhando de volta para o meu quarto, agarrei uma toalha da cadeira e enxuguei minha rosto e cabelo enquanto procurava por minhas botas de chuva. Peguei-as debaixo da cama, corri para o corredor, colidindo com vovó do lado de fora da cozinha.

— Katya, onde está indo? — perguntou.

— Tenho que ir. Ligarei para você se for chegar tarde —, disse, enquanto jogava meu casaco e segurava meu guarda-chuva.

— Tudo bem, querida. Apenas se cuide. Está caindo uma tempestade lá fora.

— Eu sei, vovó —, disse, a agarrando e abraçando violentamente antes de correr porta afora.

— O que deu em você? — eu a escutei chamar quando a porta bateu atrás de mim e eu disparei para baixo nas escadas.

Uma vez fora da porta de entrada, virei a esquina do prédio em direção ao parque e então vim a parar bruscamente. Lá estava ele, embaixo da forte chuva, olhando para mim com uma expressão que me fez ficar no caminho. Era uma expressão de alívio estonteante. Como se tivesse encontrado uma lagoa de água cristalina no meio do deserto. Eu a reconheci porque me sentia exatamente da mesma forma.

Deixei meu guarda-chuva cair e me joguei em cima dele. Seus braços fortes se envolveram ao meu redor, me levantando do chão em um abraço desesperado. — Oh, Kate —, ele respirou, aconchegando sua cabeça contra a minha.

— O que você está fazendo aqui fora? — perguntei.

— Tentando estar o mais próximo possível de você —, disse, beijando as gotas de chuva da minha bochecha.

— Por quanto... — comecei a perguntar.

— Tem se tornado um pouco de hábito. Eu só estava olhando até que a luz se apagasse. Nunca pensei que você me veria —, respondeu, me colocando para baixo. — Mas vamos te tirar da chuva. Você voltará comigo? Para casa? Para podermos conversar?

Assenti. Ele pegou meu guarda-chuva e, brandindo-o sobre nossas cabeças, envolveu um braço ao redor dos meus ombros e me segurou perto todo o caminho.



Quando pisamos sob a manchada luz do hall de entrada, encarei Vincent e ofeguei. Ele estava esquelético. Tinha perdido peso, e em seus olhos tinham círculos escuros embaixo deles. Não tinha notado isso em La Palette, tendo outras coisas (como uma loira revenant deslumbrante) em minha mente. Mas estando aqui, a poucos passos dele, o seu estado deteriorado era evidente. — Oh, Vincent! — disse, alcançando em direção ao seu rosto.

— Não tenho estado bem —, explicou, pegando minha mão antes que eu o tocasse e a cruzando na dele. Tão logo que sua pele tocou a minha, meu interior se transformou em uma bagunça quente e ansiosa. — Vamos para o meu quarto —, disse e me guiou pelo corredor de empregados até sua porta aberta.

As cortinas tinham sido abertas. Brasas espalhadas brilhavam na lareira e o quarto cheirava como uma fogueira. Parei e assisti Vincent adicionar alguns gravetos para recomeçar o fogo. Ele empilhou algumas toras antes de retornar para mim.

— Você está com frio? — perguntou.

— Eu não sei se é o frio ou os nervos —, admiti, levantando a mão para mostrar como estava tremendo. E imediatamente, ele esticou as mãos para me pegar em seu braços. — Oh, Kate —, respirou, beijando o topo da minha cabeça. Eu o senti arrepiar quando seus lábios tocaram meu cabelo.

Ele segurou minha cabeça com as mãos e suas palavras saíram em uma torrente. — Não posso te dizer o quanto lutei durante essas últimas semanas. Tentei desaparecer da sua vida. Para te deixar ir. Queria que você fosse capaz

de viver uma vida normal, uma vida segura. E estava quase convencido de que tinha feito a coisa certa até que fui te ver.

— Você foi me ver? Quando? — perguntei.

— Comecei há uma semana. Tinha que ver se você estava bem. Observei você ir e vir por dias. Você não parecia como se estivesse ficando melhor. Na verdade, parecia pior. E então, quando Charlotte ouviu por cima sua irmã e sua vó conversando no café, eu sabia que estava errado ao ter te deixado partir.

— O que ela ouviu? — perguntei, um ruim sentimento se formando no fundo do estômago.

— Elas estavam preocupadas com você. Falaram sobre depressão. Sobre o que poderiam fazer por você. Sobre se Geórgia deveria te levar de volta a Nova York.

Vendo meu choque, Vincent me estabeleceu no sofá e se sentou próximo a mim. Seus dedos massageavam os meus distraidamente enquanto falava, o movimento e a pressão me fizeram sentir mais firme.

— Tenho conversado com Gaspard sobre isso. Ele sabe muito, talvez até mais que Jean-Baptiste sobre nós. Sobre nossa situação como revenants. Acho que cheguei a uma solução com a qual podemos viver. Que não irá demandar tanto de você. E *quase* uma existência normal. Você pode ouvir?

Assenti e tentei conter meus sentimentos de esperança. Não tinha ideia do que ele estava para falar.

— Peço desculpas por não ter te contado mais sobre mim desde o começo. Só não queria assustá-la. Acho que isso colocou uma barreira entre nós. Então quero começar do início.

— Primeiro: minha história. Nasci em 1924, como já te disse, em uma pequena cidade em Brittany. Nossa cidade foi ocupada logo depois que a Alemanha invadiu em 1940. Nós nem ao menos tentamos lutar contra eles. Não tínhamos armas e tudo aconteceu muito rápido para preparar uma defesa.

— Estava apaixonado por uma garota chamada Hélène. Nós crescemos juntos e nossos pais eram melhores amigos. Um ano depois que a Ocupação começou, eu a pedi para se casar comigo. Tínhamos só dezessete, mas a

idade não parecia importar em uma imprevisível atmosfera de guerra em que vivíamos. Minha mãe nos pediu para esperar até que tivéssemos dezoito, e assim fizemos.

— Nossa cidade estava à mercê das guarnições alemãs estacionadas nas proximidades, e de nós era esperado prover a eles comida, bebida e suprimentos. Bem como... Outros serviços não oficiais. — Podia ouvir a fúria crescente na voz de Vincent quando continuou, mas permaneci em silêncio, sabendo que recordar essas memórias devia ser difícil para ele.

— Meus pais e eu estávamos jantando na casa de Hélène na noite em que dois oficiais alemães bêbados apareceram na porta da família dela, exigindo vinho. O pai de Hélène explicou que já tinha esvaziado o conteúdo todo da adega para o exército, e nada tinha sobrado para oferecer a eles.

— "Bem, nós vamos ver isso!" um deles disse e, pegando suas armas, ordenaram a Hélène e sua irmã mais nova que tirassem as roupas. Sua mãe bateu em direção aos oficiais, gritando em protesto. Eles atiraram nela e então viraram e atiraram na minha mãe, que tinha pulado para defender a amiga. Meu pai foi o próximo a ser morto.

— O pai de Hélène tinha saltado para trás da porta para o seu rifle de caça que mantinha escondido lá, mas antes que pudesse pegar a arma, um dos alemães o agarrou e atirou na perna dele, enquanto o outro me dava uma coronhada quando tentei pegá-lo. Eles nos mantiveram vivos somente para que pudéssemos assistir, sangrando e algemados a porta. Eles... atacaram... Hélène e sua irmã. Hélène tentou lutar. E atiraram nela também. — A voz de Vincent quebrou, mas seus olhos tinham se tornado tão duros quanto pedra.

— Nós três fomos deixados para enterrar nossos mortos. Eu me ofereci a ficar e cuidar do pai e da irmã de Hélène, mas eles me pediram para ir e lutar pelos nossos ataques ao invés. Parti na mesma noite para me juntar aos Maquis.

— A Resistência —, eu disse.

Ele assentiu. — O exército rural da Resistência. Nós nos escondíamos na floresta durante o dia, descendo para os campos alemães à noite, roubando armas e comida e matando quando podíamos.

— Um dia, dois de nós foram presos à luz do dia, suspeitos de invadir um galpão de armas na noite anterior. Embora eu não tivesse feito parte da invasão, o amigo com quem eu estava tinha planejado a coisa toda. Não tinham nada contra nós. Mas estavam determinados a fazer alguém pagar pelo escândalo.

— Meu amigo tinha esposa e uma criança em sua cidade natal. Eu tinha ninguém. Eu disse a eles que tinha sido eu e me executaram na praça da cidade, como um exemplo para o resto dos habitantes.

— Oh, Vincent —, eu disse horrorizada e minhas mãos voaram para a boca.

— Está tudo bem —, ele disse suavemente, colocando meus braços para baixo e olhando firmemente em meus olhos. -Estou aqui agora, não estou?

Ele continuou —, A história estava nos jornais do dia seguinte e Jean-Baptiste, que estava em uma casa da família na região, veio ao "hospital" de campo onde tinham me deitado. Alegando que eu era da família, ele levou meu corpo de volta com ele e cuidou de mim até que eu acordasse dois dias depois.

— Como ele sabia que você era... como ele?

— Jean-Baptiste tem "o sinal"— é como se fosse um radar para os "transformados mortos-vivos". Ele vê auras.

— Como um tipo de New Agey[21] de auras? — perguntei, duvidando.

Vincent riu. — Sim, tipo isso. Ele tentou me explicar uma vez. A aura dos revenants tem sua própria cor e vibração. Depois da primeira morte deles, Jean-Baptiste pode ver revenants à quilômetros de distância. Ele disse que é como um ponto de luz apontando para o céu.

— Foi assim que encontrou Ambrose uns dois anos depois, após o seu batalhão americano ser abatido no campo de batalha de Lorraine. Jules morreu na Primeira Guerra Mundial, os gêmeos na Segunda Guerra Mundial e Gaspard na guerra franco-austríaca da metade do século dezenove.

— Gaspard era um soldado?

Vincent riu. — Isso te surpreende?

[21] Ney agey: Adjetivo usado para descrever um indivíduo do tipo 'nova era', ou seja, alguém que tem uma coleção de cristais, tem muitos livros de auto aperfeiçoamento, acredita em medicina alternativa, práticas de yoga e meditação, come orgânicos, usa meias e sandálias, e / ou acredita em auras e energia.

— Ele não ficaria um pouco nervoso para a batalha?

— Ele foi um poeta forçado a ser soldado. Uma sensível alma para ter visto o que viu nos campos de batalha.

Concordei pensativamente. — Então quase todos vocês morreram num período de guerra?

— Um período de guerra é apenas a época mais fácil de encontrar pessoas que estão morrendo no lugar de outras. Isso deve acontecer o tempo todo, só que geralmente não é noticiado.

— Então está me dizendo que há pessoas morrendo por toda a França que podem voltar à vida... sob certas circunstâncias. — Meu coração doeu. Isso era tudo um abismo de sobrecarga, mesmo depois de ter tido mais de um mês para me acostumar com a ideia de que o mundo em que vivia não era mais o mesmo do qual sempre conheci.

Vincent riu. — Kate, isso não é somente uma coisa francesa. Aposto que você topou por um bom numero de revenants na cidade de Nova York sem saber que estava cruzando o caminho com um zumbi.

— Então por que você? Quero dizer, em particular. Não acho que a maioria dos bombeiros, salva-vidas, policiais ou soldados acordam três dias depois.

Vincent disse —, Ainda não entendemos porque algumas pessoas estão predispostas a ser revenants. Jean-Baptiste acha que é algo genético. Gaspard acredita que é meramente destino — que alguns humanos apenas foram escolhidos. Ninguém encontrou qualquer prova de que seja algo se não isso.

Eu me perguntei se era a magia ou natureza que tinha criado Vincent e os outros. Estava ficando difícil de dizer os dois separados, agora que as regras que eu tinha sido ensinada estavam virando de cabeça para baixo.

Vincent tirou de cima da mesa e me serviu um copo d'água. Eu o peguei agradecidamente e bebi enquanto o assistia pilhar mais duas toras no agora diminuído fogo.

Ele se sentou no chão na minha frente. O sofá era tão baixo, e Vincent tão alto, que seus olhos ficaram um pouco abaixo dos meus enquanto falava cautelosamente agora, cuidadosamente pesando cada palavra.

— Kate, venho tentando descobrir como trabalhar isso. Eu te disse que uma vez vivi até os vinte e três. Foram cinco anos evitando a compulsão de morrer. Jean-Baptiste tinha me pedido para aguentar até que conseguisse um diploma em Direito, a fim de cuidar dos papéis da família. Foi difícil, mas fui capaz de fazer. Ele me deu essa tarefa, pois sabia que eu era mais forte que os outros. E eu o tenho visto resistir suas próprias vontades por mais de trinta e cinco anos. Então eu sei que é possível.

— A mulher com quem me viu no outro dia. Em La Palette... — Vincent vestiu uma dolorida expressão.

— Sim, Geneviève. Jules disse que é apenas uma amiga.

— Esperava que você acreditasse nele. Sei que pode ter parecido... comprometedor. Mas pedi a Geneviève que se encontrasse comigo aquele dia para que então eu pudesse perguntar sobre a sua situação. Ela é casada. Com um humano.

Meu queixo caiu. — Mas... como?

— Sua morte original foi aproximadamente na mesma época que a minha. Tinha acabado de se casar. E seu marido viveu. Então quando ela animou, voltou para ele e tem vivido com ele desde então.

— Mas ele dever estar...

— Ele está em seus oitenta anos. — Vincent terminou meu pensamento.

Minha mente tentou se envolver em torno do pensamento de uma linda mulher loira casada com um homem velho o suficiente para ser seu bisavô. Não conseguia imaginar como a vida dela deveria ser.

— Eles ainda estão insanamente apaixonados, mas tem sido uma vida difícil —, Vincent continuou. — Ela não foi capaz de controlar sua vontade de morrer e seu marido a encorajou a seguir o destino a que foi dado como um revenant. Ele tem orgulho dela e ela o adora. Mas muito logo será a vez dele de morrer e ela ficará sozinha. Isso é uma opção, mas não a que eu jamais pediria para outra pessoa suportar.

Vincent se inclinou para frente e pegou as minhas mãos nas dele. As dele estavam quentes e firmes, e seu toque enviou uma onda de excitação, percorrendo meu corpo até se apresentar ao meu coração. — Kate —, disse

—, Eu posso ficar longe de você. Seria uma existência miserável, mas poderia fazê-lo se soubesse que você estaria feliz.

— Mas, se você também quiser ficar comigo, eu te ofereço esta solução: vou resistir à morte contanto que eu esteja com você. Estive conversado com Jean-Baptiste e encontramos um jeito de eu lidar com isso. Não vou te expor repetitivamente a um trauma de vida através de minhas mortes. Não posso fazer coisa alguma sobre o fato de que você vai ficar sem a minha presença física por três dias ao mês. Mas posso controlar o resto. E eu vou. Se você decidir me dar uma chance.

Capítulo 28

BEM? O QUE EU *PODERIA* TER DITO?

Eu disse —, Sim.

Capítulo 29

Nós nos sentamos no chão, aninhados um perto do outro, encarando o fogo. — Você está com fome? — Vincent perguntou.

— Na verdade, estou —, confessei, surpreendendo a mim mesma. Não tinha tido muito apetite por umas... Três semanas.

Enquanto ele ia à cozinha, liguei para a minha avó. — Vovó, se importa se eu pular o jantar? Vou comer fora.

— Pelo tom de sua voz, eu estaria correta em adivinhar que isso é sobre um certo garoto?

— Sim, estou na casa do Vincent.

— Bem, que bom para você. Espero que você possa arrumar tudo isso e se juntar a nós novamente na terra dos vivos. — Encolhi. Se ela apenas soubesse.

— Nós temos muito sobre o que conversar —, eu disse —, Devo chegar tarde.

— Não se preocupe, querida. Mas lembre-se de que tem escola amanhã.

— Sem problema, vovó.

Minha avó ficou quieta por tanto tempo que me perguntei se ela tinha desligado. — Vovó? — perguntei, após alguns segundos.

— Katya —, disse suavemente, como se ponderando alguma coisa. Então, com uma voz decidida ela continuou —, Querida, esqueça o que eu

disse. Penso que é melhor resolver as coisas que tentar ser sensata sobre obter uma boa noite de sono. Vincent mora com os pais?

— Com a família dele.

— Isso é bom. Bem, se você decidir passar a noite aí, me ligue e então não me preocuparei.

— O quê? — exclamei.

— Se isso significa ter que tirar um dia febril, então está tudo bem. Você tem a minha permissão para ficar na casa da família dele... na sua própria cama, é claro.

— Nada vai acontecer entre a gente! — comecei a protestar.

— Eu sei —, podia ver seu sorriso pelo fone. — Você tem quase dezessete anos, mas é mais velha mentalmente. Confio em você, Kate. Apenas cuide das coisas e não se preocupe em voltar para casa.

— Isso é muito... Progressivo da sua parte, vovó —, disse, paralisada pela surpresa.

— Gosto de pensar que eu estou de acordo com os tempos —, brincou, e então disse ardentemente —, Viva, Katya. Seja feliz. Corra riscos. Se divirta. — E desligou o telefone.

Minha avó acabou de me dar permissão para ter uma festa do pijama com o meu namorado. Isso leva o bolo de esquisitice do dia, Decidi. *Até mesmo mais do que a garantia de Vincent de não morrer por mim.*

Ele retornou com uma imensa bandeja de comida. — Jeane veio por nós mais uma vez —, Vincent disse, pousando a bandeja na mesa. Ela estava cheia de pequenas porções de guloseimas, salsichas, queijo, baguetes e cinco ou seis diferentes tipos de azeitonas. Tinha garrafas de água, suco e uma jarra de chá. Frutas exóticas estavam empilhadas numa tigela e pequenos biscoitos de diferentes cores estavam empilhados numa pirâmide alta de pratos de bolo.

Joguei uma pequena bola de queijo de cabra em minha boca e o segui com um pedaço de tomate seco encharcado de azeite. — Me sinto mimada —, disse, sonhando, apoiando a cabeça no ombro de Vincent. Era tão bom tocá-lo após três semanas com apenas o meu travesseiro para abraçar.

— Bom. É exatamente assim que quero que se sinta. O único jeito que posso compensar por essa extraordinária situação é recompensar você de uma maneira extraordinária.

— Vincent, é maravilhoso só de estar aqui com você. Não preciso de mais nada.

Ele sorriu e disse: — Veremos.

Enquanto comíamos, alguma coisa que Jean-Baptiste tinha dito mais cedo no dia pulou dentro da minha mente.

— Vincent, o que aconteceu com Charles?

Ele ficou em silêncio por um momento. — O que Jean-Baptiste disse a você?

— Que Charles jogou uma faca no seu retrato e fugiu.

— Sim. Bem, isso foi o final da história. Começou com o naufrágio do barco e só foi piorando.

— O que aconteceu?

— Bem, no dia seguinte do resgate, quando sua mente acordou, Charles teve Charlotte o ajudando a rastrear a mãe da garota que tinha morrido. Ele começou a seguindo na forma volante, atolado na culpa por não ter salvado sua criança. Logo que ele animou dois dias depois, começou a perseguir a mulher. Levando presentes a sua porta. Levando flores a casa funerária. Até mesmo foi ao enterro da garota.

— Muito arrepiante.

Vincent concordou. — Charlotte estava preocupada e contou a Jean-Baptiste a história toda. Ele sentou com Charles e o proibiu de ver a mulher. Até mencionou mandar os gêmeos para uma de suas casas no sul, para distanciar Charles da situação até que colocasse a cabeça de volta no lugar.

— E aí foi quando Charles desabou. Estava fora de controle, avaliando o quanto injusto as coisas eram. Como não queria ser um *revenant* por toda a eternidade, forçado a se sacrificar por pessoas que ele nem ao menos conhecia, e exilado se tentasse se envolver nas vidas delas. Culpou Jean-Baptiste por alimentar e cuidar dele após ter acordado, não o deixando morrer de "causas naturais" depois que foi baleado. E isso foi quando ele atirou a faca.

— Pelo menos não a jogou em Jean-Baptiste.

— Ele bem que poderia ter feito isso do jeito que machucou JB. Então fugiu de casa e deixou Charlotte a beira de um ataque. — Vincent parou. — Nós estamos certos de que ele voltará assim que tirar isso do seu sistema.

— Parece ter tido um bocado em seu ombro mesmo antes do acidente com o barco —, eu disse.

— Sim. Ele sempre foi o que mais pensa sobre essas coisas de todos nós. Não que eu não tenha pensado um longo tempo sobre o nosso propósito aqui. Ele apenas tem o tempo mais difícil o aceitando.

Isso poderia explicar muito, pensei, sentindo um pouco de pena de Charles.

— Quando ele partiu?

— Dois dias atrás.

— Foi quando o vi —, disse. — Sexta à noite, um pouco depois da meia-noite.

— Isso foi o que Jean-Baptiste disse. Então... você estava saindo sem mim? — lançando um provocante sorriso. Senti que ele estava tentando clarear a atmosfera mudando de assunto.

— Estava tentando dançar minhas tristezas embora.

— Deu certo?

— Não.

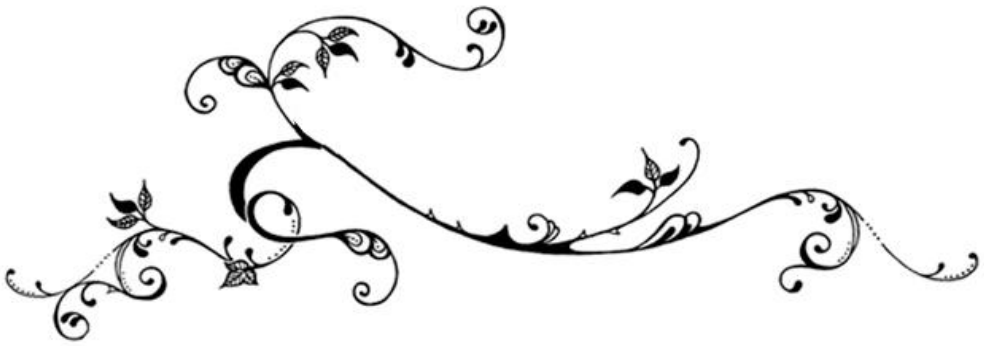
— Talvez tivesse dado se eu estivesse lá —, ele disse presunçosamente. — Devemos sair para dançar qualquer noite?

— Não sei. Nunca vi um cara morto dançando. Acha que pode me acompanhar? — brinquei, e em resposta Vincent agarrou meus ombros e se inclinou para pressionar seus lábios firmemente contra os meus.

Meus sentidos ficaram instantaneamente concentrados naqueles poucos milímetros de pele que estavam se tocando. E então ele quebrou a conexão, deixando meu coração pulsando na garganta, como se o beijo o tivesse puxado para cima do peito.

— Tiro isso como um sim? — ofeguei.

— Senti sua falta —, ele disse, e se inclinou para mais.



— Está tarde. Você deveria estar voltando —, Vincent disse depois de umas duas horas deitado no sofá me abraçando e se atualizando dos meus não eventos.

— Na verdade, tenho uma permissão especial de vovó para ficar na casa da sua família hoje à noite se preciso de tempo para ajeitar as coisas com você. — Senti um perverso sorriso se espalhar pela minha face.

— O quê? — do seu olhar de surpresa, pareceu que eu tinha finalmente dito a ele algo chocante ao invés do usual vice e versa. — Tenho a sua avó do meu lado? Os milagres nunca irão parar?

— Não tenho certeza exatamente se é do *seu* lado; é mais do meu lado. Ou talvez até do dela. Ela não quer que eu caia na miséria debaixo do seu teto.

Vincent riu. — Bem, não devemos abusar da confiança de vovó. Você pode ficar com a minha cama. Não preciso dela de qualquer forma. — ele piscou. — Qualquer coisa para passar mais tempo com *ma belle* Kate.

Derreti por dentro.

Enquanto ele se concentrava em reascender o fogo, me levantei e andei pelo quarto, olhando suas coisas para mais pistas de como quem esse misterioso garoto realmente era. Quando cheguei à mesa ao lado da sua cama, congelei. Onde minha foto tinha ficado estava um pequeno vaso de flores.

— Dei sua foto a Charlotte —, Vincent disse, andando atrás de mim. — Era muito difícil olhar seu retrato todos os dias quando sabia que não poderia ver você em carne e osso.

Toquei seu braço para mostrar que não estava chateada. — Te darei outra. Aquele não era o mais lisonjeiro dos retratos, tenho que admitir.

— Boa ideia —, Vincent disse e, escavando a câmera da mesa próxima a cama, ele a segurou como um troféu.

— Agora? — fiz uma careta, me perguntando se eu parecia tão cansada quanto me sentia.

— Por que não? — perguntou e, ficando próximo a mim, ele colou seu braço ao redor do meu ombro e segurou a câmera na nossa frente. — Não se mexa. É melhor sem flash —, disse, pressionou e liberou o obturador. Girou a câmera para que pudéssemos ver a foto.

Meu coração estava na boca quando olhei a imagem de mim mesma próxima a esse garoto divino. Seus olhos estavam meio fechados e, na luz fraca do quarto, os círculos embaixo deles o fizeram parecer ainda mais bonito do que nunca — mais um pouco sombrio.

E eu... Bem, eu estava brilhando. Próxima a ele, parecia como se eu estivesse onde deveria estar. E sentia isso também.



Nós nos sentamos na cama de Vincent e conversamos até tarde da noite. Finalmente meus olhos começaram a se fechar sozinhos e ele me perguntou se queria dormir. — Querer, não. Precisar, talvez. Muito ruim que a insônia *revenant* não possa me contagiar. — Sorri, reprimindo um bocejo.

Ele tirou uma camisa azul clara do armário e a atirou para mim do outro lado do quarto. — Para combinar com seus olhos —, disse.

Revirei os olhos ao comentário brega, mas estava secretamente satisfeita por ele parecer saber a exata cor dos meus olhos. A camisa era grande o suficiente para chegar à metade das minhas coxas. — Perfeito —, disse, e

olhei para cima para notar que Vincent tinha virado para o outro lado encarando a parede.

— Vá em frente —, ele disse numa brincalhona voz.

— O que você está fazendo? — perguntei a ele, rindo.

— Se eu for forçado a assistir Kate Mercier se despir até ficar de calcinha em meu próprio quarto, tenho medo de não ser capaz de responder a vovó pelo que poderia acontecer. — A rouquidão em sua voz me fez desejar, por um segundo, que ele seguisse com sua ameaça.

Colocando a camisa sobre minha cabeça, disse —, Ok, estou decente.

Ele se virou e olhou para mim, assobiando baixinho. — Você está mais que decente! Você está praticamente comestível.

— Pensei que *revenants* não comiam carne humana —, provoquei, ruborizando comigo mesma.

— Não afirmo que nunca caducamos quando pressionados além de nossos limites —, Vincent retrucou.

Perguntando-me se toda a nossa conversa seria essa bizarrice, balancei a cabeça com um sorriso e pesquei meu celular da minha bolsa. Escrevendo para Geórgia, pedi a ela para avisar na escola que eu ficaria em casa por "razões pessoais" e que iria levar um bilhete da vovó na terça.

E logo depois, sentada na cama com as costas contra a parede e a cabeça no ombro de Vincent, cai no sono.

Quando acordei pela manhã, estava coberta com cobertores e descansando em um suave travesseiro de penas. Vincent tinha saído, mas havia uma nota em cima da mesa.

Alguém alguma vez já te disse o quão fofa você é quando dorme? A vontade de acordá-la e dizer a você era muito tentadora, então parti ao invés de arriscar a sua ira de sono privado. Jeane tem café da manhã para você na cozinha.

Jogando as roupas do dia anterior, andei grogue corredor abaixo até a cozinha. Quando Jeane me viu entrar, deu um grito e, correndo para mim, agarrou minha cabeça entre suas gordinhas mãos e plantou um imenso beijo em cada uma das minhas bochechas.

— Oh, minha pequena Kate. É bom ter você de volta. Fiquei tão feliz quando Vincent me disse que você tinha ficado por aqui ontem à noite. E ele realmente comeu essa manhã, é uma mudança! Pensei que ele estava em greve de fome, mas só estava tão doente por ter perdido você... — Ela parou si mesma, colocando uma mão sobre a boca.

— Me escute enquanto te sirvo, você acabou de acordar. Sente-se, sente-se. Vou ajeitar o café da manhã para você. Café ou chá?

— Café —, eu disse, lisonjeada com a atenção.

Jeane e eu conversamos enquanto eu comia. Ela queria saber tudo sobre a minha família, de onde eu vinha e como era viver em Nova York. Fiquei um pouco depois de terminar de comer, mas não podia esperar mais para ver Vincent.

Jeane sabia. Pegando minha xícara e pratos vazios, me enxotou da cozinha. — Tenho certeza de que você não quer passar seu dia aqui comigo. Vá encontrar Vincent. Está treinando na academia.

— Onde é a academia? — perguntei. Curiosa sobre um lado da vida de Vincent que eu ainda não sabia.

— Tola eu, fico achando que você sabe onde fica tudo por aqui, quando só esteve aqui umas duas vezes. É no porão. Porta a esquerda saindo da cozinha.

Escutei antes de vê-los. O tinido de metal contra metal. A pesada respiração, gemidos e exclamações. Isso soou como trilha de efeitos especiais de filmes de artes marciais cheios de explosões em câmara lenta. Cheguei ao final das escadas e ofeguei quando olhei ao redor.

O lugar se estendia por todo o comprimento da casa. O teto de pedra estava curvado em um arco na forma de barril. Pequenas janelas estavam lavradas no topo da parede ao longo do local, que deveria estar acima do nível do solo. Raios de sol preenchiam o salão, transformando um turbilhão de partículas de pó em fantasmagóricas colunas de fumaça.

As paredes estavam revestidas de armas e armaduras, de bestas medievais, escudos e espadas até machados de guerra e lanças. Misturada entre mais espadas contemporâneas estava uma variedade de rifles de caça e velhas armas militares.

No centro do salão, Vincent estava empunhando uma grande espada com as mãos contra outro homem, cujo cabelo preto estava puxado para trás em um curto rabo de cavalo. Este se defendeu, segurando sua própria lâmina de aparência perigosa para desviar o golpe. Suas velocidades e forças eram assombrosas.

Vincent estava vestindo uma folgada calça preta de karatê, mas estava descalço e sem camisa. Quando ele girou com a espada, seus duros e definidos músculos abdominais e peito largo ondularam quando levantou e abaixou a sua arma. Ele era esculpido, mas não bombado como Ambrose. Era perfeito.

Após alguns minutos de descarada espionagem, entrei no aposento, e o outro homem olhou de relance na minha direção e acenou.

— Kate! — Vincent chamou, correndo para mim. Pegou meu rosto entre as mãos e me deu um selinho nos lábios. — Bom dia, *mon ange* —, disse —, Gaspard e eu só estávamos treinando. Vamos acabar em alguns minutos.

— Gaspard! — exclamei. — Eu nem mesmo te reconheci! — Com seu cabelo selvagem puxado para trás do seu rosto, ele parecia quase... normal. E na intensidade da luta, ele tinha perdido todo o seu embaraço e hesitação.

— Não deixe a habitual aparência de Gaspard de poeta louco enganar você —, afirmou Vincent, lendo minha mente. — Ele usou os últimos cento e cinquenta anos para estudar armamentos e é digno de servir como instrutor de artes marciais para nós mais jovens.

Gaspard forçou sua espada dentro da bainha. Ele se aproximou e, se curvando em reverência, disse —, Senhorita Kate. Devo dizer que é um prazer vê-la aqui novamente. — Sem a sua espada na mão, ele rapidamente perdeu seu jeito leve e se transformou no homem nervoso que conheci tempos atrás. — Quero dizer... sob as circunstâncias... isso é, com Vincent estando tão inconsolável...

— Se você parar por aí —, ri —, Ainda serei capaz de tomar isso como um elogio.

— Sim, sim. Claro. — Sorriu nervosamente e acenou na direção da espada de Vincent deitada no chão. — Você gostaria de fazer uma tentativa, Kate?

— Você tem seguro de vida? — ri. — Pois é bem provável que eu mate nós três se me deixar pegar uma espada.

— Você deve querer tirar o seu suéter —, Vincent disse. Deliberadamente, eu o tirei para revelar somente uma blusinha de alças finas. Ele assobiou apreciativamente.

— Pare com isso! — sussurrei, ruborizando.

Gaspard levantou a sua espada e seu rosto se tornou calmo. Ele suavemente me incentivou com o queixo. Vincent se posicionou atrás de mim, segurando minhas mãos entre as suas.

A espada parecia que tinha sido roubada do set de *Excalibur* — do tipo que você vê os cavaleiros de armaduras cambaleando sob o peso enorme. O cabo era no formato de uma cruz, com o punho longo o suficiente para caber uma mão em cima da outra e ainda deixaria muito espaço. Juntos, eu e Vincent levantamos a espada de onde estava. Então Vincent soltou e ela caiu no chão.

— Caramba, quão pesada essa coisa é? — perguntei.

Vincent riu. — Nós treinamos com as espadas mais pesadas de modo que, quando formos para algo menor e mais conveniente, seja como segurar uma pena. Tente esse, ao invés —, disse, e pegou um florete da parede.

— Ok, posso lidar com isso aqui —, ri, testando o peso na minha mão. Gaspard ficou pronto, e eu avancei com Vincent posicionado atrás de mim, seus braços ao redor dos meus. Sentindo seu torso despido pressionado firmemente contra as minhas costas, a pele quente roçando meus braços nus, esqueci o que eu estava fazendo por um segundo e a espada pendeu para baixo. Forçando a mim mesma a focar, eu a puxei para cima. *Concentre-se,* pensei. Queria ter ao menos a chance de evitar passar por uma completa humilhação.

Eles me mostraram alguns movimentos tradicionais de esgrima em lentos movimentos, e então mudaram para mais dinâmicos, movimentos de estilo artes marciais, de golpe e desvio. Após alguns minutos eu já estava sem fôlego. Timidamente agradeci Gaspard, dizendo que era melhor eu me sentar pelo resto da sessão e depois começar do zero outra vez.

Pegando a espada da minha mão, Vincent deu a minha cintura um aperto brincalhão e me deixou ir. Assisti de fora pela próxima meia hora como eles mudavam de arma em arma, ambos exibindo um domínio imponente de cada uma.

Finalmente ouvi passos nas escadas, e Ambrose andou para dentro da sala. — Então, Gaspard, já terminou de brincar com pessoas fracas e está pronto para um homem de verdade? — brincou, e então, ao me ver, me lançou um grande sorriso.

— Katie-Lou, que bom te ver. Então não conseguimos assustá-la para sempre?

Sorri e balancei a cabeça. — Sem muita sorte. Parece que você talvez esteja preso a mim.

Ele me deu um abraço e então foi para trás para me olhar afetuosamente. — Por mim, tudo bem. Podemos usar um pouco de colírio para os olhos por aqui.

Permanecer em uma casa cheia de homens ia fazer bem para a minha autoestima, pensei, esses homens estando ou não tecnicamente vivos.

— Ok, se afaste, Ambrose. Você pode ser maior do que eu, mas eu tenho a espada —, Vincent disse.

— Oh, sério? — riu Ambrose e, alcançando com uma mão, agarrou um machado de guerra da parede tão grande quanto ele. — Vamos ver o que você tem, Romeu! — e nisso, os homens começaram uma briga a três que superou qualquer coisa que eu tenha visto em filmes — e sem nenhum efeito especial de Hollywood.

Finalmente Vincent pediu uma pausa. — Não que eu não pudesse lutar o dia todo, Ambrose, mas tenho um encontro e é falta de educação manter uma dama esperando.

— Conveniente, justamente quando você estava começando a ficar cansado —, riu Ambrose. Voltando para o seu professor, diminuiu para um ritmo mais sustentável.

Vincent pegou uma tolha da cadeira e enxugou o suor da face. — Banho —, disse. — Levarei só um minuto. — Ele andou até um canto do cômodo e

entrou em um box de pinho do tamanho de uma sauna, com um largo chuveiro preso no topo.

Ambrose e Gaspard continuaram o treino, o homem mais velho olhando como se pudesse seguir por horas sem uma pausa. Assisti, impressionada, quando eles pararam e trocaram as armas, e começaram a trabalhar o movimento de pés em estilo esgrima enquanto Gaspard dizia as instruções.

Até o momento em que peguei a espada de duas mãos, nunca tinha imaginado o quão difícil artes marciais poderia ser. Os filmes fazem parecer tão fáceis, com todos os voos sobre as paredes e lutas acrobáticas de espadas. Mas aqui, com suor, grunhidos e força gasta em cada movimento, me dei conta de que eu era uma testemunha verdadeira de uma habilidade de tirar o fôlego. Esses homens eram letais.

O chiado do banho cessou e Vincent saiu com apenas uma toalha ao redor da cintura. Ele parecia um deus divino saído de uma pintura renascentista, sua pele morena esticada firmemente sobre o torso musculoso e os cabelos negros caindo pelo rosto em ondas. Senti como se estivesse num sonho. E então aquele sonho andou direto para mim e me pegou pela mão.
— Vamos subir? — perguntou.

Eu assenti, sem palavras.

Capítulo 30

UMA VEZ QUE estávamos de volta ao quarto, Vincent puxou algumas roupas limpas de um armário embutido na parede. Ele sorriu para mim. — Você está planejando assistir? — ruborizei e virei de costas.

— Então, Vincent —, disse, fingindo inspecionar sua coleção de fotos enquanto o ouvia se vestir atrás de mim. — Você poderia ir ao jantar nesse final de semana para conhecer meus avós?

— Finalmente ela pergunta. E infelizmente, vou ter que recusar.

— Por quê? — perguntei surpresa. Eu me virei para vê-lo andando até mim com uma expressão divertida.

— Porque não vou estar em condições de conhecer a sua família nesse final de semana, muito menos ter uma conversa ou até mesmo sentar apoiado a uma mesa de jantar.

— Oh —, disse —, Quando estará dormente? — minha voz desbotou quando a estranha palavra saltou fora da minha língua.

Ele pegou seu celular da mesa e checou o calendário. — Quinta, vinte e sete.

— É Ação de Graças —, disse. — Temos quinta e sexta livres da escola. É uma pena que você não vai estar por perto.

— O relógio não para a nenhum homem, especialmente meu tipo. Sinto muito.

— Bem, que tal antes então? — perguntei. — Hoje é segunda. Que tal amanhã à noite?

Ele concordou. — Isso pode dar certo. É um encontro. Então… vou conhecer seus avós? O que eu deveria vestir? — ele me provocou.

— Contanto que não esteja vestindo um saco preto, eu imagino que você vai se sair muito bem —, ri, virando de novo para a sua coleção de fotos.

Entre as fotografias de rostos, de crianças angelicais, soldados e adolescentes arruaceiros, estava uma foto em preto-e-branco de uma garota adolescente. Seu cabelo negro estava frisado num penteado estilo anos quarenta, e ela usava um vestido florido de ombros quadrados. Ambas as mãos estavam levantadas para um lado do rosto, onde ela estava segurando uma margarida atrás da orelha. Seus lábios escuros estavam abertos em um sorriso divertido. Ela era deslumbrante.

— Quem é essa? — perguntei, sabendo a resposta antes de as palavras terem terminado de deixar a minha boca.

Vincent veio atrás de mim e colocou as mãos nos meus braços. Ele cheirava a banho recente, como um sabonete de lavanda e algum tipo de xampu almiscarado. Eu afundei as costas nele e ele envolveu seus braços ao meu redor. — Essa é Hélène —, disse suavemente.

— Ela era linda —, murmurei.

Ele abaixou a cabeça para apoiar o queixo no meu ombro, o beijando suavemente antes de fazê-lo. — Até que eu visse você, não me deixava pensar em nenhuma mulher além dela. Minha vida desde a sua morte foi gasta vingando-a.

Ouvindo a dor em sua voz, perguntei —, Você alguma vez encontrou os soldados que fizeram isso?

— Sim.

— Você…

— Sim —, replicou antes que eu pudesse dizer as palavras. — Mas isso não foi suficiente. Eu tinha que ir atrás de cada outro vilão assassino que pudesse encontrar e, mesmo quando o pior dos invasores e colaboradores tinha ido, não foi suficiente.

Era difícil imaginar Vincent destruindo pessoas, sejam humanos ou revenants. Embora agora que vi quão bem ele lutava, sabia que ele e sua

tribo eram provavelmente capazes de pegar um exército. Mas, que tipo de pessoa poderia passar mais de meio século pensando só em vingança?

A borda fria e perigosa que tinha me atraído e alarmado quando nos conhecemos — tinha fundamento. Agora eu sabia qual era. Vislumbrei sua face contorcida de fúria e estremeci ao pensamento.

— O que foi, Kate? — Vincent disse —, Você prefere que eu retire a foto dela? — Eu me dei conta de que ainda estava encarando o retrato de Hélène.

— Não! — disse, me virando para encará-lo. — Não, Vincent. Ela é parte do seu passado. Não me sinto intimidada pelo fato de você ainda pensar nela.

Assim que as palavras deixaram meus lábios, percebi que estava mentindo. Eu, sim, me sentia intimidada pela linda mulher. O único amor de Vincent. Apesar do estilo de cabelo e as roupas a colocarem seguramente há setenta anos, ele tinha guardado sua memória tão próximo que isso o influenciou em tudo o que tinha feito — e não feito — desde que ela morreu.

— Isso foi há muito tempo, Kate. Às vezes parece como se tivesse sido ontem, mas geralmente parece como se tivesse sido em uma vida passada. Isso *foi* em uma vida passada. Hélène se foi, e eu espero que você acredite em mim quando digo que você não tem concorrência, nem dela ou de qualquer outra.

Parecia que ele tinha mais a dizer, mas não podia decidir como dizer. Eu não o empurrei. Saindo do tópico de ex-namoradas estava bem para mim. Eu o peguei pela mão e o guiei para longe. E mesmo deixando as fotos para trás, a sensação de mal-estar permaneceu.

— Sinta-se à vontade. Volto já —, ele disse e deixou o quarto. Voltei minha atenção para as estantes, que estavam cheias de livros em várias línguas, todos misturados. A maioria deles em inglês eu reconheci. *Nós temos um gosto similar em material de leitura,* pensei, sorrindo.

Divisando uma linha de gordos álbuns de fotos em uma prateleira mais baixa, peguei um e abri. *1974-78* estava escrito a mão na contracapa, e ri quando comecei a folhear, vendo fotos de Vincent que estava com roupas claramente hippies e cabelos compridos com costeletas. Mesmo que

houvesse algo de ridículo sobre os estilos, ele era tão belo como é hoje. Nada tinha mudado além dos seus acessórios.

Virei a página e vi Ambrose e Jules em pé juntos com concorrentes afros enormes. Em outra página, Charlotte estava maquiada em estilo Twiggy[22], com um micro vestidinho, posando próxima a Charles, que parecia uma versão adolescente do Jim Morrison: cabelo desgrenhado, sem camisa e com vários colares de contas. Eu não conseguia parar de rir alto com essa foto.

— O que é tão engraçado? — Vincent perguntou, fechando a porta. Ele colocou uma garrafa de água e dois copos sobre a mesa e se virou para mim. — Aha, você descobriu meu esconderijo super secreto de fotos antigas.

— Mostre-me mais algumas, essas são magníficas —, eu disse, me flexionando para cima para colocar o álbum de volta ao lugar.

Parei onde estava e o encontrei me observando a poucos centímetros de mim. — Não sei, Kate. Engolir meu orgulho o suficiente para mostrar a você fotos minhas parecendo um palhaço pela maior parte do século vinte deverá lhe custar alguma coisa.

— Como o quê? — ofeguei, paralisada com a repentina aproximação. Inconscientemente, umedeci os lábios.

— Hmm. Vamos ver —, ele sussurrou, levantou as mãos até a minha cintura e me segurou firmemente. Seus dedos amassaram a parte baixa das minhas costas, fazendo meus joelhos se dissolverem.

— Isso pode custar a você apenas alguns beijos aqui...

Ele abaixou a cabeça ao lado do meu pescoço e permaneceu com a boca a um centímetro de distância da minha orelha, exalando uma respiração quente na minha pele. Senti um arrepio percorrer todo o meu corpo quando ele lentamente se inclinou para frente e pressionou seus lábios na lateral do meu pescoço.

Estremeci, e suspirei instintivamente quando ele começou a trabalhar seu caminho com doces beijos para baixo, então se moveu suavemente na direção da minha garganta. Quando chegou ao local entre as clavículas,

[22] Twiggy é uma modelo, atriz e cantora britânica considerada a primeira top model do mundo. Sua imagem quase andrógina, magérrima, pequena, com cabelos loiros muito curtos e imensos olhos realçados com camadas de rímel e cílios postiços, tornaram Twiggy o ícone dos anos 60.

parou e disse —, Ou talvez aqui... —, e eu o senti tocar cuidadosamente a ponta da língua na delicada pele neste ponto.

Gemi e coloquei meus braços ao redor do seu pescoço. Ele me puxou para perto e, mantendo um ritmo tortuosamente lento, começou a beijar a frente do meu pescoço centímetro a centímetro para cima, até que alcançou o meu queixo. Minha cabeça pendeu para trás e ele a segurou com uma mão, me apoiando, enquanto seus lábios trabalhavam o curto caminho do queixo à minha boca.

— Ou aqui —, disse, parando antes de roçar seus lábios nos meus tão levemente que o meu corpo formigou em antecipação. Esperei, mas nada mais veio. Forçando meus olhos a se abrirem, vi que os dele estavam fechados, uma expressão de concentração e força de vontade marcando a testa. Ele começou a recuar e seu aperto sobre mim se perdeu.

Deixei um segundo se passar. E então, desesperada, agarrei seu rosto e o puxei de volta para mim. Quando nossos lábios se encontraram, me esmaguei contra ele e joguei meus braços ao redor do seu pescoço. Ele tropeçou ligeiramente para frente, estendendo a mão na parede para se apoiar. Senti a estante de livros pressionar atrás dos meus ombros e, me inclinando, o puxei na minha direção.

— Uau! — ele disse finalmente, conseguindo se desvencilhar do meu aperto. Ele deu um passo para trás, ofegando e me segurando longe dele. — Kate, não vou a lugar algum —, disse, com um olhar falso de reprovação no rosto. — Tenho que te alertar que o meu quarto não é o melhor lugar para encenar um assalto sobre mim. Aqui é onde estou com a guarda baixa, com minha cama a poucos metros de distância.

Tentei focar as suas palavras, mas não conseguia me puxar de volta à realidade. — E você parece tão tentadora —, ele disse, sua respiração irregular desacelerando. — Que encontro muita dificuldade de resistir em levá-la para a cama aqui e agora.

Virou-se e rapidamente se afastou de mim, colocando as cortinas de lado e abrindo a janela para deixar o ar frio de novembro entrar. Senti o vento gélido clarear o fogo na minha cabeça e escorreguei pela estante de livros até ficar sentada.

— Você deve ficar mais confortável aqui —, Vincent disse, me recolhendo em seus braços fortes e me botando no sofá. Colocou um copo de água na minha frente. — Algo para esfriar o seu ardor, *mademoiselle?* — murmurou, com um divertido sorriso.

Assenti agradecida e bebi profundamente o copo. Então, estendendo de volta para ele, rolei na direção das costas do sofá com a intenção de enterrar o rosto. *Oh meu Deus. O que eu fiz?* Pensei, remoendo a memória de pular sobre ele e praticamente devorar seu rosto, justamente quando ele tinha deixado claro que tinha terminado.

— O que foi, Kate? — Vincent riu, afastando minhas mãos do meu rosto avermelhado.

— Me desculpe —, eu disse com a voz embargada. Limpei a garganta. — Sinto muito ter... Um... Pulado em você em seu próprio quarto. Eu geralmente não...

— Está tudo bem —, Vincent disse, me acalmando, com um olhar no rosto como se estivesse prestes a se rir.

— Não, não está. Eu geralmente não me jogo nas pessoas. Quero dizer, só beijei uns três carinhas na vida e essa é a primeira vez que me perco desse jeito. Estou só um pouco... Constrangida. E surpresa.

Vincent parou de se controlar e explodiu em risadas. Então, se inclinando e me beijando na testa, disse —, Bem, isso é uma boa surpresa então, Kate. Mal posso esperar para ter outra chance. Mas não aqui. Algum lugar mais seguro. Como na Torre Eiffel com centenas de turistas japoneses ao redor.

Concordei, secretamente aliviada por ele querer ir mais devagar, mas ao mesmo tempo me perguntando o porquê.

Vincent leu meus pensamentos. — Não é que eu não queira levar as coisas... Além. Acredite em mim. Eu quero. — Seus olhos estavam em chamas. Meu batimento cardíaco acelerou proporcionalmente. — Só que não completamente ainda. Quero aproveitar para te conhecer melhor sem apressar... o evento mais importante. — Ele correu os dedos ao longo da linha do meu queixo, descendo até o pescoço. — A espera será divertida, mas não vai ser fácil.

Enquanto ele se inclinava para roçar seus lábios nos meus, senti como se tivesse ganho oficialmente a competição de Namorado Perfeito. Sem contestação. *Embora no momento não conseguisse me segurar em desejar que ele não fosse completamente tão perfeito,* pensei, minha temperatura estava aumentando ao seu toque quando ele terminou de me beijar e puxou para longe. Tentando me distrair e evitar uma combustão espontânea, endireitei minhas roupas e alisei meu cabelo bagunçado.

— É melhor nós sairmos daqui antes que eu ignore tudo o que disse justamente agora. Vou andar com você pela casa —, ele disse, pegando nossos casacos e minha bolsa. Abriu a porta e esperou por mim.

— Devo dizer que tenho minhas suspeitas —, ele disse enigmaticamente.

— Suspeitas de que? — perguntei.

— De que você tem uma besta selvagem se escondendo por atrás desse bom comportamento de moça à moda antiga. — riu.

Mordendo o lábio, passei por ele para dentro do corredor.

Capítulo 31

INDO PARA CASA aquela noite foi como ter acordado de um longo sono. Quando estava com Vincent, ocasionalmente esquecia sobre todas as esquisitas coisas revenants, mas ainda sentia como vagueando pela paisagem de sono de Salvador Dalí. O mundo de vovó e vovô parecia impressionantemente confortável depois de vinte e quatro horas em uma pintura surrealista.

— Então? — disse Geórgia, quando nos sentamos para o jantar. — Qual é o status dessa "coisa" com o Vincent? A sua festinha do pijama deu a vocês tempo suficiente para resolver seus problemas? — piscou perversamente para mim e jogou um pedaço de pão na boca.

Vovó deu um tapinha em seu braço reprovando-a e disse —, Katya irá nos contar o que quiser que a gente saiba e quando quiser.

— Tudo bem vovó —, ofereci —, Geórgia não pode se conter em viver indiretamente através de mim, já que não tem vida própria para contar!

— Ha! — disse Geórgia.

Vovó revirou os olhos, obviamente se perguntando como sua pacifica casa havia tão rapidamente se transformado em uma fraternidade.

— Então? — perguntou Geórgia, incentivando agora.

— Parece que as coisas estão se ajeitando entre nós —, disse e, me virando para vovó, perguntei —, Tudo bem se ele vier jantar amanhã à noite?

— Claro —, respondeu com um amplo sorriso.

— Uhh-huu! — gritou Geórgia. — Sem mais Kate definhando no quarto. Eu deveria ir à casa dele e agradecer pessoalmente.

— Já chega Geórgia —, disse vovó.

— Você pode agradecê-lo amanhã à noite —, eu disse e rapidamente mudei de assunto.



Às sete e meia, da noite seguinte, recebi uma mensagem de Vincent: Boa noite, ma belle. Eu poderia, por favor, ter seu código de acesso?

Enviei a ele o código de quatro números e duas letras, e um minuto depois a campainha tocou. Apertei o interfone, abrindo a porta com um zumbido. — Terceiro andar à esquerda —, eu disse pelo viva-voz.

Meu pulso acelerou quando abri a porta da frente e fiquei no corredor esperando por ele. Ele subiu três lances de escadas em tempo recorde, carregando um enorme buquê de flores em uma mão e uma sacola na outra. — Esses são para os seus avós —, ele disse, se inclinando para baixo, para me dar um beijo rápido e suave nos lábios.

A pulsação do meu coração foi à mil. Vincent levantou as sobrancelhas sugestivamente. — Você vai me convidar para entrar ou está me testando para ver se posso atravessar a entrada sem um convite? — então murmurou —, Sou um revenant, não um vampiro, *chérie.* — Sua expressão provocante me fez esquecer o nervosismo e, tomando uma profunda respiração para me recompor, alcancei sua mão e o guiei pela porta.

— Vovó, ele está aqui —, eu disse, ao mesmo tempo em que ela saia da cozinha em direção a nós. Ela tinha ido ao salão de beleza aquela manhã e estava deslumbrantemente elegante com um vestido preto-e-branco de lã e saltos de quatro centímetros.

— Você deve ser o Vincent —, ela disse, se inclinando para beijar suas bochechas, seu perfume de essência de gardênia nos envolvendo como um

abraço de vó. Ela recuou um passo para conseguir olhá-lo. Parecia estar lhe dando uma nota e, pela sua expressão, ele estava conseguindo um A.

— Para a senhora —, ele disse, estendendo para ela o enorme buquê.

— Oh, de Cristian Tortu —, ela disse, espiando o cartão da floricultura. — Que adorável.

— Deixe-me pegar o seu casaco —, eu disse, e Vincent encolheu os ombros tirando seu paletó, revelando uma camisa azul turquesa claro de algodão presa sob as calças pretas.

Mal podia acreditar que esse garoto esmagadoramente maravilhoso tinha se vestido e trazido flores expressamente para impressionar a minha família. Tinha feito tudo por mim.

— Vovô, eu gostaria de apresentá-lo a Vincent Delacroix —, eu disse, quando o meu avô se aproximou, vindo do seu estúdio.

— Prazer em conhecê-lo, senhor —, Vincent disse de uma maneira formal quando se apertaram as mãos. Ele segurou a sacola acima e disse —, Para o senhor.

Pegando-a, vovô puxou a garrafa de dentro e pareceu assustado quando inspecionou o rótulo. — Chateau Margaux, 1947? Onde você encontrou essa?

— É um presente do meu tio, que disse já ter tido o prazer de conhecer a senhora —, Vincent disse olhando de novo para vovó.

— Oh? — ela disse, seu interesse despertado.

— Ele trouxe recentemente à senhora uma pintura para reparo, senhor Grimod de La Reyniere.

Os olhos de vovó se ampliaram. — Jean-Baptiste Grimod de La Reyniere é o seu tio?

Vincent assentiu. — Vivo com ele desde que meus pais faleceram.

— Oh —, vovó disse, seus olhos se suavizando —, Sinto muito em ouvir que você tem isso em comum com nossa Katya.

Pressentindo mais questões profundas, peguei Vincent pela mão e rapidamente fui até a sala de estar. — Você gostaria de alguma coisa para beber? Talvez um pouco de champanhe? — vovô perguntou enquanto sentávamos próximos ao fogo.

— Isso seria ótimo. Obrigado. — disse Vincent.

— Sim, por favor —, eu disse, acenando para vovô, e ele deixou a sala justamente quando Geórgia fez seu caminho para dentro dela.

Ela apareceu lindíssima em um vestido verde de seda que fez o meu simples vestido preto parecer monótono em comparação. Vincent se levantou educadamente. — Geórgia —, começou —, Eu sei que Kate se desculpou por mim depois que a deixamos no restaurante. Mas somente gostaria de dizer a você eu mesmo. Desculpe-me. Nunca teria feito isso se Ambrose não estivesse em tão péssimo estado. Mesmo assim, foi imperdoável.

— Eu me considero uma pessoa muito compreensiva —, ela disse, com o tom do falso sotaque sulista chegando apenas no fim. — Se você não fosse tão amaldiçoadamente fofo, não tenho certeza se poderia deixar passar essa. No entanto, sob tais circunstâncias..., ela parou enquanto beijava lentamente suas bochechas.

— Pelo amor de Deus, Geórgia! Você poderia tentar deixar um pouco dele para mim? — Exclamei, balançando a cabeça, desacreditando.

— Levarei isso como um sinal de que estou perdoado —, disse Vincent, rindo.



As refeições na França podem durar horas. E quando as visitas são convidadas, geralmente assim são. Felizmente, como esta noite era uma noite escolar, passamos somente meia hora por cada degustação. Não queria que meus avós tivessem tempo suficiente para chegar muito longe, passando do estágio de educada conversa para o estágio de informações pessoais com o meu misterioso convidado.

— Então, Vincent, eu poderia deduzir que você é um estudante? — Vovô perguntou entre os aperitivos. Vincent respondeu que estava estudando

direito. — Mas tão jovem? Não querendo bisbilhotar, mas quantos anos... — Meu avô deixou a sentença desaparecer, assim não teria que perguntar diretamente.

— Eu tenho dezenove. Mas meu tio tem me tutorado privativamente, então estou uns dois anos adiantados.

— Garoto de sorte! — Vovô assentiu, aprovando.

Depois disso, Vincent defletiu mais perguntas pessoais e fazendo perguntas também. Vovô estava encantado em dizer a ele detalhes sobre seus negócios e as viagens que tinha feito para pegar os objetos raros que negociava e que o tinham levado por todo o Oriente Médio e África do Norte.

Vincent mencionou seu interesse por armamentos clássicos e antigos, e só aquela conversa nos levou para o prato principal, uma carne macia como manteiga. Vovó perguntou a ele sobre a coleção de pinturas do seu tio e pareceu impressionada com o seu amplo conhecimento sobre artistas e estilos dos períodos.

Pelo tempo que levou até chegarmos à sobremesa, Vincent e minha família estavam conversando e sorrindo como se eles se conhecessem há anos. Ele e Geórgia se provocavam e me provocavam, e eu podia ver vovó olhando entre mim e Vincent, e parecia satisfeita com o que via.

Finalmente, nos sentamos nas confortáveis cadeiras da sala de estar com expressos descafeínados e um prato de trufas de chocolate. Vovó perguntou a Vincent se ele gostaria de se juntar a nós para o jantar em duas semanas. — É o aniversario de dezessete anos da Kate em nove de dezembro, e desde que ela se recusa a nos deixar dar a ela uma festa, pensamos em fazer um jantar informal aqui em casa.

— Agora *isso* é uma informação muito interessante —, Vincent disse, sorrindo abertamente para mim.

Coloquei minha cabeça entre as mãos e a balancei. — Eu não gosto de fazer grandes coisas em meus aniversários —, gemi.

Vincent gesticulou para os outros e disse —, Bem, muito ruim que o resto de nós gosta!

Fiz uma careta, mas concordei com a cabeça.

— Agora que estamos estendendo convites pra lá e pra cá, que tal vir comigo e Kate na sexta-feira à noite, Vincent? — perguntou Geórgia.

— Eu amaria, mas já tenho planos para essa noite. — Ele piscou para mim.

— Não com a Kate, você não tem! — disse Geórgia defensivamente. — Ela prometeu ao meu amigo Lucien ir a uma festa em seu clube. E pelo o que escutei, você deve querer acompanhá-la, desde que ela prometeu suprir a colheita de lindos amigos para todas as damas solteiras que aparecerão... — Geórgia parou no meio da sentença, vendo a expressão sombria se espalhando pelo rosto de Vincent.

— Você está falando sobre Lucien Poitevin? — ele perguntou.

Geórgia confirmou. — Você o conhece?

O rosto de Vincent se tornou vermelho ardente, nitidamente, em segundos. Ele parecia um cozinheiro pressionado a ponto de explodir. — Eu sei *sobre* ele. E, muito honestamente, mesmo se eu já não tivesse planos, teria que recusar. — Eu podia dizer que ele estava se esforçando muito para soar calmo.

— Vincent! — murmurei. — O que... — Ele me cortou pegando a minha mão e, não intencionalmente (eu espero), a apertou tão forte que doeu. *Isso é oficialmente muito ruim,* pensei.

— Quem é esse Lucien Poitevin? — perguntou vovô severamente, encarando Geórgia.

— É um amigo muito bom! — ela retorquiu, olhando para Vincent.

A sala permaneceu silenciosa. Vincent finalmente se inclinou na direção dela e disse em sua voz mais diplomática —, Eu não diria isso se não tivesse cem por cento de certeza, mas Lucien Poitevin não merece ficar no mesmo recinto que você, Geórgia, muito menos ser contado como um de seus amigos.

Teve uma coletiva caída de bocas. Geórgia, por sua vez, parecia ter perdido as palavras. Como se tivesse sido estapeada. E, então, um balde de gelo a trouxe de volta.

Vovó e vovô se deram um olhar que deixou claro que tinham estado preocupados com as atividades noturnas de Geórgia.

Geórgia deu a ambos, a mim e Vincent um olhar enfurecido, então se levantou abruptamente e saiu da sala.

Vovó quebrou o silêncio. — Vincent, você poderia esclarecer porque acha que Geórgia não deveria se socializar com este homem?

Vincent estava encarando a mesa de café. — Me desculpe ter feito esse agradável jantar terminar com más notícias. É só que sei coisas sobre essa pessoa e não desejaria a ninguém com quem me importo ter alguma coisa a ver com ele. Mas já disse o suficiente. Novamente, minhas desculpas por chatear a sua neta em sua própria casa.

Vovô balançou a cabeça e estendeu a mão como se isso não fosse um problema, e vovó se levantou para recolher as xícaras. Quando me levantei para ajudá-la, ela disse —, Agora, não se preocupe, Vincent. Nós tentamos manter certa medida de abertura e honestidade nesta casa, então seus comentários sempre serão bem-vindos. Tenho certeza que Geórgia irá se desculpar pelo seu temperamento da próxima vez em que o ver.

— Não aposte nisso —, eu disse sob a respiração.

Escutando-me, Vincent concordou tristemente. — Devo ir embora —, disse. — Tenho certeza de que todos vocês tem a frente um dia ocupado amanhã.

— Vou te acompanhar —, eu disse, pretendendo interrogá-lo tão logo que chegássemos ao lado de fora.

Vovô se levantou para pegar o casaco de Vincent. Depois de agradecer meus avós pela noite, Vincent pisou dentro do corredor. Eu o segui, pegando o meu casaco e fechando a porta atrás de nós.

— O que... — comecei.

Vincent colocou um dedo em seus lábios e nós sustentamos um tenso silêncio até que chegamos lá fora. Assim que a porta bateu atrás de nós, ele me agarrou pelos ombros e olhou intensamente meu rosto. — Sua irmã está correndo grave perigo.

Minha confusão se transformou em alarme. — Sobre o que você está falando? O que há de errado com Lucien?

— Ele é meu inimigo de espada. O líder dos numa de Paris.

Eu senti como se alguém tivesse me levado para cima e me arremessado contra uma parede de tijolos. — Você tem certeza que estamos falando sobre a mesma pessoa? — perguntei, me recusando a acreditar. — Porque quando eu o conheci-

— Você o conheceu? — Vincent se assustou. — Onde?

— No clube onde fui dançar com Geórgia.

— O mesmo lugar em que viu Charles?

— Sim. Na verdade, Charles estava falando com ele do lado de fora quando sai. Eu não vejo...

— Não. Isso é terrível —, Vincent disse fechando os olhos.

— Vincent. Diga o que está acontecendo —, eu disse, um sentimento doentio crescendo na minha garganta. Se Lucien era um monstro, o que isso significava em relação a minha irmã? Estremeci quando pensei no beijo que Geórgia compartilhou com Lucien aquela noite no clube. Ela obviamente não tinha ideia sobre o seu lado negro. Geórgia não conseguia ver além do seu próprio nariz quando se tratava de intuição. Como quando a minha mãe lamentou uma vez que um namorado da Geórgia foi preso por roubo. "Ela não consegue ver o mau nas pessoas. Sua irmã não é estúpida, apenas não possui um pingo de intuição". *Dessa vez aquela falha poderia ser fatal,* pensei.

Vincent tirou seu celular do bolso. — Jean-Baptiste? Lucien tem Charles. Tenho certeza. Sim... Estarei aí em um minuto.

— Por Favor! Fale comigo! — Implorei a ele.

— Tenho que ir para casa. Você pode vir comigo?

— Não. — balancei a cabeça. Eu tinha que voltar e limpar a bagunça que o Furacão Vincent tinha deixado na minha família.

— Tenho que ir —, ele disse.

— Então ando com você até a sua casa —, insisti. — Você pode me falar pelo caminho.

— Bom —, ele disse pegando a minha mão e começamos a andar sob as lâmpadas que iluminavam todo o caminho até a casa dele. — Então, Kate. Você sabe como tem um cara ruim em toda história?

— Acho que sim.

— Bem, Lucien é o cara ruim da minha história.

— O que você quer dizer com da *sua* história? — aventurei inquieta. — Quero dizer, é apenas o caso de vocês dois estarem em lados opostos na divisão do bem e do mal?

Vincent balançou a cabeça. — Não. Sou eu contra ele. Nós temos uma longa história.

— Espere —, disse, juntando as peças do quebra-cabeça na minha mente. — É ele o cara a quem vocês sempre estão se referindo? O Homem, ou o que quer que seja? — fiz uma pausa, pensando. — Foi Lucien quem você viu na Village Saint-Paul... e quem Jules viu próximo, quando Ambrose foi esfaqueado?

Vincent assentiu.

— Quem é ele? — perguntei.

— Como humano, durante a Segunda Guerra Mundial, ele era parte da milícia francesa, ou *La Milice,* uma força paramilitar formada pelo governo francês já controlado pelos alemães para lutar contra a Resistência.

— O Regime Vichy?

Vincent assentiu. — Além de executar e assassinar membros da Resistência, a Milícia ajudou a mandar judeus para a deportação. Eles eram famosos por seus métodos de tortura. Podiam extrair informações e confissões de qualquer pessoa que capturassem.

— Para ser honesto, eles eram mais perigosos que o Gestapo ou SS, desde que eram um de nós: falavam a língua, sabiam a topografia das cidades e eram amigos e vizinhos das pessoas que traíram. — Vincent me olhou nos olhos. — Foi um período sombrio para o meu país.

Assenti e permaneci em silêncio. Nós atravessamos a avenida arborizada e continuamos em direção a casa.

— Lucien traiu centenas, ou indiretamente, milhares de seus compatriotas até suas mortes, torturando e assassinando em seu caminho através de organizadas fileiras. Ele rapidamente se tornou um homem de alto posto do Ministério de Informações do Regime Vichy e do Ministério de Propaganda.

— Em junho de 1944, um grupo de rebeldes da Resistência, vestidos como membros da Milícia, invadiram o prédio do Ministério de Informações para onde Lucien e sua esposa haviam se mudado por segurança. Era tarde da noite. Eles encontraram os dois na cama e os mataram.

Meu queixo caiu. Parecia que ele estava contando a história como experiência própria. — Você era um deles? — ousei.

Vincent assentiu. — Junto com uma dupla de outros revenants. Os outros eram humanos que não sabiam o que nós éramos.

— Mas Lucien ainda era humano então. Você me disse que revenants tentam não matar humanos.

— Nossa ordem era capturar e aprisionar Lucien até que pudesse ser julgado pelas autoridades pelos seus crimes. Mas um humano em nosso grupo teve a sua família assassinada pelo próprio Lucien e não conseguiu se segurar. Atirou em ambos.

Estremeci com a sangrenta cena reencenada em minha mente. Em histórias como essa você sempre quer que os caras ruins sejam levados. Mas pensando sobre o ato real: ser baleado com sua esposa... Em sua cama. É muito horrível considerar.

— Lucien se lembrou de nossos rostos daquela noite e, quando voltou como um revenant, nos caçou. Foi bem sucedido em matar a maioria dos humanos que tinha feito parte do assassinato e foi eventualmente capaz de destruir os outros dois revenants envolvidos, mas nunca conseguiu me matar. Nem eu a ele.

— Então por que no mundo poderia Charles ter ido falar com ele? — perguntei.

— Isso é o que você tem que entender sobre Charles. Ele não é uma criança ruim. É apenas confuso. Eu disse a você que ele está tendo um período difícil aceitando o nosso destino. É uma existência complicada, continuamente vivendo e morrendo. Quando você salva alguém e os vê seguindo em frente e tendo uma boa vida, faz tudo parecer que vale a pena. Mas, às vezes, as coisas não são desse jeito.

— A pessoa que você resgata de uma tentativa de suicídio tenta de novo e é bem sucedida. O jovem que você salva em um acordo de drogas ruim e,

não vendo isso como um sinal para consertar seu caminho, retorna a bagunça que estava antes. Essa é uma das razões pela qual Jean-Baptiste não quer que a gente acompanhe a vida de nossos resgatados tão de perto.

— Mas um dos piores sentimentos é quando você tenta e fracassa. Charles não pôde salvar a vida daquela garotinha. Salvou a outra criança, mas ele não consegue se focar nesse sucesso. Está obcecado com o seu fracasso. E com as consequências da mãe da criança.

— Ele tem um bom coração —, continuou suavemente. — Talvez um coração bom demais. Mas essa foi à gota d'água para ele. A única razão pela imagino para Charles ter ido até Lucien é a de que ele não consegue mais lidar com nosso estilo de vida. Quer morrer. Se ele se colocar em suas mãos, tudo o que tem a fazer é pedir a eles para matá-lo e queimar o seu corpo. E eles ficariam todos muito felizes em cumprir.

— Ele está cometendo suicídio? — parei de andar, horrorizada com o pensamento de Charles se entregando para a morte.

É o que parece. — Vincent pegou o meu braço e me puxou em direção a ele. — Nós estamos quase lá.

— Se Lucien é um assassino cruel, então... o que acontece com a Geórgia? — a história de Charles era de cortar o coração, mas tudo o que eu conseguia pensar no momento era sobre o perigo em que a minha irmã poderia estar.

— Qual é a relação deles? — Vincent perguntou.

— Parece que estão meio que saindo.

— Você acha que é sério?

— Geórgia não *leva* a sério.

Vincent pensou sobre isso. — Lucien está sempre cercado de mulheres e não deve ter nenhuma razão para matar alguém como Geórgia. Se ela não se deixar ser sugada para dentro do clã e suas atividades, então o pior que provavelmente vai acontecer é ela ser usada e levar um fora dele.

Bem, isso é reconfortante, pensei, não reconfortante completamente. *Ela está trocando saliva com um homicida maníaco, mas se não ficar muito envolvida, deve ficar bem.* Embora eu ainda estivesse aterrorizada, as

palavras de Vincent *tinham* feito eu me sentir menos apavorada. Geórgia nunca ficou muito envolvida com alguém além dela mesma.

Nós chegamos ao portão de Jean-Baptiste. Vincent pegou minha mão na sua. — Escute. Sinto muito se baguncei as coisas entre a sua irmã e seus avós hoje à noite. Mas não podia simplesmente sentar lá e não dizer nada depois de tê-la ouvido mencionar aquele... Monstro.

— Não, você estava certo. E não importa onde você dissesse isso, em frente de todos ou de ninguém: Geórgia teria a mesma reação.

— Você tem que falar com ela —, pediu. — Mesmo que as coisas não cheguem muito longe com Lucien, ela está saindo com algumas pessoas perigosas.

Concordei. — Farei o meu melhor.

O perigo estava constantemente espreitando nas sombras de Vincent e sua tribo. Mas agora um dos membros da minha família estava em perigo, isso pareceu muito mais real. E me fez sentir mais próxima a ele. Nós agora tínhamos um inimigo em comum. Mas esperava que Geórgia pudesse me ouvir e se retirar daquela ameaça.

— O que você vai fazer agora? — perguntei.

— Vou juntar os outros e começar a caçar Lucien. — A voz de Vincent mudou para um oitavo menor e seus olhos ardiam de fúria. Ele parecia letal.

— Você vai ser cuidadoso, certo? — Perguntei, o medo me agarrando quando percebi o que isso podia significar.

— Eu devia pegá-lo esta noite se pudesse. Mas tem uma razão pela qual não fui capaz de destruí-lo ainda. Se ele não quer ser encontrado, nós não vamos encontrá-lo. As cartas estão nas mãos dele.

Então vendo minha expressão, algumas das duras linhas se foram de suas feições. — Não se preocupe, Kate. Tente vir depois da escola amanhã, se puder.

— Ainda estará vivo amanhã depois da aula?

— Sim —, ele disse com os lábios. Mas seus olhos estavam dizendo uma história diferente. Ele iria fazer de tudo para destruir este inimigo. Isso deixou claro que a sua própria segurança não era a prioridade.

— Sinto muito ter que te deixar desse jeito —, Vincent disse, me puxando para ele e roçando os lábios nos meus. Cada ponto de contato com o seu corpo parecia atirar um banho de chamas ardentes dentro de mim. *É o perigo um afrodisíaco?* Eu me perguntei. Preferia tê-lo a salvo do que ter uma celebração de quatro de julho nos meus nervos. Mas desde que eu não tinha o que dizer, o agarrei firmemente e correspondi ao beijo.

Muito cedo, ele se afastou. — Tenho que ir.

— Eu sei. Boa noite, Vincent. Por favor, fique a salvo.

— Boa noite, *mon ange.*



Bati levemente na porta do quarto da Geórgia. Ela abriu violentamente um segundo depois e ficou lá, parecendo estar furiosa. — O que diabos foi aquilo? — ela endureceu, batendo a porta para fechar atrás de mim.

Eu me empoleirei na borda da sua cama enquanto ela se jogava de barriga para baixo no fofo tapete branco no meio do quarto e me encarava.

— Sinto muito se Vincent a embaraçou na frente do vovô e da vovó. Mas pelo que ele me disse, Lucien realmente soa como um problema.

Geórgia quase cuspiu sua réplica. — Oh é? O que exatamente ele disse?

— Disse que Lucien está meio que... em um tipo de organização mafiosa. — Tentei me lembrar de como Vincent tinha descrito os *numa* aquela noite no restaurante Marais. — E que os seus colegas estão envolvidos em todos os tipos de acordos ilegais.

— Como o quê?

— Prostituição, drogas-

— Oh, dá um tempo! — Geórgia revirou os olhos. — Você viu o Lucien. Ele é empresário. Tem bares e clubes por toda a França. Por que no mundo

ele iria ao menos precisar estar envolvido com coisas desse tipo? — ela olhou para mim com desdém.

— Realmente não acho que Vincent iria inventar algo assim —, rebati.

— É mesmo? — perguntou sarcasticamente. — Como ele o conhece?

— Não o conhece —, menti, a última coisa que queria era fazer uma trama entre Vincent e Lucien com Geórgia e eu no meio. — Ele apenas conhece sua reputação.

Parei, pesando quão longe poderia ir. — Ele disse que há até boatos de que Lucien está envolvido com assassinatos.

Geórgia pareceu chocada por um segundo e então balançou a cabeça. — Tenho certeza que no mundo em que Lucien vive, deve existir alguns acordos obscuros. Deve fazer parte dos negócios. Mas sugerir que ele possa trabalhar com assassinos... sinto muito, só que não acredito.

— Está certo —, disse. — Você não tem que acreditar nisso. Mas precisa vê-lo novamente?

— Kate, nós mal nos encontramos. Não é sério. Só vemos um ao outro em público. Tenho certeza que ele sai com outras pessoas e eu também saio. Nenhuma grande coisa!

— Bem, se não é grande coisa e tendo pelo menos uma pequena chance de ele ser problema, então você não pode apenas... você sabe... dar um fora nele? Por favor, Geórgia. Não quero me preocupar com você.

Por uma fração de segundos, após ouvir a minha súplica, ela pareceu incerta, mas então uma teimosa expressão roubou a sua linda face. — Não *tenho* que vê-lo de novo. Mas *vou* vê-lo de novo. Não acredito em uma só palavra que você e Vincent disseram sobre ele. E por que você e seu novo namorado estão tão envolvidos na minha vida privada de qualquer maneira?

Sabia que não podia dizer uma palavra que pudesse mudar sua mente. E como eu poderia dizer isso de qualquer forma? "A razão pela qual o meu namorado odeia o seu é porque Vincent é um zumbi bom e Lucien é um zumbi mau?" Eu só podia esperar que ela perdesse o interesse por Lucien antes que algo ruim acontecesse.

Ela estava realmente brava agora. Suas poucas sardas estavam ficando vermelhas de raiva. Conhecia a minha irmã, e quando ela chegava a esse

ponto, não havia mais argumentação com ela. Comecei a me levantar, mas ela surgiu em pé e bateu a porta para mim. Abrindo-a, apontou o corredor. — Vá.

Capítulo 32

No dia seguinte, Geórgia saiu para a escola antes mesmo de eu chegar à mesa do café da manhã. Detrás do jornal, vovô perguntou cansadamente —, Vocês, garotas, estão na Quarta Guerra Mundial agora ou é a Quinta?

Eu não a vi entre as aulas e ela desapareceu depois disso. Minha irmã estava me evitando e isso doía. Mas sabia que tinha feito a coisa certa a alertando sobre Lucien. Vincent tinha dito que nada deve acontecer a ela. Mas nessas circunstâncias, "deve", para mim, era uma palavra muito grande.

Fui direto para a casa de Jean-Baptiste voltando da escola, mandei mensagem para Vincent da rua e os portões se abriram na hora que cheguei. Ele estava esperando por mim, a mesma expressão preocupada no rosto que estava quando me deixou na noite passada.

— Alguma novidade? — perguntei enquanto andávamos para o seu quarto.

— Não. — Ele se adiantou na frente e abriu a porta educadamente, parando ao lado para me deixar passar antes de me seguir para dentro. *Havia algumas vantagens em sair com um cara de outra época,* pensei. Ainda que eu seja uma grande apreciadora da igualdade de sexos, nota alta de cavalheirismo era ótimo.

— Nós estivemos fora à noite toda procurando, parece que todos os *numa* da cidade apenas se levantaram e desapareceram, nós fomos a cada bar

e restaurante que sabemos que eles tem um dedo podre, e só vimos empregados humanos — sem rastros deles.

— Isso poderia ter sido realmente perigoso, não poderia? — tentei imaginar o que poderia ter acontecido em um impasse entre os bons e os malignos revenants. Os mortos-vivos saltando ao redor com espadas entre uma aterrorizada clientela do bar.

— *Se* eles estivessem lá, então poderia ter sido perigoso. Mas com humanos em volta eles não se atreveriam a nos atacar.

Lembrei-me de Ambrose sendo esfaqueado apenas a alguns metros de uma multidão de humanos e suspeitei que Vincent estivesse minimizando o perigo para me tranquilizar.

— Mas ninguém estava à vista para nós interrogarmos. Eles não têm uma residência fixa como nós. Então é impossível saber onde estão baseados.

— Como Charlotte está lidando com isso? — perguntei.

— Nada bem —, Vincent disse. — Ela está fora com os outros neste momento procurando.

— Por que você não está com eles?

— Esta noite é a "grande noite". E eu já estou me sentindo fraco. Eu não seria de grande ajuda se eles realmente encontrassem alguma coisa.

— Então, quando isso começa... a coisa da dormência? — perguntei.

— Durante a noite —, respondeu. — Ao anoitecer começo a dormência, geralmente termino assistindo filmes e ingerindo muitas calorias, desde que não presto mais para qualquer outra coisa. — Ele acenou com a mão a mesa de café que estava preparada com chá e uma seleção de mini pastéis.

Olhei para ele divertida. — Jeanne?

— Quem mais? — respondeu com uma risada. — Toda vez que você dá uma parada ela age como se estivéssemos recebendo visitas da realeza.

— Como ela deveria —, eu disse, sustendando o meu queixo um pouco mais no alto antes de me jogar no sofá a fim de atacar um mini bolo de chocolate. — Então, onde está a TV? — perguntei.

— Oh, eu assisto em nossa sala de cinema. Ambrose é um fã de filmes e convenceu Jean-Baptiste a construir nosso próprio cinema aqui. É no porão, ao lado da academia.

— Agora isso sim é algo que eu amaria ver —, eu disse.

— Devo ter apenas um ou dois dos seus filmes preferidos esperando lá embaixo por você. Podíamos até mesmo pedir uma pizza e jantar em grande estilo. Isso é um encontro?

— Um encontro de verdade! Eu aceito! — quase gritei, e então, tentando acalmar meu entusiasmo, continuei —, A não ser que você me diga que será uma companhia muita chata, é claro. Caso contrário, apenas ficarei bem sentada aqui, encarando seus olhos a noite toda.

Vincent parou e, então, me olhando desconfiadamente por um segundo, sorrindo me perguntou —, Sarcasmo?

— Sim —, ri. — Você é bem rápido para um homem de idade.

— Droga, e eu pensando que tinha finalmente encontrado uma romântica de verdade —, ele brincou e então hesitou quando uma séria expressão roubou sua face. — Falando em chata companhia, você se importa em conversar sobre o que iremos fazer enquanto eu estiver dormente?

— Claro que não —, eu disse, me perguntando o que poderia possivelmente vir depois.

— Amanhã eu estarei morto de corpo e mente. Preferiria que você não me visse enquanto eu estiver incapaz de me comunicar. Mas, começando sexta de manhã, minha mente estará acordada. Então, se você não sentir como se eu a estivesse perseguindo, tenho um ok seu para ir te visitar... na forma volante?

— Hmm. Esta é a oferta mais estranha que já recebi —, ri. — Não sei... você pode fazer alguma coisa para me deixar saber que está lá? Como me escrever uma mensagem de texto fantasmagórica? Ou fazer minha caneta se mover?

Ele balançou a cabeça. — Só se alguém que consegue me ouvir estiver junto, como Charlotte ou Jules.

Pensando no meu quarto bagunçado, que eu esperava que ele já não tivesse visto secretamente enquanto flutuava por aí, continuei —, Você não vai estar a serviço "andando" com alguém?

Vincent sorriu, pequenas linhas de fadiga cresceram nos cantos dos seus olhos. — Bem, sim, se alguém estiver andando estarei junto. Mas quero te ver no meu tempo de inatividade.

— Então por que não venho aqui? — Perguntei. — Desse jeito quem quer que esteja na casa pode "interpretar" para mim.

— Se você não se importa, seria bom —, Vincent disse. Notei que ele estava se apoiando no sofá com uma mão.

— Você está bem, Vincent? — perguntei.

— Sim. Ainda que esteja começando a me sentir fraco. Nada demais. — Ele exalou profundamente e sentou-se no sofá próximo a mim. — Então amanhã é um "não-tem-o-que-fazer", mas eu amaria te ver na sexta.

— Fechado. Virei pela manhã. Desde que amanhã é Ação de Graças nos Estados Unidos, as aulas estarão suspensas amanhã e sexta. Vou trazer o meu dever de casa e fazê-lo aqui.

Pedimos pizza e nos enrolamos no sofá para esperá-la chegar. — Como foi ontem à noite com Geórgia? — ele perguntou.

Tinha estado propositalmente evitando esse assunto, esperando que eu não tivesse que contar a Vincent que tinha falhado.

— Não estamos nos falando —, admiti.

— O que aconteceu?

— Não disse a ela que você conhecia Lucien. Estava com medo que ela pudesse dizer alguma coisa a ele. Apenas falei a ela que você conhecia a reputação dele e os tipos de acordos criminosos que ele e seus associados eram conhecidos por aí. Ela não acreditou. Quer que você e eu fiquemos fora dos seus assuntos.

— Você está chateada —, disse, envolvendo seus braços ao meu redor.

— Sim. Estou chateada... não porque Geórgia e eu estamos brigadas. Isso não é nada fora do normal. Estou chateada porque tenho medo por ela. Ela me disse que eles só se veem casualmente. Mas não posso deixar de me preocupar.

— Você fez tudo o que podia —, Vincent disse. — Não pode controlar a sua irmã. Mas tente afastar isso da sua cabeça.

Mais fácil dizer do que fazer.

Depois que nossas pizzas foram entregues, nos mudamos para baixo até a sala de cinema e nos sentamos em um enorme sofá velho revestido de couro para assistirmos *Bonequinha de Luxo*[23], que Vincent tinha puxado da vasta coleção deles de filmes. Sentados lá na sala escura, mastigando pedaços de cogumelos e parmesão, pela primeira vez realmente senti que Vincent e eu estávamos fazendo algo real, normal, que casais fazem... Isto é, se eu não parasse para pensar sobre o que iria acontecer com ele depois da meia-noite.

Saí por volta das nove. Ele insistiu em andar comigo até em casa e nós caminhamos pelas ruas escuras de Paris em passos de lesma. Ele parecia tão fraco, como se tivesse realmente oitenta e sete anos de idade. Era difícil acreditar que esse mesmo rapaz tinha estado empunhando uma espada do peso de uma poltrona há poucos dias. Quando chegamos a minha porta, ele me deu um beijo lento e carinhoso, e se virou para ir embora.

— Se cuide —, eu disse, não sabendo a etiqueta para dizer tchau a alguém que está indo passar os próximos três dias morto. Vincent piscou e me jogou um beijo, virou a esquina e ele se foi.

[23] O título original é Breakfast at Tiffany's.

Capítulo 33

Vovó tinha nos perguntado se gostaríamos de ter um jantar tradicional de Ação de Graças, mas nem Geórgia nem eu nos sentimos no clima. Qualquer coisa americana me lembrava casa. E casa lembrava meus pais. Perguntei a vovó se poderíamos tratar esse como se fosse qualquer outro dia e ela concordou.

Então passei o Dia de Ação de Graças na minha cama lendo, tentando não pensar no meu namorado morto em sua cama a poucos quarteirões de distância.

Na manhã de sexta-feira, andei cinco minutos da minha casa até a de Jean-Baptiste. Do lado de fora dos grandes portões, digitei o código que Vincent tinha me enviado dentro da caixa de segurança e observei os portões deslizarem se abrindo.

Uma vez em frente à porta de entrada, não estava certa se eu deveria bater ou apenas entrar. Quando levantei a mão, a porta se abriu e Gaspar estava lá, nervosamente esfregando as mãos.

— Mademoiselle, Kate —, ele disse, me dando um pequeno cumprimento esquisito. — Vincent me disse que você estava aqui. Entre, entre. — Ele nem sequer tentou me dar os *beijos,* e com medo de que a minha mera presença estivesse lhe dando um ataque do coração, não insisti.

— Alguma novidade? — perguntei.

— Infelizmente, não —, Gaspar disse. — Vá até a cozinha. Vincent está me pedindo para perguntar se você quer café.

— Não, não. Já tomei café-da-manhã. Estou bem.

— Ah, tudo bem então. Vincent disse que se você quiser ir ao quarto dele, está pronto para você com a sua... trig? — Gaspar pareceu confuso.

— Trigonometria —, disse a ele, rindo. E então para o ar eu disse —, Obrigada, Vincent, mas a deixei em casa. Você pode dar uma olhada por cima do meu ombro para literatura americana e história europeia hoje.

Gaspar deu uma risada nervosa. — Vincent disse que eu devo ser quem deve te ajudar com isso. Meu, meu, é verdade, eu tenho estado por aí vendo um pouco de história. Mas não iria querer te chatear com meus contos.

Percebendo que ajudar uma adolescente com seu dever de história seria a última coisa que ele gostaria de fazer pela manhã, recusei educadamente, para o seu óbvio alívio.

— Charlotte está fora, mas a informarei que você está aqui quando ela retornar —, ele disse, me deixando em frente a porta de Vincent.

— Obrigada —, respondi.

O quarto do Vincent estava como tinha visto da primeira vez. Janelas e cortinas fechadas. Fogo fraco na lareira. E Vincent frio na cama. Estremeci quando vi sua forma sem movimento atrás das cortinas brancas transparentes.

Batendo a porta atrás de mim, coloquei minha bolsa no sofá e me aproximei da cama. Ele estava ali completamente imóvel. Destituído de vida. Golpeando-me com o quão diferente ele se parecia de alguém que estava meramente dormindo, com o peito em constante movimento, respiração indo e vindo da boca. Puxando as cortinas de lado, cuidadosamente sentei-me na cama e olhei para ele, magnífico até mesmo na morte.

— Certo, me sinto um pouco idiota falando com você desse jeito —, disse para o quarto vazio. — Como se a qualquer momento você fosse pular do closet e rir com a cabeça para fora.

O quarto estava em silêncio.

Hesitando, corri meus dedos levemente para baixo pelo seu braço frio, tentando não recuar com a sensação não humana da sua pele. Então, ainda

mais devagar, me inclinei para cima para tocar sua boca com o polegar. A pele estava fria, mas suave, e eu estremeci com a sensação da ponta do meu dedo contra seus perfeitos lábios curvados. Encorajada, acariciei seu espesso e ondulado cabelo com a mão antes de tocar meus lábios muito levemente nos seus. Não senti nada. Vincent não estava ali.

— Estou tirando vantagem da situação —, sussurrei, me perguntando se ele estava ali para me ouvir —, desde que você não pode dizer não mesmo se quisesse?

Embora o quarto continuasse silencioso, eu estava possuída com um estranho sentimento — como se alguém estivesse escrevendo em uma mesa em minha cabeça. Parecia que um grande esforço estava sendo gasto. Como se um enorme peso estivesse sendo deslocado. E então essas três palavras se materializaram em minha mente: *Eu sou seu.*

— Vincent, isso foi você? — perguntei assustada. Meu corpo parecia uma árvore de natal cheia de milhares de luzes que tinham sido ligadas todas de uma vez.

— Ok, se isso foi você, meio que me assustou. Mas está tudo bem. E se isso não foi você, então devo estar completamente louca por estar saindo com um cara morto. Muito obrigada por comprometer a minha sanidade —, disse, fingindo sarcasmo, mas mal, desde que estava tremendo.

Eu podia quase sentir uma sensação de divertimento derivando pelo quarto, mas isso era tão débil que assumi estar inventando. — Agora você está me tornando paranoica —, disse. — Antes que eu comece a representar vozes-de-Joana-D'Arc, acho que vou trabalhar no meu dever de casa de história.

Silêncio.

Deixando as cortinas da cama abertas para que eu pudesse vê-lo, fui me sentar no sofá, tirando meus livros da bolsa e os espalhando na mesa de café.

Foi quando notei um envelope sobre o seu criado-mudo, vi meu nome escrito com a bonita letra de Vincent e puxei uma espessa folha de dentro. Estava gravada as iniciais VPHD no centro da borda inferior e cercando todas as bordas estavam videiras e folhas. Kate, assim começou.

Eu não sou sempre o melhor em me expressar para você, então estou tirando vantagem do fato de que estarei completamente incapaz de responder quando você ler isso, e, portanto,

incapaz de estragar as coisas. Eu quero agradecer a você por ter me dando uma segunda chance. Quando te vi pela primeira vez, eu sabia que tinha encontrado algo incrível. E desde então, tudo o que eu quis foi estar com você tanto quanto possível. Quando pensei que tinha te perdido, estava dividido entre querer você de volta e querer o melhor para você — queria que fosse feliz. Vendo você tão mal durante as semanas que ficamos separados, me deu coragem para lutar por nós... Para encontrar uma maneira de as coisas darem certo. E vendo você feliz de novo nos dias em que estamos juntos, me faz pensar que fiz a escolha certa. Não posso te prometer uma experiência comum, Kate. Gostaria de poder me transformar em um cara normal e estar ali para você sempre, sem o trauma que define a minha vida de "morto andante". Já que isso não é possível, posso apenas te assegurar de que farei de tudo em meu poder para te recompensar. Para dar a você mais do que um namorado normal daria. Não tenho ideia do que isso implicará exatamente, mas estou ansioso para descobrir. Com você. Obrigado por estar aqui, minha bela. Mon ange. Minha Kate.

Completamente seu,
Vincent.

O que você faz depois de ler a carta de amor mais romântica — a única carta de amor, para ser mais exata — que você já recebeu?

Andei até cama e, subindo no colchão, sentei ao lado do corpo de Vincent. Envolvi o seu rosto frio com a minha mão quente e então, alisando seu cabelo com os dedos, comecei a chorar.

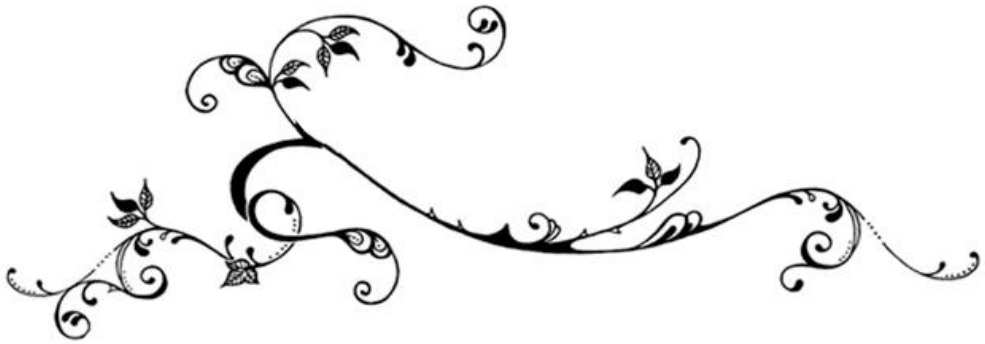
Chorei pela perda da minha vida normal. Pelos dias em que eu podia acordar no meu quarto, andar escada abaixo e ver minha mãe e meu pai sentados à mesa do café-da-manhã esperando por mim. Chorei porque não iria nunca mais vê-los de novo e minha vida nunca mais seria a mesma.

Pensei em como, depois de toda essa perda, eu tinha encontrado alguém que me amava. Ele não havia dito isso, mas eu tinha visto em seus olhos e lia isso em cada palavra que tinha escrito. Meu mundo normal se foi, em mais de uma maneira. Mas eu tinha uma chance de felicidade completamente nova. Eu poderia encontrar ternura, amizade e amor.

Mesmo que eu ainda ansiasse pela minha antiga vida, sabia que tinha sido dada a mim uma segunda chance. Ela estava bem aqui, suspensa como uma fruta madura em frente aos meus olhos. Tudo o que tinha que fazer era

alcançá-la com a mão e pegá-la. Mas primeiro eu tinha que soltar o que eu estava segurando com um medo aterrador: o passado.

Tinha sido oferecida uma vida nova em troca da antiga. Como um presente. Eu me senti como se estivesse em casa. Abri a minha mão e soltei. Chorei até que meus olhos inchados se desvaneceram e se fecharam, e então peguei no sono.



Quando acordei uma hora depois, não sabia onde estava por alguns segundos. E então senti o corpo frio do Vincent ao meu lado, e eu estava inundada de uma enorme sensação de paz que me fez sentir mais forte do que alguma vez já fui.

Escutei um barulho e me virei para ver Charlotte enfiando a cabeça através da porta. — Parei por aqui antes, mas você estava dormindo. Está desperta agora?

— Sim —, eu disse, sentando e deslizando para fora da cama.

— Oh, Deus. — Ela deslizou para dentro e fechou a porta. — Você estava chorando. — Ela disse depois de beijar minhas bochechas.

Eu assenti. — Estou bem agora. Mas você mesma não parece muito bem.

O brilho radiante normal de Charlotte tinha se tornado fosco e toda a vida que parecia surgir e faiscar ao seu redor tinha desaparecido. Ela parecia triste e exausta. — É o Charles —, ela disse.

— Ainda nenhuma palavra? — perguntei, pegando-a para sentar-se próxima a mim no sofá.

Ela balançou a cabeça, desolada.

— Tentei ligar pra ele um milhão de vezes. Deixei dúzias de mensagens. Colocamos todos os lugares controlados por numa sob vigilância, pagamos nossos informantes e até invadimos uma velha casa militar onde pensamos que eles poderiam estar localizados. E não encontramos coisa alguma.

— Sinto muito. — Não sabendo mais o que dizer, apertei seu ombro, confortando-a.

— Ele é o meu gêmeo, Kate. Nós nunca ficamos separados, exceto quando estamos dormentes. Sinto como se tivesse perdido metade de mim. E realmente estou com medo por ele.

Assenti. — Vincent me disse o que ele suspeita.

— Eu só não entendo —, murmurou, balançando a cabeça.

Ela se inclinou em minha direção, e eu agarrei seu flagelado corpo contra o meu.

— Vincent tinha nos deixado sozinha pelos últimos minutos, mas disse que quer fazer parte da conversa agora.

— Ok —, eu disse.

Ela concordou, o escutando, e seus olhos encheram de lágrimas.

— Ele disse —, Todos nós estamos com as almas perdidas aqui. É uma coisa boa que temos um ao outro.

Vincent está certo, pensei. *Mesmo que eu não seja uma revenant, me enquadro nisso.* Tirei um pacote de Kleenex[24] da minha bolsa de livros e a estendi para ela.

Ela enxugou os olhos e então me olhou surpreendida. — Vincent disse que falou com você essa manhã e você escutou!

— Então eu não estava imaginando! — disse pasma. — Pergunte o que ele disse.

— Ele disse que falou para você, "Eu sou seu".

— É isso aí! — Eu disse, saltando do sofá e olhando para o seu corpo antes de me dar conta pela milionésima vez que ele não estava lá. — Mas como isso é possível? — Perguntei a ela. — Ele me contou uma vez que

[24] Lenço de papel.

revenants podem se comunicar apenas com outros revenants quando são volantes.

Charlotte escutou, então disse —, Vincent está dizendo que tem estado estudando desde então. Que é raro, mas tem sido reportado em casos onde um humano e um revenant tem estado junto por anos e anos. Geneviève é a única revenant que nós conhecemos desse jeito. E seu marido pode pegar impressões do que ela quer, mas não pode realmente ouvir as palavras.

— Mas nós estamos juntos semanas, não anos —, eu disse duvidosamente. — Como isso pode funcionar conosco?

— Ele disse que não tem ideia, mas quer tentar de novo —, Charlotte disse animada.

— Tudo bem —, Eu disse, andando até a cama.

— Não, venha aqui —, Charlotte disse. — Só será uma distração para você olhar para o corpo dele. Ele disse para você fechar os olhos e bloquear tudo que está fora. Como você faz nos museus. — Sorri quando me lembrei do transe induzido pela arte em que ele tinha me visto no Museu Picasso. Fechei os olhos e respirei, deixando a tranquilidade do quarto permear o meu corpo. Lentamente comecei a sentir a mesma sensação que tive antes. De alguém tentando escrever letras em minha mente.

— O que você está ouvindo? — ela me perguntou.

— Ouço nada. É como se estivesse vendo alguma coisa... como alguém escrevendo palavras.

— Ele disse que você está tentando visualizar. Pare de usar o seu olho interno e use o seu ouvido interno. Como se estivesse escutando uma música que está tocando muito distante. Tente aguçar e ampliar.

Eu me concentrei e comecei a ouvir um tipo de ruído de sopro, como o vento através das folhas ou um tipo de interferência.

— Ele disse para parar de tentar tão duro e apenas deixar ser —, disse Charlotte.

Relaxei, e a interferência se tornou um farfalhar, como uma sacola de plástico soprado pela brisa. E então eu ouvi. *Pont des Arts.*

— Pont des Arts? — Eu disse em voz alta.

— Você quer dizer, a ponte que atravessa o Sena? — Charlotte perguntou confusa, e então assentiu. — Vincent disse que é o lugar de um evento muito importante.

Eu ri. — Um, sim. Foi onde nos beijamos pela primeira vez.

O rosto de Charlotte se iluminou. — Oh meu Deus. Sempre soube que Vincent seria terrivelmente romântico uma vez que encontrasse a pessoa certa. — Ela se inclinou para trás no sofá, lançando as mãos ao coração. — Você é tão sortuda, Kate.



Nós praticamos nossas habilidades de comunicação morto-vivo-para-humano pela meia hora seguinte, com Charlotte se dobrando de rir das minhas respostas nada a ver e dos exercícios bobos de Vincent.

— Combate contra o... Fiapo na cama?[25] — Perguntei confusa.

— Não, *Noite dos mortos-vivos!*[26] — Charlotte caiu na risada.

Finalmente, eu estava pegando corretamente a maioria das frases, e embora eu não conseguisse ouvir a sua voz, soava como se Vincent tivesse pronunciando-as. Era como palavras aparecendo do nada. E somente poucas palavras de uma vez.

— Ir almoçar? — finalmente perguntei.

— Certo! Muito bom! Vincent disse que é hora de uma pausa para o almoço e que Jeanne está esperando por nós.

Quando chegamos à cozinha, Jules e Ambrose estavam se dobrando em um frango assado e batatas fritas, e Jeanne estava sentada próxima a eles, absortos na recapitulação da missão matutina de reconhecimento. Ela pulou quando viu eu e Charlotte entrarmos no cômodo e indicou os lugares já arrumados para nós.

---

[25] Fight off the . . . lint in bed?
[26] Night of the Living Dead!

— Hey, meninos, Vincent pode falar com a Kate. Vocês sabem... Enquanto é volante —, Charlotte disse com uma expressão convencida no rosto.

Todos congelaram e me encararam, mas depois de um segundo Jeanne despertou e anunciou —, Não estou completamente surpresa. Já disse a vocês que posso sentir todos flutuando por aí quando são volantes. Posso até dizer quem de vocês está aqui. Mas ninguém nunca acreditou em mim.

— É impossível! — exclamou Ambrose espantado, e para o ar disse —, Sem chance, Vincent!

— Não exatamente impossível —, Jules replicou. — Vincent me contou que ele andou estudando os registros de Gaspar, em busca de exemplos de relacionamentos revenants-humanos, e tinha encontrado alguns relatos infundados sobre comunicação.

— Eu sei —, Ambrose rebateu. — Ele me contou também. Mas aqueles eram apenas rumores — histórias absurdas. Acredito que Vincent jogou as cartas e tentou por ele mesmo.

Curiosa, perguntei —, Que outros tipos de "rumores infundados" existem lá fora? Alguma coisa que deveria saber?

Ambrose jogou uma batata frita na boca e mastigou com sorriso malicioso. — Pense em todas as histórias assustadoras de fantasmas, Kate-Lou, todos os velhos contos estranhos de donas-de-casa, todos os contos de fadas que já ouviu falar, e então lembre-se... Todos eles começaram de uma noz — ou talvez somente um grão — de alguma coisa verdadeira. Apenas esteja agradecida de não ter se apaixonado por um vampiro. — Ele jogou outra frita na boca e então se levantou, esticando seu impressionante peitoral e bíceps, disse. — Jules... Quer dar uma volta no lado selvagem?

Jules limpou a boca com seu guardanapo e então se levantou, carregando seu prato até a pia. — Obrigado, Jeanne. Delicioso, como sempre. — Jeanne brilhou. — Vincent, você vai com a gente?

Você ficará solitária? As palavras flutuaram na minha cabeça. Sorri.

— Não, vai com os garotos. Pode ser que precisem de uma babá —, respondi com um sorriso.

— Sem chance... Ele acabou de falar com você, né? — Ambrose disse boquiaberto.

Assenti e sorri.

— Homem sortudo —, Jules disse para mim, se inclinando para beijar minhas bochechas. — O que eu não daria para estar em sua cabeça. — Ao invés dos habituais beijos-aéreos[27] rápidos, ele se demorou beijando ambas as minhas bochechas com ternura.

— Jules! — Engoli em seco, me sentindo ruborizar.

Ele se esticou, olhando o espaço acima e levantou os braços como em redenção. — Tá bom, tá bom, cara. Mãos longes, eu entendi! Mas não é frequentemente que temos uma bela jovem humana em casa. De fato, isso é *nunca.* — Ele se virou para ir e então me olhou de volta por cima do ombro. — Tchau, Kate e apenas se lembre... Estou completamente disponível pelos próximos dois dias enquanto Vincent está do outro lado indisponível. — Ele piscou. Com o meu rosto queimando, me virei, meticulosamente o ignorando enquanto ele saia do cômodo.

— O que foi aquilo? — perguntou Charlotte curiosa.

— Sinceramente, não faço ideia —, gemi.

[27] Um beijo dado com a bochecha.

Capítulo 34

— Você ficará para o jantar? — Jeanne perguntou quando eu e Charlotte deixamos a cozinha.

— Na verdade, não tinha pensado nisso, mas seria bom ver o Vincent — quero dizer, ouvir o Vincent —, parei, balançando a cabeça com a estranheza do que tinha acabado de dizer — Quando os rapazes voltarem. Sim, vou ficar - obrigada!

Ela assentiu satisfeita e voltou para os seus afazeres. Nós deixamos a cozinha e seguimos para o corredor.

— Estou indo estudar, Charlotte —, disse, abrindo a porta do quarto do Vincent.

— Beleza —, ela disse despreocupadamente. — Mas se estudar perto de um cara morto provar ser muito perturbador, sinta-se à vontade para usar a biblioteca lá em cima. Ou o meu quarto. Estarei lá embaixo treinando.

— Você faz as coisas das espadas também? — perguntei.

Ela assentiu orgulhosamente e disse —, Os caras tem mais força na parte superior do corpo que eu, mas sou menor e mais rápida, então, mesmo que consiga lidar com uma espada tão bem como o resto deles, foco mais no karatê.

— Uau. Respeito! — eu disse.

— Quer vir? — ela perguntou.

— Não, não. Eu vou estudar no quarto do Vincent. Isso meio que me conforta ter ele por perto —, eu disse. — Mesmo que não... esteja perto. O que me lembra. Ele não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, né?

— Não, ele não irá espiar você enquanto está fora andando com os meninos. A não ser que os deixe para vir para casa. O que não fará. — Ela apertou a minha mão antes de seguir de volta pelo corredor e desaparecer escada abaixo.

Liguei para a vovó para deixá-la saber que eu não iria jantar em casa. — Geórgia estará ocupada também —, ela disse —, então talvez eu e vovô iremos aproveitar essa oportunidade para sair. Se nós não estivermos aqui quando você chegar em casa, não nos espere! — eu ri do jeito de menina em sua voz.

Passei a tarde estudando a Primeira Guerra Mundial, que parecia mais interessante agora que eu conhecia alguém que tinha lutado nela. As horas passaram rapidamente, e eu mudei para literatura americana, que, tenho que admitir, parecia mais prazer do que trabalho.

Quanto ao comentário de Charlotte, o corpo do Vincent deitado a poucos metros de mim enquanto eu lia não era distração. Era reconfortante. Isso me atingiu de novo — a órfã desalojada de suas raízes e deslocada para viver em uma terra estrangeira — finalmente se sentia em casa. Eu me sentia centrada. Completa.

Quando terminei um capítulo das escritas vitorianas, ouvi o toque do celular de Vincent vindo da direção da cama. *Que estranho*, pensei. Todos que conheciam Vincent bem o suficiente para telefoná-lo saberiam que ele estava dormente. Segui o som até o criado-mudo e, abrindo a pequena gaveta, puxei o celular de dentro. CHARLES, li no identificador de chamadas.

Meu coração acelerou enquanto pressionava o botão para responder. — Charles? É a Kate. Você está bem? Todo mundo está procurando por você!

Um soluço som veio do outro lado da linha. — O Vincent está aí?

— Não. Ele está dormente. Onde você está?

— Ele está dormente —, Charles repetiu em voz alta, e então o seu choro se tornou um choro ofegante e irregular. Em voz baixa, ele disse —,

Escute. Diga a minha tribo que eu sinto muito mesmo. Não queria que nada disso acontecesse desse jeito... — Sua voz foi cortada pelo som metálico de uma espada deixando a bainha. Teve um ruído quando o celular bateu no chão e, então, silêncio.

— Oh meu Deus, Charles! Charles! — Gritei no celular, e então uma voz baixa, tão macia quanto um bloco de gelo, começou a falar.

— Diga a Jean-Baptiste que se ele quiser o corpo do Charles, terá que vir pegar.

— O que você fez com ele? — gritei no telefone, minha voz entrecortada por facadas de pânico.

— Nós estaremos esperando nas Catacumbas. À meia-noite o jovem Charles virará fumaça. — A linha ficou muda.

A porta voou escancarada e uma Charlotte de olhar selvagem explodiu dentro do quarto. Ela olhou para o celular na minha mão e chorou —, O quê? O que aconteceu?

— Oh, Charlotte. — Senti o sangue sair da minha face quando segurei o celular acima para ela. — Ligue para os garotos. Diga a eles para vir para casa agora.

— Trata-se de Charles? — ela perguntou, começando a tremer.

Eu assenti.

Ela rolou pelos números de Vincent e fez uma ligação. — Jules, volte agora. É sobre Charles. — Ela desligou e disse —, Eles estão quase em casa. Eles já estarão aqui. Kate... — Ela procurou em meu rosto algum motivo de esperança. Eu não podia dar isso a ela. — Ele está morto —, ela disse. Isso era uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim.

— E os numa o têm?

— Sim.

Charlotte afundou no chão e abraçou seus joelhos contra ela. Lágrimas cursaram abaixo das pálidas bochechas. Eu me ajoelhei e coloquei meus braços ao redor dela, justamente quando a porta voou violentamente aberta e Jules e Ambrose se apressaram para dentro.

— O que aconteceu? — Jules disse, se jogando abaixo na frente da Charlotte.

— Pergunte a Kate —, ela soluçou. — Oh, Ambrose —, ela disse, estendendo os para o homem agachado ao lado dela. Ele se abaixou e se sentou, e então envolveu seus poderosos braços ao seu redor, segurando-a próximo.

Essa foi a primeira vez em que tinha visto os dois interagirem, e mesmo no meio desse trauma, alguma coisa estalou na minha mente. Havia alguma coisa ali entre Charlotte e Ambrose. Ele a segurava cuidadosamente, como se ela fosse quebrar. E ela absorveu o seu consolo como uma esponja.

Ele era o amor não correspondido que ela tinha mencionado aquele dia no rio. Aquele que "não se sentia da mesma forma". Ela não tinha falado sobre um humano. Tinha falado sobre Ambrose. Assim que o pensamento atravessou a minha mente, eu sabia que era verdade.

— Kate? — Jules perguntou, me estapeando para fora dos meus pensamentos.

— Charles ligou para o celular do Vincent —, eu disse. — Ele perguntou por Vincent e quando eu disse que ele estava dormente, ele me pediu para dizer a vocês que sentia muito. Que não queria que as coisas acontecessem desse jeito. E então... Soou como uma espada.

Charlotte deixou escapar um gemido e Ambrose a apertou mais.

— Outra pessoa pegou o celular e disse que se vocês quiserem o corpo do Charles, terão até a meia-noite para conseguir nas Catacumbas.

— As Catacumbas! — Jules disse a Ambrose, incrédulo.

— Merda. Nós procuramos em todos os outros lugares. — A voz de Ambrose era tingida de veneno. Charlotte começou a chorar mais. — Shhh —, murmurou Ambrose, mergulhando sua cabeça abaixo para que o rosto dela tocasse sua bochecha. — Ficará tudo bem.

— Vincent disse que temos que ir contar a Jean-Baptiste e Gaspard —, Jules disse.

No mesmo segundo em que me dei conta que Vincent estava no quarto, escutei as palavras, *Eu estou aqui. Está tudo bem.* Dei um suspiro em sinal de alívio sabendo que ele estava por perto.

Quando estávamos fazendo nosso caminho pelo corredor do andar de cima, vi Gaspard sair de um quarto dizendo —, Ok, ok, estou me apressando, Vincent. Qual é o problema? — E então, vendo a face contorcida de Charlotte, ele murmurou —, Oh meu. Sim. Já vi —, e abriu a porta do outro lado da dele, guiando todos para dentro.

O grupo entrou no quarto que parecia ter sido retirado de um castelo de Versalhes. Em um canto do quarto com tapeçaria, cortinas de veludo caiam em cascatas do teto cobrindo a cama. Espelhos e pinturas revestindo os papéis de parede e a enorme tapeçaria trabalhada com cenas de caças que pegava a maior parte da parede atrás da cama.

Jean-Baptiste estava no meio do quarto, sentado em uma escrivaninha de mogno de aparência delicada, escrevendo com uma caneta-tinteiro. — Sim? — ele disse calmamente e terminou de escrever sua sentença antes de olhar para nós.

Eu repeti letra por letra do que tinha dito aos outros poucos minutos antes.

— E a segunda pessoa ao celular se identificou? — perguntou Jean-Baptiste.

— Não —, respondi.

Eu vi os outros olharem uns aos outros cautelosamente.

— Poderia ter sido Lucien? — perguntou.

— Eu falei com ele só uma vez, em um clube barulhento. Realmente não sei dizer.

— Tem que ser uma armadilha —, Gaspard disse, torcendo as mãos.

— Claro que é uma armadilha —, Jean-Baptiste disse. Após um segundo de silêncio, eu o vi balançar a cabeça e dizer —, Compreendo. — Levantando da sua escrivaninha e andando pelo quarto para me encarar, ele disse —, Vincent disse que sua irmã planeja frequentar uma festa que Lucien está dando hoje à noite.

Eu tinha me esquecido completamente da festa. — Oh meu Deus — é verdade. — Ofeguei, empalidecendo quando pensei no perigo em que ela poderia estar correndo. — Vai ser uma festa grande acontecendo perto do *Place Denfert-Rochereau*. Um lugar chamado Judas.

— Denfert? — Ambrose deixou escapar uma risada maldosa. — É assim que é chamado agora. Costumava ser *d'Enfer*, "*Hell's Square*[28]". Bem em cima das Catacumbas. O lugar perfeito para um bando de demônios se estabelecerem.

— Faz todo sentido Lucien e seu clã acamparem entre os mortos. — Jules acrescentou. — Eles mesmos provavelmente proveem metade daqueles ossos.

[28] Praça do Inferno

Capítulo 35

Eu estive antes nas catacumbas em uma visita guiada para o público geral. Composta de uma série de minas medievais sob a cidade, elas são preenchidas com os ossos de séculos e séculos dos mortos de Paris.

Paris tem sido habitada há milênios, então, compreensivelmente, no século dezessete, todos os cemitérios adros[29] das igrejas estavam lotados. Alguns relatos dizem que os corpos boiavam ao redor da cidade sempre que o rio Sena inundava. Finalmente o governo condenou os pequenos cemitérios da cidade, desenterrando os corpos de sepulturas existentes e movendo os ossos para as cavernas subterrâneas debaixo das ruas de Paris.

As paredes da Catacumba eram revestidas com os ossos dos seus antigos residentes, organizadas em formas decorativas de corações, cruzes e outros modelos. Era o maior espetáculo macabro que eu já tinha visto. E só de pensar que alguém iria realmente gastar tempo ali... Estremeci incapaz de imaginar que tipo de monstro seria atraído para tal lugar.

— Ele disse onde nas Catacumbas éramos para ir? — Jean-Baptiste perguntou. — Os túneis percorrem quilômetros dando a volta na área.

Neguei com a cabeça.

Gaspard deixou a sala e retornou segurando um grande rolo de pergaminho. — Aqui está o mapa dos esgotos das Catacumbas —, ele disse.

[29] Adro: espaço, aberto ou fechado, que fica diante do portal de uma igreja.

— Tudo bem —, disse Jules. — Se Lucien quer que o encontremos nas Catacumbas enquanto ele está dando uma grande festa, então presumo que há uma entrada através do clube que ele é dono. Quase todos os porões do bairro têm escadas que levam às Catacumbas. Um de nós deveria observar o ponto de acesso.

— Eu quero ir também.

O grupo ficou em silêncio e todos me olharam boquiabertos.

— Para quê? — Jean-Baptiste perguntou.

— Minha irmã está em perigo. — Minha voz falhou pela emoção.

Jules colocou o braço ao meu redor carinhosamente. — Kate, sua irmã não está em perigo. Lucien e sua horda têm um peixe grande para pescar essa noite. Eles estarão pensando em como nos destruir. Uma humana será a última coisa na mente deles.

Ambrose concordou. — E sem ofensas, Kati-Lou, mas com suas habilidades de luta você será mais passiva do que ativa. — Ele olhou para Jean-Baptiste. — Entretanto, não devemos deixar o corpo do Vincent sozinho se os *numa* sabem que ele está aqui.

Jean-Baptiste olhou para Gaspard e assentiu. — Eu ficarei —, Gaspard concordou e então estendeu o mapa sobre a mesa. O grupo se amontoou para olhar sobre o ombro dele, todos contribuindo com seus conhecimentos pessoais para desenvolver um plano.

— Jeanne está com o jantar pronto na cozinha —, Jean-Baptiste finalmente disse. — Todos vocês devem comer algo ou pelo menos levar algo com vocês. Vão precisar de força para lutar.

Moderadamente, o grupo saiu da sala. Toda a reunião tinha durado menos de uma hora. Mas estava chegando as nove e o prazo estava se aproximando rapidamente.

Jules ficou para trás e caminhou comigo para fora do quarto. — Vincent está me pedindo para eu falar com você por ele, uma vez que a comunicação de vocês ainda é limitada.

Eu assenti.

— Ele disse que tem que ir conosco. Nós iremos precisar da ajuda dele para localizar Charles. Disse que quer que você volte para a casa dos seus avôs e espere lá.

— Não —, eu disse, teimando, e então disse novamente para o ar. — Não, Vincent. Estou doente de preocupação com todos vocês e Geórgia, e quero estar aqui quando vocês voltarem.

Jules escutou e depois disse —, Ele concorda que você está tão segura aqui com Gaspard como estaria em casa. Mas ele não quer que você se preocupe com Geórgia. Pelo menos, não esta noite. Enquanto ela estiver na festa, estará segura. Eles nunca irão lutar conosco na frente de centenas de pessoas.

Confie em mim, as palavras correram através da minha mente.

— Eu confio —, eu disse.



Pela próxima meia hora foi uma confusão controlada. Jeanne colocou uma grande variedade de alimentos na mesa e depois desapareceu escada abaixo para dentro do porão. Eu a segui até o ginásio-ringue-arsenal e observei enquanto ela abria e fechava as portas dos armários. Ela puxava cases de instrumentos musicais dos armários e os espalhavam abertos no chão com a mesma eficácia que usava para tirar croissants do forno.

— O que posso fazer para ajudar? — perguntei.

— Nada. Está feito —, ela disse enquanto retirava um enorme case de contrabaixo. Abertos mostravam-se conchas vazias com compartimentos embutidos que dividiam o interior, forrado de veludo, em doze diferentes seções. Vendo o formato e tamanho das armas penduradas nas paredes, não era difícil imaginar para que os cases serviam.

Charlotte foi a primeira a descer os degraus e começar a tirar as armas da parede. Escolhendo um par de espadas, uma adaga, alguns objetos estranhos que pareciam ninjas, como estrelas de arremesso e outras coisas

que eu não poderia nomear se tivesse que fazer, ela as aninhou dentro das fendas de um case de guitarra.

Ficando de sutiã e calcinha, começou a se vestir: primeiro uma camisa preta, colada e de manga comprida, depois calças pretas de couro enfiadas sob as botas de couro de cano alto. Jeanne a ajudou a prender o que parecia ser um colete Kevlar[30], e então ela jogou um suéter escuro com zíper sobre o traje. Um colete de pele falsa, sem mangas, com gorro e cheio de bolsos, terminou o seu uniforme. Ela parecia como a mulher braço direito de Atila, o Huno[31]. Ela parecia letal.

Toda a sua rotina de proteger e se trocar levou menos de cinco minutos, e na hora em que ela estava pronta, Ambrose e Jules desceram os degraus, enchendo suas próprias caixas com armas.

Ambrose tinha o case de contrabaixo e estava enchendo-o de armas variadas, machado, clavas, espadas e outras lâminas de aparência perigosa. Jeanne colocou as roupas dos garotos para fora, então esfregou as mãos juntas e olhou em volta orgulhosa, parecendo muito como uma mãe entusiasmada mandando os filhos grandes para a faculdade.

— Então todo esse carregamento militar é só para ir à guerra contra os *numa*? — Perguntei à Charlotte, que tinha vindo ficar perto de mim.

Um medo tinha começado a abraçar meu estômago, como uma miniatura de anaconda esmagando minhas entranhas. Não estava temendo por Vincent, duvidando que na forma volant ele pudesse ser ferido por Lucien e sua horda. Mas, ao ver o colete de Kevlar e camadas de roupas protetoras, me deu a noção de que meus novos amigos estavam se colocando em perigo mortal.

— Olhe quem está pronta primeiro. Como sempre —, Charlotte chamou, zombando de Ambrose e Jules, e então se virando para responder minha pergunta. — Não, Kate. Isso não é tudo sobre os numa. Salvar vidas não significa pular na frente de balas velozes ou empurrar suicidas para fora do caminho de trens. Nós estivemos em equipes da SWAT, agindo como seguranças, servindo nos esquadrões antiterroristas... — Ela gargalhou da

[30] Colete à prova de balas.

[31] Átila, também conhecido como Praga de Deus ou Flagelo de Deus, foi o último e mais poderoso rei dos hunos. Os Hunos são considerados os mais temidos de todos os povos bárbaros e também os principais responsáveis pela Queda de Roma, pois empurrou para dentro de Roma as tribos germânicas que quebraram a unidade política do Império.

minha expressão duvidosa. — Sim, até mesmo eu. Fiz isso dezessete vezes antes, e maquiagem e um corte certo de cabelo adicionam anos à minha idade.

Jules tinha prendido um arco e flechas em um grande case e estava sobrepondo-os com adagas e espadas. Ele olhou por cima do seu recipiente e, notando o meu olhar, me deu uma piscadela sedutora.

— Por que vocês apenas não usam armas? — Perguntei. Impressionada com suas atitudes casuais.

— Nós usamos armas quando devemos usá-las —, respondeu Charlotte —, Se estamos lutando ao lado de humanos nos casos que eu mencionei... seguranças e assim por diante. Mas as balas não matam revenants — ela parou — ou outros como nós.

Antes que eu pudesse pedi-la para esclarecer o que quis dizer com "outros", Ambrose, dando um laço na sua bota gigante com ponta de aço, gritou —, E mais, Katie-Lou, você tem que concordar... combate corpo a corpo é muito mais legal. — Apesar de tudo, gargalhei. Ele obviamente amava uma luta.

— Quantas vezes vocês lutaram contra Lucien e sua horda? — perguntei.

— Incontáveis vezes. É parte de uma batalha sem fim —, Charlotte respondeu.

— Bem, deve significar que vocês estão vencendo se ainda estão por aqui.

Ninguém respondeu. E então Jules rompeu o silêncio. — Vamos dizer apenas que costumava existir mais de nós. — A cobra dentro de mim constringiu tão apertadamente que eu não podia respirar.

— Costumava existir mais deles —, chamou Jean-Baptiste, quem, com Gaspard, desceu até lá. Charlotte, Ambrose e Jules ficaram ali, como se atentos, enquanto Jean-Baptiste caminhava para frente e para trás entre eles, cumprindo uma inspeção dos seus corpos armados e dos cases. — Nós temos tudo —, ele disse finalmente, acenando para os três em aprovação.

Ele tirou dois cabos de aparência normal de guarda-chuva e lançou um para Gaspard. Com um movimento rápido como um raio, Gaspard atraiu uma espada para frente, que saiu do cabo, e inspecionou sua lâmina.

Eles certamente pareciam como um mini exército, liderados por um general feroz. Mas individualmente, podiam passar por musicistas vestidos para uma apresentação — isso se a banda deles tivesse uma queda acentuada por couro.

Eles lideraram seus caminhos através das portas duplas para o fim do ginásio e subindo para o pátio traseiro, onde vários carros, motocicletas e scooters estavam estacionados. Jean-Baptiste subiu em um sedan azul meia-noite, enquanto Jules e Charlotte pegavam um 4x4 de tons escuros. Ambrose prendeu seu case a uma enorme Ducati e deu ignição na moto com um rosnado.

Enquanto os outros veículos ligavam seus motores, agarrei meus braços sobre o peito e apertei os dentes. *Essa não é minha luta,* pensei, *é a deles.* Mas não podia evitar me sentir inútil — como a donzela em perigo que nunca quis ser.

Ouvi Vincent dizer, *Quando nós acabarmos, voltarei para você.*

— Tenha cuidado —, murmurei.

Nada pode acontecer comigo, as palavras vieram. *Meu corpo está aqui com você.*

— Tome conta do restante deles, então —, eu disse.

Adeus, Kate, mon ange.

Os carros começaram a dar ré e, suavemente saindo um por um através dos portões para dentro da noite escura, eles se foram.

Capítulo 36

Gaspard pediu licença e disse que ele estaria na biblioteca, enquanto Jeanne e eu subimos os degraus de volta à cozinha em silêncio. Eu a assisti quando começou a limpar a refeição da hora. Ela deveria ter visto tanto ao longo dos anos. E eu precisava de uma distração. — Me conte sobre Vincent.

Jeanne enfiou sua toalha dentro do avental. — Deixe-me fazer para você um café antes —, ela disse. — Se vai ficar esperando eles voltarem, precisará de histamina.

— Isso seria ótimo, Jeanne. Obrigada. Você tomará um comigo?

— Não, querida, tenho que ir para casa. Minha família está esperando por mim.

Ela tem uma família, pensei, me perguntando por que eu estava surpresa. Ela também dividia seu tempo entre os mortos-vivos e os vivos. Pela primeira vez, senti uma ligação com ela.

Ela colocou meu café na mesa com uma jarra de leite e sentou-se perto de mim. — Então. O que posso contar a você sobre Vincent? — ponderou. — Bem, eu tinha dezesseis quando comecei a ajudar minha mãe aqui, lavando a roupa e passando. Isso foi a cerca de — ela fez uma conta mentalmente — trinta e nove anos atrás. — Ela se inclinou para trás na sua cadeira, apertando seus olhos como se, tentando assim, pudesse ver o passado. — Vincent era o mesmo que é hoje. Mais ou menos um ano. E

todos eles seguiam a moda da época, claro, de modo a não se destacar. Então o seu cabelo era um pouco mais comprido da primeira vez em que o vi. Oh, achei ele lindo.

Ela se inclinou para frente, para mim, com um brilho nos olhos. — Ainda acho. Mesmo que agora ele seja um mero adolescente e eu uma avó de quatro netos. — Ela se sentou para trás, sorrindo para si mesma.

— Enfim, havia mais *revenants* até aí. Estavam dispersos por toda Paris em prédios pertencentes à família de Jean-Baptiste. Agora, claro, uma vez que não existem tantos *revenants* remanescentes aqui em Paris, ele aluga os lugares. Faz uma verdadeira fortuna com os seus imóveis.

Ela suspirou e fez um pausa por um momento. — De qualquer forma, conheço Vincent desde a década de setenta e ele sempre foi um... tipo perturbado de garoto. Estou supondo que ele contou a você sobre Hélène por agora?

Assenti e ela continuou. — Bem, depois da morte dela — e a sua própria morte, claro — ele meio que se fechou emocionalmente. Depois de Jean-Baptiste tê-lo encontrado, ele assumiu completamente o papel de soldado. De acordo com o que eu ouvi, nada era tão perigoso para Vincent. Ele literalmente se jogava no caminho do perigo. Como se salvando centenas de estranhos fosse recompensar pela pessoa que ele não foi capaz de salvar. E isso continuou assim. Ele era como aquele robô vingador. Um lindo robô, se você me permite dizer, mas ainda assim...

Ela piscou e olhou avidamente para mim. — Alguns meses atrás, ele veio para a casa com uma faísca de vida em seus olhos. Eu não podia sequer imaginar o que tinha acontecido. E era você. — Jeanne se inclinou para frente e roçou minha bochecha com a extremidade da sua mão, sorrindo.

— Você, linda garota. Você deu vida nova ao meu Vincent. Ele pode ser forte de espírito, mas ele tem uma alma delicada. E você o tocou. Por todo o tempo que eu o conheço, sua única motivação tinha sido vingança e lealdade, o que pode ser também por ele ser um dos poucos sobreviventes. Mas agora ele tem... — Ela parou, pensando duas vezes sobre o que estava para dizer, e resolveu por —, Você.

Seu sorriso era compassivo. — Esse não será um relacionamento fácil para você, querida Kate. Mas persista. Ele vale à pena.

Jeanne enfiou o seu avental na alça do fogão, me beijou, e começou a juntar suas coisas. — Vou te levar até lá fora —, disse a ela, de repente, percebendo que eu ia ficar naquela enorme casa com ninguém além de um *revenant* de cento e cinquenta anos de idade e o corpo morto do meu namorado para me fazer companhia.

— Você vai ficar bem? — perguntou Jeanne.

— Sim —, menti. — Sem problema. — Nós nos aproximamos da fonte de granito no meio do pátio e eu me sentei na sua beirada, gesticulando um tchau enquanto Jeanne se apressava para fora, atravessando o portão. Ele se fechou atrás dela. Eu ergui meu olhar para a estátua na fonte de um anjo abraçando a mulher.

A primeira vez que os tinha visto, não tinha ideia do que Vincent era. Nunca tinha ouvido falar de revenant — nem da espécie de assassinos ou da espécie que gasta sua existência salvando a humanidade. Mesmo assim, a fonte já parecia verdadeiramente assustadora para mim.

Agora, quando olho para a beleza etérea das duas figuras conectadas — o lindo anjo, com suas fortes e sombrias feições focadas na mulher sendo embalada em seus braços estendidos, que era toda suavidade e luz — não me passa despercebido o simbolismo. O anjo era um *revenant*, mas era bom ou mal? E a mulher nos seus braços estava dormindo ou morta? Eu me aproximei.

A expressão do anjo parecia desesperada. Obcecada, até. Mas também terna. Como se ele estivesse contando com ela para salvá-lo, e não vice-versa. E de repente, o nome de Vincent me chamando veio à mente: *mon ange*. Meu anjo. Estremeci, mas não de frio.

Jeanne tinha dito que ter me encontrado tinha transformado Vincent. Eu o tinha dado uma "vida nova". Mas estava ele esperando que eu salvasse a sua alma?

Eu olhei para a mulher. Uma nobre força radiava das suas feições e a luz da lua refletia da sua pele em direção ao rosto do anjo. Ele parecia cego pela luz. Eu tinha visto a expressão do anjo antes: Seu rosto era como o de Vincent quando olhava para mim.

Fui dominada por uma corrente de emoções: assombro por Vincent ter encontrado em mim o que estava procurando; medo das suas expectativas, preocupação de não ser forte o bastante para carregar esse fardo. Elas estavam todas ali. Mas, mais forte que elas, era o desejo de dar a ele o que ele queria. Estar ali para ele. Meu destino poderia incluir ajudar Vincent a ver que poderia haver mais à sua existência do que vingança. Poderia haver amor.



Eu praticamente corri de volta para o quarto de Vincent, me colocando na sua cama até estar deitada ao lado dele. Seus traços frios sem expressão; seu corpo primoroso era nada além de uma concha vazia.

Tentei imaginá-lo como Jeanne tinha descrito... um violento e vingativo soldado. E embora a figura que instintivamente veio à mente fosse de um sexy sorriso de olhos-meio-fechados que ele sempre me dava, eu *era* capaz de imaginá-lo como um feroz vingador. Havia algo perigoso nele, como havia em todos os *revenants.*

Só de saber que um acidente fatal poderia estar bem ao redor da esquina fazia dos humanos mais cautelosos, uma marca que Vincent e seus companheiros *revenants* não possuíam. A falta de medo de se machucar, ou até mesmo da morte, deu a eles uma confiança imprudente que era tanto excitante quanto aterrorizadora.

Tracei suas feições com os dedos e pensei sobre a primeira vez que o tinha visto assim. Seu corpo morto tinha me repelido então, mas agora eu sentia uma crescente certeza de que podia suportar o que quer que fosse dado a mim. Para estar com Vincent eu teria que ser forte. Corajosa.

Ouvi a campainha de mensagem de texto do meu celular tocar e pulei da cama para agarrá-lo. Era da Geórgia:

Deixei a festa. Preciso falar com você asap[32].

Eu: Você está bem?

Geórgia: Não.

Eu: Onde você está?

Geórgia: Do lado de fora da casa do Vincent.

Eu: O que??? Como você sabia que eu estava aqui?

Geórgia: Você me disse.

Eu: Não, eu não disse.

Geórgia: Preciso ver você. Qual é o código?

Por que ela estava fazendo isso? E o que eu podia fazer? Ela obviamente precisava de mim, mas não podia apenas lhe dar o código.

Eu: Não posso passá-lo. Irei para fora conversar.

A campainha da porta tocou. Corri, descendo o corredor até a porta da frente e pressionei o botão na tela de vídeo. A luz da câmera ligou, e olhando as lentes em cima, estava a minha irmã.

— Geórgia! — Gritei no interfone. — O que você está fazendo aqui?

Quando ela ouviu a minha voz, gritou. — Oh meu Deus, Kate, sinto muito, muito mesmo!

— O que aconteceu? — Perguntei, pânico elevando minha voz enquanto eu via o medo e angústia no seu rosto.

— Sinto muito, sinto muito —, ela gemeu, erguendo as mãos trêmulas para sua boca com terror.

— Pelo que, Geórgia? Diga! — Gritei.

— Por me trazer aqui —, disse uma voz baixa, e Lucien apareceu na imagem e colocou uma faca na garganta da Geórgia.

— Abra o portão ou vou matá-la. — As palavras maldosas me afetaram tanto quanto se Lucien estivesse em pé perto de mim, ao invés de estar do outro lado do pátio atrás de um portão trancado.

— Sinto muito, Kate —, Geórgia chorou suavemente.

Levantei meus dedos ao botão com um símbolo de chave debaixo dele.

[32] asap: assim que possível

Gaspard começou a correr para baixo os degraus atrás de mim. — Não faça isso! — gritou.

— Mas ele vai matar a minha irmã!

— Darei a você três segundos antes de cortar a garganta dela —, veio a voz de Lucien sobre o alto falante. — Três...

— Só tenho a minha bengala... Espere até eu chegar ao depósito de armas —, gritou Gaspard, alcançando o fim da escada e se arremessando na minha direção.

— Dois...

Olhei para trás, para Gaspard desesperado, enquanto apertava o botão. O portão destrancou.

— Tranque a porta atrás de mim, Gaspard, e não o deixe entrar. Você tem que proteger Vincent! — Gritei. E depois saltei para o lado de fora, batendo a porta atrás de mim e me virei para encarar o demônio.

Capítulo 37

LUCIEN ESTAVA no pátio, na minha frente, segurando a faca nas costas da Geórgia.

— Boa noite, Kate —, ele disse com uma voz fria e precisa. Sua expressão era assassina e sua enorme estrutura pareceu duas vezes maior agora que estava pairando sobre mim. Como Geórgia pôde sequer ter visto algo sedutor nesse monstro aterrorizante estava além de mim.

— Agora seja uma boa garota e me leve para dentro.

— Não posso —, disse. — Está trancada. Não posso fazer nada por você, então pode deixar Geórgia ir. — Senti como se tivesse vencido essa rodada, mas não tinha ideia do que viria a seguir.

— Gaspard, eu sei que está aí dentro —, gritou Lucien. — Agora saía ou terá o sangue de duas humanas em suas mãos.

Antes que ele pudesse terminar, a porta abriu e Gaspard andou para fora, segurando a bengala-espada na frente dele.

— Não, não faça isso, Gaspard! — gritei. *O que ele está fazendo?* Pensei descontroladamente. Ele tinha que ficar trancado dentro da casa, protegendo Vincent. Minha irmã era somente minha responsabilidade.

Gaspard me ignorou. Avançando, disse calmamente —, Lucien, seu sanguessuga desprezível. O que traz seu pútrido cadáver a nossa humilde residência nesta ótima noite? — ele tinha recapturado o ar nobre que

mostrava no dia em que o vi treinando com Vincent. O poeta inquieto e gago tinha se transformado em um formidável lutador.

Lucien deu um passo em direção a ele, e eu agarrei o braço da Geórgia e a puxei para longe. — Vamos fugir daqui —, sussurrei, mantendo um olho nos homens.

— Você parece estar extremamente carente de armas essa noite, sua triste desculpa para um imortal —, Lucien rosnou.

— Pra mim, parece uma lâmina de igual mérito à faca de pão que você carrega, seu verme repugnante —, Gaspard disse, e se lançou para Lucien com a espada, fazendo um corte limpo sobre o rosto enorme.

Embora um pequeno fio de sangue tenha escorrido dele, Lucien nem mesmo vacilou. — Igual, talvez, seu ridículo salva-vidas-lazarento, mas foi por isso que trouxe reforço. — E puxou uma arma do seu casaco e disparou em Gaspard no ponto cego entre os olhos.

O velho *revenant* cambaleou para trás um par de passos enquanto sua testa absorvia a bala. Então, em câmera lenta, cuspiu para fora a bala e ela caiu, tinindo enquanto saltava no pavimento. Lucien usou os dois segundos que Gaspard esteve atordoado para saltar sobre ele e jogá-lo ao chão.

Peguei a mão da Geórgia e comecei a correr com ela em direção ao portão. — Parem bem aí ou vou atirar nas duas —, Lucien disse, apontando sua arma na nossa direção enquanto montava sobre o corpo em resistência de Gaspard. Nós congelamos. — Agora andem de volta para cá. Vocês vão comigo. — Ele observou, sem emoção, enquanto nos aproximávamos. — Mais perto —, exigiu. Uma vez que estávamos dentro do alcance do seu braço, ele recolocou a arma no coldre.

Então, pegando sua maciça faca, impulsionou-a alto no ar antes de levá-la para baixo como um machado ao pescoço de Gaspard. Geórgia e eu gritamos como uma só, um grito ensurdecedor, e nos agarramos uma a outra, lágrimas se ocultando nos braços de ambas com horror.

— Um pouco enjoadas, não estão, senhoritas? Bem, há mais por vir. Agora, dentro, vocês duas —, ele disse, tirando um lenço de mão do seu bolso e enxugando a lâmina antes de estendê-la na nossa direção.

Não podia suportar olhar de novo para Gaspard enquanto andava obedientemente para dentro do hall de entrada. Lucien olhou rapidamente ao redor. — Bom lugar que eles conseguiram aqui. — Seus olhos piscaram de volta para mim com um olhar perfurante. — Agora, me mostre onde ele está.

— Quem? — perguntei, minha voz tremendo.

— Quem você acha? Garoto-amante —, zombou, chegando mais perto de mim e empurrando Geórgia entre nós.

— Ele não — ele não está aqui —, gaguejei.

— Aww, que doce. Tentando proteger seu namorado zumbi. Mas eu sei que você está mentindo, Kate. Charles me contou que ele está dormente. E meu colega acabou de me dizer que Jean-Baptiste e companhia, incluindo o fantasma de Vincent, apareceram todos ao meu pequeno encontro nas Catacumbas. Então vamos apenas acabar com os joguinhos e ir direto ao ponto.

— Não vou te levar até ele —, eu disse, dando um passo para trás para evitar Geórgia, quem ele tinha empurrado contra mim.

— Oh sim, você vai —, Lucien disse calmamente, sustentando a faca levantada. Sua lâmina brilhando sob a luz do lustre.

Geórgia chorou —, Não diga a ele, Kate. Ele disse que ai matá-lo.

— Vadia —, Lucien grunhiu e, agarrando Geórgia pelo cabelo, puxou sua cabeça para trás e segurou a faca na sua garganta.

Neguei com a cabeça e sussurrei —, Prefiro morrer a levá-lo até Vincent. — Mas vendo o pânico nos olhos de Geórgia, senti algo escorregar dentro de mim.

— Ótimo —, disse Lucien. — Estava esperando levar Geórgia em segurança junto comigo depois de pagar uma visita a você, mas estou perfeitamente disposto a fazer uma mudança nos planos. — A faca brilhou enquanto ele a deslizava sobre o pescoço branco da Geórgia. Ela gritou, mas ele não soltou o seu cabelo.

— Geórgia! — chorei horrorizada, enquanto via gotas de sangue escorrem do corte que ele fez.

— Quanto mais tempo você esperar, mais profundo cortarei —, ele disse. — Isso não machucou você, querida, machucou? — perguntou, olhando maliciosamente para Geórgia e dando a ela um beijo na bochecha.

Seus olhos viraram descontroladamente na minha direção e eu gritei —, Tudo bem, tudo bem. Basta parar e vou levá-lo até ele. — Lucien assentiu, esperando, mas colocou a faca firmemente perto do pescoço manchado da Geórgia.

Minha mente acelerou em uma dúzia de direções diferentes, se prendendo em formas de desnorteá-lo. Eu podia levá-lo para cima ou para dentro de um dos outros quartos, mas o que isso iria fazer além de enfurecê-lo mais?

— Mova-se! — Lucien exigiu, e eu segui pela porta ao corredor dos empregados, minha mente ainda procurando por uma forma de ganhar tempo. Eu andei tão lentamente quanto foi possível, mas não pude surgir com um plano que não terminasse com a garganta da minha irmã sendo cortada ou, mais provavelmente, ambas sendo mortas. Não havia nada que eu pudesse fazer além de implorar ao Vincent para voltar, sabendo que era impossível: Ele estava no meio da cidade ajudando seus parentes.

Eu os conduzi através da porta para dentro do quarto de Vincent, e dei um passo ao lado para deixar Lucien passar. Ele soltou Geórgia e se moveu rapidamente até a cama, gargalhando enquanto se aproximava dela. — Ah, Vincent. Você está parecendo melhor do que nunca —, disse. — O amor parece satisfazê-lo. Pena que não poderia durar. — Olhando ao redor do quarto, fixou seus olhos na lareira.

— Sentem-se —, ele disse a nós, apontando com a faca o sofá. Ele começou a empilhar lenha e gravetos na lareira, e jogou um fósforo nela.

Com o rosto nas mãos, minha irmã começou a chorar e abaixou a cabeça no meu ombro. — Kate, me desculpe por não ter acreditado em você.

— Shh. Isso não importa agora. Você está bem? — sussurrei. — Deixe-me ver seu pescoço.

Ela ergueu a cabeça e eu toquei no corte da faca. Não era muito mais do que um arranhão. — Não é tão ruim assim —, eu disse, enxugando uma gota de sangue com o meu dedo.

— Quem se importa com meu corte? — ela sussurrou. — Nós nunca sairemos daqui vivas. Acabamos de vê-lo assassinar alguém. O que há de errado com Vincent, de qualquer forma? Por que não está se movendo?

— Ele meio que está... Em coma —, respondi.

— O que aconteceu? — perguntou horrorizada.

— Geórgia —, eu disse, olhando para ela firmemente —, Lucien não disse nada a você enquanto lhe trazia aqui? Você não sabe... o que eles são?

Ela negou com a cabeça, confusa.

Não havia jeito de que pudesse evitar contar a ela. E vendo que talvez não vivêssemos essa noite, não vi sentido em esconder o que deveria ter sido óbvio por agora. — Geórgia, eles não são humanos... Vincent e Lucien.

— O que eles são, então?

— É complicado —, comecei, e depois, vendo lágrimas de confusão começarem a brotar em seus olhos, respirei e disse —, Eles são chamados de *revenants*. São mortos-vivos.

— Eu não... Eu não entendo.

— Isso não importa, Geórgia —, insisti, agarrando suas mãos bruscamente e forçando-a a olhar dentro dos meus olhos. Falei as palavras lentamente, tanto para meu benefício quanto para o dela. — Não me importa o que Vincent é. Nós não podemos deixar Lucien destruí-lo.

Seus olhos fizeram uma busca pelo meu rosto. Pela primeira vez, não me arrependi de ser um livro aberto. O espanto e medo deixaram o rosto de Geórgia e foram substituídos por um olhar de pura determinação. Minha irmã sempre tinha estado ali para mim, e ela estava aqui para mim agora. Por mais insanas que as palavras saindo da minha boca soaram, ela não duvidou de mim por um segundo.

— O que podemos fazer? — sussurrou. Balancei a cabeça e observei Lucien usar um atiçador para mover as toras ao redor. O fogo pegou e disparou para cima, explodindo em uma fogueira controlada enquanto o cheiro de madeira queimada inundava o quarto.

— Ele vai tentar queimar o corpo do Vincent —, sussurrei de volta. — Nós não podemos deixá-lo.

Como se validando tudo o que disse a ela, Lucien se virou. — É uma pena ter que descartar o corpo do meu velho inimigo antes de dá-lo a chance de me ver matando a sua namorada com seus próprios olhos. Seria uma vingança apropriada por atirar em minha esposa enquanto eu observava.

— A sua saída com Geórgia não foi uma coincidência, né? — perguntei, a realização subitamente me sacudindo.

— Claro que não! Não existem coincidências —, ele forçou um sorriso enquanto Geórgia respirava fortemente ao meu lado. — Eu vi vocês duas juntas no rio alguns meses atrás depois que Vincent salvou aquela adolescente lamentável que pulou da ponte.

— Você era um dos que saíram em disparada com um carro depois de quase nos atropelar! — ofeguei.

— Meus cumprimentos —, Lucien riu e se curvou para nós. — Então quando vi Vincent saindo do Metrô com você nos braços depois do segundo suicídio consecutivo que ele arruinou para mim, percebi que você deveria ser alguém especial para ele. E foi tão fácil descobrir tudo sobre você depois disso, incluindo o fato de que sua irmã festeira era uma cliente regular de várias boates minhas. Que não chega a ser uma coincidência também, uma vez que ela não é muito discriminativa em relação aos lugares que frequenta e dos grupos que anda.

Senti Geórgia se esvaziar com essas palavras e Lucien riu, aproveitando a reação dela. — Você me usou para chegar a Kate —, ela murmurou, impressionada com a revelação.

Lucien sorriu e deu de ombros. — Sem ofensa, querida.

— Mas como você sabia que eu estava aqui esta noite? Como sabia que trazer Geórgia com você seria como um passe-livre humano pela porta?

— Pude perceber que Charles estava falando com um humano ao celular. Que outro humano iria atender o celular do Vincent? Então reconheci sua voz. E isso me deu essa maravilhosa ideia! — ele gesticulou para incluir o quarto e o corpo do Vincent. — Como você acha que me tornei um empresário tão bem sucedido se não soubesse como agarrar uma boa oportunidade quando está sentada bem na minha frente?

— Oh, eu não sei —, eu disse, revoltada com a sua superficialidade. — Mentindo, chantageando, assassinando... Seriam apenas as minhas suposições.

— Ah, estou lisonjeado. É como música para os meus ouvidos. — Ele estalou seus nódulos ruidosamente enquanto passava por nós em seu caminho para a cama, e então, inclinando-se, ergueu o corpo rígido do Vincent em seus braços e falou com ele como se estivesse ali.

— Pena você ter que perder o banho de sangue no seu próprio quarto. Isso me lembra da minha própria morte. Mas desde que seu espírito passa a estar em algum outro lugar, quando eu destruir o seu corpo você terá toda a eternidade para flutuar e meditar sobre isso. — Lutando levemente com o peso morto do corpo, ele começou a andar em direção a lareira.

— Não! — gritei, pulando para cima e correndo até me posicionar entre Lucien e a lareira.

— O que você vai fazer, pequenina? Chutar-me na canela?

Geórgia saltou do sofá e correu atrás de mim, agarrando os braços dele. Ela soltou um grito de puro ódio enquanto o arranhava, meramente conseguindo desacelerá-lo. Corri até ele e tentei empurrá-lo para trás, longe do fogo. Mas até mesmo dando toda a minha força, ele não cedeu.

— Bem, cuspa na minha cova vazia — se isso não é o ataque das princesas da Disney! — ele rosnou irritado, e, se inclinando para colocar o corpo do Vincent no tapete, deu uma açoitada ao redor e mandou Geórgia voando para trás com um movimento circular do seu braço poderoso.

Ela aterrissou contra a lateral da cama, sua cabeça estalando forte contra a madeira da moldura da cama. Ele andou até ela e, parando até ela encontrar o seu olhar, disse —, Sinto muito por ter que fazer isso —, e pisou na sua mão. Ouvi os ossos estalando dolorosamente justo antes de ela gritar. — Realmente, não sinto tanto —, ele disse, inclinando a cabeça de lado enquanto a observava contorcer-se. A dor deve ter sido excruciante: Seus olhos se reviraram e ela caiu sobre si inconsciente.

Pegando o pesado atiçador de ferro perto da lareira, corri até onde ele estava e o trouxe abaixo com toda a minha força nas costas dele.

— Droga, garota, dê isso para mim —, ele gritou e puxou a arma para fora das minhas mãos, jogando-a como um palito de fósforo em um canto distante. — Se você quer bater em algo, pode me ajudar a arrancar a cabeça do garoto-amante.

Estendendo a mão, ele puxou uma das espadas de onde estava pendurada acima da cornija. A segunda espada caiu no chão. Eu me arremessei até ela e a peguei pelo cabo, cambaleando para trás por causa do peso.

Lucien ficou em pé, segurando sua espada em uma mão sobre o corpo do Vincent, e me observou com divertido sorriso. Lutei para erguer minha lâmina e, tremulamente, a apontei para ele.

— Não chegue mais perto dele —, eu disse.

— Ou o quê? — ele cuspiu. — Se você desejava morrer antes de ver o seu namorado decapitado, tudo o que tinha que fazer era me pedir. Mas espero que você me permita um pouco de diversão primeiro. Já faz tempo que matei uma mulher com minhas próprias mãos.

Ele se lançou para mim, raspando meu ombro direito com sua lâmina. Um pequeno jorro de sangue derramou através do corte na minha camisa e escorreu pelo meu braço. Olhei para isso um segundo, sentindo-me nauseada. E então olhei de volta para o corpo de Vincent deitado e sem vida no chão, e minha coragem retornou. Com toda a minha força, ergui a espada.

— Isso mesmo —, ele disse sarcasticamente. — Você tem que colocar um pouco mais de músculo por trás disso. — Ele estava brincando comigo. Eu deveria estar grata — se ele gastasse até mesmo um pouco de esforço, estaria morta. Mas ao invés de me sentir intimidada, sua condescendência me enfureceu.

Cheia de raiva, impulsionei a grande arma para ele, e ele deu um passo agilmente para o lado enquanto a lâmina afundava contra os ladrilhos terracotas do piso, quebrando uns dois ao meio e mandando um largo pedaço de barro voando através do ar. Sua espada brilhou na lareira e eu senti picadas me queimando na perna. Olhei para baixo e vi que meu jeans estava rasgado e, através do corte, um córrego de sangue fluía da ferida na parte superior da minha coxa, bem abaixo do meu quadril.

— Agora isso está ficando divertido! — Lucien disse com um brilho nos olhos. — Você tem até mesmo mais coragem que a sua irmã. Nunca teria imaginado. Será uma pena matar você antes de descobrir o quanto corajosa você pode ser. Você tem apenas que me acompanhar, junto com a cabeça do Vincent, claro, de volta para minha a casa, para que possamos ter uma pequena diversão.

Tentei erguer o peso da espada de novo, mas falhei. Meus braços não estavam funcionando bem. Eu tinha usado toda a minha energia naquele golpe e meus músculos pareciam elásticos.

— Toda essa vontade terá fim em apenas um segundo. Se você se mover um centímetro, vou colocar essa espada atravessada na sua linda cabeça —, ele avisou, e então se virou e começou a deslocar o corpo do Vincent pelo cômodo. Geórgia começou a gemer do outro lado do quarto. Seus olhos estavam meio abertos agora, mas ainda estava deitada imóvel no chão.

Lutei contra uma onda de desespero e subitamente percebi que não me importava se ele me matasse. Eu iria lutar com ele até mesmo se isso significasse a minha própria morte, mesmo se não fizesse a mínima diferença no final. Por que seria melhor morrer lutando do que sobreviver a esse pesadelo e viver uma longa e pesarosa vida com apenas a memória de Vincent para me abraçar. Reunindo cada pedacinho de força que me restava, ergui minha espada.

Do nada, ouvi as estaladas e estáticas palavras: *Estou de volta.* Meus olhos se arregalaram enquanto olhava ao redor do quarto e me assegurava de que aquela voz estava vindo do meu interior. — Vincent —, sussurrei.

Rapidamente, Kate. Você me deixaria entrar?

— Entrar? — juntei as peças do quebra-cabeça desvairadamente por uma fração de segundos e, então, percebendo o que ele estava perguntando, disse —, Sim.

De repente o meu corpo não era mais meu. Era como se uma porta tivesse sido aberta no fundo da minha cabeça e um poderoso surto de energia se derramou por ela, e ricocheteando através de mim, me preenchendo até sentir que ia explodir.

Mesmo que eu ainda estivesse consciente, meus membros começaram a se mover sem a minha vontade de movê-los, e ergui a grande espada com

facilidade, levantando-a alto com ambas as mãos em uma curva elíptica. Ela permaneceu pronta ali por um segundo, imóvel no ar, até eu trazê-la para baixo com um poderoso movimento encurvado, cortando de modo limpo o braço esquerdo de Lucien.

Ele rugiu de raiva e largou sua espada, cobrindo a ferida com a mão. Girando em seu calcanhar, ele me encarou com choque e então saltou para mim, seu braço ferido pendendo na sua lateral e esguichando sangue escuro em cima do ladrilho do chão.

Saltei para o lado como um gato, levantando a espada em posição vertical, e me agachei por um segundo antes de correr em direção a Lucien, que cambaleou para trás, perto da espada que tinha largado no chão. Trazendo minha arma para cima, oscilei-a de novo no seu braço direito, em cima do seu braço estendido. Ele soltou um uivo e girou ao redor com espada na mão.

Ele se levantou por um segundo me encarando, sem compreender, enquanto sangue se derramava da ferida ao lado. Então, com um andar cambaleante, ele se disparou para mim, mas falhou no último segundo quando se desequilibrou tropeçando sobre o corpo do Vincent.

Saltei para a direita, longe dele, e então, me impulsionando novamente, dei outra girada para a cabeça dele, errando quando ele mergulhou para me evitar. Ele se lançou de lado da sua posição agachada, apertando os olhos enquanto me olhava, e então, de repente, seus olhos se ampliaram de surpresa. — Vincent. Você está aí? — perguntou, incrédulo.

Senti-me rir e as palavras de Vincent saíram da minha boca, com a minha própria voz. — Lucien. Meu velho inimigo.

— Não —, Lucien disse, sacudindo a cabeça e segurando a espada para cima defensivamente com seu braço bom. — Isso não é possível. Você está nas Catacumbas.

— Parece que você está errado aí —, Vincent disse através de mim. — Você nunca foi o mais brilhante zumbi do cemitério.

Lucien rosnou e disparou para mim, mas saltei agilmente para um lado enquanto ele tropeçava e se impedia de bater na cama.

— Então, o que exatamente você está tentando fazer aqui? — minha voz disse calmamente. — Ia levar a minha cabeça de volta para Jean-Baptiste e então começar a trabalhar no assassinato do resto da minha família?

— Eu só estou resolvendo alguns assuntos pendentes —, sibilou Lucien. — Eu não podia me importar menos com seus parentes, entretanto, agora que você os mencionou, poderá ser divertido manter uns poucos r*evenants* para churrasco uma vez que eu matar Kate e levar a sua cabeça de volta com uns gravetos.

— É a parte "matar Kate" que eu acho que poderá encontrar dificuldade —, ouvi a mim mesma dizer, enquanto corria para ele, sentindo uma força percorrendo o meu corpo que foi por muitas vezes meu. Lucien sustentou sua espada para me encontrar, mas eu cheguei mais rápido do que ele pôde reagir.

— Isso é por todos os inocentes que você traiu até as suas mortes —, eu disse, e cortei profundamente o seu já ferido braço direito.

Sua espada foi tinindo no chão, e ele gritou, cambaleando em direção ao fogo. Sangue gotejava no fogo enquanto ele se inclinava sobre ele, caindo de joelhos para agarrar a faca que tinha colocado perto da lareira. Então, com incrível velocidade, ele pulou sobre os pés e lançou a faca para a minha cabeça. Eu pulei para fora do caminho, mas não fui rápida o bastante, e a lâmina perfurou de modo limpo o meu ombro direito.

Não gritei. Não tive tempo. Transferindo a espada para a minha mão direita, com a minha esquerda tirei a faca do meu ombro. Então, sem vacilar, eu a arremessei de volta para ele com uma força sobre-humana, derrubando-o para trás um passo enquanto a lâmina se alojava profundamente através do seu olho esquerdo para dentro do seu cérebro. — E essa é por toda a minha família que você destruiu —, eu me ouvi dizer. O olho restante de Lucien rolou para cima e, com a boca aberta, ele tropeçou na minha direção, como se estivesse em câmara lenta.

Eu me virei e saltei sobre a mesa de café. Segurando a espada em ambas as mãos, eu a impulsionei alto no ar e a trouxe para baixo em direção ao seu pescoço com um poderoso e horizontal movimento curvilíneo. Senti a lâmina

cortar de modo limpo, atravessando e mandando sua cabeça voando pelos ares em um arco sangrento.

O corpo sem cabeça ficou na mesma posição por uns dois segundos antes de despencar no chão em uma pilha. — Queime no inferno —, Vincent disse enquanto eu erguia a cabeça pelos cabelos e avançava com ela para a lareira.

Só então a porta se escancarou e Ambrose explodiu por ela, gritando como um louco e oscilando o machado de guerra em uma mão. Seu outro braço estava rasgado com um talho significante e suas roupas em farrapos estavam manchadas de carmesim. Um ribeirão de sangue descia pelo seu rosto de uma ferida no couro cabeludo.

Seus olhos alucinados se fixaram no corpo decapitado de Lucien e então vibraram para frente, para o corpo de Vincent estirado no tapete perto da lareira. Ele olhou para mim, em pé a alguns metros de distância, segurando uma enorme espada sem esforço em uma mão e a cabeça do Lucien na outra. Ele assentiu silenciosamente e eu assenti de volta. Virando-me para a lareira, lancei a grotesca cabeça dentro das chamas.

— O corpo —, eu disse, e agarrando o cadáver de Lucien pelos braços e pernas, Ambrose e eu o carregamos até o fogo, balançando-o levemente para trás antes de soltá-lo no topo das toras pegando fogo.

— Vincent, é você aí? — Ambrose disse, dando um passo para longe e olhando para mim. Minha cabeça afirmou. — Bem, melhor que seja, por que se for somente você, Katie-Lou, estou oficialmente com medo. — Sorri para ele, e ele sacudiu a cabeça em descrença.

— Saía daí, Vin, você está me assustando —, ele disse.

Pronta? Vincent me perguntou.

— Sim —, respondi e, imediatamente, senti o sopro de energia partindo do fundo da minha cabeça. Parecia que meu corpo era um balão desinflando, e Ambrose veio adiante para me pegar quando caí. Ele me colocou cuidadosamente no chão.

Kate! Você está bem? Vieram as palavras de Vincent imediatamente.

Assenti. — Estou bem.

Sua mente. Sem confusão? Pânico?

— Vincent, não sou diferente de ninguém, exceto que não sei se serei capaz de me mover por uma semana, estou tão exausta.

Impressionante.

— O corpo do Gaspard está do lado de fora —, eu disse, me virando para Ambrose.

— Nós vimos. Jean-Baptiste o tem. Ele estará bem.

— E em relação aos outros? — perguntei, olhando para o sangue da sua camisa.

Ele assentiu. — Todos nós conseguimos voltar.

Dei um suspiro de alívio. — E Charles?

— Temos o seu corpo —, Ambrose respondeu, e então, gesticulando em direção à cama, perguntou —, O que sua irmã está fazendo aqui?

— Oh meu Deus, Geórgia! — chorei e olhei para a minha irmã. Usei meu último pedaço de força para rastejar até ela e tocar o seu rosto sem sangue.

— Você está bem? — perguntei a ela.

— Acho que sim. Só dói se me movo —, ela respondeu, sua voz fraca.

— Ela precisa de ajuda —, eu disse urgentemente para Ambrose. — Pode ter tido uma concussão — ela realmente bateu a cabeça forte e estava inconsciente até pouco tempo. E tenho certeza absoluta que sua mão está quebrada, também.

Ambrose se agachou sobre ela e, sendo cuidadoso para não mover o seu pescoço, tirou-a de sua posição amassada e a deitou esticada ao chão.

— Precisamos levá-la ao hospital —, eu disse.

— Ela não é a única que precisa de atenção médica —, Ambrose respondeu, apontando para o meu ombro.

Olhei para baixo e vi minha camisa ensopada de sangue. Até então, não tinha sentido isso antes. Agora, uma dor ardente corria através do meu braço, explodindo enquanto alcançava o corte aberto. Agarrei meu ombro e depois, com a mesma rapidez e estremecendo de dor, deixei a mão cair.

Ouvindo passos acelerados no corredor, olhei para a porta justo quando Jules explodiu por ela. — Kate? — perguntou, pânico em sua voz.

— Ela está bem —, considerou Ambrose. — Fatiada no ombro e um pouco na perna, mas está viva.

Jules olhou ao redor do quarto descontroladamente, e vendo a forma do Vincent perto da lareira, caiu de joelhos com alívio. Segurando as mãos na cabeça, ele disse suavemente ao ar —, Vince, oh cara, estou tão feliz que você ainda esteja aqui.

Uma pungente fumaça acre começou a derramar da lareira enquanto o corpo do Lucien pegava fogo. Olhando naquela direção, Ambrose disse —, Devemos sair daqui se não quisermos sufocar com a fumaça.

Jules ficou em pé, abriu as janelas, e então se agachou perto de nós. — Como ela está? — perguntou, acenando na direção da Geórgia.

— Viva —, eu disse.

— E você? — ele disse, embalando o meu rosto com a mão.

Lágrimas nublaram meus olhos. — Eu estou bem —, eu disse e rapidamente as enxuguei.

— Oh, Kate —, ele disse e se inclinou na minha direção, me envolvendo em seus braços. Era exatamente o que eu precisava: toque humano. Tudo bem, não humano, tanto faz. Uma vez que Vincent não estava aqui para me abraçar, Jules era mais do que adequado como um substituto.

— Obrigada —, sussurrei.

— Hospital —, Ambrose disse simplesmente e se levantou para tirar um celular do bolso. Ele andou para o outro lado do quarto para fazer a ligação e Jules me soltou para segui-lo.

Olhei abaixo para a minha irmã. Ela parecia tonta. — Nós vamos ao hospital. Tudo vai ficar bem.

— Onde ele está? Lucien? — ela perguntou, entorpecida.

— Morto —, eu disse simplesmente.

Ela olhou para mim e perguntou —, O que aconteceu?

— Quanto você viu? — perguntei a ela.

Ela me deu um fraco sorriso e disse —, Suficiente para saber que minha irmã é uma fodona lutadora de espada.

Capítulo 38

Os outros chegaram em casa quando nossa ambulância estacionou. Ambrose tinha chamado o seu contato regular, que concordou em nos levar para uma clínica médica particular sem a apresentação de um relatório de polícia. Os paramédicos não queriam mover a cabeça da Geórgia, por isso ela foi equipada com um colar cervical e levada para a ambulância em uma maca. Depois eles colocaram bandagens temporárias nas minhas feridas, Jules e eu subimos na parte traseira, sentando ao lado dela.

Queria saber o que os paramédicos estavam pensando sobre nós: duas adolescentes de aparência frágil, que pareciam ter estado em uma briga de gangues, e Jules vestido como em Matrix. Eu estava cem por cento certa de que se não fosse por terem sido pagos, estaríamos a caminho de uma delegacia de polícia para sermos interrogados.

Mesmo eu morrendo vontade de saber o que tinha acontecido nas Catacumbas, nós não conversamos, já que um dos paramédicos estava sentado na parte de trás com a gente. Ele estava, obviamente, usando discrição com as perguntas que fazia, e depois de ver a aprovação de Jules, respondi simplesmente que Geórgia tinha batido a cabeça muito forte em uma cabeceira de madeira e que alguém tinha pisado em sua mão. Disse a ele, também, que os cortes no meu ombro e perna eram ferimentos de faca. Esperava que lhe fornecendo informações básicas, sem frescura, fosse o suficiente, e julgando pelo seu aceno satisfeito, isso bastou.

Uma vez na clínica, Geórgia foi inspecionada e considerada bem, com exceção de alguns ossos quebrados na mão que foram colocados no lugar. O corte da minha perna não era profundo, mas meu ombro exigiu uma dúzia de pontos. Depois de testar a mobilidade da minha mão, o médico disse que eu tive sorte de a lâmina não ter tocado qualquer nervo.

Continuou com um exame geral, luz nos olhos, pressão arterial e assim por diante. Finalmente, ele suspirou e disse: — Mademoiselle, parece que você está sofrendo de exaustão extrema. Sua pressão arterial está perigosamente baixa. Você está queimando de febre, sua pele está acinzentada e as pupilas dilatadas. Você está tomando algum medicamento? — Neguei com a cabeça. — Quando você foi ferida, estava participando de... Exercício físico intenso?

— Sim —, eu disse, imaginando o que ele pensaria se soubesse exatamente o tipo de exercício físico que foi.

— Você sentiu que ia desmaiar, sentiu fadiga ou náuseas? — Neguei com a cabeça.

Na verdade, após Vincent ter deixado o meu corpo, me senti como uma boneca de pano, com energia suficiente apenas para andar. Sabendo que o bem-estar de ambas, minha irmã e eu, dependia de eu ser capaz de colocar um pé na frente do outro, foi a única coisa que tinha me permitido seguir adiante.

— Você precisa descansar. Seu corpo precisa se recuperar de tudo o que acabou de passar. Você e sua amiga —, ele acenou para a cama da Geórgia, que estava deitada —, tenham uma boa noite. Descanse e se recupere, ou vai acabar se machucando ainda mais. — Ele apontou para Jules e baixou a voz. — Você pode me responder assentindo ou balançando a cabeça. Devo deixar você sair da clínica com este homem?

Percebi o quanto perigoso Jules parecia com suas botas prateadas, calças de couro e camadas de roupas de proteção preta. Sussurrei: — Não foi ele. Ele é um amigo. — O médico me olhou nos olhos por um segundo e, finalmente convencido, assentiu e me deixou descer da mesa.

Enquanto Jules estava conversando com o médico e lhe entregando dinheiro em troca do tratamento, sussurrei —, Vincent?

Sim, foi a resposta imediata.

— Você esteve aqui o tempo todo?

Como eu poderia deixar você em um momento como este?

Fechei meus olhos e tentei imaginar seus braços em volta de mim.



Voltamos para uma casa que parecia uma sede militar pós-guerra. Havia um movimento abafado de quarto em quarto, como pessoas visitando uns aos outros e ajudando a cuidar de seus ferimentos. Eu tinha explicado à Geórgia que tínhamos que passar a noite na casa do Vincent. Não podíamos ir para casa assim. Eu a levei escada acima e a coloquei na cama da Charlotte, supondo que o corpo do Lucien ainda queimava no quarto do Vincent. Mesmo que não estivesse, eu não podia me imaginar voltando à cena do massacre sangrento. Ainda muda pelo choque, Geórgia estava dormindo no momento em que sua cabeça encostou no travesseiro.

Meu ombro estava começando a queimar novamente agora que o anestésico usado para dar pontos na minha ferida estava passando. Fui pelas escadas até a cozinha em busca de um pouco de água para engolir os analgésicos que havia recebido.

Está doendo? A voz de Vincent veio na minha cabeça.

— Não, muito —, menti.

Jules atravessou as portas parecendo muito bem em um jeans rasgado e camiseta. Ele me lançou um sorriso que transmitia tanto carinho quanto respeito. — Reunião em casa —, ele disse. — Jean-Baptiste quer que você esteja lá.

— Ele quer? — Eu disse surpresa.

Jules assentiu e me entregou uma camiseta limpa. — Achei que você poderia querer estar um pouco mais apresentável —, ele disse, apontando

para a minha roupa encharcada de sangue. Ele deu as costas enquanto eu me trocava rapidamente e atirava a peça em ruína na lata de lixo.

Caminhamos juntos pelo corredor e hall de entrada, entramos em uma sala enorme, com tetos altos e janelas de dois andares. Um cheiro abafado de couro velho e rosas murchas empesteava o ar. Uma porção de sofás de couro e poltronas estava organizada na extremidade do redor de uma lareira monumental.

Perto do grande fogo queimando na lareira, vi Charlotte deitada em um sofá, e Ambrose estendido sobre o tapete persa em frente a lareira. Ele estava vestindo uma camiseta e jeans limpo e, apesar de tudo, seus ferimentos haviam sido limpos e não havia sangue à vista, ele tinha ataduras suficientes para lhe qualificar como uma múmia. Ele me viu olhando e disse: — Não se preocupe, Kate, em algumas semanas e vou estar novo em folha.

Concordei, me esforçando para mudar a expressão de assustada para tranquila.

— Aqui estão eles —, Jean-Baptiste disse, balançando para frente e para trás em frente ao fogo, segurando um atiçador em uma mão como uma bengala. — Esperávamos por você e Vincent voltarem antes de iniciarmos —, ele disse, apontando para mim uma cadeira com os olhos.

Eu me sentei.

— Existem algumas decisões que têm de ser tomadas e eu preciso ouvir o que aconteceu, detalhadamente, de cada uma de suas perspectivas. Começarei. — Ele colocou o atiçador contra a lareira e ficou com as mãos atrás das costas, olhando cada um como um balanço geral de suas tropas.

Charlotte, Ambrose e Jules começaram a contar suas próprias partes da história, com Jean-Baptiste "traduzindo" para Vincent. O grupo, com a ajuda de Vincent, tinha recuperado o corpo de Charles antes de se encontrar encurralado no interior das Catacumbas por um pequeno exército de *numa*. Um exército sem um líder. Foi preciso um comentário de um dos seus sequestradores para alertá-los do que estava acontecendo: Lucien havia proibido os *numa* de matar quaisquer revenants até que ele retornasse com "a cabeça". Suspeitando que o chefe em questão fosse o deles, Vincent foi embora num piscar de olhos. Os revenants aproveitaram a hesitação dos

numa para matá-los, então abriram caminho para fora e, em seguida, correram de volta para ajudar Vincent.

— Não parece que fomos seguidos —, Jean-Baptiste concluiu. — Kate —, ele se virou para mim formalmente —, Você gentilmente assume a narrativa daqui?

Eu contei ao grupo o que tinha acontecido, começando com as mensagens de texto da minha irmã, até o momento em que Vincent chegou e tomou conta do meu corpo.

— Impossível! — Jean-Baptiste exclamou.

Olhei para ele ironicamente. — Bem, com certeza não fui eu quem cortou a cabeça gigantesca de um *numa* com uma espada de mais de um metro!

— Não, não impossível que ele te possuiu. Impossível que você tenha sobrevivido com a sanidade mental intacta. — Jean-Baptiste ficou em silêncio por um segundo e, então, assentiu. — Se você diz, Vincent, mas simplesmente não vejo como é possível para um humano experimentar esse fato e passar tão ileso quanto a Kate parece estar. Além de alguns boatos antigos e sem fundamentos, não há absolutamente nenhum precedente. — Ele fez outra pausa, escutando. — Só porque você pode se comunicar com ela enquanto está dormente não significa que tudo é possível. Ou seguro. — O mais velho revenant repreendeu. — Sim, sim, eu sei... Você não tinha outra escolha. É verdade, se você não tivesse feito assim ambos não estariam aqui. — ele suspirou e se virou para mim.

— Então você matou Lucien?

— Sim, quero dizer, Vincent... Um, a faca que nós jogamos acertou um de seus olhos, perfurando profundamente a cabeça. Esse golpe deve tê-lo matado. Pelo menos seu rosto parecia morto. Então nós cortamos a cabeça com a espada.

— E o corpo?

— Jogamos no fogo. — Ambrose falou. — Observei depois que eles deixaram à clínica. Não sobrou nada.

Jean-Baptiste relaxou visivelmente e ficou imóvel por um segundo, segurando a testa, antes de olhar de volta para o grupo.

— É claro então que o plano era atrair o resto de nós, com Vincent volant, para longe da casa, abrindo caminho para Lucien vir aqui e descartar o seu corpo. Conhecendo o nosso velho inimigo, ele provavelmente pretendia voltar com a cabeça para queimá-la na frente de nós antes de nos destruir também. Essa é a única razão que posso imaginar para que eles não tenham nos massacrado logo que chegamos nas Catacumbas.

A sala ficou em silêncio.

— Eu teria preferido que Charles estivesse aqui para se juntar a nós para essa conversa —, ele fez uma pausa, expirando profundamente —, mas, devido às circunstâncias, deixo para você, Charlotte, dar a notícia ao seu irmão que pedi a ambos para partir.

Capítulo 39

TODOS OLHARAM UM para o outro chocados.

— O quê? — Charlotte murmurou, sacudindo a cabeça como se não tivesse entendido.

— Isto não é um castigo —, Jean-Baptiste esclareceu. — Charles tem que sair daqui. Fora de Paris. Sair desta casa. Longe de mim. Ele precisa de um tempo para colocar a cabeça no lugar. E Paris, na sequência desta batalha, está... — ele procurou o termo certo —, declarando guerra, se é que isso que seja uma revelação, não é um lugar seguro para quem ainda não conhece sua própria mente.

— Mas... Por que eu? — Charlotte disse, atirando um olhar rápido e em pânico na direção de Ambrose.

— Você pode viver separada do seu irmão gêmeo?

Ela baixou a cabeça. — Não.

— Eu achei que não. — Seu rosto se suavizou quando Charlotte começou a chorar. Ele se aproximou e sentou ao lado dela no sofá, demonstrando uma ternura que, na minha limitada experiência de Jean-Baptiste, parecia completamente fora de contexto. Segurando a mão dela na sua, ele disse —, Querida menina. É apenas por alguns meses, enquanto estivermos descobrindo o que o clã do Lucien vai fazer sem ele. Será que eles vão nos atacar? Será que a falta de um líder irá forçá-los a entrar na clandestinidade por um tempo? Nós simplesmente não sabemos. E tendo

Charles ao redor, confuso e indeciso, nos tornaremos mais fracos quando precisamos estar mais fortes. Tenho casas por toda parte, você sabe. Vou deixar você escolher para onde os dois irão. E você vai voltar. Eu prometo.

Charlotte se inclinou para frente e jogou os braços ao redor do pescoço de Jean-Baptiste, soluçando. — Shhh —, ele disse, acariciando suas costas.

Uma vez que ela se acalmou, ele se levantou de novo e, dirigiu-se a Ambrose e Jules, dizendo: — Quando Gaspard puder se comunicar, vou conversar com ele quanto aos nossos planos. Devemos convidar outras pessoas para substituir Charlotte e Charles durante este tempo. Vocês estão convidados a fazer sugestões.

— E quanto a você, Kate —, Jean-Baptiste disse, virando-se para mim. Eu me sentei na minha cadeira rigidamente, sem saber o que viria depois, me armando para o pior. Ele não podia me banir, não vivo sob o seu teto. E ele não podia me impedir de ver Vincent, eu recusaria. Embora eu nunca tenha me sentido fisicamente mais fraca na minha vida, minha determinação nunca foi mais forte. — Devemos a você nossa gratidão. Você protegeu um dos nossos parentes colocando sua própria vida em perigo.

Fiquei sentada ali, atordoada, e finalmente disse: — Mas... como eu poderia ter agido de outra maneira?

— Você poderia ter pego a sua irmã e saído correndo. Vincent iria com o Lucien depois.

Balancei a cabeça. Não, eu não poderia ter feito isso. Teria preferido morrer a deixar Vincent ser destruído.

— Você ganhou a minha confiança —, Jean-Baptiste concluiu formalmente. — De agora em diante, você é bem-vinda aqui.

Jules falou. — Ela já era bem-vinda aqui. — Ambrose acenou de acordo.

Jean-Baptiste olhou para eles levemente. — Ambos sabem como me esforço para proteger a nossa tribo. E embora eu confie em vocês em tudo, nem sempre confio em suas decisões. Alguém mais foi permitido trazer um amante humano em casa?

O cômodo ficou em silêncio.

— Bem, é a única que está ganhando o meu oficial *bem-vindo*.

— E só precisou cortar a cabeça de um zumbi malvado para ganhá-lo —, Ambrose murmurou sarcasticamente.

Jean-Baptiste ignorou e continuou. — No entanto, eu apreciaria se você encontrasse alguma forma de explicar isso a sua irmã evitando que ela tenha acesso a todos os nossos segredos. E se você tiver a mínima suspeita de que ela está em contato com qualquer um dos companheiros do Lucien, gostaria de pedir que você me dissesse imediatamente. De qualquer forma, ela não será autorizada a entrar nesta casa novamente para a segurança de todos nós. Percebi que foi contra a sua vontade, mas a sua presença permitiu a violação da segurança que temos vivenciado dentro de nossos portões.

Concordei, pensando em como Geórgia foi quase o final da história para mim e para Vincent... Para todos nós.

Capítulo 40

— LÉ! — meu avô gritou, quando a rolha da garrafa foi para a esquerda como um tiro, causando a todos saltar e depois aplaudir quando ele cuidadosamente derramou o espumante em taças altas. Ele segurou a sua taça em um brinde e o resto de nós imitou o gesto.

— Eu gostaria de desejar um feliz aniversário de dezessete anos a minha princesa, Kate. Fico na esperança que dezessete será um ano mágico para você!

— Ouçam, ouçam! — Vovó saltou tilintando sua taça contra o meu. — Oh, dezessete anos —, ela suspirou. — Essa foi a idade que conheci o seu avô. Não que ele prestasse atenção em mim nesse ano ou algo assim —, ela disse de uma maneira que foi quase sedutora.

— Era tudo parte do meu plano —, ele respondeu, piscando para mim. — E de qualquer maneira, eu recuperei o tempo perdido desde então, não foi?

Vovó concordou e se inclinou para lhe dar um beijo carinhoso antes de tocar a sua taça. Inclinei-me para tocar a taça do vovô, e depois me voltei para Geórgia, que tinha sua bebida na mão esquerda, uma vez que a sua direita ainda estava com uma bandagem.

— Feliz aniversário, Kate —, ela disse, sorrindo calorosamente para mim, e então olhou para a mesa, como se envergonhada. Geórgia não era a

mesma desde o "acidente", como meus avós chamavam. Embora minhas feridas fossem facilmente escondidas sob roupas de inverso, Geórgia teve que explicar o incidente com a mão.

Como explicou, ela deu um passo no meio de uma briga na boate e foi derrubada e pisoteada. Vovô e vovó ficaram horrorizados e a proibiram de ir a bares e clubes. Curiosamente, ela não pareceu se importar e passava as noites agora comparativamente calma, indo a festas, jantares ou cinema com um pequeno número de amigos. Desde aquela noite, ela jurou que não queria mais homens, veementemente jurando que não podia mais confiar em seus instintos, mas eu sabia que não duraria muito tempo.

Ela vinha ao meu quarto algumas vezes tarde da noite, me acordando para distraí-la de seus pesadelos frequentes. Ela queria saber tudo sobre *Revenants*. E contei a ela. Não me importando com a proibição de Jean-Baptiste — eu sabia que podia confiar nela. Agora que não havia mais segredos entre nós, Geórgia me tratava com um novo respeito e agia como se Vincent tivesse pendurado a lua.

— Que este seja um ano feliz para nós duas. — Sorri para ela e então me virei para Vincent, que estava aguardando a sua vez. Ele tinha aparecido naquela noite vestindo um smoking preto vintage e eu quase desmaiei quando abri a porta.

— Hum, me esqueci de avisar que, pela primeira vez, minha família não está usando black tie[33] para o jantar? — Eu disse, meu sarcasmo pouco convincente desde que estava deslumbrada com sua aparência. Ele parecia uma estrela de cinema das antigas, seu cabelo preto penteado para trás. Ele apenas sorriu misteriosamente e se recusou a me responder.

Agora nossas taças se tocaram, e ele se inclinou para me dar um beijo doce na boca, antes de dizer. — Feliz aniversário, Kate. — Seus olhos brilhando maliciosamente enquanto ele olhava para mim com aquele olhar que sempre me fazia derreter: *Como se eu fosse comestível e ele mal podia se conter em me dar uma mordida.*

— Vocês, crianças, melhor irem andando —, vovó disse finalmente.

— Ir para onde? — Perguntei, confusa.

---

[33] Black Tie: Gravata preta. Expressão criada para designar o "smoking" onde se usa aquela tradicional gravata-borboleta preta. Ou "à rigor", que se refere a trajes social-chique: smoking e vestido, de preferência, longo.

— Obrigado por manter meu planos para o aniversário em segredo. — Vincent se dirigiu a minha família. Depois, voltando-se para mim, ele disse: — Você precisará disso primeiro —, e puxou uma grande caixa branca debaixo da mesa.

Corando, eu desatei a fita e abri o pacote para ver cuidadosamente mexendo no interior, havia camadas de tecido, um tecido de seda azul meia-noite bordado em um padrão asiático com minúsculas flores vermelhas e videiras prateadas. Eu engasguei. — O que é isso?

— Bem, tire-o! — Vovó disse.

Puxei o tecido para fora para segurá-lo. Era um vestido deslumbrante, sem mangas, até o chão, com uma cintura estilo império e alças que amarravam atrás do pescoço. Eu quase o deixei cair, era tão requintado.

— Oh, Vincent. Nunca tive um presente tão bonito como este. Obrigada! — Eu beijei o seu rosto. — Mas quando vou usá-lo? — Eu disse, colocando o vestido cuidadosamente de volta na caixa.

Ele sorriu —, Bem, esta noite, para começar. Vá em frente e coloque-o. Geórgia me disse o seu tamanho, por isso deve servir.

Geórgia colocou o seu sorriso maroto de volta pela primeira vez. Foi bom vê-la parecendo como antigamente, só por um segundo. — Vou com você —, ela disse, e nós duas voltamos para o meu quarto.

— Quando ele te perguntou sobre isso? — Eu a interroguei quando tirei a roupa e coloquei o vestido pela cabeça.

Geórgia abotoou o corpete na parte de trás e amarrou as tiras em volta do meu pescoço com um nó. — Preso, melhor —, disse ela, torcendo meu cabelo comprido e prendendo-o com grampos atrás da minha cabeça em uma volta simples, mas elegante.

— Há uma semana —, ela respondeu. — Ele me ligou do ateliê do novo designer realmente chique e me perguntou o seu tamanho. Parece que deu certo —, ela disse, avaliando o vestido com inveja óbvia. Ela tocou a cicatriz do meu braço e sumiu do quarto, voltando com um chalé de renda fina. — Isso esconde —, ela disse, balançando a cabeça com aprovação. — Santa vaca, esta coisa é linda. — Ela correu os dedos, descendo pela seda, enquanto olhava para o meu reflexo no espelho.

— Uau, com você vestida assim, mal posso acreditar que é a mesma garota que estava fazendo uma imitação perfeitamente convincente de Uma Thurmam de *Kill Bill* — há menos de duas semanas —, ela disse. Eu a abracei enquanto saíamos do quarto.

Vincent estava me esperando no saguão. O fogo em seus olhos quando me viu revelou exatamente minha aparência para ele.

— Oh querida, não é surpreendente? — vovó exclamou radiante, quando me entregou um casaco preto longo com capuz. — Você vai precisar disso para se manter aquecida. Isso sempre foi grande demais para mim, mas deve caber em você perfeitamente —, ela murmurou.

— Você é linda, assim como sua mãe era —, sussurrou vovô emocionado, beijando meu rosto e dizendo para nos divertirmos. Geórgia nos acenou do lado de fora e fechou a porta, nós descemos as escadas.

Uma vez que pisamos para fora no ar cortante, fiquei feliz pelo casaco de vovó que era bem isolado, então fui capaz de deixá-lo aberto, exibindo o vestido. Na metade do quarteirão, Vincent parou, se virou para mim e sussurrou: — Kate, eu me sinto tão... — ele fez uma pausa, parecendo sem palavras —, tão honrado de estar com você. Tão sortudo. Obrigado.

— O quê? — Respondi incrédula. Ele se inclinou para me beijar e eu ergui a minha boca ao encontro da sua.

Conforme nossos lábios se encontraram, o meu corpo moldou ao seu. Senti seus batimentos cardíacos junto ao meu, e um calor gostoso subiu dentro de mim quando respondi ao seu beijo. Vincent segurou meu rosto suavemente enquanto seus lábios insistiam contra os meus. O calor dentro de mim se transformou em um fluxo de lava.

Finalmente, quebrando a nossa conexão, ele me envolveu em seus braços. — Mais. Mais tarde —, prometeu. — Quando nós não estivermos em pé no meio de uma rua da cidade. — Ele olhou para mim como se eu fosse seu milagre pessoal e, passando o braço em volta dos meus ombros, puxou-me apertado enquanto caminhávamos em direção ao rio.

Uma vez lá, fomos para baixo pelo longo lance de escada até o cais. Eu ri quando vi uma figura familiar em pé a poucos metros de distâncias. — O que você está fazendo aqui, Ambrose, no meio do meu encontro de aniversário?

— Apenas parte do plano, Katie. Apenas parte do plano —, ele disse enquanto se abaixava para beijar o meu rosto. — Vamos vê-la agora. — Ele deu um passo para trás e assobiou baixinho quando eu deixei cair o casado até a metade dos meus braços para mostrar o vestido. — Vin, você é um homem de sorte —, ele disse, dando um soco brincalhão em Vincent, que pareceu doer.

Vincent esfregou o local, rindo, e disse: — Obrigado. É só do que preciso, lesão corporal enquanto estou tentando impressionar a minha namorada.

— Oh, você vai ficar impressionada. — Ambrose sorriu. — É melhor você ficar! — Ele apontou para a água com uma mão. — Olhe o que tenho para você de última uma hora e meia.

Um pequeno bote, pintado de vermelho brilhante, balançava suavemente nas ondas do rio.

— O que é isso? — Engasguei.

Vincent apenas sorriu e disse. — Normalmente eu diria "primeiro as damas", mas neste caso... — Ele desceu os degraus de pedra íngremes ao lado do cais e saltou agilmente para o barco. Ambrose me ajudou até a metade, e então Vincent agarrou a minha mão e eu pisei cuidadosamente na embarcação balançando.

Ambrose nos deu uma saudação antes de ir embora. — Mande uma mensagem de texto quando você precisar de mim, cara —, ele falou sobre o ombro enquanto fazia seu caminho subindo os degraus até o nível da rua.

Vincent desprendeu os remos e remou a oeste, em direção às luzes cintilantes do Museu d'Orsay. — Pegue um cobertor —, ele disse, apontando para uma pilha de mantas e colchas felpudas espalhadas por todo o fundo do barco. Ele tinha pensado em tudo.

— Como-como você conseguiu este barco? Isso é mesmo legal? — Gaguejei.

Vincent assentiu. — À medida que legal seja como qualquer um dos negócios de Jean-Baptiste. Mas para responder a sua pergunta, *sim*, o barco é registrado à cidade de Paris. Nós não vamos ser parados por qualquer policial

no rio. — Ele riu baixinho e disse. — Então, quando você quer os seus presentes?

— Você está brincando, Vincent? Eu não preciso de mais presentes. Este é o mais incrível presente que alguém já me deu. Um passeio de barco no Sena? Em um vestido de seda incrivelmente embrulhado? Devo estar sonhando! — Vi as luzes brilhantes nos Jardins Tuileries quando abrimos caminho passando um edifício monumental de colunas gregas — pairando sobre a margem esquerda. Enormes estátuas de deuses e deusas flanqueadas no edifício. Era como eu me sentia esta noite, com Vincent ao meu lado, que eu pertencia lá, ao meio deles.

— Abra os seus presentes —, ele insistiu com um sorriso sexy. — Eles estão sob os cobertores. — Ele pegou o meu casaco pesado e continuou remando. Pesquei debaixo das cobertas e peguei dois pacotes embrulhados em papel prateado. — Abra o grande primeiro —, Vincent disse suavemente. Ele não estava sem fôlego por remar.

Delicadamente, abri e vi, situada dentro de camadas de tecido, uma bolsa pequena feita de seda com estampas asiáticas combinando com o meu vestido, presa de cada lado uma longa corrente que chegava à cintura. O fecho era feito de duas rosas de metal esmaltado em vermelho e prato, idênticas as do tecido. — Oh meu Deus, Vincent, é linda —, ofeguei, correndo os dedos sobre ela.

— Abra —, ele disse. O brilho em seus olhos me disse que estava gostando disso tanto como eu. Talvez mais.

Eu cuidadosamente empurrei as duas flores para abrir a bolsa e tirei um montinho de tickets. Segurei-os até alcançarmos a luz do poste na beira do rio e vi o logotipo da Ópera Garnier.

Olhei interrogativamente para Vincent, e ele disse: — Você me disse que gostava de dança. Esses são ingressos para a temporada de Ópera Garnier, onde todos os balés e acontecimentos de dança contemporânea são detidos. Reservei um camarote privado para essa temporada. O vestido é para isso, mas o primeiro balé é daqui algumas semanas, não queria que você tivesse que esperar para usá-lo.

Eu não sabia o que dizer. Meus olhos se encheram de lágrimas.

Vincent parou de remar. — O que foi, Kate? Está chateada? Você me disse que queria ter algum encontro humano normal, então pensei que isso fosse uma boa ideia.

Finalmente encontrei a minha língua e disse: — Não há nada de normal em ingressos de temporada e um camarote privado na Ópera Garnier. Ou encomendar um vestido sob medida para eu usar. Não, Vincent. — Balancei a cabeça. — Normal não seria a palavra.

Suas feições se suavizaram quando percebeu que eu não estava chateada, apenas sobrecarregada. — Então, qual seria a palavra? Anormal?

— Excepcional. Extraordinário. O oposto polar de normal.

— Bem, querida Kate, como eu já lhe expliquei, estou lhe pedindo para trocar uma vida normal para algo extraordinário. Então quero fazer as coisas para você de uma maneira extraordinária.

— Você está fazendo um bom trabalho —, soprei.

— Tem mais um aí —, ele disse, apontando para a caixa restante.

Abri o papel e tirei uma caixa articulada para joias — o tamanho que caberia uma pulseira ou colar. Olhei para ele, alarmada. — Vincent, é muito cedo para algo como isso —, eu disse, desconfortável.

— Tenho a esperança de te conhecer um pouco até agora —, ele disse, obviamente curtinho meu desconforto. — Você acha que eu iria assustá-la dando-lhe uma joia tão cedo? Confiem em mim, não é o que você pensa.

Abri a caixa devagar. Dentro havia um cartão. Pequeno, de aparência antiga, que estava escrito: *Para Kate Beaumont Mercier, aulas de esgrima dadas por minha própria pessoa, Gaspard Louis-Marie Tabard. Número de aulas especificado por V.Delacroix: Tantas quantas você precisar.*

— Oh, Vincent! — Chorei, me lançando para frente para abraçá-lo, quase virando o barco no processo. — Isso é perfeito. — Sentei-me de volta e balancei a cabeça para ele com admiração, enquanto ele ria e endireitava o barco. — Você é perfeito —, sussurrei, e ele me deu um de seus sorrisos avassaladores que quase me derrubou da beirada do barco na água.

— Esse presente é mais um agradecimento por me salvar de flutuar como um fantasma sem corpo para o resto da eternidade —, explicou.

— Mas você é a pessoa que fez todo o trabalho —, protestei.

— Nós não poderíamos ter feito isso juntos se você não tivesse essa força de vontade. Agora você tem os meios para isso. Espero que você nunca tenha que usar em uma situação na vida real, mas já que você concordou em compartilhar ao menos uma pequena parte da minha vida —, ele me mostrou um sorriso cauteloso —, eu me sentiria melhor se você estivesse preparada para lidar com qualquer coisa que possa aparecer em seu caminho.

As lágrimas que eu estava segurando começaram a cair claramente pelo meu rosto. — Kate! Você não deveria chorar —, ele disse, colocando os remos nos seus anéis. Ele escorregou para frente, fora de seu banco para se sentar no piso do barco na minha frente.

Nós flutuávamos sob a ponte Alexandre III, a ponte mais bonita de Paris, com guirlandas de pedra cruzando seus arcos e lâmpadas de bronze e vidro brilhando na parte superior. Mas eu mal podia ver a sua beleza opulenta. Porque o garoto sentado na minha frente era tudo o que eu conseguia focar. Fechei os olhos por medo de ser arrastada pelas minhas emoções.

Ele queria ficar comigo. Suficiente para mudar sua vida por mim. Suficiente para se lançar a um futuro desconhecido, inexplorado. Por mim.

Eu o amo. Eu vinha mantendo essas três palavras acomodadas dentro de mim, para minha própria proteção. Mas eu estava realizada de autopreservação e meu coração estava aberto. Eu tinha temido que o amor me fizesse vulnerável. Mas ao invés disso, eu me sentia fortalecida.

— Kate, você está bem? — Ele escovou as lágrimas do meu rosto.

Cuidadosamente, puxando o vestido até os joelhos, eu me ajeitei até me sentar na frente dele. Ele pegou os meus tornozelos em suas mãos e envolveu minhas pernas em torno de seus quadris, até que eu estava sentada confortavelmente entre suas pernas, uma curta distância separava nossos rostos.

À medida que me tomou em seus braços, coloquei minha cabeça em seu ombro e fechei os olhos. Deixei o conhecimento que eu o amava elevar até me inundar com um calor que deixou toda a superfície da minha pele em chamas.

Nosso barco balançava ao redor de um canto do cais, eu abri meus olhos para ver a Torre Eiffel, apenas o rio abaixo de nós, adornada com um milhão

de pequenas luzes e cintilando como uma árvore de Natal. Seu reflexo sobre a superfície da água reluzia como um universo de pequenos cristais. — Oh, Vincent, olha! — exclamei.

Ele sorriu e concordou, não precisando virar para olhar uma vez que via o reflexo em meus olhos. — Seu último presente —, ele disse. — É o que nós viemos ver. Feliz Aniversário, Kate. Mon ange. — E num sussurro tão leve, eu sabia que não estava imaginando, ele disse. — Meu amor.

Embora eu estivesse sentada em um barco no rio Sena, flutuando no meio de um milhão de pontos luminosos, segurando o primeiro garoto que já amei, não pude deixar de pensar sobre as nossas chances.

Sorte, normalidade, destino... Nenhum desses parecia estar do nosso lado. Nosso próprio estar juntos foi contra todas as probabilidades. Tudo o que eu sabia era que algo de bom tinha começado. A chama foi acesa. E todo o universo estava observando para ver se ela seria apagada.

Tudo que eu podia fazer era prender a minha respiração. E esperar.



CONTINUA EM UNTIL I DIE •